



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA
Rua Barão de Geremoabo, nº 147 – CEP 40170-290 – Campus Universitário Ondina – Salvador-BA.
Tel./Fax: (71) 3283-6256 – Site: <http://www.ppglinc.lettras.ufba.br/>
E-mail: pgletba@ufba.br

DANIELA ALMEIDA ALVES

**CONSTRUÇÕES COM OS VERBOS LEVES *DAR* E *FAZER*: CLASSE ÚNICA?
UMA ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA À LUZ DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA**

Salvador
2022

DANIELA ALMEIDA ALVES

**CONSTRUÇÕES COM OS VERBOS LEVES *DAR* E *FAZER*: CLASSE ÚNICA?
UMA ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA À LUZ DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA**

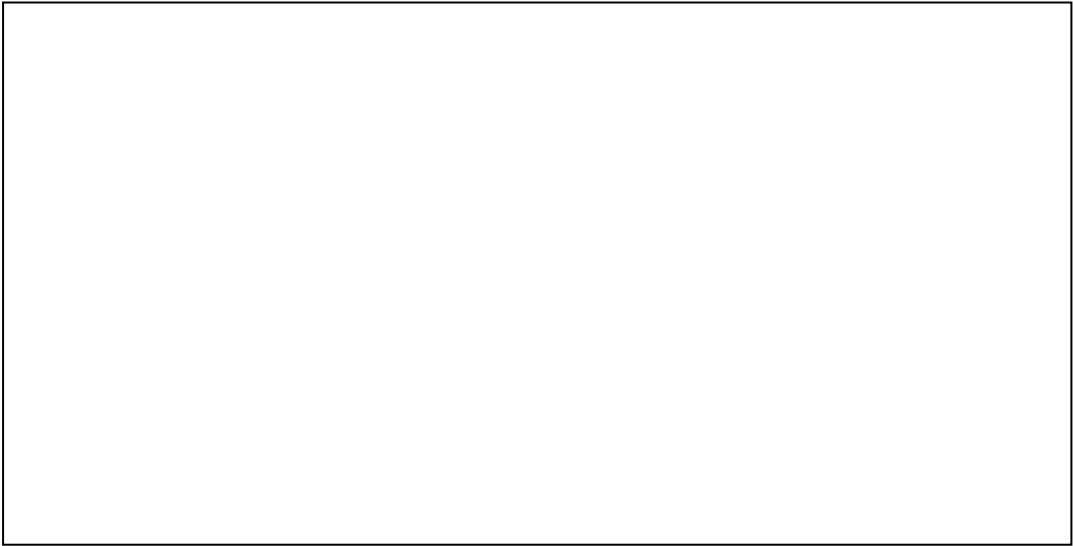
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Língua e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Paula Scher

**Salvador
2022**

Espaço para a ficha catalográfica

A large, empty rectangular box with a thin black border, occupying the lower half of the page. It is intended for a catalog card (ficha catalográfica).

DANIELA ALMEIDA ALVES

**CONSTRUÇÕES COM OS VERBOS LEVES *DAR* E *FAZER*: CLASSE ÚNICA?
UMA ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA À LUZ DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Língua e Cultura.

Professora Doutora Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva – Orientadora
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Professora Doutora Ana Paula Scher – Coorientadora
Universidade de São Paulo (USP)

Professora Doutora Sonia Maria Lazzarini Cyrino
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Professora Doutora Paula Roberta Gabbai Armelin
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Professor Doutor Rerisson Cavalcante de Araújo
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Professor Doutor Rafael Dias Minussi
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Salvador, 08 julho de 2022

Dedico aos meus pais, aos meus irmãos, às minhas sobrinhas e a Tiago, que aguentaram a minha ausência e que suportaram a minha difícil companhia durante o processo. Meus amores, desculpe qualquer abuso.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo ao Pai amado, Deus, pela força, pela coragem, por permitir a conclusão de mais uma etapa da minha carreira que, embora encerrada, abrirá caminhos com degraus mais altos da trajetória acadêmica, como também possibilitará o vislumbre de novos desafios e novas oportunidades.

Em segundo lugar, agradeço à minha querida orientadora, Profa. Dra. Cristina Figueiredo, pelo compromisso, pelas discussões, pelas referências, pelo companheirismo, pelo incentivo, pela confiança, pela paciência, e, especialmente, pela amizade grandiosa e verdadeira.

Agradeço à Profa. Dra. Ana Paula Scher, por coorientar esta tese, bem como pelas contribuições inestimáveis durante e depois do Exame de Qualificação, e, principalmente, pela parceria em trabalho acadêmico, pela acessibilidade e pelo carinho.

Ao Prof. Dr. João Paulo Cyrino, pelas contribuições inestimáveis antes, durante e depois do Exame de Qualificação, pelas referências e pela acessibilidade.

À Profa. Dra. Sonia Cyrino, por ter conversado comigo sobre minha pesquisa em plena véspera de Natal, no primeiro ano de pandemia da COVID-19, pelos demais momentos de discussões, pelas referências e por aceitar o convite para fazer parte da banca, e, assim, trazer contribuições à construção desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Rerisson Cavalcante, por ter solicitamente respondido, por e-mail, as minhas dúvidas, pelas longas horas de discussões online, pelos julgamentos de algumas frases e por ter aceitado o convite para fazer parte da banca.

Aos professores doutores Rafael Minussi e Paula Armelin por aceitarem o convite para compor a banca de avaliação, e, assim, contribuir para a construção deste estudo.

À Profa. Dra. Ana Paula Quadros Gomes, por ter gentilmente enviado, por e-mail, sua dissertação de mestrado, a qual muito me ajudou a pensar a respeito do item *cada*.

Ao Prof. Dr. Jairo Nunes, por ter enviado, por e-mail, o manuscrito de seu trabalho apresentado em 2001, o qual muito contribui para que eu refletisse sobre questões de entonação/focalização de determinante.

À Profa. Dra. Lílian Teixeira de Sousa, pelas indicações de leituras, sobretudo, no finalzinho da escrita da tese, as quais me permitiram fechar a proposta de análise.

Ao Prof. Dr. Danniell Carvalho pelas indicações de leituras sobre referencialidade e definitude.

À querida amiga, Profa. Dra. Isis Barros, pelo incentivo, pela amizade, pelas contribuições antes e durante todo o processo de escrita da tese e pelo abstract.

À minha querida amiga Raisia Reis, futura professora doutora, por representar tanto na minha história e na minha trajetória dentro e fora do ILUFBA.

Aos meus amigos e companheiros de estudo, pelas conversas dentro e fora do ILUFBA, pelo incentivo e pela troca de conhecimento acadêmico e de vida: Sandra Prudencio, Adriano Rodrigues, Carla Elisa Ferreira, Karem Nogueira, Fernanda Cerqueira e Victor Mariano.

Aos membros do GREMD, pelos encontros e discussões nas tardes de segundas-feiras: Ana Paula Scher, Maurício Resende, Cesar Marangoni, Beatrice Monteiro, Elisângela Silva, Jorge Pedroso, Rafael Camacho, Stella, João Pedro Pereira, Raquel Malagoli, Heitor Baffa e Giovana Muras.

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa desenvolvida nesta tese, através do qual foi possível, sobretudo, adquirir material bibliográfico e participar de eventos importantes na área.

Aos funcionários do PPGLinC, especialmente, Cristiane Daltro, Thiago Rodrigues e Ricardo Luiz, pela cordialidade e pelo profissionalismo.

À UFBA e ao PPGLinC, por me abrirem as portas do conhecimento científico.

Por fim, porém não menos importante, fora da esfera da vida acadêmica, agradeço aos meus pais, Silvestre e Nailde, pelos ensinamentos, pelos sins e pelos não. Aos meus irmãos, Carlos Alberto, Iarlete e Vanúzia, pelo amor e pelo apoio incondicional. Às minhas sobrinhas Larissa, Amanda e Sophia, pelas alegrias e pelo carinho dado à 'tia Dani'.

Ao meu companheiro de vida, Tiago Mantena, pelo amor, pelo carinho, pelo apoio, pelo respeito e pelo ombro amigo.

Aos meus queridos amigos, Daiana Ribeiro, Patrícia Estrela, Bárbara Freitas, Graziela Ribeiro, Luciano Simas, Conceição Mantena, Quele Mantena, Elis Sena, Andréia Neves, Adriana Andrade, pela amizade, pelo carinho e por não terem esquecido de mim durante todo o tempo em que precisei ficar socialmente isolada.

À minha sogra, Nemilza Mantena, por ter cuidado de mim com tanto carinho durante todo o tempo em que estive em sua casa.

À minha família, tias, tios, primas e primos, pelo carinho e pela confiança depositada em minha capacidade.

Muito obrigada a todos!

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”.

(Madre Teresa de Calcutá)

RESUMO

Esta tese tem por objetivo estudar as construções com verbos leves (CVLs) com nomes (não)definidos e (não)referenciais no português brasileiro (PB). Em especial, observa-se sentenças, incluídas na classe tradicionalmente denominada CVL, constituídas pelos verbos *dar* e *fazer* e pelas nominalizações em *-ada*, *-ção* e *-mento*, que compõem um *corpus* de dados escritos, coletados em sítios digitais do PB. Diferentemente de trabalhos anteriores, assume-se que a formação de CVLs, tanto com nominais encabeçados por determinantes definidos e indefinidos foneticamente realizados quanto com nomes nus, não falha no PB. Contudo, defende-se a hipótese de que esse comportamento, bem como a (não)contribuição semântica do elemento verbal e a leitura de evento (in)determinado implicam numa divisão dessa classe. A descrição dos dados do *corpus* revelou que, em todas as sentenças com *dar*, o verbo não possui conteúdo semântico de transferência de posse material de sua versão plena, nem qualquer outra informação semântica. Já nas sentenças com *fazer*, o verbo apresenta a mesma noção de “construir” de sua versão plena, diferenciando-se quanto ao elemento “construído” que não se trata de uma entidade, mas de algo vago, um evento. Esse comportamento mostrou que *dar* e *fazer* não são equivalentes nas propriedades de verbos leves. Portanto, seguindo o modelo de Kearns (2002) para o inglês, as sentenças com *dar* seriam construção com verbo leve verdadeiro (CVLV) e as sentenças com *fazer* seriam construção com verbo de ação vaga (CVAV). As CVLVs estão sujeitas a uma subdivisão que não está relacionada ao verbo, porém ao elemento nominal, pois, em algumas sentenças, *dar* está associado a um nome indefinido e não referencial e a leitura é de um evento indeterminado no sentido de que não é claramente estabelecido quanto à duração, à completude ou ao cuidado com que foi realizado. Em outras sentenças com *dar*, o nome é definido e/ou referencial e a leitura é de evento determinado. Assim, sugeriu-se tratar as primeiras de CVLV-Indet e as segundas de CVLV-Det. Tomando a Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993, 1994; MARANTZ, 1997; HALLE, 1997; HARLEY, 2014 etc.), assumiu-se que: i) *dar* é um único item de vocabulário subespecificado, podendo ocorrer em diferentes contextos sintáticos; ii) *fazer* é um único item de vocabulário especificado, que ocorre em diferentes contextos e a estrutura sintática da construção deve licenciar a interpretação; iii) *dar* leve é semanticamente esvaziado e *fazer*, não, logo o primeiro é gerado em núcleo de vP e o segundo em núcleo de VP; iv) a leitura de evento indeterminado, observada nas sentenças com *dar* mais nominalizações em *-ada*, *-ção* e *-mento*, é resultado dos traços [-definido] e [-específico] do DP eventivo.

Palavras-chave: Construções com verbos leves. (In)Definitude-(In)Especificidade. Morfologia Distribuída. Subespecificação. Português Brasileiro.

ABSTRACT

This thesis aims to study the light verb constructions (LVCs) in (un)defined and (non-)referential names in Brazilian Portuguese (BP). In particular, sentences, included in the class traditionally called LVC, formed by the verbs *dar* (to give) and *fazer* (to do) with the nominalizations *-ada*, *-ção*, and *-mento* are observed. Data are constituted by a written corpus and were collected from BP digital sites. I assume that the formation of LVCs does not fail in BP, both with bare nouns and with nominals headed by phonetically realized definite and indefinite determiners. Nevertheless, I defend the hypothesis that this behavior, the semantic (non-)contribution of the verbal element, and the reading of an (in)determined event imply a division of this class. The analysis of the corpus data showed that the verb *dar* has no semantic content of material possession transfer as its heavy version. Besides, the verb *fazer* presents the same notion of ‘build’ as the heavy verbs, differing in terms of the ‘built’ element, which is not an entity, but something vague, an event. This behavior showed that the verbs ‘*dar*’ and ‘*fazer*’ are not equivalent in terms of the properties of light verbs. Thus, following the Kearns (2002) model for English, the phrases with the verb ‘*dar*’ would be constructions with a true light verb (TLVC), and the phrases with the verb ‘*fazer*’ would be constructions with a vague action verbs (VAVC). TLVCs are subject to a subdivision that is not related to the verb, but to the nominal element because the verb ‘*dar*’ is associated with an undefined and non-referential name. Its reading was related to an undetermined event once It is not clearly established in terms of time, completeness, or caution with It was performed. In other phrases with ‘*dar*’, the name is defined and/or referential, and its reading is related to a determined event. Thus, it was suggested to treat the former with TLVC-Indet and the latter with TLVC-Det. Based on Distributed Morphology (HALLE; MARANTZ, 1993, 1994; MARANTZ, 1997; HALLE, 1997; HARLEY, 2014 etc.), I assume that 1) The verb ‘*dar*’ is a single underspecified vocabulary item, and may occur in different syntactic contexts; 2) The verb ‘*fazer*’ is a single item of a specific vocabulary, which occurs in different contexts and its syntactic structure seems to license the interpretation; 3) The light verb ‘*dar*’ is semantically empty and the verb ‘*fazer*’ is not, so that the first is generated in the head of vP and the second in the head of VP; 4) the reading of the indeterminate event, observed in sentences with ‘*dar*’ and with nominalizations in *-ada*, *-ção* and *-mento*, is the result of the features [-definite] and [-specific] of the eventive DP.

Keywords: Light Verb Constructions. (In)definiteness-(In)specificity. Distributed Morphology. Underspecification. Brazilian Portuguese.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Sentenças do <i>corpus</i> com <i>dar</i> e <i>fazer</i>	38
Gráfico 2: Resultado dos julgamentos das sentenças com <i>dar</i>	50
Gráfico 3: Resultado dos julgamentos das sentenças com <i>fazer</i>	51
Gráfico 4: Nomes [+definido] e [+específico] nas construções com <i>dar</i>	95
Gráfico 5: Nomes [+específicos] nas construções com <i>dar</i>	103
Gráfico 6: Construções com <i>dar</i> denotando leitura de evento indeterminado.....	106
Gráfico 7: Nomes [+definido] e [+específico] nas construções com <i>fazer</i>	109
Gráfico 8: Nomes [+específicos] nas construções com <i>fazer</i>	115
Gráfico 9: Sentenças do <i>corpus</i> com nomes nus	144

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Traços que caracterizam os verbos leves <i>dar</i> e <i>fazer</i>	42
Quadro 2: Traços que caracterizam os sufixos <i>-ada</i> , <i>-ção</i> e <i>-mento</i>	46
Quadro 3: Distribuição das línguas e de suas propriedades segundo o PMN	121
Quadro 4: Características definidoras das construções com nomes nus	149
Quadro 5: Características dos verbos pleno, auxiliar, leve verdadeiro e ação vaga	158

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Arquitetura da gramática na MD.....	163
--	-----

LISTA DE ABREVIATURAS

- a** - Categorizador adjetival
- AD** – Genitivo adjetivo (do inglês, *Adjective Genitive*)
- AE** – Argumento externo
- arg** - Argumento
- CP** – Sintagma complementizador (do inglês, *Complementizador Phrase*)
- CVL** - Construção com verbo leve
- CVAV** – Construção com verbo de ação vaga
- CVLV** – Construção com verbo leve verdadeiro
- CVLV-Det** – Construção com verbo leve verdadeiro com leitura de evento determinado
- CVLV-Indet** – Construção com verbo leve verdadeiro com leitura de evento indeterminado
- D** – Determinante
- Det Ø** – Determinante zero
- DG** – Genitivo determinante (do inglês, *Determiner Genitive*)
- DP** - Sintagma determinante (do inglês, *Determiner Phrase*)
- IV** – Item de vocabulário
- LF** - Forma Lógica (do inglês, *Logical Form*)
- MD** - Morfologia Distribuída
- N** - Nome
- n** – Categorizador nominal
- NP** - Sintagma nominal (do inglês, *Nominal Phrase*)
- PB** - Português Brasileiro
- PE** - Português Europeu
- PF** - Forma Fonética (do inglês, *Phonetic Form*)
- PMN** – Parâmetro do Mapeamento Nominal
- pred** - Predicado
- PP** – Sintagma Preposicional (do inglês, *Prepositional Phrase*)
- SN** – Sintagma Nominal
- Spec** - Especificador
- T⁰** – Núcleo do sintagma temporal
- TP** - Sintagma Temporal (do inglês, *Temporal Phrase*)
- V** – Verbo
- v** – Categorizador verbal

v⁰ - Núcleo da categoria vP

vP - Categoria funcional que projeta argumento externo

V⁰ – Núcleo de VP

VAV – Verbo de ação vaga

VLV – Verbo leve verdadeiro

VoiceP - Sintagma de Voz (do inglês, *Voice Phrase*)

VP - Sintagma Verbal (do inglês, *Verbal Phrase*)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
2 SITUANDO CVLs NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS.....	24
2.1 AS CVLs NAS LÍNGUAS NATURAIS	24
2.2 PROPRIEDADES DEFINIDORAS DAS CVLs DO PB	33
2.2.1 Os verbos <i>dar</i> e <i>fazer</i> nas CVLs	38
2.2.2 As nominalizações em <i>-ada</i>, <i>-ção</i> e <i>-mento</i> nas CVLs	43
2.3 OS DOIS TIPOS DE CVLs NO INGLÊS	48
2.4 CONSIDERAÇÕES DA SEÇÃO	58
3 A REFERENCIALIDADE DOS NOMES E A (IN)DEFINITUDE DOS DETERMINANTES: ORIENTAÇÕES TEÓRICAS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS	60
3.1 A REFERENCIALIDADE.....	60
3.2 A DEFINITUDE	66
3.3 A INDEFINITUDE E A ESPECIFICIDADE	75
3.4 O PAPEL DOS DETERMINANTES.....	77
3.4.1 Artigo definido.....	77
3.4.2 Artigo indefinido	79
3.4.3 Pronome demonstrativo.....	80
3.4.4 Pronome possessivo	82
3.4.5 Quantificador.....	87
3.5 CONSIDERAÇÕES DA SEÇÃO	92
4 A DIVISÃO DAS CVLs DO PB: DESCRIÇÃO DAS SENTENÇAS DO <i>CORPUS</i>	94
4.1 CONSTRUÇÕES COM <i>DAR</i> MAIS NOME DEFINIDO E/OU REFERENCIAL	95
4.2 CONSTRUÇÕES COM <i>DAR</i> MANIFESTANDO LEITURA DE EVENTO INDETERMINADO.....	105
4.3 CONSTRUÇÕES COM <i>FAZER</i> MAIS NOME DEFINIDO E/OU REFERENCIAL	109
4.4 CONSIDERAÇÕES DA SEÇÃO	119
5 OS NOMES NUS OBJETOS NAS CONSTRUÇÕES DO <i>CORPUS</i>	120
5.1 OS NOMINAIS NUS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	120
5.1.1 Nomes nus no PB são DPs.....	123
5.1.2 Nomes nus podem ser referenciais no PB	130
5.1.3 Nomes nus são objetos incorporados no PB?	133
5.1.3.1 Saraiva (1992, 1996, 1997) e a tese da incorporação nominal (quase obrigatória) no PB.....	137
5.1.3.2 Taveira da Cruz (2008) e a tese da incorporação nominal opcional no PB.....	139

5.2	CONSTRUÇÕES COM NOMES NUS OBJETOS NO <i>CORPUS</i> : CVLVs-DET E CVAVs OU CASOS DE INCORPORAÇÃO NOMINAL?	143
5.2.1	As construções com os verbos <i>dar</i> e <i>fazer</i> mais nomes nus referenciais	143
5.2.2	As construções com nomes nus denotando atividade institucionalizada	149
5.3	CONSIDERAÇÕES DA SEÇÃO	151
6	PROPOSTA SINTÁTICA DE ANÁLISE DOS TIPOS DE CVLs DO PB	154
6.1	DA QUESTÃO DE VERBOS PLENOS, AUXILIARES E LEVES	155
6.2	DOIS VERBOS LEVES <i>DAR</i> ?	158
6.3	A SINTAXE DA CVLV-DET, DA CVLV-INDET E DA CVAV SOB O MODELO DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA	162
6.3.1	A Morfologia Distribuída	163
6.3.1.1	<i>O núcleo funcional v como introdutor de argumento externo: Marantz (1997)</i>	168
6.3.1.2	<i>A individuação da raiz na sintaxe não é fonológica, nem semântica: Harley (2014)</i>	169
6.3.2	As representações da CVLV-Det e da CVLV-Indet e um único verbo leve <i>dar</i>	171
6.3.3	A representação da CVAV: o verbo <i>fazer</i>	181
6.4	CONSIDERAÇÕES DA SEÇÃO	185
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
	REFERÊNCIAS	191
	ANEXO	202

INTRODUÇÃO

Construção com verbo leve (doravante, CVL), também chamada de construção com verbo suporte (MOURA NEVES, 1996; DAVEL, 2009; CASTILHO, 2010; BARROS, 2014 etc.), tem sido caracterizada pelo seu conteúdo semântico ser determinado não pelo verbo, mas pelo elemento nominal que o complementa. Devido à sua contribuição semântica limitada, verbo leve foi definido como predicado semanticamente defeituoso, com estrutura de argumentação incompleta ou mesmo vazia. A suposição é que verbo leve deve combinar com outro predicado, a fim de licenciar os argumentos da sentença.

Translinguisticamente, o verbo leve mais produtivo é *fazer*, haja vista que ocorre em uma grande variedade de línguas, como o japonês (*suru*), o coreano (*hata*), o basco (*egin*), o inglês (*make*), o italiano (*fare*), o espanhol (*hacer*), o francês (*faire*), o português europeu etc.¹. Outros verbos leves encontrados, com frequência, em variadas línguas são *dar* (e.g., no inglês (*give*), no italiano (*dare*), no francês (*donner*), no espanhol, no português europeu e brasileiro etc.), *ter* (e.g., no português europeu e brasileiro) e *tomar* (e.g., no inglês (*take*) e no português brasileiro)².

Quando se trata de CVLs, muitas divergências de análises são verificadas, sobretudo, com relação aos elementos que as compõem. Essas diferenças incluem as propriedades morfossintáticas e semânticas dos elementos nominais que se combinam com o verbo leve. No português brasileiro (daqui para frente, PB), por exemplo, estudos têm assumido que, nessas sentenças, o elemento verbal sempre está combinado com um elemento nominal indefinido e não referencial (SCHER, 2004; MEDEIROS, 2010; CASTILHO, 2010 etc.), conforme exemplo em (1).

(1) O fogo **deu uma amarelada** no papel.

(SCHER, 2004, p. 206)

Contudo, embora não tratando da questão claramente, é possível inferir que, para alguns pesquisadores (MOURA NEVES, 1996; DAVEL, 2009; RESENDE, 2016 etc.), CVLs

¹ Ver sobre o verbo leve *fazer* nessas línguas, respectivamente, em Grimshaw e Mester (1988), Karimi-Doostan (2004), Oyharçabal (2006), Kearns (2002), Samek-Lodovici (2003), Romero-Méndez (2005), Alba-Salas, (2002), Duarte et al (2009).

² Sobre o verbo leve *dar*, nessas línguas, ver, respectivamente, Kearns (2002), Butt (2003), Samek-Lodovici (2003), Bouveret (2012), Romero-Méndez (2005), Duarte et al (2010), Scher (2004); *ter*, ver Duarte et al (2010), Viotti (1998) e Alves (2016); e *tomar*, ver Butt (2003), Pante (2012) e Alves (2016).

também podem se formar a partir de um nominal encabeçado por um determinante definido ou ser formada com nome nu, como se percebe pelos exemplos de Davel (2009, p. 39), Resende (2016, p. 75) e Moura Neves (1996, p. 202), respectivamente, em (2).

- (2) a. João **deu aquela resposta** que todos esperavam.
 b. A menina **fez a denúncia** do roubo.
 c. Eu até gostaria de **fazer ginástica**...

Assim, nesta tese, vou levantar a discussão e assumir que as sentenças, geralmente, nomeadas CVLs podem ser constituídas por nomes encabeçados por determinantes indefinidos, definidos e por nomes nus, todos podendo ou não expressar referencialidade, como verificamos em (3), com o verbo *dar*, e em (4), com o verbo *fazer*. Todavia, vou sugerir que são sentenças de tipos distintos.

- (3) a. Maria **deu uma arrumada** na casa.
 b. Maria **deu uma risada** de bruxa, deixando todos assustados.
 c. Pedro está revoltado porque Maria mordeu João. Mas, ela disse que só **deu a mordida** para se defender.
 d. Carlos **deu aquele polimento** químico no carro porque a superfície estava com muita rugosidade.
 e. O turismo de visitação **deu sustentação** econômica à Chapada Diamantina por muitos anos.
- (4) a. Os técnicos da vigilância sanitária **fizeram uma inspeção** na cozinha do restaurante.
 b. Recentemente, o Whatsapp **fez uma atualização** que facilitou bastante a vida dos usuários.
 c. A secretária de educação **fez a acolhida** dos sete novos professores.
 d. Pararíamos toda produção por um dia, só para o pessoal **fazer essa arrumação** na fábrica.
 e. Pena que com Maria **fizeram linchamento** virtual e só pararam quando publiquei um vídeo que João gravou apoiando ela e mostrando a hipocrisia dele.

Os estudos que se voltaram para a descrição e a explicação das CVLs retratam que o verbo não apresenta conteúdo semântico e que as construções podem ser parafraseadas por um verbo base derivante do nome (ALBA-SALAS, 2002; DUARTE et al, 2009; CHOUPINA; BRITO, 2018 etc.), como *deu uma arrumada = arrumou; deu uma risada = riu; deu a mordida = mordeu; deu aquele polimento = poliu; deu sustentação = sustentou; fez uma inspeção = inspecionou; fez uma atualização = atualizou; fez a acolhida = acolheu; fazer essa arrumação = arrumar; fizeram linchamento = lincharam.*

Desse modo, é possível entender que não apenas construções com nominais encabeçados por determinantes indefinidos são CVLs, antes, as construções com nomes encabeçados por determinantes definidos e com nomes nus também as são, pois todas as construções em (3) e (4) possuem uma contraparte verbal correspondente à nominalização. Porém, percebe-se uma diferença: nas sentenças com *dar*, em (3), vê-se que não é possível recuperar o valor de transferência de posse que é verificado em sua versão plena, nem qualquer outro conteúdo semântico; e nas sentenças com *fazer*, em (4), nota-se a possibilidade de recuperação do mesmo sentido de *fazer* pleno, isto é, construir/realizar/produzir. Ainda assim, as sentenças em (4) não serão assumidas como construção com verbo pleno, porque *fazer* envolve a ideia de construção/realização/produção de um evento e não de uma entidade concreta. Ademais, se compararmos as construções com *dar* em (3) e as construções com *fazer* em (4), vamos perceber que, somente em (3a), há uma leitura de evento realizado de forma descuidada.

Na literatura, em geral, os eventos expressos pelas CVLs com *dar* são apontados como breves (KEARNS, 2002) ou diminutivizados, principalmente, se esse verbo estiver combinado com uma nominalização em *-ada* (SCHER, 2004, 2006). Entretanto, pensando que essas duas leituras são apenas uma das que podem ser identificadas nas construções com a combinação *dar + N -ada*, como em (5), mas que também podem ser verificadas em construções com a combinação *dar + N -ção/-mento*, como em (6), e considerando que essas leituras parecem, em grande medida, ter relação com a presença do artigo indefinido, vou preferir denominá-las *evento indeterminado*, uma vez que não está fixado com clareza, por exemplo, quanto à duração, ao cuidado ou à completude. A relação entre evento indeterminado e artigo indefinido se explica por a indeterminação ser algo previsto por esse elemento (LEONETTI, 1999, 2016), bem como pela indefinidade e/ou pela inespecificidade (LYONS, 1999; ABBOTT, 2004; CERQUEIRA, 2019 etc.), propriedades de nominais, normalmente, encabeçados por esse determinante.

- (5) a. Maria **deu uma remada** no lago.
(= leitura de evento sem muito esforço/diminutivizado)
- b. João **deu uma corrida** na praia hoje pela manhã.
(= leitura de evento rápido/breve)
- c. Joana **deu uma esfoliada** no rosto.
(= leitura de evento descuidado)
- d. A flor **deu uma murchada**.
(= leitura de evento incompleto)
- (6) a. O governo estuda a proposta dos deputados de **dar uma correção** na tabela para as faixas menores de renda.
(= leitura de evento incompleto)
- b. Esse creme vai **dar um rejuvenescimento** na sua pele.
(= leitura de evento incompleto)

Dessa forma, o objetivo geral desta tese é apresentar uma proposta de classificação das sentenças tradicionalmente denominadas CVLs no PB. Tal proposta é motivada pela diversidade de construções que recebem essa nomeação e pelos distintos comportamentos descritos anteriormente e toma como base o estudo desenvolvido por Kearns (2002) para o inglês. De acordo com a autora, nessa língua, construções habitualmente identificadas como CVLs podem ser divididas em dois grupos tendo em vista o estatuto do nome com que o verbo leve se combina. No PB, minha hipótese é que as sentenças incluídas na classe CVL também compõem mais de um grupo a depender da contribuição semântica do elemento verbal, do valor do nome, ou seja, se (in)definido e/ou (não)referencial, como também da leitura do evento expresso por essas construções.

Para alcançar esse objetivo, revisito alguns estudos importantes e destaco as contribuições de cada um deles para a explicitação do funcionamento das CVLs. Munida de tais argumentos, volto-me para a descrição e análise dos dados escritos do *corpus* construído para esta tese, composto por 251 sentenças coletadas em variados sítios digitais do PB, por exemplo, Blogs jornalísticos e redes sociais, como Facebook, Twitter e Instagram etc., com o auxílio da ferramenta de busca Google. Para a constituição do *corpus*, realizei a busca pelas formas pretéritas de 1ª e 3ª pessoas dos verbos *dar* e *fazer*. Eventualmente, apareciam também construções com a forma verbal no presente, no infinitivo e no futuro.

Destarte, o foco desta tese serão as construções com os verbos *dar* e *fazer* e as nominalizações em *-ada*, *-ção* e *-mento*. A escolha desses dois verbos se deve ao fato de serem considerados os mais produtivos em suas versões leves no PB e em outras línguas naturais (ALBA-SALAS, 2002; SCHER, 2004). Por outro lado, a delimitação dessas nominalizações ocorre porque, além de serem os sufixos mais produtivos no PB (ROCHA, 1999), CVLs com nominalizações em *-ção* e *-mento* foram pouco exploradas. Embora CVLs com *dar* mais nominalizações em *-ada* já tenham sido discutidas (SCHER, 2004; LISBOA DE LIZ, 2005; MEDEIROS, 2010 etc.), não se verificam, na literatura, pesquisas que abordem tais construções focalizando o DP, nem propondo uma divisão com base nas propriedades sintático-semânticas de seus elementos, como estou buscando fazer neste trabalho.

Portanto, nesta tese, assim como muitos estudiosos fizeram, me volto para as sentenças nomeadas CVLs com *dar* e *fazer*, procurando respostas ou, até mesmo, ampliar aquelas já apresentadas, para os seguintes questionamentos:

- i) Quais as propriedades sintáticas e semânticas das CVLs?
- ii) Como se dá a combinação dos elementos que compõem as CVLs?
- iii) Que papel o verbo e o nome desempenham na CVL?
- iv) O verbo leve é realmente esvaziado? Se isso for verdadeiro, que diferença existe entre o verbo leve e o verbo auxiliar? Se isso for falso, como o verbo leve se diferencia do verbo pleno?
- v) Qual o valor do nome que se combina com o verbo leve?
- vi) Os verbos leves *dar* e *fazer* são totalmente equivalentes nas propriedades?
- vii) O verbo leve pode selecionar seus próprios argumentos e marcá-los tematicamente?
- viii) Qual é a leitura do evento denotado pelas CVLs? O que implica na leitura do evento identificado?
- ix) Considerando os diferentes comportamentos das CVLs com *dar*, é possível dizer que se trata de um único verbo ou de dois verbos?
- x) Como as CVLs são geradas?

No entanto, darei ênfase especialmente à última, pois também estou preocupada em apresentar uma proposta de análise em termos da arquitetura da gramática. É nesse cenário que surge o arcabouço teórico da Morfologia Distribuída, proposto em Halle e Marantz (1993,

1994) e desenvolvido em trabalhos subsequentes desses e de outros autores, como uma possibilidade de análise, visto que nos permite entender que os verbos *dar* e *fazer* são um único item subespecificado (no caso de *dar*) ou especificado (no caso de *fazer*) que pode ocorrer em diferentes contextos sintáticos, não sendo necessário postular mais de uma entrada para o mesmo elemento, como assim fizeram propostas que adotaram os mesmos pressupostos teóricos para explicar CVLs com *dar* (SCHER, 2004; CHOUPINA; BRITO, 2018).

Logo, o caráter inovador da proposta desta tese está na sugestão de uma divisão para as sentenças, normalmente, incluídas na classe CVL do PB, mas também, com base nos princípios da subespecificação, apontada pela Morfologia Distribuída, na adoção de um único item *dar* e de um único item *fazer*, podendo aparecer em diferentes contextos morfossintáticos. Esse modelo teórico possibilita também revelar que, tendo em vista os diferentes comportamentos desses verbos, eles não são gerados na mesma posição da estrutura sintática, e, além disso, mostrar que a leitura de evento indeterminado, expresso por algumas construções com o verbo *dar*, pode ser explicada por aspectos recuperados na estrutura sintática, por exemplo, os traços semânticos que caracterizam os elementos nominais que as compõem. Assim, a Morfologia Distribuída nos oferece possibilidades de respostas para muitas das questões supracitadas.

Esta tese de doutoramento encontra-se dividida em cinco seções de desenvolvimento, além desta introdução, das considerações finais gerais e das referências bibliográficas. Na presente introdução, delimito o objeto de estudo desta pesquisa. Na Seção 2, revisto estudos de modo a apresentar os pontos de divergências e de convergências entre as análises sugeridas e de modo a motivar a necessidade de uma hipótese de divisão das sentenças apontadas como CVLs no PB, levando em conta, principalmente, aspectos como a (não)contribuição semântica do elemento verbal e o valor (in)definido e/ou (não)referencial do elemento nominal. Na Seção 3, a julgar que a discussão de formação de CVLs no PB gira em torno das propriedades indefinidade e referencialidade do nome com que o verbo leve se combina, apresento aspectos considerados delimitadores desses conceitos e dois outros, tais como definitude e especificidade, a fim de que possam auxiliar na descrição dos dados do *corpus* no que diz respeito ao elemento nominal. Na Seção 4, realizo a descrição de parte dos dados do *corpus*, ou seja, aquelas construções que contam com um nome objeto direto encabeçado por um determinante foneticamente realizado. Na Seção 5, a partir de uma breve discussão sobre o comportamento sintático-semântico dos nomes nus no PB, trato da outra parte dos dados do *corpus*, isto é, aquelas construções em que o nome ocorre nu. Na Seção 6, apresento a

fundamentação teórica deste estudo, bem como ofereço uma proposta de explicação estrutural para o fenômeno da divisão das sentenças, frequentemente, chamadas de CVLs no PB.

2 SITUANDO CVLs NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Nesta seção, revisito estudos sobre CVLs com o objetivo de revelar os pontos de convergência e de dissonância acerca das propriedades que caracterizam esse tipo de sentenças, bem como apontar as principais generalizações a que os linguistas que se dedicaram a investigar tais formações chegaram e que são importantes para a análise desenvolvida nesta tese. Assim, situar CVLs nos estudos linguísticos é o passo inicial para entender o funcionamento dos elementos que as compõem. Para tanto, na subseção 2.1, apresento a sua definição geral, ressaltando que não há uma consensualidade e indicando o porquê desse comportamento. Na subseção 2.2, discuto as propriedades definidoras dessas construções no PB e trato dos principais aspectos que definem os elementos que constituem as sentenças foco desta pesquisa, isto é, os verbos leves *dar* e *fazer*³ e as nominalizações derivadas com os sufixos *-ada*, *-ção* e *-mento*. Por fim, na subseção 2.3, discorro a respeito da divisão dessas construções em dois tipos no inglês e dos testes que foram utilizados para tal separação, mostrando que os mesmos não se aplicam aos dados do PB e que a divisão no PB se deve a outros fatores.

2.1 AS CVLs NAS LÍNGUAS NATURAIS

CVLs, também conhecidas como “predicados complexos”, são um fenômeno identificado em uma variedade de línguas, com uma gama de estrutura bastante diversificada. Em muitos casos, esse termo é empregado para se referir a construções envolvendo a combinação de verbo mais verbo (cf. (1)), de nome mais verbo (cf. (2)) e de verbo mais nome (cf. (3))⁴. Além disso, essas construções também podem ocorrer com um PP⁵.

(1) **Urdo**

nadya=ne makan bana di-ya⁶

³ Pela clareza do texto, ao longo desta seção, trato do verbo *fazer* não pleno como verbo leve, mas, a partir da subseção 4.3, conforme argumentação que será desenvolvida, passarei a denominá-lo verbo de ação vaga.

⁴ Os exemplos foram adaptados para deixar mais evidente como se dá a estrutura da construção. Além disso, nas frases, exceto as do português europeu e as do PB, as aspas simples estão sendo usadas para a tradução em inglês e as aspas duplas para a tradução em PB.

⁵ Do inglês, *Prepositional Phrase* = Sintagma Preposicionado.

⁶ Segundo Butt (2003), o urdu é uma língua SOV com uma ordem de palavras bastante livre. Nessa língua, ocorrem CVLs tanto com a estrutura V + V, como em (1), na qual o verbo leve é a forma flexionada *di*, quanto com a estrutura N + V.

‘Nadya.F=Erg house.M.Nom make give-Perf.M.Sg

“Nadya casa_{Nome} fazer_{Verbo pleno} dar_{Verbo leve}”

‘Nadya built a house (completely, for somebody else)’.

“Nadya fez uma casa (completamente, para outra pessoa)”.

(Adaptado de BUTT, 2003, p. 2)

(2) a. **Japonês**

John-wa murabito-ni [[ookami-ga kuru-to]-no KEIKOKU]-o shita.

‘John-Top villager-to wolf-Nom come-Comp-Gen warn-Acc suru’

“John aldeão-para lobo-Nom chegar-geritivo aviso-_{Nome-acc} fazer-

pass._{Verbo leve}

‘John warned the villagers that the wolf was coming’.

“John fez (um) aviso para o aldeão de que o lobo estava chegando”.

(Adaptado de GRIMSHAW; MESTER, 1988, p. 212)

b. **Basco**

Pellok barre galantak-Ø egin ditu

‘Peter.E laugh nice.Pl-A make AUX’

“Peter risada_{Nome} boa fazer_{Verbo leve} auxiliar”

‘Peter had a good laugh’.

“Peter tinha dado uma boa risada”.

(Adaptado de OYHARÇABAL, 2006, p. 788)

(3) a. **Inglês**

Fred gave anchovies a try

“Fred dar-pass.-_{Verbo leve} anchovas_{Nome} uma experimentada_{Nome}”

“Fred deu uma experimentada nas anchovas”.

(Adaptado de CAMPBELL, 1989, p. 12)

b. **Italiano**

Dare una lavata alle camicie

‘to.give a washing to.the shirts’

“dar-infinit.-_{Verbo leve} uma lavada_{Nome} a.o camisapp”.

‘To wash the shirts’.

“Dar uma lavada na camisa”.

(Adaptado de SAMEK-LODOVICI, 2003, p. 837)

c. **Espanhol**

Jacinto hizo una llamada.

‘Jacinto made a call’.

“Jacinto fez_{Verbo leve} uma chamada_{Nome}”.

(Adaptado de ROMERO-MÉNDEZ, 2005, p. 29)

d. **Francês**

Mario a fait une entrée spectaculaire.

‘Mario made a spectacular entrance’.

“Mário fez_{Verbo leve} uma entrada_{Nome} espetacular”.

(Adaptado de ALBA-SALAS, 2002, p. 359)

e. **Português Europeu**

A Maria deu_{Verbo leve} uma arrumada_{Nome} ao quarto_{PP}.

(DUARTE; GONÇALVES; MIGUEL, 2006, p. 320)

f. **Português Brasileiro**

O agente sanitário deu_{Verbo leve} uma vasculhada_{Nome} no local_{PP}.

(SCHER, 2004, p. 27)

Conforme Alba-Salas (2002), das diferenças estruturais das CVLs deriva o fato de que não há uma definição universalmente aceita de CVL além da visão tradicional de que ela envolve um verbo semanticamente vazio. Na literatura especializada, a definição mais frequente é: *CVL é constituída por um verbo semanticamente vazio, portador de marcas de tempo e pessoa, e um elemento nominal, principal atribuidor do conteúdo semântico da construção* (GRIMSHAW; MESTER, 1988; MOURA NEVES, 1996; ALBA-SALAS, 2002; DAVEL, 2009; RESENDE, 2016 etc.).

Essa, no entanto, não é uma definição consensual, visto que há estudos que defendem que o verbo leve não é semanticamente vazio, mas incompleto, no sentido de que contribui com informação aspectual para a predicação complexa (BUTT, 2003; SCHER, 2004; FORTUNATO, 2009; DUARTE et al, 2010; ALVES, 2016; ALVES; FIGUEIREDO, 2018).

Ademais, tem quem afirme que verbos leves podem impor restrições de combinação a seus complementos, porém não lhes atribuem propriedades temáticas; logo, o nome complemento do verbo leve deve ser um predicado⁷ (GRIMSHAW; MESTER, 1988; CAMPBELL, 1989; SAMEK-LODOVICI, 2003 etc.).

Para além de não haver unanimidade na definição de CVL, também a maneira como se considera que o verbo leve e o nome contribuem para a seleção de argumentos e para as funções temáticas da construção vem sendo alvo de diversas propostas. Grimshaw e Mester (1988) defendem que no japonês o verbo leve permite que o nome seja o predicado e licencie os argumentos da construção, contudo continua atribuindo Caso acusativo. Os autores, em análise da CVL em (2a), com o verbo leve *suru* (fazer) e o nome de evento *keikoku* (aviso), afirmam que *suru* é tematicamente incompleto e, por conta disso, recebe papéis temáticos do nome com o qual se combina, uma vez que o nome sozinho não pode projetar seus argumentos além de seu nível frasal. Consequentemente, os papéis temáticos do nome devem ser transferidos para o verbo leve por um processo denominado transferência argumental, como representado em (4).

- (4) a. *suru* ()⁸ (acc)
 b. *keikoku* (agente, meta, tema)
 c. *keikoku* (agente, meta, tema) + *suru* (acc)
 d. *keikoku* () + *suru* (agente, meta, tema) (acc)
 e. *keikoku* (tema) + *suru* (agente, meta) (acc)

(Adaptado de GRIMSHAW; MESTER, 1988, p. 212)

Grimshaw e Mester explicam que o nome, em uma CVL, pode transferir todos os papéis temáticos para o verbo (cf. (4d)) ou deixar de transferir o tema (cf. (4e)), por exemplo.

Numa ótica que se aproxima à de Grimshaw e Mester, Samek-Lodovici (2003), em análise de CVLs do italiano, argumenta em favor de que o verbo leve se caracteriza por apresentar não uma estrutura argumental totalmente vazia, mas incompleta. Para o autor, o verbo leve herda a estrutura argumental da sua contraparte plena, porém não a interpretação semântica, assim, os argumentos que a preenchem são interpretados de acordo com a

⁷ Esse termo não está sendo empregado, neste trabalho, no mesmo sentido da gramática tradicional, mas no sentido de predicador ou palavra predicativa, cobrindo palavras que tenham argumentos, lugares vazios ou valência própria (DUARTE; BRITO, 2003)

⁸ Os parênteses vazios significam que a estrutura de argumento está vazia.

Estrutura Lexical Conceitual do nome. Samek-Lodovici é da opinião de que o verbo leve tem apenas variáveis argumentais⁹ (a-variáveis) não especificadas tematicamente na estrutura de argumentos. Por conseguinte, na formação da CVL, o verbo leve passa a ter argumentos adicionados pelo nome, que possui argumentos especificados, por um processo de apagamento e transferência de índices. Em (5), estão representados como ocorre a transformação do verbo pleno em verbo leve e a formação da nominalização e, depois, como acontece a formação da CVL no italiano.

(5) **Formação do verbo leve e da nominalização**

a. $dare (u_i (v_j (w_k))) \rightarrow dare_{leve} (u (v (w)))$

a'. $lavare (x_i (y_k)) \rightarrow lavata (z_{ev} (<x>_i (y_k)))$

Formação da CVL

b. Antes: $dare_{leve} (u (v (w))) + lavata (z_{ev} (<x>_i (y_k)))$

b'. Depois: $dare_{leve} (u_i (v_k (w_{ev}))) + lavata (z_{ev} (<x>_i (y_k)))$

(Adaptado de SAMEK-LODOVICI, 2003, p. 838-847)

Em (5a), tem-se a transformação do verbo pleno *dare* (dar) em verbo leve, a qual ocorre por um processo que elimina seus índices temáticos. Já em (5a'), tem-se a formação da nominalização *lavata* (lavada), que se dá por um processo em que o nome herda a estrutura de argumentos de sua base verbal *lavare* (lavar), todavia suprimindo o argumento externo, representado por $<x>^{10}$, e inserindo um argumento evento, z_{ev} , na posição mais proeminente da nominalização, representado por uma nova a-variável e um índice temático. Por sua vez, em (5b), é demonstrado como acontece a formação da CVL. Nessa formação, os índices na estrutura de argumento do nome são transferidos para as a-variáveis preservadas, mas sem índices do verbo leve. A expressão final mantém duas estruturas de argumentos distintas, uma para o verbo leve e outra para o nome, no entanto os argumentos do verbo leve referem-se às mesmas variáveis da Estrutura Lexical Conceitual dos argumentos do nome, determinando o significado geral. Já o argumento externo da CVL torna-se licenciado pelo verbo leve, haja

⁹ De acordo com Samek-Lodovici (2003), a-variáveis são posições argumentais sem especificação temática. Segundo o autor, as a-variáveis e a Estrutura Lexical Conceitual são duas vertentes separadas dos argumentos, ou seja, independentemente acessíveis.

¹⁰ Os colchetes angulares, neste caso, representam os argumentos suprimidos. Vale destacar que, segundo Samek-Lodovici, somente a a-variável, mas não o índice temático i , é suprimida.

vista que foi suprimido da estrutura argumental do nome. Em outros termos, para Samek-Lodovici, verbos leves têm uma estrutura plenamente especificada para o argumento externo.

Duarte et al (2009) também defendem que no português europeu (PE) tanto o verbo leve quanto o nome contribuem para as propriedades da CVL, sendo a estrutura argumental e a atribuição de papéis temáticos determinadas simultaneamente pelos dois constituintes, através da combinação das suas estruturas temáticas. Semelhantemente, Romero-Méndez (2005) afirma que, no espanhol, a estrutura de argumentos da CVL é licenciada pela combinação da Estrutura Lógica de ambos os elementos que a constituem. Butt (2003) também se aproxima dessa discussão ao mencionar que, no urdo, uma das características de um predicado complexo como CVL, é justamente o fato de a estrutura argumental ser complexa no sentido de dois ou mais elementos predicacionais se combinarem para predicar como um único elemento, selecionando conjuntamente seus argumentos. Já no PB, Scher (2004), em análise das CVLs com *dar* mais nominalizações em *-ada*, ressalta que existem, pelo menos, dois verbos leves *dar* com valor de predicado, evidenciado pelas propriedades de seleção/projeção de um argumento interno de natureza eventiva, que denote uma eventualidade que não contenha os traços de estaticidade e telicidade instrínseca, ou seja, completude irreversível. O caráter predicativo do verbo leve *dar*, conforme Scher, também é evidenciado pela capacidade de um dos verbos *dar*¹¹ selecionar/projetar o argumento externo da construção. Entretanto, para que isso aconteça, deve haver compatibilidade com os traços semânticos da nominalização, o que significa dizer que a raiz da nominalização precisa ser do tipo que deriva um verbo agentivo, que seja compatível com uma causa externa. Por sua vez, a nominalização também contribui de maneira importante, projetando/selecionando o argumento mais interno da CVL, afirma a autora. Esse compartilhamento de funções, para Scher, caracteriza as CVLs do PB como predicados complexos.

Diferentemente do que apontam os autores supramencionados, Kearns (2002) relata que, no inglês, considerando que possui dois tipos de CVLs¹², construção com verbo leve verdadeiro (CVLV) e construção com verbo de ação vaga (CVAV)¹³, a marcação temática apresenta um comportamento variável. Nas CVLVs, o verbo é usado para projetar um sintagma, de acordo com sua Estrutura de Argumento Sintático, mas a sua Estrutura Lexical Conceitual não está ativa, desse modo, não tem conteúdo semântico e seu potencial poder de

¹¹ Na subseção 6.2, falo mais a respeito desses dois verbos leves *dar*.

¹² Em 2.3, discuto a respeito dessa divisão e apresento os testes utilizados por Kearns para assumir que as CVLs do inglês são de dois tipos.

¹³ A partir daqui, as siglas referentes a essas construções serão desenvolvidas no início de cada seção a fim de garantir uma melhor leitura.

marcação temática está inativado. Para salvar a estrutura, o verbo deve adquirir conteúdo semântico, o que faz tomando como complemento mais próximo um nome predicado. Esses nomes, por sua vez, não contam com uma Estrutura de Argumento Sintático, contudo a sua Estrutura Lexical Conceitual está ativa. Portanto, o verbo toma um nome predicado como seu complemento, que se torna temático. Já nas CVAVs, o verbo funciona como um verbo transitivo completo, tomando nomes, denotando ação, como argumentos sintáticos e temáticos; logo o verbo pode marcar tematicamente seu complemento, uma vez que sua Estrutura Lexical Conceitual não está inativada.

Tendo em vista que esta tese defende a assunção de que no PB as sentenças incluídas na classe CVL são, no mínimo, de dois tipos, assumo um posicionamento semelhante ao de Kearns, embora eu considere que, em alguns casos, a depender do tipo de base da nominalização com a qual se combina, *dar* pode adquirir a capacidade de projetar argumento externo, e nos casos com o verbo *fazer*, a projeção/seleção do argumento externo se dá conjuntamente, pelo verbo e pelo nome. Tanto com *dar* quanto com *fazer*, a projeção/seleção do argumento mais interno da construção, o PP, está relacionada às propriedades da nominalização: se a base da nominalização for transitiva direta, a preposição será majoritariamente *em* (e.g., *Joana deu uma arrumada no cabelo*), todavia também podem ocorrer as preposições *a/para* (e.g., *A candidatura de João vai dar um revigoramento às eleições*); se for transitiva indireta, permanece a mesma preposição das construções com o verbo base (e.g., *João deu uma conversa com Maria*); porém, a construção não terá um PP se a base da nominalização for intransitiva do tipo inergativa (e.g., *Pedro deu uma caminhada*) indo, dessa maneira, ao encontro do que defende Scher (2004)¹⁴.

A respeito das restrições de combinação do verbo leve, Samek-Lodovici (2003) relata que, no italiano, o verbo leve *dare* só se combina com nomes derivados de base transitiva e o verbo leve *fare* (fazer) com nomes de bases inacusativa e inergativa. No PB, no entanto, os verbos leves *dar* e *fazer* podem ocorrer associados a nomes derivados de bases transitiva (cf. (6a)), inergativa (cf. (6b)) e inacusativa (cf. (6c)). As restrições no PB são de outra natureza, por exemplo, traços semânticos das eventualidades denotadas pelos nomes, como discuto em 2.2.1.

- (6) a. Maria **deu/fez uma arrumação** nos livros.
 b. Hoje **dei/fiz uma caminhada** na praia.

¹⁴ CVLs com nomes derivados de base intransitiva do tipo inacusativa, como *João deu uma emagrecida*, também podem ter um PP, o qual é apagado por questões de movimento e checagem de Caso, como discuto em 6.3.2.

- c. João **deu/fez um acabamento** perfeito no sofá.

No urdo, em que na CVL há a combinação de verbo mais verbo, Butt (2003) aponta uma restrição que se assemelha à do italiano. Conforme a pesquisadora, um verbo leve inacusativo, por exemplo, só pode combinar com verbos inacusativos e verbo leve transitivo só pode combinar com a maioria dos verbos transitivos e inergativos, mas não com verbos inacusativos. Nessa língua, Butt argumenta que o verbo leve está sempre associado a algumas delimitações semânticas como força, volição ou beneficiário. No espanhol, de acordo com Romero-Méndez (2005), a combinação do verbo leve com o nome exige que haja alguma familiarização semântica entre ambos os elementos. Já no PE, segundo Duarte et al (2009), os verbos leves *dar* e *fazer* se combinam preferencialmente com nomes derivados de verbos que requerem um argumento que seja um sujeito causador ou desencadeador do evento, como se vê pelo contraste em (7), (8) e (9).

- (7) a. O João deu uma **olhadela** ao livro.
 b. O João fez uma **promessa** à Maria.
- (8) a. O João deu um **assobio**.
 b. O João fez um **sorriso** triste.
- (9) a. *O João deu um **desmaio** ligeiro.
 b. *O João fez um **desmaio** ligeiro.

(DUARTE et al, 2009, p. 1861)

Comparando as sentenças do PE em (9) com o PB, nota-se uma diferença: no PB é possível encontrar construções em que *dar* leve se combina com nomes derivados de verbos que não exigem um sujeito causador ou desencadeador do evento, como se verifica nos exemplos em (10), a seguir, que compõem o *corpus* desta tese. Porém, observa-se uma semelhança, pois, também no PB, *fazer* leve não aparece combinado com nomes derivados de verbos que não manifestam tais exigências. Esses fatos parecem ocorrer porque *dar* leve só não se associa a nomes estativos ou que não carregam a noção de reversibilidade da completude, e *fazer* leve só não se associa a nomes que têm os traços [-dinâmico] e [+instantâneo], como discuto em 2.2.1. Dessa forma, o verbo leve *dar* pode se combinar com nomes que têm como base os verbos *desmaiar* e *emagrecer*, visto que, embora esses verbos,

que são do tipo *degree achievements*¹⁵, não exigam um sujeito causador ou desencadeador do evento, permitem que sua completude seja revertida, contudo, a não exigência desse tipo de sujeito impede a combinação de nomes derivados desses verbos com *fazer* leve.

- (10) a. Pô, o cara tem que trabalhar. Que é que tem tomar um remedinho para aguentar mais tempo acordado? É verdade que às vezes um caminhoneiro dá uma **desmaiada** no volante e mata um monte de gente. Mas é a vida...¹⁶
- b. Isis Valverde deu uma **emagrecida** e a silhueta mudou. A atriz afirmou que perdeu 6kg.

No que tange à *aktionsart* do nome deverbal no PE, Duarte et al (2009) ressaltam que esses mesmos verbos leves se combinam com nomes derivados de verbos que expressam processo (cf. (11)) e processo culminado (cf. (12)), os chamados, respectivamente, verbos de atividade e de *accomplishment*; mas não se combinam com nomes derivados de verbos que denotam culminação (cf. (13)), também chamado de verbo de *achievement*¹⁷, e que denotam estado (cf. (14)).

- (11) a. O Pedro deu uma corrida.
- b. As bailarinas fizeram um bailado fabuloso.
- (12) a. A Maria deu uma arrumadela ao quarto.
- b. Os jornalistas fizeram a transcrição do debate.
- (13) a. *O Pedro deu uma chegada/ida ao supermercado.

¹⁵ Esses verbos podem ser caracterizados como predicados que veiculam eventos que envolvem a aproximação gradual a uma meta. Os *degree achievements* aceitam tanto a expressão durativa *por X tempo* (*A água baixou por uma hora*), o que comprova sua duratividade, como *em X tempo* (*Maria emagreceu em dois anos*), o que comprova sua telicidade, porém, embora aceitem essas expressões durativas, eles expressam mais claramente a telicidade com a expressão *às X horas* (em ponto) (*Às 14h00, João resolveu o problema*), que é a expressão usada para os verbos de *achievements*. Para conhecer mais sobre verbos desse tipo, ver Dowty (1979), Lin (2004) e Basso e Ilari (2004).

¹⁶ Todos os exemplos que forem indicados como do *corpus* estarão em anexo com seus respectivos endereços eletrônicos. Essa escolha se deu para deixar o texto, visualmente, mais organizado.

¹⁷ De modo diferente, no PB, os verbos leves *dar* e *fazer* ocorrem combinados com nomes derivados de verbos de *achievements*, como *Vou dar uma chegada até o supermercado, antes de ir para o trabalho* e *Maria fez uma chegada triunfal no supermercado*. Vendler (1967) e Smith (1997) definem os verbos a partir dos seguintes traços: verbos de atividade [+dinâmico, +durativo, -télico]; verbos de estado [-dinâmico, +durativo, -télico]; verbos de *accomplishment* [+dinâmico, +durativo, +télico]; verbos de *achievement* [+dinâmico, -durativo, +télico]; e verbos semelfactivos [+dinâmico, -durativo, -télico].

- b. *O João fez uma chegada/ida ao supermercado.
- (14) a. *Os fantasmas deram uma estada no castelo do conde.
b. *Os pais da Ana fizeram receio da tempestade.

(DUARTE et al, 2009, p. 1863)

Quanto à capacidade de contribuição aspectual do verbo leve, Scher (2004) afirma que, no PB, nas CVLs com *dar* mais nominalizações em *-ada*, o verbo leve *dar* contribui para a leitura de um evento realizado de forma mais pontual, rápida ou incompleta, em seus termos, uma leitura diminutivizada. De modo semelhante, em Alves e Figueiredo (2018), argumentamos que o verbo leve *fazer* preserva o traço [-instantâneo] do verbo pleno homônimo, contribuindo, então, para que a CVL *fazer uma caminhada*, por exemplo, não tenha a mesma interpretação da CVL *dar uma caminhada*: a primeira não denota uma leitura de evento realizado de forma mais rápida do que a última e isso parece ter influência também dos traços aspectuais contidos nesses verbos. Em 2.2.1, discuto mais sobre essa questão.

Na próxima subseção, apresento as propriedades que, de maneira geral, caracterizam as CVLs do PB.

2.2 PROPRIEDADES DEFINIDORAS DAS CVLs DO PB

No PB, em que o fenômeno de formação de CVL é bastante produtivo, uma das propriedades tomada como caracterizadora desse tipo de construção é a impossibilidade de combinação do verbo leve com um nome referencial. Castilho (2010) argumenta que o verbo leve apresenta uma forte solidariedade com o nome que o segue, ao qual não atribui caso, e aponta que esse nome deve dispor de baixa referencialidade, não ocorre antecedido por especificadores e não funciona como argumento interno do verbo, por isso não é proporcional a um pronome. Esses comportamentos, apontados por Castilho, estão ilustrados, respectivamente, em (15) e (16).

- (15) a. Esse menino só [faz perguntas]. (sem especificador → verbo leve)
b. Esse menino só faz [as perguntas que os outros evitam.] (com especificador e complementador → verbo pleno)

- (16) a. Os aposentados já se deram conta da inutilidade de suas reclamações.
 a'. *Os aposentados já deram-na da inutilidade.
 b. Ele não pode fazer uma síntese.
 b'. *Ele não pode fazê-la.

(CASTILHO, 2010, p. 410-411)

Para Castilho, esses testes servem para mostrar que verbo mais nome operam integradamente como um núcleo do sintagma verbal, inexistindo fronteiras sintáticas entre eles. Cumpre salientar, porém, que a sentença em (16a/a'), a qual o autor considera como sendo de verbo leve, é assumida como expressão idiomática por alguns pesquisadores (CAMPBELL, 1989; BIANCHI, 1993; SCHER, 2004; FIGUEIREDO-SILVA, 2011, entre outros), haja vista que o significado não é obtido pelas partes que compõem a construção (e.g., *se deram conta = perceberam*). Algumas expressões idiomáticas, conforme Bianchi (1993), apresentam um grau de congelamento, isto é, uma certa fixidez que impede a realização de alguns movimentos sintáticos. Já Figueiredo-Silva (2011) afirma que, em expressões idiomáticas, verbo mais nome formam, por meio de um processo sintático de reanálise, um predicado único, alertando que não se trata de incorporação do objeto no verbo¹⁸.

Sobre a questão de um nome que se combina com um verbo leve não expressar referencialidade, Moura Neves (1996) já dizia que quanto mais referencial for o nome, menor será a sua contribuição para a composição do esquema predicativo e mais ele se afastará da função que caracteriza os nomes que, geralmente, entram nas construções prototípicas de verbos leves, que, segundo ela, são aquelas em que o nome objeto ocorre sem determinante. A autora ressalta que a posição do objeto direto é extremamente relevante para a configuração do significado da CVL, em outros termos, para o estabelecimento da natureza do esquema predicativo, e que essa posição é tanto mais importante para essa função quanto menos referencial for o nome objeto.

Moura Neves explica, ainda, que dizer que o nome complemento do verbo leve é prototipicamente não referencial não significa desconsiderar a ação de condicionantes que, em diferentes graus, podem atualizar o potencial de referenciação conferido ao nome por seus atributos categoriais. Para a estudiosa, mesmo nomes que são não referenciais em seu contexto de ocorrência podem propiciar retomada anafórica, por uma espécie de reanálise

¹⁸ Na Seção 5, discuto sobre as características de uma construção com objeto incorporado.

desse contexto. Essa possibilidade, na ótica de Moura Neves, é mais restrita se se põe em consideração a retomada por pronome pessoal, como em (17). Entretanto, é mais ampla se se pensar numa retomada por um determinante, como em (18).

- (17) a. eu até gostaria de **fazer ginástica...**
 b. eu até gostaria de fazer ginástica ... mas que **ela** não fosse violenta.
- (18) a. ele além de assistir aula ... ele é obrigado a **fazer estágio** em todas as ... especialidades.
 b. ele além de assistir aula ... ele é obrigado a **fazer estágio** em todas as ... especialidades ... e **esse** estágio não é curto.

(MOURA NEVES, 1996, p. 213)

Moura Neves (1996) complementa sua argumentação destacando que o que bloqueia o aparecimento de um nome referencial na formação de uma CVL é o grau de referencialidade e de definitude que ele possui. A autora relata que nomes encabeçados por artigos definidos podem formar CVLs no PB, como se verifica em (19).

- (19) a. então você tem que recorrer mesmo...àquilo que já existe que é a dogmática...e interpretar a **dar a sentença**...não é?
 b. e como é que a gente testa você já falou al/alguns dos mecanismos de como vocês **fazem a verificação** de aproveitamento dos alunos né?

(MOURA NEVES, 1996, p. 209)

Scher (2004) também discute a questão da (in)definitude dos elementos nominais de uma CVL, mencionando que uma das características que define as CVLs do PB é obedecer à restrição de definitude. De acordo com a pesquisadora, no caso mais geral das CVLs, a nominalização, associada ao verbo leve, deve ser indefinida (e.g., *Eu dei uma olhada no Rui*) e a ocorrência de expressões definidas em CVLs está limitada a ambientes relativizados (cf. (20)), pois oblitera o seu efeito de definitude.

- (20) **A olhada** que eu dei no Rui fez ele ficar com medo de mim.

(SCHER, 2004, p. 148)

Dessa maneira, para Scher (2004) e também para Medeiros (2010), diferentemente de Moura Neves (1996), a tentativa de formação de CVL mais nominalização definida, fora do contexto das orações relativas, fracassa no PB. Todavia, em Alves e Scher (2020) e em Alves e Figueiredo (no prelo), apontamos que é possível haver CVL com expressões nominais definidas. Assim, tendo em vista toda essa discussão, adianto que, nas Seções 4 e 5, vou assumir um posicionamento que se aproxima de Moura Neves (1996), de Alves e Scher (2020) e de Alves e Figueiredo (no prelo), ou seja, as CVLs do PB podem ser formadas com nome encabeçado por determinante definido e indefinido ou ocorrer com nome sem determinante foneticamente realizado, podendo ou não denotar leitura referencial, como exemplificado em (21). Porém, vou sugerir que isso resulta numa divisão da classe CVL, como fez Kearns (2002) para o inglês, discutido, mais à frente, em 2.3, uma vez que os elementos nominais apresentam comportamentos distintos.

- (21) a. João disse que só **deu a mordida** em Maria porque teve um ataque de fúria.
(nome: +definido; +específico/referencial¹⁹)
- b. O pugilista **deu cada olhada** em seu adversário antes da luta²⁰.
(nome: +definido; +específico/referencial)
- c. Maria **deu uma realçada** na maquiagem.
(nome: -definido; -específico/não referencial)
- d. Maria **faz caminhada** noturna recomendada pelo cardiologista dela.
(nome: +específico/referencial)

Uma outra propriedade citada frequentemente como definidora de CVLs é a possibilidade de elas serem parafraseadas com um verbo pleno base derivante do nome

¹⁹ Na Seção 3, discuto a respeito dos aspectos que envolvem um nome [+definido] e [+específico] e, por conseguinte, sobre a referencialidade e a definitude denotada pelos nomes.

²⁰ Nesse caso, chamo a atenção que a pronúncia do determinante *cada* precisa ser realizada de forma marcada, ou seja, o determinante precisa ser focalizado de modo a intensificar o significado do nome, do contrário, a sentença é agramatical. Em 3.1.4.5, discuto mais sobre essa exigência do item *cada*, mas já adianto que, segundo Quadros Gomes (2004), essa necessidade de entonação/focalização de *cada* é requerida tanto por sentenças existenciais quanto por qualquer sentença em que *cada* introduz um nome em posição de objeto direto. Nunes (2001, p. 1) também discutiu sobre o fato de alguns determinantes exigirem focalização. Conforme o autor, o artigo definido, em alguns casos, necessita de focalização, em que terá um foco de superlativo, como *o João é O professor*, assim como artigos indefinidos também necessitam obrigatoriamente de foco com entonação silabada em expressões idiomáticas, como em **Isso vai dar um bode* → *is-so-vai-dar-UM-bo-de*. Já em alguns casos, esse foco com entonação silabada é opcional, como em *O João dançou com uma menina* → *o-Jo-ão-dan-çou-com-U-MA-me-ni-na*.

(ALBA-SALAS, 2002; DUARTE et al, 2009; DAVEL, 2009; RESENDE, 2016; ALVES, 2016 etc.), como se verifica em (22).

- (22) a. Maria **deu uma arrumada** na casa.
(= Maria **arrumou** a casa.)
- b. Os fiscais **fizeram uma inspeção** nas contas da prefeitura.
(= Os fiscais **inspecionaram** as contas da prefeitura.)

No entanto, Moura Neves (1996) afirma que essa correspondência não deve ser assumida como um critério para identificação de CVLs, visto que a paráfrase não se aplica a todos os casos que são, geralmente, considerados como tal. Alba-Salas (2002), contudo, enfatiza que o teste da paráfrase se aplica à maioria das CVLs do inglês e das línguas românicas e Duarte et al (2009) consideram a paráfrase como uma característica das CVLs do PE. Scher (2004) também trata dessa questão e ressalta que a possibilidade de paráfrase por um verbo pleno base da nominalização é uma das principais diferenças entre CVL e expressão idiomática no PB. Conforme a autora, as CVLs têm sua interpretação construída composicionalmente²¹, isto é, seus elementos, portadores de informações relevantes para a leitura da construção, participam da composição do significado resultante da combinação desses elementos de forma ativa, já nas expressões idiomáticas, cada uma das partes que as compõem pode assumir significados imprevisíveis. À vista disso, não há como dizer que os significados das partes das expressões idiomáticas, em (23), levam ao significado do todo representado por essas expressões.

- (23) a. João **não dá a mínima** pros problemas que tem na vida. (= não se preocupa; não se interessa)
- b. João **deu o braço a torcer** e voltou a falar com Maria. (= admitiu/reconheceu um fato ou um erro)

O posicionamento adotado por este estudo sobre a questão da paráfrase vai ao encontro do de Alba-Salas (2002), Scher (2004) e Duarte et al (2009). Em outras palavras, considero que a paráfrase é uma das propriedades que pode definir as CVLs do PB, porque se

²¹ Em 5.2.2, tomo essa propriedade, interpretação construída composicionalmente, como um dos fatores que distinguem as CVLs com nomes sem determinantes realizados foneticamente de construções com objeto incorporado.

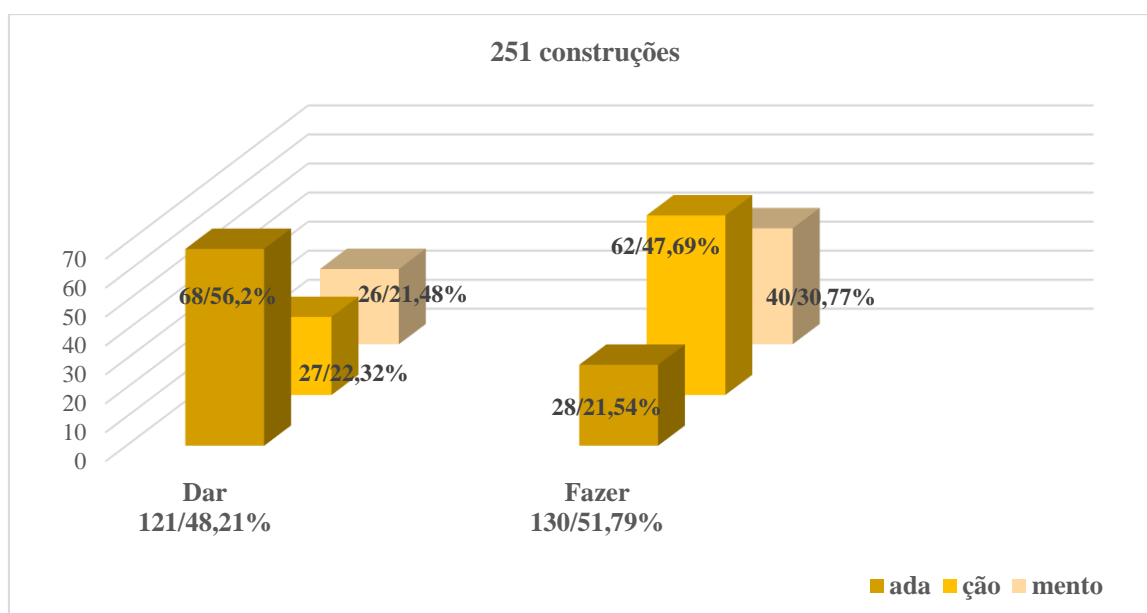
aplica às ocorrências do *corpus* desta tese, e isso independe de qual tipo as sentenças façam parte, segundo dados apresentados na Seção 4 e na subseção 5.2.

Feitas essas observações, nas discussões a seguir, trato a respeito dos aspectos que caracterizam os elementos que constituem as sentenças foco deste estudo: os verbos *dar* e *fazer* e as nominalizações em *-ada*, *-ção* e *-mento*.

2.2.1 Os verbos *dar* e *fazer* nas CVLs

Na literatura sobre verbos leves, as abordagens apontam que *dar* e *fazer* são bastante produtivos nessa versão, uma vez que tanto ocorrem em uma grande variedade de línguas quanto em um número bastante expressivo de CVLs numa mesma língua (ALBA-SALAS, 2002; KARIMI-DOOSTAN, 2004; DUARTE et al, 2010 entre outros). O *corpus* deste estudo²² parece comprovar essa produtividade no PB: de um total de 251 ocorrências, 130 são com *fazer* e 121 são com *dar*, como se vê na distribuição do Gráfico 1.

Gráfico 1 – Sentenças do *corpus* com *dar* e *fazer*



Fonte: Elaboração própria.

²² O *corpus* utilizado nesta tese também serviu para a minha dissertação de mestrado (ALVES, 2016) que discutiu sobre os constituintes das CVLs do português. Porém, o mesmo passou por algumas modificações: i) sentenças não coletadas em *sites* do PB foram retiradas; e ii) mais sentenças buscadas em *sites* do PB foram acrescentadas, ampliando o *corpus* final da tese. Essas alterações ocorreram, porque busco tratar, neste estudo, apenas das CVLs do PB.

Os verbos leves *dar* e *fazer* têm forma idêntica à sua contraparte plena. *Dar*, em sua versão plena, de acordo com Moretti (2010), Barros (2018) e Choupina e Brito (2018), é um verbo bitransitivo canônico, o que significa dizer que sua grade temática envolve um argumento agente (sujeito) da ação expressa pelo verbo, um argumento tema (objeto direto) e um argumento receptor, alvo/meta (objeto indireto), como no exemplo em (24).

(24) Maria **deu** o livro a Pedro.

Na sentença em (24), segundo o que se discute na literatura (DAVEL, 2009; MORETTI, 2010; BARROS, 2018; CHOUPINA; BRITO, 2018 etc.), *dar* é o núcleo sintático-semântico da predicação, apresentando significado básico de transferência de posse material. Já *dar*, em sua versão leve, conforme Davel (2009), pode preservar ou não a grade argumental da sua versão plena e denota transferência metafórica. Scher (2004) e Choupina e Brito (2018) afirmam que o fato de a forma de uma CVL com *dar* não precisar ser a mesma de uma sentença com *dar* pleno (isto é, V N PP), como se verifica em (25), se deve também às propriedades da nominalização.

- (25) a. Maria **deu uma varrida** na casa. (V N PP)
 b. A flor **deu uma murchada**. (V N)

Sobre a possibilidade de *dar* leve denotar a leitura de transferência, levantada por Davel (2009), Choupina e Brito (2018) relatam que não há essa possibilidade, pois, claramente, se percebe que existe uma perda dessa noção, visto que *dar* passa a não contar com um argumento que expresse uma entidade concreta que possa ser transferida para um receptor, mas com eventos que podem ser pluralizáveis e quantificáveis. Ademais, Soares e Menuzzi (2009) argumentam que sensações, ideias etc., geralmente, expressas pelas CVLs com esse verbo, não são exatamente transferidas, porém transmitidas. Os exemplos em (26) parecem ilustrar o que relatam Soares e Menuzzi.

- (26) a. O jogo de hoje **deu uma animada** nos torcedores.
 b. A entrada de João vai **dar um revigoramento** às eleições.

Na perspectiva de Soares e Menuzzi, construções como em (26) não envolvem a ideia de transferência, pois trata-se de uma posse inerente, ou seja, inalienável, que não pode ser

cedida, bem como porque o complemento preposicionado não é um *meta*. Essa consideração dos autores se dá com base na ideia de que, em CVLs, o PP ocorre apenas com a preposição *em* e, por conseguinte, denota um objeto afetado, incluindo pacientes e experienciadores, e que posse inalienável não pode ser expressa pelas preposições *a* ou *para*. Para eles, a noção de transferência só é identificada nas construções em que o PP está introduzido por essas duas preposições, acontecendo apenas quando *dar* é pleno. No inglês, entretanto, Kearns (2002, p. 18) aponta que CVLs dos dois tipos, envolvendo tanto *give* (dar) quanto *make* (fazer), podem ocorrer com um PP introduzido pela preposição *to* (a/para), como em *John gave a stir to every pot on the stove* (João deu uma mexida a cada panela no fogão), denominada preposição temática, a qual é licenciada pelo verbo mais o nome, indicando um paciente/objeto afetado. Assim, considerando que CVLs são parafraseáveis por um verbo base da nominalização e que as construções em (26) têm uma contraparte verbal plena, este estudo assume o posicionamento de que sentenças como essas em (26) são CVLs, podendo ocorrer com um PP introduzido pelas preposições *em* ou *a*, denotando objeto afetado, e o verbo *dar* não expressa transferência de posse, nem exprime a ideia de transmissão: em *dar* leve não é possível recuperar significados.

Já *fazer*, em sua versão plena, de acordo com Machado Vieira (2003), Barros (2014) e Alves e Figueiredo (2018), exige dois argumentos, uma entidade controladora (um sujeito agente e animado), que pode determinar se um estado de coisas ocorrerá ou não, e uma entidade controlada (inanimada concreta) que muda de estado ou passa a existir sob a ação daquela. Além disso, conforme Gonçalves et al (2010), *fazer* pleno pode apresentar um argumento interno facultativo, que ocorre sob a forma de dativo beneficiário, introduzido pela preposição *para*, como em (27).

(27) Pedro **fez** uma casa para as crianças na árvore.

Em (27), segundo o que aponta a literatura (MACHADO VIEIRA, 2003; BARROS, 2014; ALVES; FIGUEIREDO, 2018 etc.), o verbo *fazer* é um transitivo canônico, significando criar, construir, produzir, dar existência/forma a algo concreto. *Fazer*, em sua versão leve²³, assim como *dar* leve, pode aparecer ou não combinado com o mesmo número de elementos de sua versão plena, como vemos em (28) abaixo, em que não é exigido o PP *na*

²³ Barros (2014, p. 26-30) apresenta outros casos em que *fazer* também não é um verbo pleno, como aqueles que denomina hiperverbo ou pró-verbo (*Ana fez as unhas e o cabelo*), verbo vicário ou substituto anafórico (*Zé não fez mais do que discutir*) e expressão cristalizada (*Zé fez gato e sapato de Ana*).

partida de ontem (cf. (28a)), mas o PP *ao Antônio* (cf. (28b)), sim, um comportamento que tem interferência também das propriedades da nominalização com a qual se combina. Embora *fazer*, em (28), não expresse o significado de construir/criar algo concreto, é possível recuperar a noção de construção/realização/produção de algo.

- (28) a. Pedro **fez uma jogada** espetacular na partida de ontem.
 b. João **fez um pagamento** ao Antônio de 800 reais.

Os verbos leves *dar* e *fazer* apresentam algumas restrições com relação aos nomes com os quais se associam. *Dar* leve, por exemplo, só seleciona nomes denotadores de eventualidades que não apresentam os traços semânticos estaticidade (cf. (29a)) e telicidade intrínseca (cf. (29b)), afirmam Scher (2004) e Alves (2016). Essa restrição, no entendimento de Scher, ocorre porque *dar* leve tem propriedades de predicados de eventos, possibilitando exigir um complemento que denote uma eventualidade que seja, no mínimo, dinâmica e/ou durativa, tética ou atélica, ou, ainda, uma eventualidade de completude reversível.

- (29) a. *João deu uma conhecida em Maria.
 b. *João deu uma morrida.

Em Alves (2016), também mostro que o verbo leve *fazer* não se combina com nomes que expressam os traços semânticos estaticidade (cf. (30a)) e iteratividade (cf. (30b)). *Fazer* leve não se associa a nomes que denotam estaticidade, haja vista que é um verbo factitivo, que exige um evento dinâmico, e não se associa com nomes que expressam múltiplos eventos iterativos, pois expressa evento singular.

- (30) a. *João fez uma amada/conhecida em Maria.
 b. *João fez uma tossida/espurrada.

Essas restrições, apontadas em (29) e (30), também estão relacionadas ao fato de que os verbos leves *dar* e *fazer* podem ser interpretados em termos de traços. Duarte et al (2010), com base no modelo de Harley (2009)²⁴ para traços de especificação de verbalizadores,

²⁴ De acordo com Harley (2009, p. 333), os sabores de v^0 podem ser definidos pelos seguintes traços: a) v_{caus} : [+dinâmico], [+mudança de estado], [+causa]; b) v_{become} : [+dinâmico], [+mudança de estado], [-causa]; c) v_{do} : [+dinâmico], [-mudança de estado], [-causa]; e d) v_{be} : [-dinâmico], [-mudança de estado], [-causa].

afirmam que no PE o verbo leve *dar* se define por sua subespecificação para os traços [+durativo], [+instantâneo] e [+mudança] e por sua não subespecificação para o traço [+dinâmico]. Já o verbo leve *fazer*, segundo os autores, é definido por meio de sua subespecificação para os traços [+durativo] e [+mudança], porém por sua especificação para o traço [-instantâneo] e para o traço [+dinâmico], características que ele compartilha com a sua contraparte plena, visto que *fazer* pleno exige um sujeito animado, agente da ação de construir algo concreto, como vimos em (27). O Quadro 1, a seguir, traz os traços que, na compreensão de Duarte et al, definem esses dois verbos leves.

Quadro 1 – Traços que caracterizam os verbos leves *dar* e *fazer*

	[durativo]	[dinâmico]	[instantâneo]	[mudança]
Dar _{leve}	±	+	±	±
Fazer _{leve}	±	+	-	±

Fonte: Elaboração própria, baseada em Duarte et al (2010, p. 3).

A partir da leitura do Quadro 1, entendemos, então, que *dar* leve está habilitado a se combinar com nomes que denotam ou não duração, mudança e instantaneidade, e que expressam dinamicidade; já *fazer* leve está habilitado a se associar a nomes que manifestam ou não duratividade e mudança, no entanto não àqueles nomes que não expressam dinamicidade ou que denotam múltiplos eventos instantâneos. Essas constatações foram confirmadas para o PB pelos dados de Alves (2016) e Alves e Figueiredo (2018) e parecem se revalidar pelas sentenças do *corpus* desta tese, como podemos notar pelos exemplos de (31) a (34).

- (31) a. Hoje **dei uma caminhada** ao redor da minha casa/loja e pude entrar na nossa linda Catedral Basílica Menor de Curitiba.
- b. Hoje pela manhã **fiz uma caminhada** em Vilar dos Teles e no calçadão de Nova Iguaçu na companhia da prefeita e governadora Rosinha Garotinho.
- (32) a. Meu ateliê de laços, **dei uma arrumação** pra entrar um biombo só pra por arcos. Meu espaço é pequeno mas deu pra dar um jeitinho.
- b. Minha tia **fez uma arrumação** horrível no meu quarto.

- (33) a. O puxador comprido na cor preta **deu um acabamento** elegante aos móveis da cozinha.
 b. Fralda pintada Minnie, eu pintei e minha mãe **fez o acabamento!!**
- (34) Logo na tela de entrada do Windows (onde põe senha), a tela já **deu uma piscada**.

Como é possível observar, as formas duplas em (31), (32) e (33) confirmam o que está descrito no Quadro 1 com relação aos verbos leves *dar* e *fazer*: em (31), estão combinados com nomes que possuem os traços [+dinâmico], [+durativo] e [-mudança], uma vez que são derivados de *caminhar*, um verbo do tipo processo ou atividade; em (32), estão combinados com nomes que têm como base derivante o verbo *arrumar*, que apresentam os traços [+dinâmico], [+durativo] e [+mudança], um verbo do tipo processo culminado ou *accomplishment*; e em (33), estão associados a nomes derivados do verbo *acabar*, que tem o traço [-durativo], um verbo do tipo culminação ou *achievement*. Já em (34), *dar* leve está associado ao nome derivado do verbo *piscar*, que contém o traço [+instantâneo], um verbo do tipo semelfactivo, que expressa múltiplos eventos instantâneos. No *corpus* deste estudo, só não foram verificadas construções em que *dar* leve está combinado com nomes derivados de verbos do tipo estado (cf. (29a)) ou do tipo *achievement* que não permitem a reversibilidade da completude (cf. (29b)), e em que *fazer* leve está associado a nomes derivados de verbos do tipo estado (cf. (30a)) e do tipo semelfactivo (cf. (30b)), os quais manifestam múltiplas eventualidades pontuais.

Esses fatos, além de nos permitirem entender as combinações de verbo mais nome identificadas no *corpus*, explicam, por exemplo, nas subseções 4.1 e 4.3, o motivo de construções com *fazer*, um verbo que melhor se define como denotando evento singular, mas com início e término demarcados divididos em etapas, mais nome encabeçado pelo determinante *cada* não exigirem entonação forte ou focalização do determinante, enquanto construções com *dar*, que melhor se define como um verbo que não expressa início e término demarcados divididos em etapas, exigem tal entonação.

2.2.2 As nominalizações em *-ada*, *-ção* e *-mento* nas CVLs

Conforme afirma Rocha (1999), os sufixos nominalizadores *-ção*, *-mento* e *-ada* são, nesta ordem, os mais produtivos no PB. A leitura do Gráfico 1, apresentado anteriormente,

parece confirmar a produtividade desses sufixos, todavia não necessariamente na ordem discutida por Rocha: nas sentenças com *dar*, a prevalência é de nominalizações em *-ada* (são 68 ocorrências de um total de 121), e nas sentenças com *fazer*, predominam nominalizações em *-ção* (são 62 ocorrências de um total de 130).

Os sufixos *-ção* e *-mento* são classificados como sufixos concorrentes por Rocha (1999), pois, segundo ele, embora sejam distintos do ponto de vista fonético, apresentam o mesmo sentido e/ou função. Para Basílio (1996), esses dois sufixos estão aparentemente em competição na formação de nomes para os quais não temos restrições determinadas, podendo ocorrer um sufixo como o outro. Nas sentenças do *corpus*, não foi verificada a concorrência de *-ção* e *-mento*, entretanto foi identificada a concorrência de *-ada* e *-ção* (cf. (35)) e de *-ada* e *-mento* (cf. (36)).

- (35) a. Erick elogia trabalho de Carpegiani no Vitória: “**Deu uma arrumada** na nossa casa”.
- b. Meu ateliê de laços, **dei uma arrumação** pra entrar um biombo só pra por arcos. Meu espaço é pequeno mas deu pra dar um jeitinho.
- (36) a. Ontem eu **dei uma polida** na lente que eu vejo minha vida e percebi que estou exaurido...
- b. Empresa concessionária que efetuou a substituição do capô, **deu um polimento** especializado no teto.

As nominalizações em *-ada*, de acordo com Scher (2004), são nominalizações mistas²⁵, já que denotam propriedades tanto verbais, como expressar eventualidade e poder ser formadas, com alta produtividade, a partir de proposições da forma sujeito-predicado²⁶, quanto nominais, porque aceitam ser pluralizadas, aceitam adjetivos e não atribuem Caso acusativo para seu argumento interno, necessitando da presença da preposição *em* para que as exigências de Caso sejam satisfeitas (e.g., *a empurrada no João*). Já nominalizações com *-ção* são nominalizações derivadas, pois têm propriedades apenas de nomes, a julgar pelo Caso do argumento tema ser marcado por *de* (e.g., *a destruição da cidade*), aceitar adjetivos e

²⁵ Esse termo “nominalizações mistas” foi, primeiramente, empregado por Chomsky (1970) para construções verbo-partícula do inglês, como *Chris’s writing up of the paper* (A escrita de Chris do artigo), e, depois, utilizada por Harley e Noyer (1997) para nominalizações do inglês a partir da forma *DP’s V-ing of DP*, como *Belushi’s mixing of drugs and alcohol proved fatal* (A mistura de drogas e álcool de Belushi provou ser fatal).

²⁶ Embora a autora não apresente exemplos para esse caso, entendo que é algo como *Maria é atrapalhada*.

permitir marcas de plural. Os dados do *corpus* atestam o caráter nominal das nominalizações em *-ada*, *-ção* e *-mento*, uma vez que, em algumas sentenças com *dar* e *fazer*, ocorrem modificadas por adjetivos e/ou com marcas de plural, como se observa nos exemplos em (37) e (38).

- (37) a. Mas o Liam Hemsworth também **dá umas olhadas** apaixonadas para a Miley Cyrus.
- b. A exploração do carvão **deu sustentação** econômica à localidade durante muitos anos, atraindo muitas famílias a se instalarem aí.
- c. Neste período frio um comerciante **deu dois abatimentos** sucessivos, o primeiro de 10% e, uma semana depois, outro de 15% no preço de ventiladores da sua loja.
- (38) a. No período, ela **fez modificações** estruturais como quebrar uma parede e parte do muro para ter acesso à casa vizinha, onde morava a sogra.
- b. O HONDA **fez dois lançamentos** primorosos e o gol do jogo até aqui pois vamos fazer mais.
- c. A lindíssima Debutante Amanda **fez a Entrada** Triunfal pela Escada Principal da Mansão Tulipas!

Contudo, conforme Figueiredo et al (2013) e Reis e Figueiredo (2018), nominalizações em *-mento* e *-ção* também têm propriedades verbais, haja vista que podem expressar eventualidades. Para as autoras, a eventualidade denotada por nominalizações derivadas por esses sufixos se deve ao fato de elas, durante suas formações, passarem por uma projeção verbal e, por conseguinte, por uma projeção aspectual, em que se combinam traços que contribuem para a leitura de aspecto lexical, tais como dinamicidade, duratividade e telicidade.

As nominalizações em *-ada*, *-ção* e *-mento* também podem ser interpretadas em termos de traços semânticos. De acordo com Rodrigues (2013), o sufixo *-ada* é marcado com o valor [+] para o traço [repentino] e o sufixo *-mento*, com o valor [+] para os traços [processo] e [durativo]. Assim, uma palavra como *beliscada* significa um evento rápido, porém uma palavra como *beliscamento*, por exemplo, expressa o curso do processo em si. Já na visão de Rocha (1999), Oliveira (2014), Reis (2016) e Reis e Figueiredo (2018), o sufixo *-ção* também é marcado com o valor [+] para o traço [durativo], visto que, das nominalizações

com esse sufixo, se depreende uma leitura de repetição e/ou duração prolongada de um evento, como em *falação*, *beijação* e *começão*. O Quadro 2, abaixo, sintetiza os traços que definem esses sufixos.

Quadro 2 – Traços que caracterizam os sufixos *-ada*, *-ção* e *-mento*

	[durativo]
-ada	-
-ção	+
-mento	+

Fonte: Elaboração própria, com base em Rocha (1999), Rodrigues (2013), Oliveira (2014), Reis (2016) e Reis e Figueiredo (2018).

Da assertiva de Rodrigues (2013), podemos pensar que decorre a ideia de modalização do tipo *um pouco* e *rápido*, que modifica a dinamicidade e a duração da eventualidade expressa por CVLs com *dar* mais nominalizações em *-ada*. Scher (2004), no entanto, afirma que a leitura de evento diminutivizado, expressa por CVLs como *João deu uma arrumada na casa*, é um efeito que se deve ao verbo *dar* ou, pelo menos, à sua relação com a nominalização em *-ada*, pois construções com verbos plenos correspondentes a essas CVLs e que, portanto, não contam com esse verbo, não admitem essa leitura. Medeiros (2010) contesta esse posicionamento de Scher, afirmando que CVLs com nomes derivados com o sufixo *-ção* (e.g., *João deu uma arrumação na casa*) também denotam leitura de evento diminutivizado, porque descreve uma atividade de arrumar que foi, provavelmente, rápida, incompleta ou descuidada, assim como as CVLs com *dar* mais nominalizações em *-ada*, se comparada à descrita pela sentença *João arrumou a casa*. Dessa forma, para Medeiros, a interpretação diminutivizada não está codificada na estrutura da nominalização, mas no contexto sintático em que ela ocorre.

Em Alves (2016) e Alves e Figueiredo (2018), assumi, em decorrência do traço [-durativo] que pode definir o verbo leve *dar* e dos traços contidos nos sufixos (*-ada* [-durativo], *-ção* [+durativo] e *-mento* [+durativo]), que as CVLs com essas combinações denotam leitura de evento diminutivizado, entretanto em diferentes graus. Já as CVLs com *fazer* com os mesmos sufixos, sugeri que elas não expressam essa leitura, em razão dos traços que caracterizam os três sufixos e o traço [-instantâneo] que caracteriza esse verbo leve. Nesta tese, revejo a leitura de evento realizado rapidamente, incompletamente etc., das CVLs com

dar, associando, em grande medida, à presença do elemento *uma*, uma vez que na ausência desse item não se identifica leituras como essas, conforme se nota pelos exemplos em (39).

- (39) a. Maria **deu uma corrida** na praia.
 b. Maria **deu risada** de João.
 c. Maria **deu CADA encarada** em João.
 d. Maria disse que **deu a mordida** em João porque ele a mordeu primeiro.

Em (39a), com o determinante *uma*, a leitura da CVL é de um evento realizado de forma breve. Em (39b), sem a presença de um determinante foneticamente realizado, a leitura é de que apenas Maria riu, sem ser possível afirmar que foi de forma rápida ou demorada. Já em (39c) e (39d), com outros determinantes diferentes de *uma*, determinantes definidos, a interpretação é de algo definido e referencial e, além disso, de um evento realizado de forma intensa (cf. (39c)) ou de um evento em que não há possibilidade de interpretação de que ocorreu brevemente ou intensamente (cf. (39d)).

Esse posicionamento quanto à associação da leitura de evento rápido ou incompleto, das CVLs com *dar*, com a presença do determinante *uma*, vai ao encontro do que sugere Kearns (2002) para o inglês. Segundo a autora, no inglês, as CVLs do tipo construção com verbo leve verdadeiro (CVLV), como em (40), expressam eventos breves, os quais estão associados à presença do determinante *a* (um/uma). Contudo, segundo Kearns, essa leitura de evento breve, resultante da presença do determinante *a*, pode ser desfeita por um elemento modificador, como em (41).

- (40) a. John gave the tables a wipe
 “John deu uma limpada nas mesas”.
 b. Give a groan.
 “Deu um gemido”

- (41) John gave the floor a thorough sweep
 “John deu uma varrida completa no chão”.

Por sua vez, as construções com verbos de ação vaga (CVAV) não possuem essa leitura, expressando as mesmas propriedades das construções com um verbo base da nominalização, como se vê no contraste em (42).

- (42) a. John inspected the factory.
 “John inspecionou a fábrica”.
- b. John made an inspection of the factory.
 “John fez uma inspeção na fábrica”.

(KEARNS, 2002, p. 5)

Considerando que no *corpus* há construções que levam a uma leitura de evento breve, incompleto ou descuidado, bem como que há construções que são neutras para tais interpretações, como mostro nas subseções 4.1, 4.2, 4.3 e 5.2, vou propor essa distinção para o PB.

A seguir, apresento os testes que Kearns aplicou para afirmar que no inglês as CVLs são de dois tipos, realizando uma comparação com o PB.

2.3 OS DOIS TIPOS DE CVLs NO INGLÊS

No inglês, de acordo com Kearns (2002), a classe tradicionalmente denominada CVL envolve dois tipos bastante distintos de construções, os quais ela chamou de construções com verbos leves verdadeiros (CVLVs) (cf. (43)) e construções com verbos de ação vaga (CVAVs) (cf. (44)).

- (43) a. give the floor a sweep
 “dar uma varrida no chão”
- b. give a groan
 “dar um gemido”
- c. have a lick of this icecream
 “dar uma lambida neste sorvete”
- (44) a. make an inspection
 “fazer uma inspeção”

- b. give a demonstration
“dar uma demonstração”
- c. do the ironing
“passar a roupa”

(KEARNS, 2002, p. 1)

Para advogar em favor dessa divisão, Kearns submeteu as sentenças, incluídas na classe CVL, a um conjunto de testes sintáticos e semânticos, tais como passivização, pronominalização, relativização e definitude. Vejamos, a seguir, como se deram esses testes e os resultados obtidos para o inglês, bem como para o PB a partir da comparação dos dados.

I. Passivização

VLV

- (45) a. *A sweep was given (to) the kitchen floor this morning.
“Uma varrida foi dada no chão da cozinha esta manhã”.
- b. *A groan was given by the man on the right.
“Um gemido foi dado pelo homem à direita”.

VAV

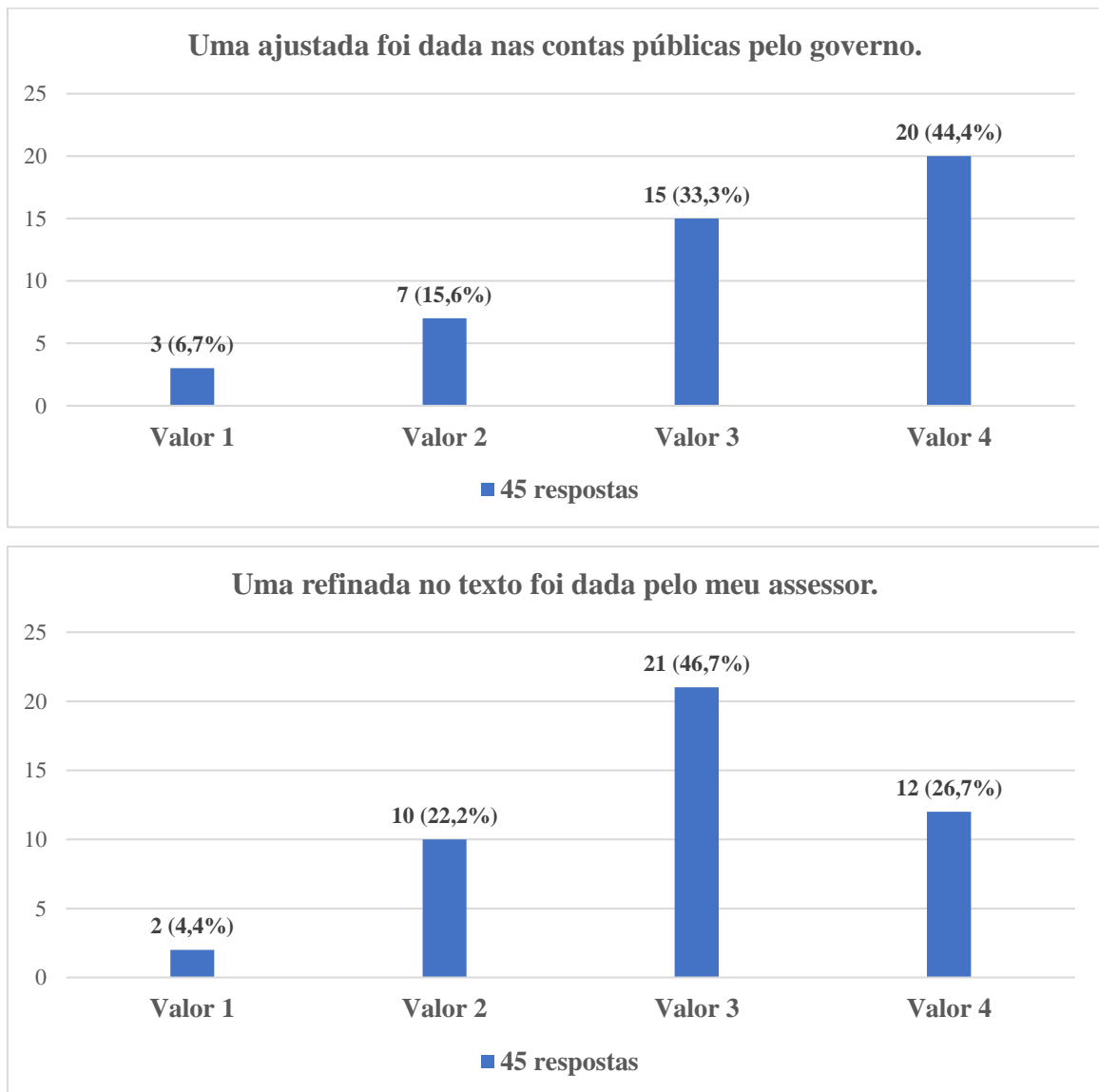
- (46) a. An inspection was made some time last week.
“Uma inspeção foi feita na semana passada”.
- b. A demonstration of the new equipment will be given on Monday.
“Uma demonstração do novo equipamento será dada na segunda-feira”.

(KEARNS, 2002, p. 2)

Em (45), segundo Kearns, a agramaticalidade resulta do fato de o nome de uma CVLV, como *give the floor a sweep* (dar uma varrida no chão), não poder ser transformado no sujeito de uma sentença passiva, visto que é um predicado. Já em (46), a gramaticalidade é possível, porque o nome de uma CVAV, como *make an inspection* (fazer uma inspeção), é um argumento e passivas operam sobre esses elementos.

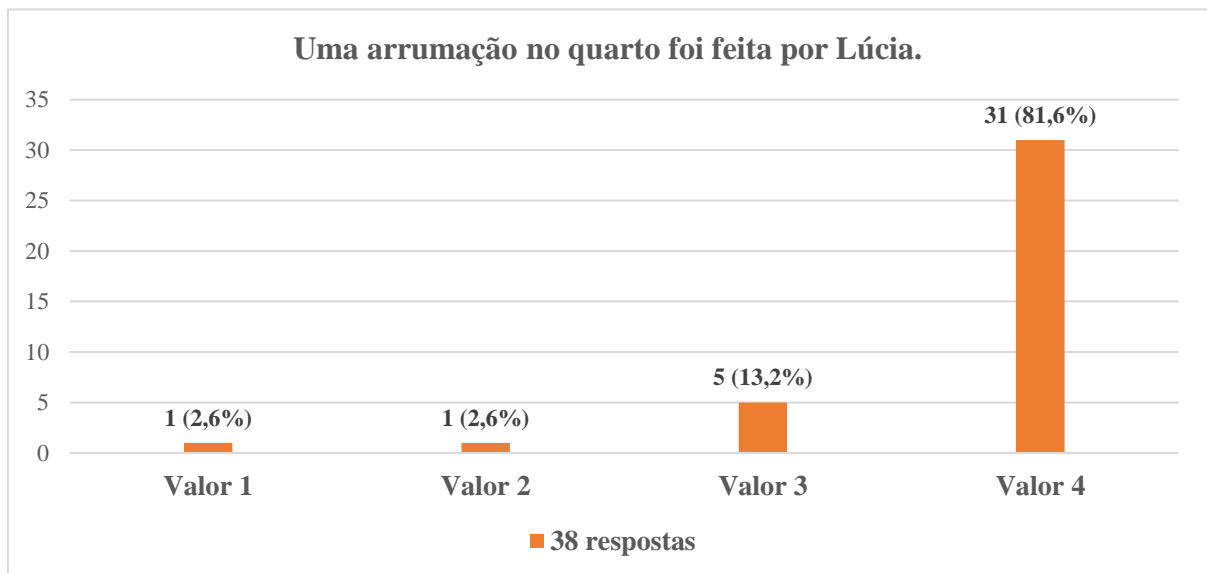
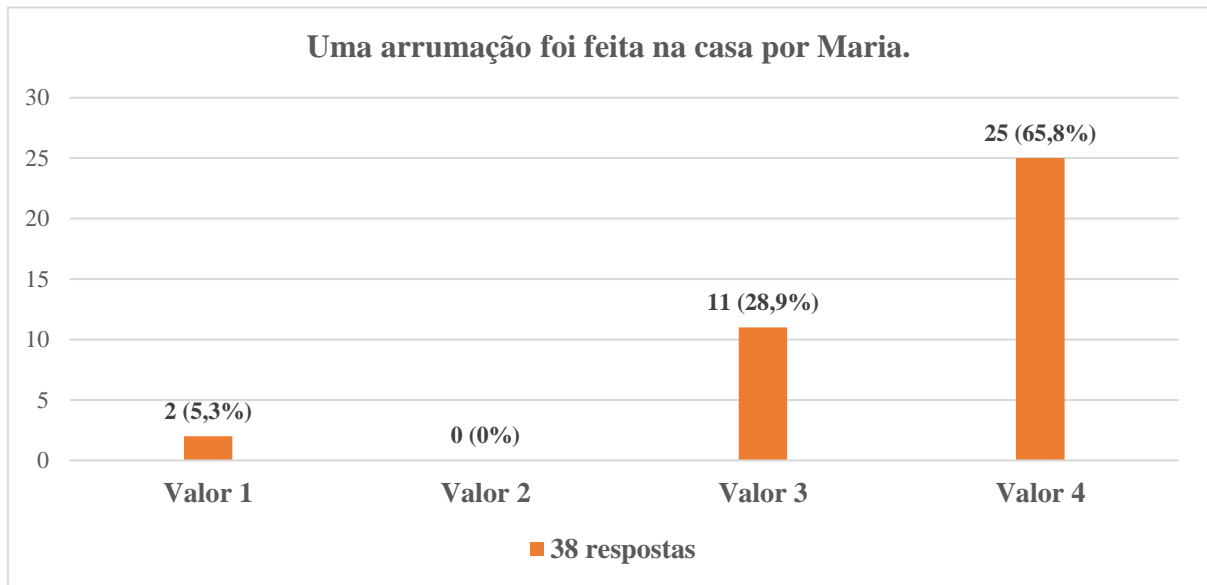
No PB, no entanto, a partir da realização de uma sondagem²⁷, Alves e Figueiredo (no prelo) mostram que o nome complemento do verbo, que constitui construções incluídas na classe CVL, pode ser transformado no sujeito de uma sentença passiva, como é possível verificar através dos resultados dos Gráficos 2, com o verbo leve *dar*, e dos Gráficos 3, com o verbo leve *fazer*.

Gráficos 2 - Resultado dos julgamentos das sentenças com *dar*



Fonte: Alves e Figueiredo (no prelo).

²⁷ Foram aplicados, através do *Google Forms*, teste de aceitabilidade a dois grupos com 50 falantes nativos do PB, os quais deveriam atribuir valores que correspondiam à impressão que tinham de algumas sentenças: **valor 1** - é totalmente inaceitável; **valor 2** - é estranha, mas não é de um todo inaceitável; **valor 3** - é boa, mas ainda causa um pouco de estranhamento; e **valor 4** - é totalmente aceitável. Do total de informantes que receberam os testes, 45 do Grupo 1 responderam e 38 do Grupo 2 responderam. Os links para acesso aos testes foram enviados pelas redes sociais.

Gráficos 3 - Resultado dos julgamentos das sentenças com *fazer*

Fonte: Alves e Figueiredo (no prelo).

Como se observa, nas sentenças dos Gráficos 2 e nas sentenças dos Gráficos 3, diferentemente do que aponta Kearns para o inglês, o nome complemento do verbo pode ser sujeito de uma sentença passiva, independentemente do tipo de nome e do tipo de verbo, haja vista que a maioria dos respondentes julgou as sentenças como totalmente aceitáveis (valor 4) ou boas (valor 3). O alçamento do nome para a posição de sujeito de uma sentença passiva é possível tanto sem o PP (cf. primeiras sentenças dos Gráficos 2 e 3) quanto com o PP (cf. segundas sentenças dos Gráficos 2 e 3). A possibilidade de transformação do nome complemento do verbo de uma CVL em sujeito de sentença passiva, como sinalizam os

resultados dos testes, é contrária à posição de Scher (2004)²⁸ e de Lisboa de Liz (2005) para as CVLs com *dar* mais nominalizações em *-ada*, mas corrobora o que Medeiros (2010) já havia dito, isto é, construções como as apresentadas nos Gráficos 2, não “parecem de todo ruins” (MEDEIROS, 2010, p. 115).

No PB, porém, algumas CVLs parecem não permitir a transformação do nome objeto em sujeito de uma sentença passiva, como nos exemplos em (47).

- (47) a. João **deu CADA olhada** em Maria
 b. ***Cada olhada** João deu em Maria.

Em (47a), a leitura que se tem é que o evento de olhar foi realizado de forma intensa, todavia essa leitura se perde quando o nome objeto é alçado para a posição de sujeito, como se verifica em (47b), sendo, inclusive, uma sentença inaceitável. Nunes (2001) tratou da impossibilidade de se manter a entonação silabada ou focalização do determinante quando o nome está em posição de sujeito, como nos exemplos em (48).

- (48) a. o-Jo-ão-dan-çou-com-U-MA-me-ni-na.
 b. ??U-MA-me-ni-na-dan-çou-com-o-Jo-ão

(NUNES, 2001, p. 2)

Segundo Nunes, a entonação do determinante “só é lícita se puder se espalhar exaustivamente de baixo para cima (i) dentro de uma mesma unidade de c-comando e (ii) de fase a fase” (NUNES, 2001, p. 4). Assim, o autor toma as ideias de unidade de c-comando e de *Spell-out*, aplicando-se mais de uma vez, para explicar o fato de a entonação não ser lícita na posição de sujeito, pois tem a configuração de diferentes unidades de c-comando. Quadros Gomes (2004) também apontou que o item *cada* só permite ser focalizado na posição de objeto, como discuto em 3.1.4.5.

II. Pronominalização

²⁸ Ana Paula Scher (comunicação pessoal) me relatou que, hoje, em seu julgamento, a passivização não é tão ruim como julgava à época da sua tese. Segundo ela, sendo a passiva uma espécie de sentença inacusativa, é perfeitamente aceitável que o sujeito ocorra tanto em posição pré-verbal quanto pós-verbal, mas, ainda assim, julga melhor a passiva em CVLs na posição pós-verbal.

VLV

- (49) ?? The deceased gave a groan at around midnight, and gave another one just after two.

“O falecido deu um gemido por volta da meia-noite e deu outro logo após as duas”.

VAV

- (50) a. The Health Department made an inspection on Monday and may make another one before prosecuting.
 “O Departamento de Saúde fez uma inspeção na segunda-feira e pode fazer outra antes de processar”.
- b. If you can give a presentation after lunch, I'll give one/mine after yours.
 “Se você puder fazer uma apresentação depois do almoço, eu farei uma/a minha depois da sua”.

(KEARNS, 2002, p. 3)

No tocante aos resultados das construções em (49), Kearns ressalta que se devem ao fato de o nome de uma CVLV não poder ser pronominalizado devido ao seu estatuto de predicado (insaturado), dado que um pronome é uma categoria saturada. Por sua vez, o comportamento expresso pelas construções em (50) ocorre porque o elemento nominal possui o estatuto de argumento (saturado).

Entretanto, como se observa a partir da tradução dos exemplos, enquanto a construção em (49), no inglês, é apontada por Kearns como marginal, no PB, é totalmente aceitável. Nesse exemplo, é possível perceber a existência de dois eventos diferentes, pois o pronome *outro* “another” pressupõe um novo referente. É como se dissesse *O falecido gemeu a meia noite e gemeu duas horas depois*, em que há outro significado, não sendo possível retomar o mesmo gemido; trata-se de um novo evento de gemer. Desse modo, o pronome indefinido *outro* tem referência disjunta²⁹ (LEONETTI, 1999; MOURA NEVES, 2000 etc.), ou seja, não está operando como um correferente, fato que, como aponta Lyons (1977), perturba qualquer teoria da pronominalização, a qual se baseia na noção de correferência.

Os pronomes indefinidos, grupo em que se inclui o item *outro*, conforme Moura Neves (1990, 2000), são, além de determinantes, palavras não-fóricas, haja vista que não constituem itens com função de instruir a busca pela recuperação semântica na situação. Dos

²⁹ Para mais informações sobre referência disjunta, sugiro ver Figueiredo (2009), Meira (2018) etc.

pronomes indefinidos, o único que ainda pode fazer referência comparativa genérica é o pronome *outro*, como em *os que amam contam suas virtudes, os outros os acusam, se não de cometer delitos, de serem perigosos* (MOURA NEVES, 2000, p. 533). Assim, podemos pensar que *outro*, em (49), é um determinante que exige um nome, esse nome que está elíptico, fortalecendo a ideia de que a construção não envolve um processo de pronominalização, mas de elipse³⁰.

Construções como em (50), apontadas por Kearns como gramatical, também são gramaticais no PB. Do mesmo modo que em (49), os pronomes *outra* “another” e *uma/minha* “one/mine” pressupõem um novo referente. Logo, tanto em (50a) quanto em (50b), há dois eventos diferentes. Em (50b), embora se use o *uma*, a apresentação é a *minha* e não a *dele*, e, quando se diz *a minha depois da sua*, está atribuindo uma nova referência. Portanto, os pronomes *outro* e *uma/minha* não são correferenciais. Dessa maneira, também em (50) não se pode dizer que ocorreu pronominalização; tem-se um processo de elipse. Infere-se, então, que no PB o teste da pronominalização não serve para distinguir tipos de sentenças que são tradicionalmente classificadas como CVL, pois o que ocorreu, aqui, foi um teste de elipse, o qual se aplicou da mesma forma nas duas situações testadas.

III. Relativização

VLV

- (51) a. ?? The groan (which) he gave startled me.
 “O gemido que ele deu me assustou”.
- b. ?? The pull (which) John gave the rope had little effect.
 “A puxada que John deu na corda teve pouco efeito”.

VAV

- (52) a. The offer (which) the finance company made was surprisingly generous.
 “A oferta que a empresa financeira fez foi surpreendentemente generosa”.
- b. The explanation (which) the second witness gave seemed more plausible.
 “A explicação que a segunda testemunha deu parecia mais plausível”.

(KEARNS, 2002, p. 2-3)

³⁰ Sugiro a leitura de Cyrino (1994) e Figueiredo (2009) para maiores informações.

Para Kearns, o resultado marginal das sentenças em (51) ocorre porque o complemento nominal de um VLV não pode ser modificado por uma sentença relativa, diferentemente do que acontece com o complemento de um VAV em (52), que permite tal modificação. A partir das traduções dos exemplos, percebemos que o PB se comporta de forma distinta do inglês, uma vez que a modificação por uma sentença relativa é totalmente aceitável em todos os casos testados. Esse comportamento está de acordo com o resultado identificado por Scher (2004), discutido em (20). O teste da relativização, dessa forma, também não serve para identificar tipos de sentenças incluídas, geralmente, na classe denominada CVL no PB.

IV. Definitude

VLV

- (53) a. The bike looks terrific.
 “A moto está ótima”.
- b. * Who gave it the polish?
 “Quem deu a polida/o polimento”?
 (cf. Who did the polishing?)
 (cf. “Quem fez o polimento”?)

VAV

- (54) a. I can't find the report and I don't know who made the inspection.
 “Não consigo encontrar o relatório e não sei quem fez a inspeção”.
- b. The representative who gave the demonstration left his card.
 “O representante que deu a demonstração deixou seu cartão”.

(KEARNS, 2002, p. 3)

Sobre (53b), Kearns aponta que é agramatical, visto que o nome complemento de um VLV deve ser indefinido, devido ao seu estatuto de predicado. Já as construções em (54) não apresentam esse mesmo comportamento, pois, tendo o estatuto de argumento, o nome complemento do VAV pode ser definido.

No PB, contudo, verifica-se, a partir das traduções dos exemplos, que tanto (53) quanto (54) são gramaticais. Em (53) e em (54), a familiaridade instaurada pelos determinantes torna o nome num referente conhecido e/ou identificável por falante e por

ouvinte (HEIM, 1982; LYONS, 1999 etc.), o que acaba conferindo definitude e referencialidade à expressão nominal. Assim, esses exemplos que Kearns considera como fazendo parte de grupos distintos no inglês, no PB, parecem participar de um único grupo, já que o comportamento foi o mesmo nos dois casos. Todavia, a definitude e a referencialidade não se aplicam às construções em que se verificam uma leitura de evento realizado de forma breve, incompleta, descuidada etc., como demonstro na Seção 4.

Em síntese, para Kearns, os resultados dos testes estão relacionados ao tipo de nome que compõe essas sentenças. Em CVLV, o nome: a) é base e formalmente idêntico a um verbo; b) é categorialmente ambíguo, ora se comporta como verbo, ora como nome; e c) é limitado a essas construções; não ocorre livremente em outros ambientes³¹. Já em CVAV, o nome: a) não é categorialmente ambíguo, sendo apenas substantivo; e b) ocorre livremente em outros ambientes.

No PB, o que parece é que os tipos de nome e/ou de verbo não interferem nos resultados, haja vista que, em termos de traços semânticos, foram utilizados nomes formados a partir de diferentes sufixos (*-ada*, *-ção* e *-mento*), associados a diferentes verbos (*dar* e *fazer*) e não houve diferenças significativas. Além disso, os nomes em *-ada*, *-ção* e *-mento* podem ocorrer em contextos diferentes de CVLs, como vemos em (55).

- (55) a. Duas **lavadas** na calça e ela ficou desbotada.
 b. A **empolgação** de João contagiou a todos.
 c. O **rendimento** da conta digital PagBank é maior que o da Poupança.

No PB, uma das diferenças que parecem envolver as CVLs com *dar* está relacionada à presença/ausência de referencialidade e/ou de definitude do elemento nominal, como também à leitura de evento realizado incompletamente, brevemente etc., nos casos em que os nomes não são nem referenciais, nem definidos, como se vê nas sentenças em (56).

- (56) a. João disse que só **deu a mordida** em Maria porque teve um ataque de fúria.
 (nome: +definido; +específico/referencial)
 b. Maria **deu uma realçada** na maquiagem.
 (nome: -definido; -específico/não referencial)

³¹ A autora não aponta que outros ambientes são esses.

Essa suspeita fica mais evidente e parece se confirmar a partir da descrição das ocorrências do *corpus* na Seção 4 e na subseção 5.2.

Kearns (2002) também aponta que outra diferença que envolve as CVLVs e as CVAVs se refere à possibilidade de recuperação de significado do verbo. Para a autora, se, nas CVLVs, o verbo não tem sua Estrutura Lexical Conceitual ativa, não é esperado encontrar contribuição semântica, mas, se, nas CVAVs, o verbo mantém sua Estrutura Lexical Conceitual ativada, espera-se encontrar alguma evidência da sua contribuição semântica. Vejamos os exemplos em (57).

- (57) a. We made an agreement on this.
 “Fizemos um acordo sobre isso”.
- b. I saw the man give a performance of the Indian rope trick.
 “Vi o homem dar uma performance do truque de corda indiano”.

(KEARNS, 2002, p. 22-23)

Em (57a), Kearns argumenta que uma posição de acordo foi feita ou criada, talvez, por negociação e compromisso. Já em (57b), considerando que requer a intenção de abordar um público, recupera-se o significado de comunicar. Logo, a pesquisadora assume que, nas CVAVs, com o verbo *make* (fazer), sempre será possível recuperar a ideia de construção e, nas CVLVs, com o verbo *give* (dar), a noção presente será de comunicar.

No PB, as diferentes sentenças que são, habitualmente, nomeadas CVLVs parecem não apresentar o mesmo comportamento verificado no inglês. Observemos os exemplos em (58) e em (59).

- (58) a. O Whatsapp **fez uma atualização** que desagradou a todos os usuários.
 b. A cientista Jaqueline **fez o sequenciamento** do genoma do Covid-19.
- (59) a. Pedro acrescentou algumas informações no texto e parece que **deu uma melhorada**.
 b. As mordidas em João foram assunto no JN de ontem. Mas, Maria disse que **deu as mordidas** para se defender.

Em (58), com o verbo *fazer*, é possível recuperar o significado de construir/realizar/produzir, mesmo que seja algo vago, um evento e não uma entidade. Em *fez*

uma atualização e fez o sequenciamento, há a continuação da ideia de que se agiu de uma determinada forma para resultar em algo da mesma maneira que em *fez uma cadeira*, em que *fazer* é verbo pleno. Por sua vez, em (59), com o verbo *dar*, há uma nítida perda do significado de transferência de posse, como também não se recupera a ideia de comunicar, nem qualquer outro conteúdo semântico. Dessa forma, no PB, apenas as sentenças com *fazer* parecem ser CVAVs e as sentenças com *dar*, CVLVs, cabendo, ainda, uma subdivisão, uma vez que em umas o nome é definido e/ou referencial e não há leitura de evento realizado de forma breve ou incompleta etc. (cf. (59b)), e em outras o nome é indefinido e não referencial e há a leitura de evento realizado de forma incompleta (cf. (59a)). Na Seção 4, desenvolvo essa discussão com a descrição dos dados do *corpus*.

2.4 CONSIDERAÇÕES DA SEÇÃO

Nesta seção, realizei uma incursão pelas características que os linguistas dispensam às CVLs, mostrando que há discordâncias, sobretudo, com relação à função que os elementos que as constituem assumem quanto à seleção argumental e à atribuição de papel temático. Assumi, junto a Kearns (2002) para o inglês, que no PB o responsável por essa função varia, tendo em vista que, em ambas as línguas, as sentenças incluídas na classe CVL são de tipos bastante diferentes. Ademais, revelei que, embora ainda tenha quem discorde, uma das características de maior convergência, pois parece dar conta de um grande número de CVLs nas línguas românicas, é a possibilidade de paráfrase da construção por um verbo pleno base da nominalização. Outro ponto abordado e que apresentou divergência é com relação às questões de referencialidade e de (in)definitude do elemento nominal que formam as CVLs. Sobre esse aspecto, sugeri, apoiada em Moura Neves (1996), Alves e Scher (2020) e Alves e Figueiredo (no prelo), que as CVLs do PB podem ser compostas por nomes definidos e referenciais e por nomes não referenciais, resultando numa divisão dessa classe. Nos casos em que os nomes não são referenciais, as construções parecem denotar uma leitura de evento realizado de forma breve, incompleta ou descuidada.

Munida dessas informações, passo, agora, para a terceira seção, onde apresento os conceitos de referencialidade, de definitude, de indefinitude e de especificidade, os quais embasam a descrição dos dados do *corpus* a ser realizada na quarta seção, assim como a hipótese de que, no PB, as sentenças, normalmente, tratadas como CVLs formam grupos muito distintos, a depender, principalmente, da presença/ausência dos valores referencial e/ou

definido no elemento nominal que compõe o predicado complexo que são essas construções, mas também da leitura de evento breve, incompleto, descuidado etc., e da possibilidade de contribuição semântica do verbo.

3 A REFERENCIALIDADE DOS NOMES E A (IN)DEFINITUDE DOS DETERMINANTES: ORIENTAÇÕES TEÓRICAS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS

Esta seção tem como objetivo apresentar elementos que possam comprovar ou refutar a hipótese desta tese de que no PB as sentenças que são denominadas CVLs não fazem parte de um único grupo, conforme modelo de Kearns (2002) para o inglês, discutido na Seção 2. Todavia, diferentemente do que acontece no inglês, essa divisão no PB não se deve ao tipo de nome, antes, parece estar relacionada, em grande medida, à presença/ausência das propriedades referencialidade e/ou definitude no elemento nominal.

Para alcançar tal objetivo, discorro sobre aspectos, apontados pela literatura, como delimitadores dos conceitos de referencialidade (cf. subseção 3.1), definitude (cf. subseção 3.2), indefinitude e especificidade (cf. subseção 3.3). Tendo em vista que essas propriedades são costumeiramente associadas à presença de determinantes, também trato do papel de alguns desses itens, como artigos definidos, artigos indefinidos, pronomes demonstrativos, pronomes possessivos e quantificadores³² (cf. subseção 3.4).

3.1 A REFERENCIALIDADE

O ato de referir ou de selecionar referentes no mundo, de acordo com Abbott (2010), está na alma da linguagem humana, e pode ser percebida em pequenos gestos ainda no início da vida. Nas palavras da autora,

If you use your finger to try to point something out to a cat, it will sniff your finger - it won't get the point, so to speak. But human babies point at things before they walk

³² Devido à questão de alguns desses elementos coocorrerem, a exemplo de artigos definidos e pronomes possessivos (e.g., *Encontrei o seu livro*), artigos definidos e numerais (e.g., *Encontrei os dois livros*) e pronomes possessivos e numerais (e.g., *Encontrei seus dois livros*), costumam-se contestar o estatuto de determinante dos pronomes possessivos e dos numerais, uma vez que eles não estariam em distribuição complementar, por isso ocupariam espaços sintáticos distintos. Porém, de acordo com Raposo et al (2013), em línguas como o PB, na medida em que esses elementos podem ocupar uma posição pré-nominal e ocorrer em posição inicial sem nenhum determinante (e.g., *Comprei seu livro; Comprei dois livros*), faz sentido dizer que esses itens são determinantes. Também sobre esse assunto, segundo Castro (2006) e Floripi (2008), há estudos que apresentam uma diferença entre o PE e o PB quanto ao emprego e, consequentemente, à denominação dos possessivos. Conforme essas autoras, o que esses estudos colocam é que, considerando que o PE exige a presença do artigo definido ou do demonstrativo (e.g., *o/aquele meu livro*), permitindo sua combinação com o possessivo, o possessivo não pode ser, ele mesmo, um determinante, pois não poderia ocupar a mesma posição que aquela do determinante, comportando-se como um adjetivo; seria um possessivo adjetival. Por sua vez, o PB permite a ausência do artigo (e.g., *meu livro*). Assim, para esses estudos, o possessivo está em distribuição complementar com o determinante, portanto comporta-se como um determinante, visto que pode ocupar a posição D (posição de determinante); seria, então, um possessivo determinante.

or talk, and apparently with the intention of getting another to focus on the same item [...]. This little piece of human behavior could be seen as the essence and beginning of reference (ABBOTT, 2010, p. 1)³³.

Diversos fatores desempenham um papel na referência, como o nome, o determinante, o contexto linguístico e não linguístico, o conhecimento do mundo, a posição sintática e o *status* de informação do sintagma nominal (doravante, SN), afirmam Aguilar-Guevara, Le Bruyn e Zwarts (2014). Além disso, as línguas, em todo o mundo, variam no modo como expressam propriedades referenciais, mais notavelmente em seu inventário de artigos definidos e indefinidos. Tudo isso tornou a referencialidade num domínio de interesse de investigação por estudiosos de diferentes campos de atuação.

Foi na área lógico-filosófica, com Frege (1892), Russel (1905) e Strawson (1950), que se iniciou o estudo da referencialidade, que, ao ser proposta, se relacionou com expressões nominais definidas. Porém, foi a partir de Donnellan (1966) que a discussão sobre referencialidade ganhou força. Donnellan, abordando sentenças como seu famoso exemplo em (1), argumentou que as descrições definidas podem ser usadas atributivamente e referencialmente.

(1) Smith's murderer is insane.

“O assassino de Smith é louco”.

(DONNELLAN, 1966, p. 285)

Conforme Donnellan, para entender a *leitura atributiva* da descrição definida *O assassino de Smith*, é preciso considerar, por exemplo, uma situação em que alguém se depara com o pobre do Smith brutalmente assassinado e que, a partir da brutalidade da sua morte e do fato de Smith ser a pessoa mais doce e adorável do mundo, exclama a frase em (1). O enunciado, nesse caso, transmite que quem quer que tenha assassinado Smith é louco; ou seja, não se sabe quem fez aquilo. Em contrapartida, segundo o autor, para compreender a *leitura referencial* da descrição definida, é necessário imaginar que Jones tenha assassinado Smith e que tenha sido levado a julgamento. Suponhamos que Jones, no tribunal, esteja se comportando de maneira muito estranha, como cuspiendo no juiz. Nesse momento, um

³³ “Se você usar o dedo para tentar apontar algo para um gato, ele farejará o dedo - não vai entender, por assim dizer. Mas, bebês humanos apontam para as coisas antes de andar ou falar e, aparentemente, com a intenção de fazer com que outra pessoa se concentre no mesmo item [...]. Este pequeno fragmento de comportamento humano pode ser visto como a essência e o começo da referência” (Tradução minha).

espectador pode proferir a frase em (1) ou fazer um aceno de cabeça na direção de Jones, a fim de afirmar que o indivíduo Jones é louco. Assim, enquanto no uso atributivo se diz algo sobre quem ou o que quer que se enquadre na descrição usada, no uso referencial, a descrição utilizada é apenas um meio para fazer o ouvinte perceber qual entidade está sendo falada.

A referencialidade, na ótica de Chierchia (1991), é um termo escorregadio, o que significa dizer que não é fácil de ser definido. No entanto, de acordo com Abbott (2010), referencialidade é um fenômeno semântico em que expressões linguísticas estão diretamente relacionadas às coisas do mundo, em outros termos, quando as próprias expressões podem ser consideradas referenciais.

Ainda conforme Abbott (2010), muitos tipos de expressões linguísticas podem ser considerados referenciais, como nomes³⁴, verbos, adjetivos e advérbios³⁵. Nesta tese, porém, o foco serão as nominalizações deverbais, formadas pelos sufixos *-ada*, *-ção* e *-mento*, que ocupam a posição de objeto direto das sentenças que são incluídas na classe CVL no PB.

Os elementos nominais, na perspectiva de Duarte e Oliveira (2003), são categorias linguísticas caracterizáveis semanticamente por terem um potencial de referência, visto que são utilizados em situações concretas de comunicação, com função de nomeação. De modo geral, expressões referenciais estão relacionadas a nomes próprios, a pronomes pessoais e a SNs definidos (LACA, 1999; DUARTE; OLIVEIRA, 2003; ABBOTT, 2010 etc.), como vemos em (2).

- (2) a. **Bill Gates** é rico.
 b. **Pedro** mora em Salvador.
 c. **Ele** é negacionista. (Bolsonaro)
 d. **O gato** sumiu de casa o dia inteiro.

Duarte e Oliveira (2003) argumentam que nomes próprios, como *Bill Gates* em (2a), designam rigidamente uma única entidade sócio e culturalmente saliente que o ouvinte

³⁴ De acordo com Wall (2013), nomes referenciais tanto podem ser concretos (uma pessoa, um objeto etc.) quanto podem ser abstratos (um evento, um sentimento etc.).

³⁵ Abbott (2010, p. 25) faz essa consideração baseada na suposição de composicionalidade em ambos os níveis (sentido e referência) de Frege, que, segundo ela, significa que todos os constituintes de uma frase devem ter referência, bem como sentido, pelo menos se essa frase tiver um valor de verdade (seja verdadeiro ou falso). No entanto, para a autora, isso coloca a noção de referência de Frege em conflito com a noção pragmática de referência, na qual apenas NPs definidos (e apenas em alguns de seus usos) podem ser utilizados pelos falantes para se referir a coisas. E acrescenta que, como consequência, os filósofos frequentemente focam, em particular, na referência singular, uma relação semântica que corresponde mais de perto à pragmática, pois envolve apenas NPs que se aplicam a um único indivíduo.

identifica facilmente como o fundador da Microsoft. Já casos como em (2b), embora possam existir muitos indivíduos chamados *Pedro*, se for comunicativamente adequado, *Pedro* designa um único e o mesmo indivíduo tanto para o falante quanto para o ouvinte. Para Duarte e Oliveira e para Laca (1999), um nome próprio sempre constitui, por si só, expressão referencial. As autoras mencionam que o que caracteriza um nome próprio como uma expressão referencial é o fato de estabelecer uma relação semântica de referência com um objeto, uma relação que independe do contexto proposicional em que aparece a expressão.

Diferentemente, pronomes pessoais dependem do contexto para serem considerados referenciais (DUARTE; OLIVEIRA, 2003). Em (2c), segundo Abbott (2010), Ferreira (2019) e Cerqueira (2019), o pronome *Ele* trata-se de uma expressão referencial que, devido ao traço dêitico em sua composição, pode ter o seu referente identificado, uma vez que implica uma leitura ostensiva³⁶. Por outro lado, nome comum, como em (2d), de acordo com Laca e Duarte e Oliveira, não pode, por si só, constituir expressão referencial, sendo necessário ser introduzido por um determinante, por exemplo, um artigo definido. Em todos os casos de (2), nota-se que os SNs estabelecem e fixam referência a uma entidade particular do universo.

Nomes encabeçados por artigos definidos podem ser interpretados como referenciais (cf. (2d)), mas também podem ser interpretados como não referenciais, como em (3a), em que apresenta uma leitura genérica, significando classe, espécie ou tipo (LYONS, 1999; MÜLLER, 2000; ABBOTT, 2010 etc.). Além disso, também engatilham leitura de classe, espécie ou tipo, nomes encabeçados por artigos indefinidos (LYONS, 1977; LYONS, 1999; ABBOTT, 2010 etc.) ou nomes nus, isto é, sem determinante foneticamente realizado (exceto nomes próprios), tanto no singular quanto no plural³⁷ (CARLSON, 1977, 1989; LACA, 1999; LYONS, 1999; SCHMITT; MUNN, 1999; ABBOTT, 2010; HEIM, 2011 etc.).

- (3) a. **O(s) baiano(s)** é(são) acolhedor(es).
 b. **Um gato** tem quatro patas.
 c. **Professor(es)** ganha(m) pouco.

³⁶ Leitura própria de elementos dêiticos, cuja referência é externa ao escopo sentencial (PIRES DE OLIVEIRA, 2001; CERQUEIRA, 2019).

³⁷ Carlson (1977) cunha o termo *bare plural* e argumenta que, em inglês, NPs plurais seriam os autênticos nominais genéricos. Diferentemente do que ocorre no inglês, em que a ausência do artigo parece ser a regra para os casos de leitura genérica, no espanhol, conforme Laca (1999), essa interpretação requer a presença do artigo, e, no alemão, a leitura genérica alterna entre presença e ausência de artigo. O PB, como demonstram os exemplos em (3), se assemelha ao alemão.

Como é possível perceber, enquanto em (2d) a expressão nominal, encabeçada pelo artigo definido, denota uma entidade única e identificável, em (3a), o nominal, introduzido pelo artigo definido, em sua forma singular ou plural, não diz algo sobre um baiano particular, todavia fala acerca da propriedade que define o ser baiano. Em (3b), com um nome encabeçado pelo artigo indefinido, e, em (3c), com um nome nu, no singular ou no plural, identifica-se a propriedade que define a espécie gato e que define a classe dos professores, respectivamente. Os três casos, em seus termos, parecem apresentar leitura genérica³⁸ e, por isso, para Lyons (1999) e para Pires de Oliveira (2016), seriam também chamados de indefinidos, no sentido de que não há uma particularização, bem como são inespecíficos ou não referenciais³⁹.

Uma expressão nominal, no entendimento de Duarte e Oliveira (2003), pode referir ou não segundo a leitura que lhe for atribuída numa frase, como nos exemplos em (4).

- (4) a. **O golfinho** do zoológico saltou várias vezes.
 b. Gostava de nadar com **um golfinho**.

(DUARTE; OLIVEIRA, 2003, p. 207)

Em (4a), para as autoras, o nome *golfinho*, encabeçado pelo artigo definido, é referencial, contudo, em (4b), a mesma expressão já não pode ser interpretada referencialmente, visto que não se trata de algo específico, em virtude da presença do artigo indefinido associado ao tipo de contexto⁴⁰.

Por sua vez, Lyons (1977, p. 150-155) argumenta que, embora a referencialidade seja, geralmente, relacionada apenas a entidades definidas, como *O gato não esteve em casa todo o dia*, há expressões nominais indefinidas, como *Todas as noites às seis horas uma cegonha sobrevoa a nossa casa*, em que o SN *uma cegonha* é referencial. Para tanto, conforme o autor, deve-se levar em conta a interpretação atribuída: se *uma cegonha* for parafraseada por *uma determinada cegonha*, teremos um SN indefinido, mas específico, logo referencial, pois pode ser identificado pelo falante; por outro lado, se for parafraseada por *alguma cegonha*, o que

³⁸ Para Lyons (1999), os nomes encabeçados por artigos definidos marcam melhor a leitura de classe do que o nome nu, que marca a leitura de classe melhor que o nominal introduzido por um artigo indefinido. Segundo Lyons, há autores que afirmam que a genericidade é uma questão que envolve graus.

³⁹ Na literatura, alguns autores preferem chamar esses casos de referência genérica (LYONS, 1977; CHERSTERMAN, 1991; LACA, 1999, etc.) ou de referência fraca (AGUILAR-GUEVARA; LE BRUYN; ZWARTS, 2014).

⁴⁰ Embora as autoras não tenham esclarecido qual é esse contexto, baseada em Lyons (1999) e em Almeida-Silva (2019), é possível inferir que se trata do verbo no imperfeito (*gostava*), pois, para ambos os autores, esse tipo de contexto é opaco para identificação da referencialidade, como veremos em 3.2.

ele considera algo pouco preciso, teremos um SN indefinido inespecífico. Para esse último caso, o autor argumenta que não é possível dizer que se tenha uma referência não específica, porque não é claro que se trate verdadeiramente de uma expressão referencial.

Outra observação interessante a respeito da referencialidade é colocada por Chersterman (1991). Na compreensão do autor, não há um *continuum* que possa definir os SNs em mais referencial ou menos referencial, porém há um agrupamento de propriedades, como em (5), que pode determiná-los como *mais claramente referencial* e *menos claramente referencial*.

(5)	específico	vs.	não específico	
	leitura individual	vs.	leitura de tipo	vs. leitura de espécies inteiras (genérica)
	singular	vs.	plural	
	contável	vs.	massa	
	definido	vs.	indefinido	

(Adaptado de CHERSTERMAN, 1991, p. 190)

Chersterman explica que uma expressão referencial máxima é aquela que está marcada para todas as alternativas mais à esquerda da coluna em (5). Por sua vez, todas as outras alternativas parecem diminuir a referencialidade de uma forma ou de outra. Desse modo, quanto mais alternativas à direita estiverem presentes, menos claramente referencial será uma expressão nominal. E acrescenta que, se referência singular definida é o caso prototípico, então, referencialidade parece difundir-se para fora deste núcleo ao longo não de um, mas de vários parâmetros.

Lyons (1977, p. 150) também traz outra observação a respeito da referencialidade que merece destaque. Segundo Lyons, alguns constituintes, como oração relativa ou adjetivos, podem ser adicionados ao SN para especificar este SN⁴¹. Para o estudioso, o uso, pelo falante, da oração relativa *que esteve aqui ontem*, na frase *O homem que esteve aqui ontem*, tem a ver com o fato de ele pressupor que o ouvinte saiba de qual homem estivera no lugar referido *aqui* no dia anterior.

⁴¹ Essa observação é relevante para o presente estudo, pois, como veremos na Seção 4, muitos nomes das sentenças do *corpus* desta tese ocorrem modificados por oração relativa, adjetivos, bem como por outros elementos modificadores. Moore Neves (2019), analisando dados de fala do Português Afro-Brasileiro de Helvécia, comunidade rural localizada no Extremo Sul do Estado da Bahia, também constatou que, além da oração relativa e dos adjetivos pré e pós-nominal, outros constituintes, como sintagma preposicional, possessivo, advérbio locativo e aposto, marcam ou reforçam a referencialidade de uma expressão nominal. Para ela, esses constituintes garantem a especificidade e a definitude dos nomes, e isso independe de os nominais ocorrerem encabeçados por um determinante definido foneticamente realizado ou de ocorrerem nus, como discuto em 5.1.2.

Considerando a discussão realizada até agora, para efeitos deste estudo, estou entendendo, em consonância com os autores supramencionados, especialmente, Lyons (1977) e Chirsterman (1991), que nomes referenciais são aqueles capazes de se referir a algo específico, individualizado, definido e contável do mundo (cf. (2d) e (4a)), mas também a algo indefinido, desde que específico⁴². Ou seja, compreendo, com base em Cowper e Hall (2002 apud CERQUEIRA, 2019), que referencialidade seja uma leitura categoricamente dos nomes que possuem o traço [+específico] e, algumas vezes, também [+definido] ou [-definido].

Nas próximas subseções, discuto, de forma mais detalhada, alguns termos que apareceram aqui, como definitude, indefinitude e especificidade.

3.2 A DEFINITUDE

A definitude é assumida como uma propriedade dos SNs. Egedi (2013) e von Heusinger (2014) afirmam que se trata de uma noção semântico-pragmática universal, variando apenas na forma como acontece a sua realização gramatical⁴³.

A realização gramatical da definitude, de acordo com Carvalho (2018), está presente apenas em línguas que possuem alguma marca efetiva desta categoria, como o artigo definido. Conforme Egedi (2013), o artigo definido é a própria gramaticalização do conceito semântico e pragmático de definitude. Entretanto, a mesma autora, assim como outros estudiosos (ABBOTT, 2004; ALEXIADOU; HAEGEMAN; STAVROU, 2007 etc.), admitem que a marcação aberta de definitude não implica necessariamente a presença de artigos definidos; outros elementos, como pronomes demonstrativos⁴⁴, podem desempenhar essa função.

As línguas, sobretudo aquelas desprovidas de um sistema de artigos, têm formas variadas para expressar definitude. Muitas delas codificam ou decodificam a definitude por meio de outros recursos, por exemplo, a marcação de caso, em línguas como o finlandês (CHESTERMAN, 1991) e o armênio (YEGHIAZARYAN, 2010), e a posição sentencial, em línguas como o islandês antigo (LEISS, 2007, 2016). Assim, como aponta Leiss (2007, p. 86),

⁴² Alguns autores, como Fodor (1970 apud PRIM, 2015), assumem que a referencialidade nem sempre é uma característica de nominais específicos, o que significa dizer que os nominais não específicos também podem ser referenciais. Entretanto, aqui, assumo, junto a alguns autores, em especial, Lyons (1977), que a referencialidade é sempre específica, inclusive quando o nominal é indefinido.

⁴³ Há, na literatura, uma problematização acerca do conceito de definitude. Lyons (1999) admite que a definitude é um item gramatical, já Danon (2001) assume que a definitude é um traço formal presente na derivação sintática, desvincilhando-se de um conteúdo semântico obrigatório.

⁴⁴ Para Leiss (2007), pronomes demonstrativos são a fonte universal da marcação aberta da definitude.

“[...] morphology and syntax are natural partners in spelling out definiteness and indefiniteness”⁴⁵.

Os estudos sobre definitude são antigos e perpassam por filósofos e linguistas dos mais variados quadros teóricos. A caracterização das descrições definidas como sendo distintas das descrições indefinidas emergiu de Russell (1905). O autor argumenta que um SN, como *The king of France*, em (6), refere-se a uma única entidade no domínio do discurso, representada pela descrição definida, encabeçada pelo artigo definido *the* (o/a).

- (6) The king of France is bald.
 “O rei da França é careca”.

(RUSSELL, 1905, p. 485)

A análise de Russell de descrições definidas como pressupondo a unicidade do referente permaneceu incontestada até que começaram a surgir as primeiras críticas. Strawson (1950), por exemplo, levantou uma questão que já havia sido discutida por Frege (1892). Segundo Strawson, quando usamos descrições definidas, não podemos afirmar que existe apenas uma entidade que se encaixa na descrição usada, como sugere a análise de Russell. Em vez disso, a existência e a unicidade de um referente são apenas pressupostas. Strawson afirmou que, se a implicação da existência falhar, como ocorreria se o exemplo de Russell fosse apresentado quando o rei da França era Carlos V, um indivíduo não careca, essa declaração não teria um valor de verdade. Dessa forma, se a descrição definida é falsa, então, não há um rei (único) e a descrição definida deixa de referir. Para Strawson, a frase de Russell é repleta de sentido, no entanto não levanta a questão de saber se é verdadeira ou falsa.

Donnellan (1966) argumentou que Russell e Strawson não tinham a visão correta, pois ambos haviam perdido uma ambiguidade sistemática na maneira como as descrições definidas podem ser usadas. O autor destacou que descrições definidas nem carregam pistas de unicidade, nem de pressuposição de existência, e assegurou que uma descrição definida, como *O assassino de Smith*, na frase *O assassino de Smith é louco*, pode ser usada referencialmente e atributivamente, conforme relatado na subseção anterior.

Uma forte concorrente da abordagem de unicidade para capturar a essência de definitude vem de Christophersen (1939), com sua teoria da familiaridade. O autor fala o seguinte sobre o assunto:

⁴⁵ “morfologia e sintaxe são parceiros naturais na enunciação de definitude e de indefinitude” (Tradução minha).

Now the speaker must always be supposed to know which individual he is thinking of; the interesting thing is that the *the*-form supposes that the hearer knows it too. [...] A condition of the use of *the* is that there is a basis of understanding between speaker and hearer. This basis comprises the subjects and things known by both parties, and the speaker as the active part must consequently adapt his language to the hearer's state of mind. If he wants to be understood it is important that he should not use words and phrases which the hearer is likely to misinterpret. (CHRISTOPHERSEN, 1939, p. 28)⁴⁶.

Segundo Abbott (2004), em certo sentido, as teorias da unicidade (RUSSELL, 1905) e da familiaridade (CHRISTOPHERSEN, 1939) da definitude são inimigas estranhas, visto que, enquanto a unicidade é uma propriedade estritamente semântica, a familiaridade é de natureza pragmática. Ainda de acordo com Abbott, Heim (1982) conseguiu elevar a familiaridade a um princípio semântico.

Heim (1982) desenvolveu a teoria denominada *File Change Semantics* (Semântica de Mudança de Arquivo), na qual defende que SNs definidos e indefinidos são instanciações de variáveis (não quantificadores) que devem ser ocupadas com o conteúdo descritivo adequado. Conforme a autora, um SN indefinido cria uma nova variável no discurso (correspondendo ao ato de obter uma nova ficha de arquivo em branco). Por sua vez, SNs definidos devem ser interpretados como uma variável que já foi introduzida, e cujo cartão de arquivo correspondente contém uma descrição coincidente com o da descrição indefinida apresentada. Destarte, para Heim, a diferença entre expressões indefinidas e definidas é denotada, respectivamente, com as *condições de novidade e familiaridade*. Em suma, no entendimento dela, enquanto artigos indefinidos, como *um/uma*, introduzem um indivíduo no discurso, artigos definidos, como *o/a*, retomam indivíduos que já foram introduzidos.

Entretanto, Leiss (2007, 2016), que trata o fenômeno da definitude em termos de *tema* e *rema*⁴⁷, afirma que, quando o locutor usa o artigo definido, está falando de uma instanciação particularizada e identificável; não se está retomando algo. Diante disso, Pires de Oliveira

⁴⁶ “Agora, deve-se sempre supor que o falante sabe em qual indivíduo está pensando; o interessante é que a forma-*the* (*o/a*) supõe que o ouvinte também a conheça. [...] Uma condição para o uso de *the* (*o/a*) é que haja uma base de entendimento entre falante e ouvinte. Esta base compreende os assuntos e coisas conhecidas por ambas as partes, e o falante como a parte ativa deve, conseqüentemente, adaptar sua linguagem ao estado de espírito do ouvinte. Se ele quiser ser compreendido, é importante que não use palavras e frases que o ouvinte, provavelmente, interpretará incorretamente” (Tradução minha).

⁴⁷ Isto é, *tema* (sujeito ou objeto pré-verbal) cria um ambiente natural para SNs definidos e *rema* (sujeito ou objeto pós-verbal) evoca leituras indefinidas. Wall (2013), seguindo as ideias de Leiss de que há uma tendência de rejeição/recusa de referencialidade/definitude da esquerda para a direita, afirma, a partir de um estudo quantitativo, que, no PB, há uma forte ocorrência de nomes nus ou não com traços [+específico] [+definido] na posição de sujeito pré-verbal.

(2016) ressalta que essa afirmação de Leiss faz pensar que, se o artigo definido não está retomando, ele só pode estar introduzindo o referente no discurso, o que o aproximaria do artigo indefinido, ou, então, o artigo definido pode realizar as duas funções: introduzir um referente e particularizar um referente.

Voltando a Heim (1982), a autora salienta que a definitude é responsável por distinguir SNs como *the cat* (o gato) e *it* daqueles como *a cat* (um gato), enquanto a descritividade, ou seja, a presença ou a ausência de conteúdo descritivo, diferencia SNs como *a cat* (um gato) e *the cat* (o gato) de formas pronominais como *it*. Em outras palavras, a definitude coloca SNs indefinidos de um lado e descrições definidas e pronomes de outro, pois *the*, por exemplo, indica que o falante está se referindo a um gato familiar, isto é, conhecido, e não a qualquer gato.

Contudo, para Lyons (1999, p. 2), essa noção é imprecisa, visto que, quando alguém diz *I bought a car this morning* (Eu comprei um carro esta manhã), não está se referindo a qualquer carro, mas a um carro em particular que, na mente de quem disse, é distinto de todos os outros carros. Porém, se o falante disser *I bought the car this morning* (Eu comprei o carro esta manhã), o SN *the car* (o carro) é mais definido, específico, particular e individualizado. A diferença, para o autor, entre *the car* (o carro) e *a car* (um carro) é que, no primeiro caso, a referência é clara tanto para o falante quanto para o ouvinte, melhor dizendo, ambos compartilham da consciência sobre o que é referido; já no segundo caso, o falante deve ter consciência do que é referido, no entanto o ouvinte, talvez, não.

Tomando essa ideia de consciência, Lyons (1999) explica, de forma mais detalhada, algumas noções consideradas básicas para entender a definitude, como *familiaridade*, *identificabilidade*, *unicidade* e *inclusividade*, as quais já haviam sido tratadas por seus antecessores. A delimitação criteriosa dessas noções é fundamental para o êxito da descrição dos dados na Seção 4, haja vista que as expressões nominais que ocupam a posição de objeto direto das sentenças do *corpus* parecem apresentar comportamentos que podem ser explicados tendo como base tais aspectos.

A *familiaridade*, conforme Lyons (1999) e como já apontada nesta seção, indica que tanto o falante quanto o ouvinte têm consciência do objeto sobre o qual se fala, sugerindo o uso do artigo definido. Observemos o contraste em (7).

- (7) a. **O gato** correu atrás do rato.
b. **Um gato** correu atrás do rato.

Em (7), enquanto o artigo definido, encabeçando o nome *gato*, indica que a entidade denotada pelo SN é familiar para ambos os interlocutores, o artigo indefinido *um* é usado quando o falante não quer sinalizar tal familiaridade compartilhada. Todavia, Lyons (1999) enfatiza que assumir apenas o conceito de familiaridade como uma explicação para a distinção entre definido e indefinido é problemático.

Estudos, como os de Lyons (1999), de Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) e de Abbott (2010), apontam que o problema com a questão da familiaridade para determinar a definitude da expressão nominal é que existem alguns contraexemplos, como a sentença em (8).

(8) They've just got in from New York. **The plane** was five hours late.

“Eles acabaram de chegar de Nova York. **O avião** estava cinco horas atrasado”.

(LYONS, 1999, p. 3)

Em (8), segundo os autores supracitados, o artigo definido *the* está introduzindo uma entidade que está sendo mencionada pela primeira vez. Para Lyons (1999), o exemplo em (8) é particularmente interessante, uma vez que mostra o uso associativo de *the*. O autor pontua que viajar de Nova York para a maioria dos lugares envolve, necessariamente, alguma forma de transporte, com uma aeronave sendo a mais provável se a conversa atual estiver ocorrendo em Manchester, por exemplo. Contudo, ir de Nova York a Manchester não envolve voar obrigatoriamente; a associação apelada em (8) é, certamente, real, diz o autor, mas é possível, de fato, afirmar que o avião era, de algum modo, conhecido pelo ouvinte antes de a segunda sentença deste exemplo ser proferida?

Lyons (1999) argumenta que são casos como (8) que fazem com que a definitude também esteja ligada à noção de *identificabilidade*, pois o uso dos artigos definidos direciona o ouvinte ao referente do SN, sinalizando que ele está em condições de identificá-lo, como na sentença em (9).

(9) Pass me **the hammer**, will you?

“Passe-me **o martelo**, você faria isso”?

(LYONS, 1999, p. 6)

Para o exemplo em (9), conforme Lyons (1999), imagine um contexto em que uma pessoa chamada Ann, que está tentando colocar um quadro na parede, diz tal frase para uma

outra pessoa chamada Joe, que havia apenas entrado no local em que Ann está. A falante Ann conhece o referente para o SN definido, porém Joe não sabe que há um martelo na sala. Joe precisa procurar por um referente descrito como martelo. Nesse caso, o artigo definido informa a Joe que ele pode identificar o martelo de que Ann está falando. Assim, o referente do SN definido não é familiar para Joe, entretanto Joe pode encontrar um referente para ele, e o verbo *pass* (passar) sinaliza que é certo que irá encontrá-lo na sala. Desse modo, enquanto, na noção de *familiaridade*, *the* informa ao ouvinte que ele sabe qual é; na noção de *identificabilidade*, *I*he diz que sabe ou pode descobrir qual. Lyons assume que a visão de definitude como efeito de identificabilidade não rejeita completamente a familiaridade. Em vez disso, é a familiaridade que permite ao ouvinte identificar o referente.

Lyons (1999) afirma ainda que, devido ao fato de o conceito de identificabilidade não ajudar em alguns casos, muitos autores preferem relacionar a definitude à noção de *unicidade*, na qual o artigo definido indica que apenas uma entidade satisfaz a descrição usada, como na sentença em (10).

(10) I've just been to a wedding. **The bride** wore blue.

“Eu acabei de ir a um casamento. **A noiva** usava azul”.

(LYONS, 1999, p. 7)

No exemplo em (10), de acordo com Lyons (1999), o uso do artigo indefinido em *a wedding* (um casamento) sinaliza que o falante não pressupõe familiaridade por parte do ouvinte. No entanto, se o ouvinte não estiver familiarizado com o evento casamento, como apresentado na primeira frase, dificilmente é possível imaginar que ele esteja familiarizado com o referente do SN definido *the bride* (a noiva) na segunda frase. O ouvinte, provavelmente, não será capaz de identificar o referente do SN definido a noiva em nenhum sentido real, como também pode não saber quem era a noiva ou qualquer outra coisa sobre ela. Lyons informa que a noção que parece envolver exemplos como (10) é a de *unicidade*, para a qual o artigo definido indica que apenas uma entidade satisfaz a descrição usada. O autor enfatiza, ainda, que essa descrição, geralmente, não é absoluta, mas deve ser entendida em relação a um contexto particular. Logo, como em todo casamento existe uma noiva e como, normalmente, existe apenas uma noiva, o uso do SN definido é garantido.

Contudo, Lyons (1999) ressalta que a própria unicidade levanta um problema imediato, pois parece deixar casos inexplicáveis envolvendo nomes plurais contáveis e massivos, como em (11), respectivamente.

- (11) a. We've just been to see John race. The Queen gave out **the prizes**.
 “Nós acabamos de ver João correr. A rainha deu todos **os prêmios**”.
- b. We went to the local pub this lunch time. They've started chilling **the beer**.
 “Nós fomos para o pub local na hora do almoço. Eles já tinham começado a gelar **a cerveja**”.

(LYONS, 1999, p. 10)

Para casos como em (11a), Lyons (1999) coloca a seguinte argumentação. Suponhamos que haja um conjunto de três prêmios, que consiste no primeiro, no segundo e no terceiro prêmios; esses, é claro, são subconjuntos do conjunto de três, e esse é o ponto. A intuição do autor sobre (11a) é que a rainha distribuiu todos os prêmios, não um subconjunto do total; da mesma forma, em (11b), toda a cerveja naquele local é agora servida gelada. Isso, na visão do autor, aponta para a proposta de que definitude, ao menos com SN plural e massa, envolve não unicidade, mas *inclusividade*, o que significa que a referência é à totalidade dos objetos ou massa no contexto que satisfaz a descrição. No *corpus*, algo similar a (11a), bem como a (7a) e a (9), é verificado, como no exemplo em (12a), no qual se notam as ideias de familiaridade, já que os interlocutores parecem ter consciência do que se fala, e de inclusividade, visto que a referência é sobre à totalidade das mordidas; como também no exemplo em (12b), em que se observa a ideia de identificabilidade, dado que o ouvinte pode não saber qual é o referente, todavia está em condições de identificá-lo.

- (12) a. [...] O bebê estava dormindo na hora em que o colega **deu as mordidas**.
 b. O estudante **fez a solicitação** no portal, mas não concluiu o processo.

Em resumo, para Lyons (1999), *familiaridade* é subjacente à *identificabilidade*, haja vista que a identificação de um referente implica que ele seja familiar; e a *unicidade* é um caso especial da *inclusividade*, resultante da particularidade do SN. Entretanto, segundo o estudioso, é preciso entender que essas propriedades são independentes.

Além do exposto acima, Lyons (1999) argumenta que a definitude e, também, a indefinitude são, geralmente, tomadas como expressões que indicam, respectivamente, referentes específicos e inespecíficos. Porém, o pesquisador afirma que, antes de fazer tal declaração, prefere analisar o contexto gramatical no qual os elementos nominais estão inseridos, porque ele pode conferir certa *opacidade/ambiguidade* ou *transparência* aos SNs definidos e indefinidos.

Para Lyons (1999), são caracterizados como contextos de opacidade/ambiguidade aqueles em que os elementos nominais estão contidos no escopo de operadores, por exemplo, verbos de atitude proposicional (*acreditar, pretender* etc.), verbos modais (*deve ir* etc.) e verbos intencionais (*querer, procurar* etc.), negação, sentenças interrogativas, entre outros. Nesses contextos, de acordo com o autor, as expressões nominais definidas e indefinidas podem ter leitura extensional, específica ou referencial, ou podem ter leitura intencional, inespecífica ou não referencial⁴⁸. No *corpus*, há dados que parecem ilustrar essas afirmações, como em (13), em que o nome da construção, encabeçado por um artigo definido, está sob o escopo do verbo intensional *querer* e em sentença interrogativa, que, conforme o que aponta Lyons, não denota interpretação específica, dado que se trata de uma leitura de intensão⁴⁹.

- (13) O engenheiro técnico sabe que só pode fazer a obra com os tapumes colocados. Havia pessoas lá. A responsabilidade legal é da empresa. **Quer fazer a demolição?** Então tire as pessoas antes.

Por outro lado, os contextos transparentes são assumidos como aqueles em que não se verificam questões de escopo e de ambiguidade. Lyons (1999), para tal testagem, utiliza sentenças com verbos finitos e aspecto perfectivo, que diminuem a possibilidade de ambiguidade, em razão da leitura episódica dos eventos. Essa possibilidade também pode ser ilustrada pela sentença do *corpus* em (14).

- (14) A partir de hoje (1/12), quem **não fez a declaração** anual de isento do Imposto de Renda vai precisar pagar uma multa.

Em (14), diferentemente do exemplo em (13), embora o nome esteja sob o escopo de uma negação, a opacidade/ambiguidade parece desfeita pela finitude e pela perfectividade do verbo, assegurando a leitura específica/referencial da expressão nominal, a qual é reforçada pela modificação pelo adjetivo *anual*, conforme Lyons (1977).

Além do exposto, é válido mencionar que a definitude, para pesquisadores como Chersterman (1991) e Abbott (2004), é um fenômeno escalar. Segundo Abbott, as categorias

⁴⁸ A primeira é também chamada de leitura *de re* e a segunda de leitura *de dicto* (FODOR; SAG, 1982).

⁴⁹ Em (9a) da subseção 3.2.1, apoiada em Fodor e Sag (1982) e em Prim (2015), assumo uma visão diferente dessa de Lyons (1999).

de expressões definidas e indefinidas podem se apresentar mais ou menos definidas ou indefinidas que outras, como se vê nos esquemas em (15).

(15) a. **Definidos**

+		-
	categorias vazias > pronome > demonstrativo > artigo definido > possessivo > nome próprio > \forall ⁵⁰ > DP nu	

b. **Indefinidos**

+		-
	DP nu > <i>qualquer</i> > artigo indefinido > \exists ⁵¹ > uso indefinido do demonstrativo	

(Adaptado de ABBOTT, 2004, p. 1-2)

Almeida-Silva (2019), analisando os *continuums* apresentados por Abbott (2004), aponta que a relevância deles é justamente mostrar que, mesmo a definitude e a indefinitude sendo informações semânticas de diferentes ordens, não veiculam significados estanques, visto que podem ser gradadas dentro do próprio conjunto de itens interpretados como definidos e indefinidos.

Uma vez esclarecidos alguns conceitos fundamentais para a descrição dos dados e, conseqüentemente, para a verificação da minha hipótese de que as sentenças do *corpus*, normalmente denominadas CVLs, se dividem em, pelo menos, dois grupos, concluo esta subseção registrando que estou compreendendo, a partir de Christophersen (1939), Heim (1982), Lyons (1999), Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) e Abbott (2010), que definitude é uma interpretação associada à capacidade que os determinantes definidos têm de indicar que o referente da expressão nominal é familiar e/ou identificável por falante e por ouvinte (cf. (7a), (9), (12a) e (12b)); ou de sinalizar que uma expressão nominal é única (cf. (10)) ou que, ainda, corresponde à totalidade dos possíveis referentes (cf. (11a) e (12a)), conforme Lyons (1999). A definitude, neste estudo, é assumida, portanto, como uma leitura ativada pelo traço [+definido] (COWPER; HALL, 2002 apud CERQUEIRA, 2019).

Na subseção seguinte, trato a respeito da indefinitude, bem como discuto o conceito de especificidade.

⁵⁰ Operador lógico que representa os Quantificadores Universais, como *todo*, *cada*, *ambos* e *qualquer* (SÁNCHEZ LÓPEZ, 1999; FERREIRA, 2019 etc.).

⁵¹ Operador lógico que representa os Quantificadores Existenciais, como *vários*, *pouco*, *muito*, entre outros (SÁNCHEZ LÓPEZ, 1999; FERREIRA, 2019 etc.), que significa “há” ou “existe”.

3.3 A INDEFINITUDE E A ESPECIFICIDADE

A indefinidade, na perspectiva de von Heusinger (2014), é considerada como a distribuição complementar da expressão definida. Por conta disso, poucos estudos tentam desenvolver uma teoria independente da indefinidade.

Como apontado anteriormente, a indefinidade é caracterizada como uma propriedade dos SNs que não são familiares e que não reclamam condições de identificabilidade (HEIM, 1982; LYONS, 1999, entre outros). Algumas categorias, como artigos e pronomes indefinidos, não permitem a identificação imediata dos referentes, e por isso veiculam indefinidade (HASPELMATH, 1997; LYONS, 1999; LEONETTI, 1999, 2016 etc.).

De acordo com Dayal (2017), enquanto artigo definido, geralmente, pressupõe a ideia de unicidade, ou seja, deve haver exatamente um indivíduo que satisfaça a condição do predicado nominal, e escolhe aquele indivíduo único como seu referente, o artigo indefinido não coloca nenhuma restrição sobre quantos indivíduos são necessários para satisfazer o predicado nominal. Por isso, artigo indefinido denota o conjunto de propriedades tal que pelo menos um indivíduo que tem aquela propriedade nominal satisfaz tal propriedade.

Uma das ideias associadas aos SNs indefinidos é a da especificidade. Nessa relação entre indefinidade e especificidade, propõe-se que expressões nominais indefinidas podem obter leitura referencial (LYONS, 1977; LYONS, 1999; ALMEIDA-SILVA, 2019 etc.). Ademais, aponta-se que algumas estratégias podem ser utilizadas pelo falante para que essa possibilidade seja reforçada, como mostro mais à frente.

Na caracterização da especificidade, segundo Fodor e Sag (1982) e Prim (2015), o que é decisivo não é o conhecimento ou a capacidade de identificar objetos, antes, é a intenção do falante em referir-se a um determinado elemento, e isso independe de o ouvinte ser ou não capaz de identificar o referente.

Lyons (1977), Enç (1991) e Leonetti (1999) argumentam que SNs indefinidos podem ser caracterizados como específicos e inespecíficos. Para os estudiosos, de modo geral, um SN específico é aquele em que o referente ou, pelo menos, traços do referente são identificáveis para o falante, e um SN inespecífico é aquele cujo referente não é identificável nem para o falante, nem para o ouvinte; assim sendo, fazem menção somente ao tipo de nome, mas não a uma entidade representativa daquele conjunto de nomes de forma específica.

Os SNs com artigos indefinidos, em línguas como o PB e o inglês, são ambíguos para a especificidade, aponta Almeida-Silva (2019). Pensando nesse tipo de comportamento, Partee (1970 apud ALMEIDA-SILVA, 2019) sugere testes de continuação de sentenças

usando pronomes como correferentes dos SNs indefinidos, como em (16). Se, por acaso, a continuação mais adequada for a que ocorre em (16a), tem-se uma leitura específica, visto que pode ser retomado por um pronome pessoal que tem traços definidos; todavia, se a continuação mais apropriada for a que acontece em (16b), em que o elemento nominal é retomado por um pronome indefinido, tem-se uma leitura inespecífica, pois esse pronome não captura nenhum indivíduo específico no contexto.

(16) Eu quero comprar um livro de libras...

a. Mas, não encontrei **ele** (específico)

b. Mas, não encontrei **nenhum** (não específico)

(ALMEIDA-SILVA, 2019, p. 49)

Assim como Lyons (1999), Leonetti (1999) e Almeida-Silva (2019) ressaltam que SNs indefinidos também podem variar em especificidade a depender dos contextos em que ocorram, se ambíguos ou transparentes, ou ainda quando estão modificados, como se verifica nos exemplos em (17).

(17) a. Eu quero um gato. (Contexto ambíguo)

b. Eu quero um gato que seja manso. (Contexto ambíguo com SN relativizado)

c. Eu vi um gato. (Contexto transparente)

d. Eu vi um gato que era manso. (Contexto transparente com SN relativizado)

(ALMEIDA-SILVA, 2019, p. 49)

Numa escala de identificabilidade, o SN *um gato*, em (17a), é menos específico do que na sentença em (17b), uma vez que em (17a) o SN está sob o escopo de um operador, o verbo intencional *querer* (LEONETTI, 1999; LYONS, 1999; DUARTE; OLIVEIRA, 2003; ALMEIDA-SILVA, 2019). Por outro lado, em (17b), a modificação pela estrutura relativa implica ao SN indefinido uma leitura mais específica (LEONETTI, 1999; ALMEIDA-SILVA, 2019 etc.)⁵². Almeida-Silva afirma que o mesmo ocorre ao SN *um gato* em (17c), que é mais específico do que (17a) e (17b) por conta da ausência de ambiguidade motivada pela perfectividade verbal e menos específico do que (17d), no qual tem-se SN indefinido bastante especificado pelo aspecto verbal somado à modificação atribuída a oração relativa em modo

⁵² Essa constatação também é verificada nos dados do *corpus*, como veremos na Seção 4.

indicativo. À vista disso, Almeida-Silva propõe que, em uma escala decrescente de especificidade dos SNs, se tem: (17d) > (17c) > (17b) > (17a).

Frente ao exposto, estou entendendo, junto a Lyons (1977), a Enç (1991), a Lyons (1999), a Leonetti (1999) e a Almeida-Silva (2019) etc., que indefinidade é a interpretação daqueles nominais em que os determinantes não conseguem indicar que o referente de uma expressão nominal é imediatamente identificável pelos interlocutores (cf. (16b)); já especificidade é a leitura acionada pela capacidade de os nominais fazerem referência a algo particular do mundo (cf. (16a)). Portanto, estou assumindo, em consonância com esses autores e também com base em Cowper e Hall (2002 apud CERQUEIRA, 2019), que a presença do traço [+específico] num nominal indefinido torna o referente identificável para o falante, conseqüentemente, tem-se uma expressão referencial (LYONS, 1977).

Na próxima subseção, discorro a respeito da relação entre os elementos nomeados determinantes e os valores referencial e (in)definido dos SNs. Minha intenção, no entanto, não é tratar de todos os determinantes, antes, amplio a discussão sobre artigo definido e artigo indefinido e abordo outros que aparecem introduzindo as expressões nominais em posição de objeto direto nas sentenças do *corpus* deste estudo.

3.4 O PAPEL DOS DETERMINANTES

Os determinantes são expressões que “qualificam e, mais precisamente, “determinam” o nome (ou o grupo nominal)” (CHIERCHIA, 2003, p. 76). Dentro da classe dos determinantes, tem-se os artigos definidos e indefinidos, os pronomes demonstrativos, os pronomes possessivos e os quantificadores (CORREIA, 2000; CHIERCHIA, 2003; LEONETTI, 2016; ALMEIDA-SILVA, 2019 etc.). Esses elementos que, no PB, precedem imediatamente um nome, atuam atribuindo-lhe algum tipo de especificação, de contagem, de medição ou de referencialidade (LEONETTI, 2016). Assim, conforme Leonetti (2016), a razão pela qual existem determinantes nas línguas é que, diferentemente dos nomes próprios, os nomes comuns não são suficientes, por si sós, para se referir ou quantificar sobre algo. Logo, a discussão, a seguir, sobre os determinantes focalizará, principalmente, em sua capacidade de marcar a definitude e a referencialidade dos SNs.

3.4.1 Artigo definido

Nas línguas que possuem um sistema de artigo, como o PB e o espanhol, o artigo definido, segundo Leonetti (1999), é empregado para restringir e para definir a referência dos SNs, ou seja, a relação entre as expressões nominais e as entidades às quais os falantes se referem por meio de tais expressões.

Os artigos definidos costumam ser usados em contextos nos quais falante e ouvinte recuperam integralmente o referente, como em (18).

(18) Maria comeu o bolo.

No exemplo acima, o artigo definido *o* marca a familiaridade do SN, tornando-o conhecido pelos interlocutores do discurso. Dessa forma, entende-se que, nesse contexto, o artigo definido é portador de definitude além de marcar a referencialidade do nome *bolo*.

A referencialidade, na ótica de Longobardi (1994), é uma propriedade natural do artigo definido. Todavia, Giusti (2002) ressalta que nem sempre o artigo definido e a referencialidade são isomórficos. Para tal afirmação, Giusti pontua que o fato de artigo definido coocorrer com nomes próprios (e.g., *O João ama a Maria*), que são inerentemente referenciais, é uma evidência de que o artigo definido não possui nenhuma informação semântica ou descritiva, antes é, por si só, um morfema gramatical, um elemento expletivo ou *dummy*, marcador de Caso.

Diferentemente de Giusti (2002), Leonetti (1999, 2016) argumenta que é justamente o conteúdo semântico do artigo definido que permite que ele seja empregado em uma série de contextos, dentre eles, além dos já apresentados (*genérico* (cf. (3a)), *familiar* (cf. (4a), (7a) e (18)), *associativo* (cf. (8)) etc.), o *anafórico*, como em (19).

- (19) a. Chomsky chegou em Salvador. **O famoso linguista** participará de uma conferência na UFBA.
- b. O professor se despediu dos alunos. Na verdade, ninguém se sentia confortável com **o professor**.

No uso anafórico, em (19), o artigo definido retoma um referente já mencionado anteriormente na situação de proferimento (LEONETTI, 1999; ALMEIDA-SILVA, 2019 etc.). Como se observa, o referente pode ser retomado a partir de outra expressão definida, *O famoso linguista* (cf. (19a)), ou ser reproduzido, de forma fiel, pelo mesmo conteúdo do

anterior, *o professor* (cf. (19b)). Nesses dois casos, a relação estabelecida entre as duas frases é de correferência.

Interessa a este estudo, portanto, o fato de o artigo definido poder marcar a familiaridade do referente e retomar um referente já mencionado no discurso.

3.4.2 Artigo indefinido

O artigo indefinido, no PB e em outras línguas românicas como o espanhol, tem sua forma sincrética ao numeral *um/uma*. O artigo indefinido se caracteriza por um conteúdo de indeterminação⁵³ do referente, como em (20a), e o numeral se caracteriza por um conteúdo de cardinalidade, como em (20b), argumenta Leonetti (1999, 2016).

- (20) a. Estou lendo um relato interessantíssimo.
b. Maria adicionou um copo de leite ao bolo.

O conteúdo de indeterminação do referente, denotado por *um*, em (20a), é exigido. Essa exigência é verificada, conforme o pesquisador, pela impossibilidade da paráfrase **O número de relatos interessantíssimos que estou lendo é um*. Por sua vez, o conteúdo de cardinalidade expresso por *um*, em (20b), é obtido, sobretudo, pela oposição a outros elementos da série de numerais cardinais (e.g., *dois, três, quatro...*) que, como explica Leonetti, é afirmado ou colocado em primeiro plano informativo e, conseqüentemente, desloca o conteúdo da indeterminação.

Concernente aos contextos de uso do artigo indefinido, além de ser empregado em contexto *genérico* (cf. (3b)), é usado quando não há qualquer garantia de identificação do referente por parte do ouvinte (cf. (20a)). Em casos como esse, o artigo indefinido *um* não marca familiaridade do SN por parte do interlocutor, antes, torna-o conhecido apenas pelo falante. Isso significa total ausência de definitude, mas marca a referencialidade da entidade, visto que é reconhecido pelo falante (LYONS, 1977; ENÇ, 1991, entre outros).

Para Leonetti (1999), é o traço [-definido], presente no artigo indefinido, que o possibilita introduzir referentes novos no discurso. O estudioso argumenta que, se os indefinidos não indicam que alguma representação da entidade mencionada é acessível ao ouvinte, parece lógico que essa representação deva ser construída e estabelecida como algo

⁵³ Essa observação é relevante para este estudo, pois as construções que estou assumindo como expressando um evento indeterminado ou impreciso, são encabeçados pelo artigo indefinido, como aponto na subseção 4.2.

novo e somado a representações já existentes no discurso. Ele pontua que, pelo mesmo motivo, o artigo indefinido carece das propriedades anafóricas típicas do artigo definido: caso um falante queira se referir anaforicamente a uma entidade já mencionada, ele usará o artigo definido, e não o indefinido, pois isso indica a ausência de acessibilidade e, portanto, força o estabelecimento de novas entidades em vez de localizar aquelas que já estão acessíveis.

Os artigos indefinidos, no entendimento de Le Bruyn (2010), comparado a outros determinantes, adicionam pouco conteúdo semântico aos nomes que encabeçam. Além disso, para Almeida-Silva (2019), os artigos indefinidos são também conhecidos por serem livres para tomar escopo amplo, sendo interpretados como específicos, ou tomar escopo estreito, e serem interpretados como inespecíficos, como em (21), respectivamente.

- (21) a. Eu quero comprar um livro do Chomsky, mas não **o** encontrei. (específico)
 b. Eu quero comprar um livro do Chomsky, mas não encontrei **nenhum**. (não específico)

(ALMEIDA-SILVA, 2019, p. 63)

Dentre as características apresentadas, são relevantes para a discussão na Seção 4 o fato de o artigo indefinido ser caracterizado por um conteúdo de indeterminação, não marcar familiaridade do SN para o interlocutor, possibilitando a identificação do referente apenas pelo falante; introduzir referentes novos no discurso e ter escopo amplo ou estreito, permitindo também que o SN seja interpretado como específico ou inespecífico.

3.4.3 Pronome demonstrativo

Os demonstrativos, segundo Giovannetti e Basso (2017), a grosso modo, podem ser caracterizados como palavras que são usadas para mostrar algo saliente no contexto.

Diferentemente dos artigos, os demonstrativos são uma categoria universal, isto é, são encontrados em todas as línguas (ALEXIADOU; HAEGEMAN; STAVROU, 2007; GUARDIANO, 2009 etc.). Entretanto, artigos definidos e demonstrativos costumam apresentar algumas características em comum: são portadores de definitude e de referencialidade, salientam Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007). De acordo com as autoras, essas propriedades compartilhadas não são um acidente; na verdade, são um reflexo de sua diacronia, porque, em geral, nas línguas em que existem, artigos definidos emergiram

de pronomes demonstrativos, por meio de um processo de enfraquecimento semântico e fonológico.

Outro denominador em comum entre esses dois tipos de elementos, conforme Lyons (1999), é exigir *identificabilidade*, o que significa dizer que ambos servem para identificar o referente. Para Lyons (1999) e para Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), demonstrativos são expressões referenciais diretas, pois podem se referir diretamente a entidades do mundo linguístico ou extralinguístico (situacional). Assim, os demonstrativos denotam entidades sem descrevê-las. Ademais, os demonstrativos são considerados elementos dêiticos das línguas, cujo uso e interpretação dependem crucialmente do contexto em que são produzidos.

Lyons (1999) argumenta que o traço dêítico expresso em um demonstrativo desempenha um papel semelhante ao de apontar, orientando a atenção do ouvinte para o referente. Esse comportamento, em sua compreensão, sugere uma conexão necessária entre os traços [+demonstrativo] e [+definido], em que o primeiro implica o segundo. A partir disso, o autor toma os demonstrativos como definidos.

O traço dêítico dos demonstrativos pode, na visão de Lyons (1999) e de Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), ser interpretado de duas maneiras: codificado na oposição [+proximal] ou [-proximal] (ou, inversamente, na oposição [\pm distal]), como se vê em (22), respectivamente.

- (22) a. This cat
 “Este gato”
 b. That cat
 “Esse gato”

(ALEXIADOU; HAEGEMAN; STAVROU, 2007, p. 100)

Em (22a), segundo os autores, o referente encontra-se próximo do falante; e, em (22b), o referente encontra-se distante do falante. Essa relação de proximidade/distância entre o demonstrativo e o referente é psíquica (COWPER; HALL, 2002 apud CERQUEIRA, 2019).

No que tange à deiticidade, Cowper e Hall (2002 apud CERQUEIRA, 2019) pontuam que se trata de um traço que codifica informação, de modo que o referente não precisa estar presente no discurso, uma vez que já está sendo apontado pelo determinante dêítico, como se nota em (23).

- (23) Em qual loja eu encontro aquele vestido?

Em (23), devido à presença do traço dêitico no pronome demonstrativo *aquele*, o ouvinte é instruído a corresponder o referente do SN com algo que seja identificável no contexto, ou que seja conhecido com base em discursos anteriores. Isso ocorre, de acordo com Pires de Oliveira (2001), porque *aquele* pega ostensivamente uma entidade na situação de fala.

Em síntese, vimos, então, que os demonstrativos exigem identificabilidade do referente por parte dos interlocutores; são portadores de definitude e de referencialidade; possuem o traço dêitico, que orienta a atenção do ouvinte para o referente, sem que seja preciso estar presente no discurso, necessitando apenas do seu reconhecimento com base em discurso anterior. Essas, portanto, são propriedades que interessam a este estudo.

3.4.4 Pronome possessivo

Lyons (1999), discutindo a noção de posse, ressalta que muitas línguas fazem distinções entre tipos de posse, porém muitas dessas distinções não apresentam relação direta com a noção de definitude nos possessivos, a exemplo do uso das duas partículas de genitivo, que ocorre na língua austronésia maori, falada pelos nativos da Nova Zelândia e das Ilhas de Cook: i) a partícula *a* é usada quando o possuidor está em posição de dominância sobre a coisa possuída; e ii) a partícula *o* é usada quando o possuidor não está em posição de dominância sobre a coisa possuída. Contudo, a distinção entre alienação e inalienação mostra haver um atrelamento entre a questão da definitude.

Lyons (1999) argumenta que o que distingue uma posse inalienável de uma posse alienável é que a primeira, e não a segunda, envolve a posse de algo que está mais intrinsecamente ligado ao possuidor. Em outras palavras, posse inalienável é aquela que não pode ou que muito dificilmente pode ser cedida, dispensada ou desfeita.

Lyons (1999) também mostra que, em muitas línguas onde os SNs recebem marcação de alienação/inalienação a partir de um morfema, o morfema da posse inalienável é mais simples ou o possessivo aparece, de algum modo, mais próximo ao núcleo do nome, isto é, de forma mais integrada. O autor salienta que, no dyirbal (língua aborígine da Austrália), há dois marcadores de genitivo para posses alienáveis: uma para posse anterior e outra para posse presente. Por seu turno, as construções com possessivos inalienáveis não possuem marcador de genitivo. No PB, essa distinção não ocorre, como é possível verificar nos exemplos de posse alienável e inalienável, respectivamente, em (24).

- (24) a. O sapateiro consertou **meus sapatos** ontem.
 b. Cortei **meu pé** com um alicate de unha enferrujado.

Lyons (1999) salienta que, diferentemente dos demonstrativos, os possessivos não são inerentemente definidos. Todavia, a estreita relação entre os traços [+inalienável] e [+definido] parece existir, haja vista que, se a posse desse tipo está mais intimamente relacionada ao possuidor, sabendo o ouvinte de quem se trata, a coisa possuída será evidentemente mais familiar do que algo que não tenha uma relação intrínseca com o possuidor, ou seja, uma posse alienável.

O lugar dos possessivos dentro dos determinantes não é fácil de delimitar, argumenta Leonetti (2016), pois eles exibem propriedades mistas que os colocam entre os pronomes, os adjetivos e os determinantes propriamente ditos. Essas duas últimas, por sinal, levaram alguns pesquisadores, a exemplo de Lyons (1999), a defender uma proposta que separa as línguas em dois tipos, em relação aos possessivos e a aplicação de definitude. O primeiro tipo de língua Lyons nomeia *Determiner Genitive languages* (Línguas com Genitivo determinante, *DG languages*) e o segundo tipo é descrita como *Adjective Genitive languages* (Línguas com Genitivo adjetivo, *AD languages*).

Na primeira categoria, “a possessive has the effect of inducing a definite interpretation in the noun phrase it modifies, and a definite article cannot also appear”⁵⁴ (LYONS, 1999, p. 130). Nesse tipo de língua, Lyons insere o inglês, o alemão e o francês, como nos exemplos em (25), respectivamente, todos significando “a bicicleta pertencente a mim”.

- (25) a. my bicycle
 b. ma bicyclette
 c. mein Fahrrad

(LYONS, 1999, p. 129)

Conforme Lyons, o uso de artigos antecedendo possessivos nessas línguas torna as sentenças agramaticais, o que significa dizer que os possessivos abrigam a definitude da sentença, fazendo com que não haja a necessidade de se colocar outro determinante. Lyons aponta que construções de posse inalienável tendem a ser do tipo DG.

⁵⁴ “um possessivo tem o efeito de induzir a uma interpretação definida em um sintagma nominal e modificá-lo, e um artigo definido não pode aparecer” (Tradução minha).

Por sua vez, na segunda categoria, “a possessive does not induce a definite interpretation. If the language has articles, these can co-occur with possessives to indicate definiteness or indefiniteness”⁵⁵ (LYONS, 1999, p. 131-132). Nesse quadro de línguas, Lyons inclui o português, como se verifica nos exemplos em (26). Outros determinantes que não os artigos podem igualmente surgir, como se vê em (27).

- (26) a. a nossa casa.
b. uma nossa casa.

(27) esta nossa casa.

(LYONS, 1999, p. 132)

No entendimento de Lyons, o português funciona como uma *AD language*, porque produz efeito de definitude apenas com a presença de artigos definidos antes de possessivos, caso contrário, não seria possível obter tal leitura. De fato, no PE, isso poderia se confirmar, tendo em vista a exigência do uso do artigo antes do possessivo (CASTRO, 2006; FLORUPI, 2008). Mas, na variedade do Brasil, em que tal uso é variável, como se nota em (28), parece não haver como afirmar essa distinção.

- (28) a. Os meus livros. (ok PE) (ok PB)
b. Meus livros. (*PE) (ok PB)

(FLORUPI, 2008, p. 63)

Pensando em línguas que apresentam comportamentos como os do PB, a exemplo do espanhol, Lyons considera que há uma outra categoria, a das línguas mistas, em outros termos, aquelas que combinam elementos de ambos os padrões. Logo, ele chega à conclusão de que são as construções e não as línguas que são DG e AG. No espanhol, conforme pontua Lyons, tem possessivos DG, como em (29a), e possessivos AG, como em (29b), os dois variando um pouco na forma. As formas AG, nessa língua, são sempre pós-nominais, flexionam como adjetivos para número e gênero, enquanto a maioria das formas DG são morfologicamente reduzidas (como muitos determinantes) e flexionam apenas para número.

⁵⁵ “um possessivo não induz a uma interpretação definida. Se a língua tiver artigos, eles podem coocorrer com os possessivos para induzir definitude ou indefinitude” (Tradução minha).

- (29) a. mi casa
 “minha casa”
 b. la casa mía
 “a casa minha”

(LYONS, 1999, p. 133)

Seguindo um comportamento semelhante ao adotado inicialmente por Lyons (1999), ou seja, dividindo as línguas em línguas com genitivos adjetivos e línguas com genitivos determinantes, Castro (2006) afirma que há estudos que defendem que o PE tem possessivos adjetivais e o PB possessivos determinantes. No entanto, Castro advoga em favor de uma proposta que segue uma tipologia de formas possessivas e não necessariamente de línguas.

A autora considera que o português moderno, incluindo tanto o PE quanto o PB, apresenta apenas uma forma possessiva para cada combinação de pessoa-número, que pode ocorrer combinado com determinantes e pode aparecer isoladamente. Desse modo, a mesma forma pode surgir em posição pré-nominal, em posição pós-nominal, com um nome vazio e em contextos predicativos, como se verifica em (30), respectivamente.

- (30) a. (o) meu livro
 b. um livro meu
 c. (o) teu livro e o meu
 d. Este livro é meu.

(CASTRO, 2006, p. 7)

Castro destaca, ainda, que os possessivos pré-nominais, no PB, podem ocorrer sem o artigo definido, o que os caracterizam como possessivos determinantes, e que os possessivos pré-nominais, tanto em PE como em PB, não são permitidos em SNs indefinidos. Em vista disso, a autora conclui que o possessivo pré-nominal é definido de alguma forma e que não é o artigo definido o elemento que marca a interpretação definida do SN, pois o possessivo, que ocupa a posição de determinante (a posição D), produz o mesmo efeito. Para Castro, o artigo definido é, nesse contexto, um artigo expletivo, elemento semanticamente vazio, já que não contribui para a codificação de definitude do SN.

Esse comportamento é o que explica as diferenças entre o PE e o PB, afirma Castro. A autora defende que a gramática dos possessivos funciona da mesma forma nas duas línguas e que a explicação para as diferenças existentes entre ambas as variedades está fora do sistema

dos possessivos, mas dentro do sistema dos artigos. Melhor dizendo, para a pesquisadora, as duas variedades apresentam um artigo definido expletivo, que será foneticamente realizado em PE e nulo no PB, embora em outras variedades do PB ele também pode ser foneticamente realizado. São os dados dessas variedades com artigo expletivo foneticamente presente que, segundo Castro, constituem evidência forte para a sua proposta.

Castro, ainda, menciona que, enquanto no PE as marcas de gênero e número ocorrem em todos os elementos do SN (cf. (31)), em algumas variedades do PB aparecem apenas uma vez (cf. (32)). Entretanto, nem sempre é o mesmo elemento que carrega a marca de plural: pode ocorrer no artigo definido (cf. (32a)), chamado pela autora de artigo substantivo, ou no possessivo pré-nominal (cf. (32b)).

- (31) a. os primeiros filhos
b. os meus filhos

- (32) a. os primeiro filho
b. o meus filho

(CASTRO, 2006, p. 13)

Assim, conforme Castro, numa língua com morfema plural *singleton*, isto é, realizado uma vez no núcleo relevante, como é o caso da variedade do PB em (32), ele é realizado na posição D. Por conseguinte, para a autora, em (32), o contraste pode ser explicado pela natureza diferente dos dois artigos: i) um artigo substantivo responsável pela marcação de definitude e que guarda a marca de pluralidade, como em (32a); e ii) um artigo expletivo sem conteúdo semântico, como em (32b). Nesse caso, é o possessivo que codifica a definitude e também carrega a marca de pluralidade.

Dito isso, a ideia de que o PB não exige a realização do artigo ou de outro determinante antecedendo possessivo em posição pré-nominal e que, ainda assim, se constrói uma visão de definitude, caracterizando-o como determinante e detentor da interpretação de definitude no SN, como apontado por Castro (2006), é o que, de fato, interessa a este estudo. Também é relevante para esta pesquisa a possibilidade, sinalizada por Lyons (1999), de haver relação entre definitude e inalienabilidade, haja vista que os nomes do *corpus*, encabeçados por pronomes possessivos, expressam leitura de posse inalienável.

3.4.5 Quantificador

De acordo com Sánchez López (1999), *quantificar* é expressar uma quantidade. Logo, para a autora, quantificadores podem ser definidos, de modo geral, como elementos que informam quantos indivíduos ou objetos em um determinado domínio têm uma certa propriedade, ou até que ponto uma propriedade pertence a um indivíduo ou a um objeto.

Sánchez López (1999) argumenta que os quantificadores se diferenciam de outros determinantes, pois, enquanto os artigos, os demonstrativos e os possessivos dão origem a expressões cuja referência é determinada pela identificação do referente, os quantificadores criam expressões cuja referência é determinada pelo tamanho do conjunto ou pelo número de individualidades referidas, como se verifica em (33).

- (33) a. **Cada** ministro estava preparado para renunciar.
 b. **Três** ministros estavam preparados para renunciar.

Para Sánchez López, em comparação com a expressão *O ministro*, na frase *O Ministro estava preparado para renunciar*, os SNs quantificados *Cada ministro* e *Três ministros* não informam a qual entidade se faz referência, mas a quantas entidades se referem.

Os quantificadores podem ser divididos em *quantificadores próprios* e *quantificadores focais* ou *pressuposicionais*, ressaltam Sánchez López (1999) e Alfredo (2015). Segundo os autores, do grupo um, fazem parte elementos como *todo*, *muito*, *três*, *cada* etc., que expressam explicitamente uma quantidade; e, do grupo dois, participam elementos como *somente*, *apenas* etc., que não denotam quantidade, porém implicam a leitura quantificada dos elementos incluídos em seu âmbito.

Ainda de acordo com Sánchez López (1999), os quantificadores próprios, segundo o tipo de quantidade que denotam, podem ser subdivididos em dois grupos: i) *numerais*, que servem para expressar a quantidade exata (e.g., *um*, *dois*, *primeiro*, *segundo*, *triplo*, *metade* etc.); e ii) *indefinidos*, que denotam quantidade de modo aproximado ou impreciso, sem especificar número. Os indefinidos, por sua vez, se dividem entre aqueles que denotam a quantidade de um conjunto determinado de elementos (e.g., *todos os edifícios*) e aqueles que denotam um conjunto indeterminado (e.g., *muitos edifícios*). A autora salienta que se comportam como *todos* os quantificadores nomeados *universais*, cuja cardinalidade coincide com a totalidade do conjunto definido ao que quantificam. E acrescenta que os *não universais* ou os indefinidos propriamente ditos (também chamados de *quantificadores existenciais*)

denotam uma parte indeterminada de um conjunto definido (em sua interpretação partitiva) ou medem o tamanho de um conjunto indefinido de elementos (em sua interpretação cardinal).

Consideram-se *quantificadores existenciais* itens como: *algum, um, nada, pouco, muito, vários*, entre outros (SÁNCHEZ LÓPEZ, 1999; FERREIRA, 2019 etc.). Já *quantificadores universais* são os seguintes: *todos, cada, ambos* e *qualquer* (SÁNCHEZ LÓPEZ, 1999; LYONS, 1999; ALFREDO, 2015; FERREIRA, 2019 etc.).

Os quantificadores universais, como mencionado, denotam a totalidade dos valores que a expressão quantificada apresenta. Esse aspecto, que diz respeito à *inclusividade*, na ótica de Sánchez López (1999), Lyons (1999) e Alfredo (2015), faz com que os quantificadores universais apresentem um caráter definido, uma característica que pode ser comprovada pela impossibilidade de ocorrer em contextos que exigem SNs indefinidos, como se vê em (34).

- (34) a. *Havia **os/todos/qualquer** perigos imagináveis.
 b. Houve **algum/um** mal-entendido entre as pessoas afetadas.

Como se verifica, enquanto os itens *os, todos* e *qualquer* não podem encabeçar o complemento do verbo *haver* (cf. (34a)), os itens *algum* e *um*, podem (cf. (34b)). Esse comportamento tem sido denominado *efeito de definitude* ou *restrição de definitude* (SÁNCHEZ LÓPEZ, 1999; ABBOTT, 2004).

Feitas essas observações, a partir de agora, trato apenas do quantificador *cada*, haja vista que, além dos numerais, é o único, dentro do grupo dos quantificadores universais, que ocorre no *corpus* introduzindo o nome que ocupa a posição de objeto direto do verbo.

Sobre um nominal encabeçado pelo quantificador universal *cada*, Quadros Gomes (2004, p. 271) menciona que é “um sintagma quantificado que denota pluralidades atômicas; tem potencial de referência e pressuposição de existência. Logo, **cada nome** é um sintagma quantificado e ancorado, que pode ocupar posições argumentais”.

Além disso, o item *cada* é apontado pela literatura “como um quantificador que percorre um conjunto de elemento por elemento, por meio de uma leitura *distributiva* [...], fazendo subconjuntos cardinalmente iguais” (LEGROSKI, 2015, p. 90). A distributividade, para Legroski (2015), exige uma relação entre um distribuidor e algo a ser distribuído. Nas palavras da autora, “o distribuidor operaria uma relação de “pareamento” entre elementos de um conjunto e de outro, que seria o distribuído” (LEGROSKI, 2015, p. 91). Essa relação pode ser compreendida a partir dos exemplos em (35).

- (35) a. **Cada** operário chegou em uma motocicleta.
 b. **Cada** um dos mecânicos consertou dois carros.

Em (35), verifica-se que os predicados *chegou em uma motocicleta* e *consertou dois carros* são distribuídos para cada elemento dos conjuntos de *operários* e *mecânicos*, particularizados pelo elemento *cada* (LEGROSKI, 2015). A função distributiva de *cada*, conforme Legroski, parece ser confirmada diante de casos como em (36).

- (36) ***Cada** homem é mortal.

(LEGROSKI, 2015, p. 92)

Para Legroski, a agramaticalidade, contida no exemplo em (36), se deve ao fato de que não é possível atomizar, ou seja, separar por unidades, a propriedade de ser mortal de modo que possa ser distribuída individualmente a cada elemento do conjunto de “homens”.

Quadros Gomes (2004), apoiada em Negrão (1999), afirma que, no PB, há uma assimetria no que tange à aceitabilidade de SNs que contenham o item *cada* em posição de sujeito e em posição de objeto. Na posição de objeto, as restrições são maiores quanto à aceitabilidade, como se observa nos exemplos em (37). Segundo Quadros Gomes, a restrição ocorre porque os sintagmas distributivos não podem distribuir sobre o sujeito, pois não conseguem subir para uma posição da qual tenham escopo sobre ele, então, não satisfazendo suas exigências distributivas, a sentença é agramatical.

- (37) a. **Cada aluno** leu alguns textos.
 b. *Alguns alunos leram **cada texto**.

(QUADROS GOMES, 2004, p. 261)

Contudo, na perspectiva de Quadros Gomes, há casos em que as exigências distributivas de *cada* podem ser satisfeitas, visto que ocorre dentro de VP⁵⁶, levando à quebra dessa inaceitabilidade. Algumas dessas situações ocorrem quando um argumento interno é introduzido por uma forma partitiva de *cada*, como “cada um de x”, em (38).

- (38) Alguns alunos leram **cada um dos** textos.

⁵⁶ Do inglês, *Verbal Phrase* = Sintagma Verbal.

(QUADROS GOMES, 2004, p. 262)

Quadros Gomes apresenta outras sentenças em que o item *cada* ocorre introduzindo um elemento nominal em posição de objeto e a construção parece perfeita, como em (39).

- (39) a. Os clochards aplaudiram **cada** conferencista.
 b. Os químicos conferiram **cada** composto.

(QUADROS GOMES, 2004, p. 306)

Para Quadros Gomes, as sentenças em (39) são perfeitas, porque podem ser interpretadas como uma pluralidade de eventos. Em (39a), nota-se a existência de vários conferencistas, cada um aplaudido após o término de sua conferência, e as diversas conferências fazem parte de uma programação, um evento maior, em que especialistas falam ao público sucessivamente. Já em (39b), verifica-se uma coleção de compostos, fabricados por determinada empresa, a qual deve ser conferida pelo mesmo conjunto de pessoas, um composto após o outro, em um circuito fechado.

Quadros Gomes afirma, ainda, que há sentenças que denotam eventos únicos, mas compreendidos como uma coleção de etapas ou subeventos, como um percurso com início e fim, isto é, denotando uma pluralidade atômica de subeventos, que licenciam nomes, encabeçados pelo item *cada*, em posição de objeto direto, como se vê em (40).

- (40) a. Abasteceu cada veículo/*cada frota.
 b. Comeu cada fatia/*cada bolo.

(QUADROS GOMES, 2004, p. 310)

Em (40), todos os nomes, à esquerda, antes da barra, introduzidos por *cada*, estão em posição de objeto e as sentenças são boas. Conforme aponta Quadros Gomes, as sentenças trazem um sujeito silencioso, *pro*, uma vez que o sujeito não tem relação com o fenômeno do licenciamento do nome, introduzido pelo *cada*, em posição de objeto direto, pois a distribuição é interna a VP. A autora aponta que a leitura, em todos os casos de (40), é a de uma sequência de subeventos que constituem um circuito fechado. Assim, tendo percorrido esse circuito, um outro evento, maior, composto dessas etapas, também terá sido concluído. Tem-se, então, uma pluralidade atômica de eventos. Para ela, a gramaticalidade das sentenças se deve ao fato de o nome, encabeçado pelo *cada*, denotar uma parte mínima, que, reunida às

suas partes iguais, em uma cardinalidade definida, formam um indivíduo inteiro. Por sua vez, a agramaticalidade ocorre porque o nome denota um indivíduo inteiro, e não uma parte mínima desse inteiro. Esses nomes, que são contáveis singulares, no entanto, podem formar boas sentenças com *cada*, desde que ocupem a posição argumental de sujeito, como em (41).

- (41) a. Cada frota foi abastecida num posto diferente.
b. Cada bolo estava ainda mais delicioso que o outro.

(QUADROS GOMES, 2004, p. 310)

Em suma, na compreensão de Quadros Gomes, para que *cada+nome* seja aceito na posição de objeto direto, é preciso que a distribuição ocorra dentro de VP e os predicados tenham início e término demarcados, divididos em etapas ou subeventos sucessivos.

Quadros Gomes (2004) e Legroski (2015) relatam que um fato curioso com relação a *cada+nome* é que pode ocorrer em situações que, normalmente, são apontadas como contextos agramaticais para *cada+nome*, como nos exemplos em (42).

- (42) a. Comigo acontece **cada coisa**.
b. É **cada coisa** que a gente vê...

(LEGROSKI, 2015, p. 105)

Quadros Gomes e Legroski explicam que a leitura que se tem dessas construções em (42) é escalar adjetival, em que *cada* é um item escalar ou focal. Para Quadros Gomes, o gatilho para essa leitura escalar é um contexto especial, que deve ser preenchido por três condições⁵⁷:

- (i) ser um contexto agramatical para o CN argumento: CN em sentença existencial ou apresentacional, [...] (como “tinha cada mulher na festa!”); ou com CN em posição de complemento direto (“eu vi cada mulher na praia!”);
- (ii) sentença de entonação exclamativa ou suspensa por reticências (não afirmativa e não interrogativa), o que transmite um valor de juízo apreciativo à declaração;

⁵⁷ O CN, usado pela autora, significa ‘cada nome’.

- (iii) existência de foco, perceptível na pronúncia reforçada de **cada** (eu vi CADA mulher na praia!) - a sentença é agramatical se **cada** for pronunciado de forma neutra. (QUADROS GOMES, 2004, p. 283)

Nessas construções em que *cada* parece ter uma leitura escalar (cf. (42)), tanto Legroski (2015) quanto Alfredo (2015) defendem que o item *cada* salienta ou enaltece algo no significado do nome que está quantificando, seja positivo ou negativamente. É como se *cada* estivesse funcionando como um intensificador do significado original da palavra. Legroski argumenta que mesmo que se faça presente a leitura de ordenação dos elementos dentro do subconjunto (e.g., “cada coisa mais absurda do que a outra”), o efeito não é de que *cada coisa* seja “mais absurda do que a outra”, apenas que se trata de um conjunto no qual as características da entidade são evidenciadas, ou, provavelmente, particularizadas, atomizadas, pelo uso do *cada*.

Nesse sentido, Legroski se afasta de Quadros Gomes (2004), pois essa defende que, em construções como *Maria tem CADA filho*, a interpretação é que ‘um filho é mais bonito que o outro’; já aquela afirma que essa frase não permite a interpretação de quem é mais bonito, isto é, não há, por exemplo, como inferir que Gilson é o filho mais bonito ou que o grau de beleza de Gilson é maior que o do filho Pedro. A leitura parece dizer apenas que, qualquer que seja o indivíduo selecionado, ele será muito bonito⁵⁸.

Diante do exposto, é particularmente relevante para este estudo o fato de os quantificadores criarem expressões referenciais, determinadas pelo tamanho do conjunto ou pelo número de individualidades referidas, bem como a possibilidade de o quantificador universal *cada*, além de denotar leitura distributiva, expressar leitura focal.

3.5 CONSIDERAÇÕES DA SEÇÃO

Nesta seção, a fim de encontrar elementos que contribuam para comprovar a hipótese desta tese de que as sentenças que são apontadas como CVLs no PB participam de grupos distintos e que isso se deve, em grande medida, aos valores referencial e definido do elemento nominal, me dediquei a realizar uma síntese da literatura quanto ao conceito de referencialidade e às noções relacionadas, como definitude, indefinitude e especificidade, indicando, junto aos autores apresentados, minha compreensão sobre cada uma dessas noções.

⁵⁸ Aproveito para adiantar que a interpretação que faço de algumas sentenças, como *Ele me deu cada olhada*, descritas em 4.1, se aproxima da ótica de Legroski (2015).

Além disso, discuti a respeito das funções dos determinantes, destacando aquelas que, de fato, parecem contribuir para verificar o papel desses elementos nas construções do *corpus* desta tese, geralmente, chamadas de CVLs.

Na seção seguinte, descrevo parte dessas sentenças do *corpus*⁵⁹, buscando mostrar em que implica a identificação das propriedades referencialidade e/ou definitude dos elementos nominais para as CVLs no PB, enfatizando a relevância do determinante no tipo de leitura que se verifica nessas construções, por exemplo, leitura de evento determinado ou indeterminado, no sentido de ser (não)preciso quanto à duração, à completude, ao cuidado etc., com que foi realizado, se comparado àquele evento expresso pela contraparte verbal plena da construção.

⁵⁹ Ou seja, somente aquelas sentenças em que o nome tem um determinante foneticamente realizado. A outra parte, aquelas construções em que o nome aparece nu, será descrita na subseção 5.2.

4 A DIVISÃO DAS CVLs DO PB: DESCRIÇÃO DAS SENTENÇAS DO *CORPUS*

Tendo em vista a diversidade de sentenças que são denominadas CVLs no PB, como exposto na Introdução e na Seção 2, nesta seção, busco defender a assunção de que tais construções se dividem em tipos distintos. Para tanto, na investigação, considereirei três aspectos. São eles:

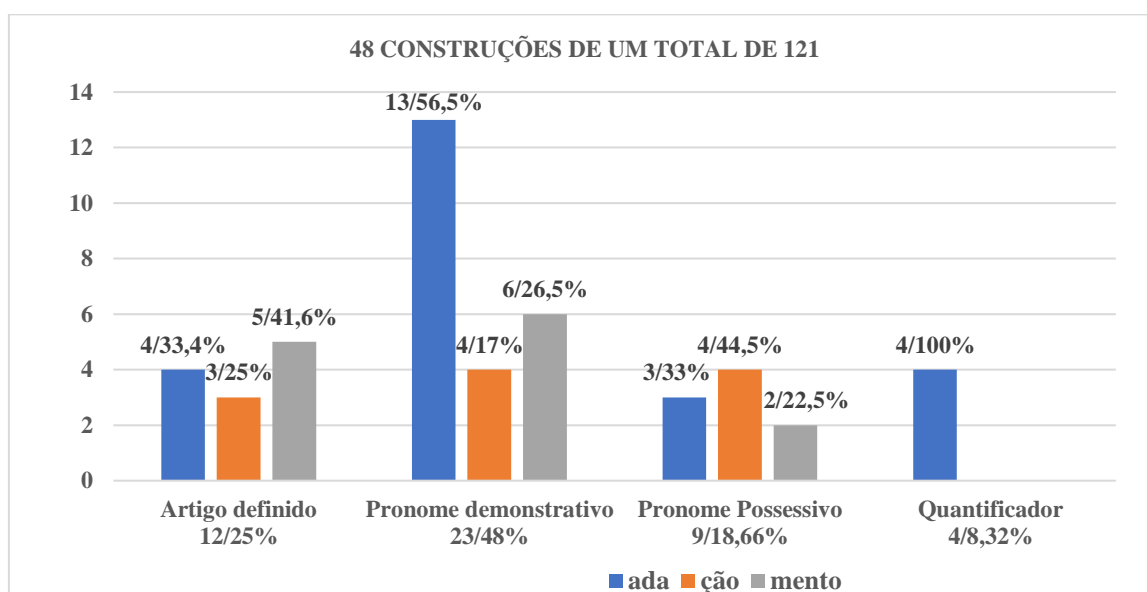
- i) referencialidade e definitude do elemento nominal;
- ii) contribuição semântica do elemento verbal;
- iii) leitura de evento indeterminado da construção.

Na subseção 4.1, apresento o comportamento das nominalizações em *-ada*, *-ção* e *-mento* das construções com o verbo *dar*, evidenciando que, em algumas sentenças, o elemento nominal contém os traços [+específico] e [+definido], bem como destaco que o verbo *dar* não possui conteúdo semântico de transferência de posse, nem de qualquer outra natureza. Logo em seguida, na subseção 4.2, demonstro que, em outras sentenças com esse mesmo verbo, as nominalizações em *-ada*, *-ção* e *-mento* não são portadoras desses traços e, além disso, que o verbo não possui informação semântica e que a construção tem uma leitura de evento indeterminado ou impreciso no que tange à duração, à completude ou ao cuidado com que foi realizado, se comparado àquele denotado pelo verbo base da nominalização. Conseqüentemente, vou sugerir que, devido ao fato de essas construções com *dar* terem uma contraparte verbal plena, são CVLs, mas, nos moldes de Kearns, do tipo construção com verbo leve verdadeiro (CVLV), dado a ausência de informação semântica do elemento verbal, entretanto de subtipos distintos, a julgar pela diferença do item determinante que encabeça o elemento nominal com o qual o verbo se combina e da presença/ausência de uma leitura de evento (in)determinado, desencadeada, em grande medida, por esses itens. Já na subseção 4.3, mostro o comportamento das nominalizações derivadas pelos mesmos sufixos nas sentenças com o verbo *fazer*, procurando revelar que a expressão nominal também carrega os traços [+definido] e [+específico], assim como aponto que *fazer* apresenta conteúdo semântico e que as sentenças não exprimem leitura de evento indeterminado. Por conseguinte, vou assumir que, uma vez que essas construções podem ser parafraseadas por um verbo pleno base derivante do nome, são CVLs, porém, apoiada no modelo de Kearns (2002), considerarei que apenas as sentenças com *fazer* são do tipo construção com verbo de ação vaga (CVAV).

4.1 CONSTRUÇÕES COM *DAR* MAIS NOME DEFINIDO E/OU REFERENCIAL

Os valores não definido e não referencial observados no DP⁶⁰ eventivo de uma CVL vêm sendo tomados como uma propriedade que caracteriza esse tipo de construções. De acordo com o proposto por Scher (2004), Medeiros (2010) e Castilho (2010), como discutido na Seção 2, CVLs, no PB, não podem ser formadas a partir da combinação de um verbo leve e uma nominalização definida e referencial: ou seja, o esperado é que essas construções não se formem a partir de nomes que expressem definitude e/ou referencialidade. Entretanto, contrariando esses autores, foram identificadas no *corpus* sentenças que, normalmente, recebem tal classificação, em que o verbo *dar* ocorre associado às nominalizações em *-ada*, *-ção* e *-mento* denotando essas características, um comportamento que se aproxima do que já haviam apontado Moura Neves (1996), Alves e Scher (2020) e Alves e Figueiredo (no prelo). Do total de 121 construções com esse verbo, 48 são com nomes definidos e referenciais, em outros termos, portadores dos traços [+definido] e [+específico] (COWPER; HALL, 2002), e 14 são com nomes referenciais, portadores apenas do traço [+específico] (COWPER; HALL, 2002). Com relação aos primeiros traços, a nominalização aparece encabeçada por artigo definido, por pronomes demonstrativos, por pronomes possessivos e pelo quantificador universal *cada*, como se verifica pela distribuição no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Nomes [+definido] e [+específico] nas construções com *dar*



Fonte: Elaboração própria.

⁶⁰ Do inglês, *Determiner Phrase* = Sintagma Determinante.

A seguir, listo algumas dessas sentenças⁶¹ com *dar* mais nominalizações em *-ada*, *-ção* e *-mento*, denotando definitude e referencialidade.

(1) **Nominal encabeçado por artigo definido**

- a. Participante deixa cicatriz de mordida em marido e Christina não se aguenta: “tatuagem”? Tatiane afirma que **deu a mordida** para se defender do marido.
- b. [...] O bebê estava dormindo na hora em que o colega **deu as mordidas**.
- c. E quando Jimin **deu a encarada** dele que deixou a câmera nervosa ... poxa Jimin, colabora!
- d. Eu não quis beijar ninguém, ele deu uma encarada, eu **dei a encarada**, e aí encostou. Acabou rolando.
- e. A atividade garimpeira não deixa ninguém para trás, ela busca até morto. Não é [o translado] coisa ruim o que eles fizeram, pelo contrário, **deram a demonstração** que sempre existiu na classe garimpeira: os companheiros a gente busca, os bandidos e ladrões é que não conseguem sobreviver.
- f. Essa vitória nos **deu a empolgação** que a gente precisava.
- g. A crise chegou para todo mundo. A primeira orientação é buscar um desconto, dentro dos limites possíveis. Escolas em regime integral, por exemplo, devem **dar o abatimento** da alimentação, uma vez que ela não será oferecida.
- h. A cristaleira **deu o acabamento** desejado à cozinha.

Em (1), aos elementos nominais podem ser atribuídos os valores definido e referencial, pois os artigos definidos, encabeçando esses nomes, asseguram que tanto falante quanto ouvinte têm consciência sobre o que se fala, garantindo uma interpretação familiar e/ou identificável por ambos os participantes do discurso. O uso dos artigos definidos *o* e *a*, combinado, em alguns casos, com elementos modificadores, confere, portanto, um caráter definido e particular/específico a esses nominais (LYONS, 1977; HEIM, 1982; LYONS, 1999; LEONETTI, 1999, 2016; ALMEIDA-SILVA, 2019 etc.).

Além disso, observa-se também que, em (1a), a nominalização em *-ada*, *mordida*⁶², acompanhada pelo artigo definido *a*, relaciona-se anaforicamente à expressão *mordida* da

⁶¹ Reitero que todos os exemplos apontados como do *corpus* foram coletados em sítios digitais e estarão em anexo com seus respectivos endereços eletrônicos. Aproveito também para esclarecer que não fiz nenhuma correção nas ocorrências do *corpus*, deixando-as conforme o original.

primeira parte do exemplo, por isso são correferenciais, haja vista que está retomando algo que já foi introduzido no discurso; logo é familiar e identificável por falante e por ouvinte (HEIM, 1982; LEONETTI, 1999, 2016; ALMEIDA-SILVA, 2019 etc.). Outro caso de retomada anafórica é verificado em (1g) em que a nominalização em *-mento*, *abatimento*, encabeçada pelo artigo definido, está retomando o nome *desconto*, encabeçado pelo artigo indefinido na primeira parte do exemplo. Isso, de acordo com Heim (1982), é possível, porque o nome definido contém uma descrição coincidente com o da descrição indefinida apresentada anteriormente. Observa-se também que, nesse caso, a retomada não está sendo reproduzida de forma fiel, mas por um elemento sinônimo, o que é perfeitamente aceitável, visto que ambos possuem o mesmo conteúdo (LEONETTI, 1999).

O processo de retomada anafórica, no entanto, já não é verificado em (1d), pois, esse exemplo, que tem como contexto uma luta de UFC, embora, em primeiro momento, leve a pensar que a expressão *a encarada* estaria retomando a expressão *uma encarada* já introduzida no discurso, não é esse o caso, uma vez que se tratam de eventos diferentes e não do mesmo evento: primeiro, uma pessoa encara, e, depois, outra pessoa encara também. Portanto, não se pode falar em correferência, todavia, ainda assim, não deixa de ser algo particularizado e identificável pelos interlocutores. Nesse sentido, o artigo definido parece estar operando com duas funções: introduzindo um referente e particularizando um referente, conforme sugere Pires de Oliveira (2016). Já em (1b), além da *familiaridade* e da *identificabilidade*, nota-se outro aspecto que caracteriza a definitude, a *inclusividade*, dado que a referência é sobre à totalidade dos eventos (LYONS, 1999).

Os DPs que se associam ao verbo *dar* das sentenças em (1), além de expressarem referencialidade, devido ao fato de estarem se tratando de algo que é identificável, no mínimo, pelo falante, chamam a atenção por alguns casos terem sua referencialidade reforçada pela modificação por outro constituinte (LYONS, 1977; LEONETTI, 1999; MOORE NEVES, 2019; ALMEIDA-SILVA, 2019). Em (1c), a referencialidade do DP é reforçada pela modificação com o possessivo *dele*, em *a encarada dele*, demonstrando que não se trata de uma encarada qualquer, mas de uma encarada específica, particular, individual. Em (1e) e (1f), a referencialidade dos DPs *a demonstração* e *a empolgação* é reforçada pela modificação com as orações relativas *que sempre existiu na classe garimpeira* e *que a gente precisava*,

⁶² De acordo com Basílio (1999), Scher (2004) entre outros, ainda que a expressão nominalizações em *-ada* esteja registrada na literatura, é possível que uma melhor caracterização desse sufixo seja *-da*, visto que sua realização pode ser *-ada* ou *-ida* a depender da vogal temática que se aplica à raiz de que deriva a nominalização.

respectivamente; e, em (1h), a referencialidade do DP *o acabamento* é reforçada pela modificação pelo adjetivo *desejado*. Esses casos caracterizam contextos de redundância ou de forte clareza de referência, porque as expressões nominais, além de ocorrerem com constituintes marcadores de referencialidade, já são introduzidas por artigos definidos, elementos que, geralmente, são apontados como portadores de definitude e de referencialidade (LONGOBARDI, 1994; ALEXIADOU; HAEGEMAN; STAVROU, 2007), embora nem sempre essa relação exista, como argumentado por Giusti (2002) e como vimos em (3a), na Seção 3, nos casos de nomes com leitura genérica. Esses exemplos em (1) também ilustram o que Chersterman (1991) denomina expressões nominais *mais claramente referenciais*, visto que apresentam mais de uma das propriedades que as tornam como tal: definido, específico, individual e singular.

No que tange à contribuição semântica do verbo nas sentenças em (1), verifica-se que *dar* não contribui com nenhum significado, pois não se nota a noção de transferência de posse, nem de qualquer outro conteúdo lexical/descritivo. Além disso, a construção não exprime uma leitura de evento indeterminado ou impreciso quanto à duração ou à completude etc., a julgar que, por exemplo, em (1a), *deu a mordida* não é algo que se pode dizer que ocorreu de forma breve, incompleta, descuidada ou diminutivizada, interpretações que, geralmente, são assumidas para construções com o verbo leve *dar* (SCHER, 2004; MEDEIROS, 2010; ALVES, 2016). Ainda cumpre destacar que os exemplos em (1) podem ser parafrazeados por um verbo pleno base derivante do nome, haja vista que, por exemplo, *deu a mordida*, em (1a), é parafrazeável por *mordeu*, *deram a demonstração*, em (1e), é parafrazeável por *demonstraram*, e *deu o abatimento*, em (1g), é parafrazeável por *abateu*, um procedimento também aplicável aos demais casos de (1).

(2) Nominal encabeçado por pronome demonstrativo

- a. Sim, a pessoa que me **deu essa mordida**. Diz o destruidor mostrando a mordida abaixando a gola alta da blusa.
- b. Vocês estão ouvindo isso? Eles estão sofrendo também. E isso é por causa do que EU estou fazendo com ELES - e aí a mamãe **deu aquela risada** de bruxa de novo, e a voz dela também não parecia a mesma.
- c. Exemplo de desprendimento, essa menininha é irmã de um aluno de nossa Escola e ao saber da campanha **deu essa demonstração** de Solidariedade.
- d. **Deu aquela correção** na pintura do seu carro ou acabou de tirar da concessionária?

- e. Hoje nós da Gráfica Seixas resolvemos listar os recursos mais utilizados para **dar esse enobrecimento** aos nossos materiais impressos e ajudar clientes a entenderem um pouco mais desse universo de papelaria.
- f. Foi, mas **deu aquele arrependimento** instantâneo.
- g. Você pode aplicar o produto com as próprias mãos!! Maaaas, para **dar AQUELE acabamento** vai ser super importante você ter uma esponjinha de maquiagem para te ajudar a “assentar” o produto e garantir que a pele não fique marcada!

Em (2), os nominais, encabeçados pelos pronomes demonstrativos *esse/essa* e *aquele/aquela*, também expressam definitude e referencialidade, isso porque esses itens permitem que os interlocutores identifiquem os referentes no discurso, dado o comportamento dêitico desses elementos (LYONS, 1999; ALEXIADOU; HAEGEMAN; STAVROU, 2007 etc.). É a deiticidade, contida nos pronomes demonstrativos dos exemplos em (2), que permite ao referente ser conhecido com base no contexto ou sem estar presente, com base em discursos anteriores (PIRES DE OLIVEIRA, 2001; COWPER; HALL; 2002 etc.).

Alguns DPs de (2), assim como verificado em (1), apresentam uma forte clareza de referencialidade, uma vez que surgem reforçados por outros constituintes modificadores: em (2b), a modificação é pelo PP *de bruxa*; e, em (2f), a modificação é pelo adjetivo *instantâneo*. Outro fato curioso com relação a esses dados com o pronome demonstrativo *aquele/aquela* é que eles podem licenciar a intensificação do significado do nome que encabeça, a partir da prosódia marcada do determinante, caso seja do interesse do falante, como se verifica em (2g), em que o falante/escritor do exemplo fez questão de demonstrar com o uso de AQUELE escrito em maiúsculo, recurso utilizado para representar, no texto escrito, essa intensificação ou esse valor enfático (QUADROS GOMES, 2004; LEGROSKI, 2015). Destaco, contudo, que, ainda que ocorra essa entonação forte no determinante, o caráter familiar e identificável do DP não é eliminado.

Com relação à contribuição semântica do verbo *dar* nas sentenças em (2), percebe-se uma nítida perda da noção de transferência de posse, assim como não se verifica nenhum outro conteúdo lexical/descritivo. Ademais, como acontece em (1), observa-se que os exemplos em (2) não exprimem uma leitura de evento realizado brevemente, incompletamente etc., e que as construções possuem uma contraparte verbal plena. Logo, *deu essa mordida*, em (2a), por exemplo, é parafraseável por *mordeu dessa forma*, e *deu aquela correção*, em (2d), é parafraseável por *corrigiu daquela forma*. Nesses casos e nos demais de

(2), a paráfrase é produzida quando falante e ouvinte estão ou já estiveram em contato visual com o referente em questão.

(3) **Nominal encabeçado por pronome possessivo**

- a. Mas antes de ser retirado do card, Jacaré pesou e **deu sua encarada** normalmente.
- b. Apesar da certeza de que também **dei minhas risadas** nessa época [...].
- c. Trump se recusou a comentar se o príncipe herdeiro Mohammed bin Salman foi cúmplice do assassinato, mas talvez **deu sua demonstração** mais explícita de apoio ao príncipe desde a morte de Khashoggi, quase dois meses atrás.
- d. **Dei minha demonstração** do que o amor é capaz, sendo firme e verdadeiro.
- e. Em entrevista, cabo **deu seu depoimento** e contou nunca ter passado por nada parecido.
- f. E você me pergunta, curiosa, a razão pela qual não **dei meu depoimento** no maravilhoso documentário de Nara [...].

Às nominalizações em *-ada*, *-ção* e *-mento* dos exemplos em (3), encabeçadas pelos pronomes possessivos *seu/sua* e *meu/minha*, também podem ser atribuídos os valores definido e referencial. A definitude é identificada a partir da leitura de posse inalienável (LYONS, 1999), já que a posse não pode ou dificilmente será cedida. Destarte, estando a posse mais ligada ao possuidor, o ouvinte sabe de quem se trata, caracterizando a familiaridade e, conseqüentemente, a identificabilidade do referente. Além disso, considerando o que aponta a literatura (LYONS, 1999; CASTRO, 2006), a ausência de outro determinante definido e a presença do possessivo pré-nominal, abrigando, assim, a definitude, levam o elemento nominal a uma interpretação definida. Já a referencialidade é denotada, sobretudo, pela possibilidade de o falante identificar o referente.

Ademais, nota-se que, conforme o que aponta a literatura, o exemplo em (3f), em primeiro momento, poderia ter sua referencialidade questionada, pois a expressão *dei meu depoimento* está sob o escopo de uma negação, visto que, fatos como esse, geralmente, são tomados como contexto opaco ou ambíguo para verificar a especificidade (LYONS, 1999; LEONETTI, 1999; ALMEIDA-SILVA, 2019). Todavia, segundo Lyons (1999), a perfectividade verbal reduz essa possível opacidade/ambigüidade, propiciando um contexto transparente e a identificação da leitura referencial dessa nominalização definida.

Nos exemplos em (3), também não se identifica contribuição semântica do verbo *dar*, as construções não apresentam uma leitura de evento indeterminado/impreciso quanto à duração, à completude etc., e as sentenças podem ser parafraseáveis por um verbo pleno de que deriva a nominalização, como, por exemplo, em (3a), *deu sua encarada* é igual a *encarou*.

(4) **Nominal encabeçado por quantificador universal**

- a. Gizelly **deu cada olhada**, mas ela sabe “disfarçar” melhor que a Rafa.
- b. Ontem na festa não peguei ninguém, mas **dei cada olhada!**
- c. P realmente **deu cada encarada** kkjkkk.
- d. No rolê de ontem não peguei ninguém, mas nois **deu cada encarada**.

Em (4), os valores definido e referencial podem ser atribuídos aos elementos nominais *olhada* e *encarada*, encabeçados pelo *cada*. Esse item apresenta uma leitura distributiva, no sentido de que há um conjunto de olhadas e um conjunto de encaradas e ele percorre elemento por elemento (SÁNCHEZ LÓPEZ, 1999; LEGROSKI, 2015). No que tange à definitude desses nominais, é notada pelo aspecto de *inclusividade* do nome introduzido pelo *cada*, haja vista que denota a totalidade dos valores que o nominal quantificado apresenta (SÁNCHEZ LÓPEZ, 1999; LYONS, 1999; ALFREDO, 2015). Já a referencialidade decorre da possibilidade de as olhadas e de as encaradas serem identificáveis, no mínimo, pelo falante. Além do mais, de acordo com Enç (1991), a quantificação universal sempre é específica; logo, em (4), os DPs são referenciais.

Observa-se também, em (4), a obrigatoriedade de prosódia marcada do determinante *cada*, o que acaba, por conseguinte, intensificando o significado do nome. Nesses casos, o que se percebe é que há um conjunto com mais de um evento de olhar e de encarar e *cada olhada* e *cada encarada* significam que se qualifica cada uma das olhadas e cada uma das encaradas como sendo muito fortes. Assim, entendo, junto à Legroski (2015), que, mesmo que uma leitura de ordenação dos eventos, dentro dos subconjuntos, possa se fazer presente (e.g., “cada olhada/cada encarada mais forte do que a outra”), o efeito é que há um conjunto de olhadas e um conjunto de encaradas, nos quais as características de olhar e de encarar são evidenciadas de modo igual pelo *cada* e não de que *cada olhada* e *cada encarada* seja mais forte do que a outra. Para ser mais clara, nesses casos, não parece haver graus diferentes de intensidade entre os vários eventos de olhar e de encarar realizados pelo sujeito, como sugeriu Quadros Gomes (2004). O que se percebe é que há diferenças de graus entre, de um lado, os vários eventos de

olhar e de encarar praticados pelo sujeito nessa ocasião e os demais eventos de olhar e de encarar que ocorrem no mundo. As olhadas e as encaradas têm graus mais elevados do que a média esperada de olhares e de encaradas em outras situações.

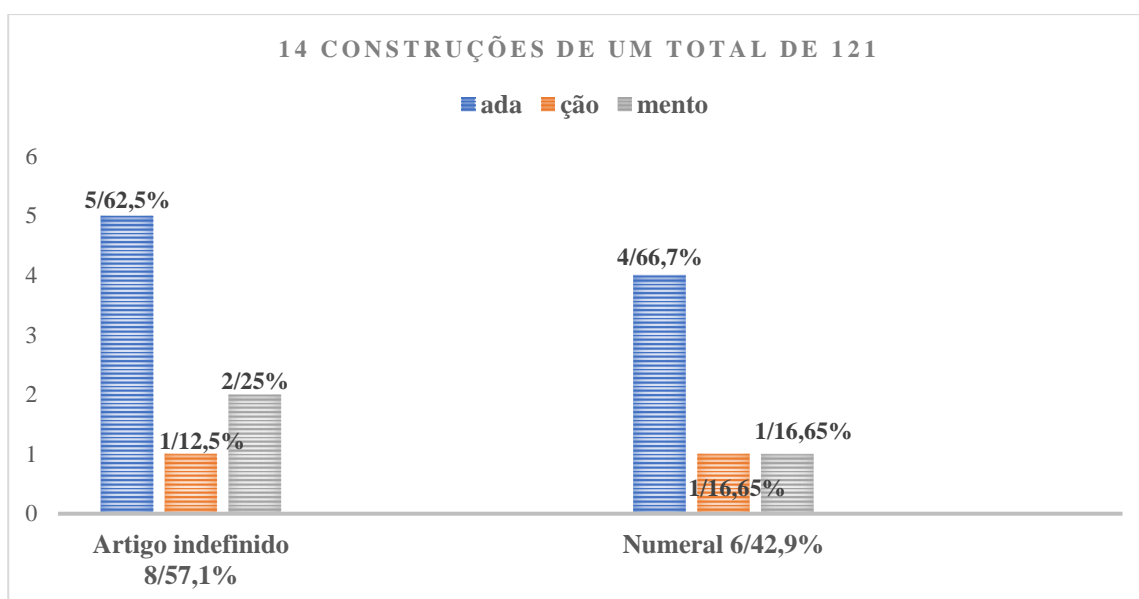
Sobre a obrigatoriedade de entonação forte de *cada* durante sua pronúncia, caso não ocorra, a sentença será agramatical, pois *cada+olhada* e *cada+encarada*, mesmo denotando pluralidade atômica, de cardinalidade definida, em posição de objeto direto, uma posição não canônica para ocorrência de *cada*, conforme argumentação de Quadros Gomes (2004), selecionam o verbo *dar* que não expressa início e término demarcados, divididos em etapas. Portanto, essa combinação (dar + cada + N) exige a focalização de *cada*.

A propósito, como mencionei na Seção 2, Nunes (2001) aponta que há restrições quanto às construções em que há focalização do determinante ou em que se tem foco com entonação silabada no elemento determinante: apenas acontece na posição de objeto direto; nunca na posição de sujeito⁶³. Essa assimetria nas posições de sujeito e de objeto com relação à focalização do determinante se revalida com o comportamento desses dados do *corpus*, visto que em todos os casos em que se verificam essa possibilidade de entonação forte na pronúncia dos elementos determinantes, ocorreu apenas na posição de objeto, como se vê em (4) e como se viu em (2g).

Com respeito à contribuição semântica do verbo *dar*, em (4), não é identificada. Já com relação à possibilidade de paráfrase da construção por um verbo pleno, nota-se que *deu cada olhada*, em (4a) e (4b), e *deu cada encarada*, em (4c) e (4d), podem ser, respectivamente, parafrazeáveis por *olhou intensamente* e *encarou intensamente*, demonstrando, por conseguinte, que essas construções também não apresentam leitura de evento realizado de forma breve, diminutivizada, incompleta, descuidada, entre outras.

Feitas essas observações, passo, agora, a falar sobre as construções em que o verbo *dar* ocorre combinado com DPs que parecem denotar apenas o traço [+específico], uma leitura somente referencial, uma vez que as nominalizações estão encabeçadas por artigos indefinidos e por numerais. Esses casos, como apontei anteriormente, totalizam 14 sentenças, conforme se vê no Gráfico 5.

⁶³ Uma discussão maior envolvendo entonação silabada, resultando na intensificação do significado do nome, não será realizada aqui, pois foge ao escopo deste estudo.

Gráfico 5 – Nomes [+específicos] nas construções com *dar*

Fonte: Elaboração própria.

Em (5) e (6), apresento algumas sentenças com *dar* em que as nominalizações em –*ada*, –*ção* e –*mento* expressam referencialidade.

(5) **Nominal encabeçado por artigo indefinido**

- a. Caraiiiiio fi, vizinha **deu uns gemidos** que deu pra ouvir daqui de boa.
- b. Mas o Liam Hemsworth também **dá umas olhadas** apaixonadas para a Miley Cyrus.
- c. Quando a porta da sala se fecha, Cinthia vira a câmera para si, e **dá uma risada** de comemoração.
- d. Recentemente, **deu-se uma demonstração** inequívoca dessa preocupação em realizar o melhor trabalho possível em defesa dos interesses dos cidadãos.
- e. Empresa concessionária que efetuou a substituição do capô, **deu um polimento** especializado no teto.
- f. O puxador comprido na cor preta **deu um acabamento** elegante aos móveis da cozinha.

Os elementos nominais, em (5), encabeçados pelos artigos indefinidos *um/uns* e *uma/umas*, na medida em que podem ser identificados pelo falante, contêm o traço [+específico], conseqüentemente, são interpretados como referenciais (LYONS, 1977; ENÇ, 1991; LYONS, 1999; PRIM, 2015; ALMEIDA-SILVA, 2019 etc.). A referencialidade dos

DPs em (5) é assegurada pela modificação por constituintes atribuidores de referência (LYONS, 1977; LEONETTI, 1999; MOORE NEVES, 2019; ALMEIDA-SILVA, 2019): em (5a), o DP *uns gemidos* tem sua referencialidade garantida pela modificação com a oração relativa *que deu pra ouvir daqui de boa*; em (5b), (5d), (5e) e (5f), os DPs *umas olhadas*, *uma demonstração*, *um polimento* e *um acabamento* têm, respectivamente, sua referencialidade garantida pela modificação com os adjetivos *apaixonadas*, *inequívoca*, *especializado* e *elegante*; e, em (5c), o DP *uma risada* tem sua referencialidade garantida pela modificação com o PP *de comemoração*. Um fato que merece destaque é que, em (5a), (5b) e (5c), sentenças com a combinação *dar + uma + N -ada*, que, de modo geral, são tratadas como denotadoras de eventualidades breve, incompleta, descuidada ou diminutivizada (SCHER, 2004, 2006), não apresentam tais interpretações. Vê-se também, em (5), que não é possível recuperar o significado de transferência de posse em *dar*, nem nenhum outro conteúdo semântico e que as construções possuem uma contraparte verbal plena, base derivante do elemento nominal.

(6) Nominal encabeçado por numeral

- a. O velho aproximou-se do tronco e **deu três pancadas**⁶⁴, que ressoaram como se fossem uma lâmina de bronze.
- b. [...] Foi perguntado se o depoente desconfiou de alguma coisa quando negou de fazer a corrida, ele referiu que não, mas que Gilmar **deu duas olhadas** sérias para o depoente e para o Rodrigo [...].
- c. O Congresso **deu duas demonstrações** importantes contra o autoritarismo: na Câmara, foi rejeitada a PEC do voto impresso, retrocesso que só favorece as fraudes; no Senado, revogamos uma herança da ditadura: a Lei de Segurança Nacional.
- d. Neste período frio um comerciante **deu dois abatimentos** sucessivos, o primeiro de 10% e, uma semana depois, outro de 15% no preço de ventiladores da sua loja.

Em (6), os elementos nominais são referenciais, pois o falante consegue identificar o número de eventos referidos (SÁNCHEZ LÓPEZ, 1999), bem como porque, como defende Chersterman (1991), a propriedade ser contável garante a referencialidade desses nomes.

⁶⁴ Embora o PB não tenha o verbo *pancar*, tendo em vista o significado de *pancada* que, segundo o dicionário Aulete Digital, é o ato de espancar, estou considerando *pancada* um nome deverbal.

Nessas construções, também se percebe que os DPs têm sua referencialidade assegurada pela modificação por alguns constituintes. São eles: a oração relativa *que ressoaram como se fossem uma lâmina de bronze*, em (6a); os adjetivos *sérias*, em (6b), e *sucessivos*, em (6d); e o aposto *na Câmara, foi rejeitada a PEC do voto impresso, retrocesso que só favorece as fraudes; no Senado, revogamos uma herança da ditadura: a Lei de Segurança Nacional*, em (6c).

Por fim, nos exemplos em (6), o verbo *dar* se comporta do mesmo modo que nos exemplos anteriores, isto é, não apresenta conteúdo lexical/descritivo. Além disso, as construções não exprimem leitura de evento realizado brevemente, incompletamente etc., e, ainda, podem ser parafraaseáveis por um verbo pleno, base de que deriva a nominalização.

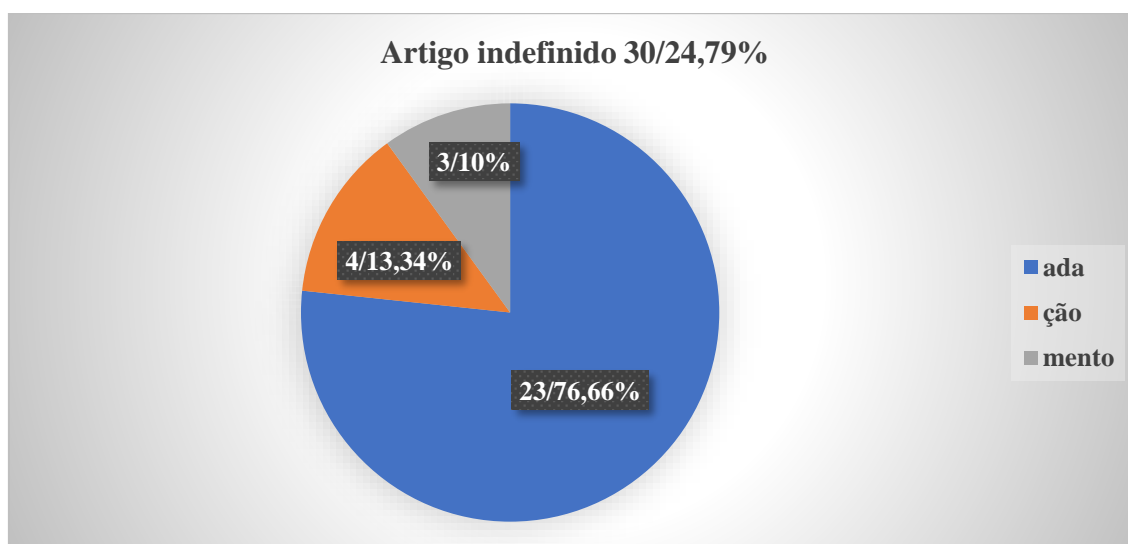
Em razão dos comportamentos apresentados, ou seja, de o verbo *dar* não significar transferência de posse (MORETTI, 2010; BARROS, 2018; CHOUPINA; BRITO, 2018 etc.) e de as construções possibilitarem ser parafraaseadas por uma contraparte verbal plena, base das nominalizações em *-ada*, *-ção* e *-mento*, acredito que as sentenças presentes em (1) a (6) sejam CVLs. Contudo, contrariando a discussão de Kearns (2002) para o inglês, conforme Seção 2, embora essas CVLs sejam constituídas por DPs portadores dos traços [+definido] e/ou [+específico], não seriam do tipo construção com verbo de ação vaga (CVAV), antes, seriam do tipo construção com verbo leve verdadeiro (CVLV), pois não é possível recuperar nenhum conteúdo lexical/descritivo em *dar*. Mas, levando em conta que essas construções expressam leitura de evento determinado ou preciso no que diz respeito à duração, à completude ou ao cuidado com que foi realizado, decorrente da presença do determinante definido ou da modificação por constituintes atribuidores de referencialidade, não seriam CVLVs apenas. Portanto, em razão de, nas construções de (1) a (6), o verbo ser semanticamente esvaziado, de os DPs eventivos serem definidos e/ou referenciais e de o evento ser determinado, sugiro tratá-las como um subtipo de CVLV. Seria, então, uma *CVLV-Det*, considerando que outras construções com *dar* também seriam CVLVs, porém expressando evento indeterminado ou impreciso, como discuto na próxima subseção.

4.2 CONSTRUÇÕES COM *DAR* MANIFESTANDO LEITURA DE EVENTO INDETERMINADO

No *corpus*, observei que algumas construções não contam com elementos nominais em que o determinante contribui para a referencialidade. São sentenças que exibem a

combinação do verbo *dar* mais nominalizações em *-ada*, *-ção* e *-mento*, antecedidas pelo artigo indefinido, expressando uma leitura de evento realizado de forma breve, incompleta, descuidada ou diminutivizada. Esses casos totalizam 30 ocorrências de um total de 121 dados com esse verbo, conforme se verifica pela distribuição no Gráfico 6.

Gráfico 6 – Construções com *dar* denotando leitura de evento indeterminado



Fonte: Elaboração própria.

Em (7), estão listados alguns casos de *dar* mais nominalizações em *-ada* em que os elementos nominais, introduzidos pelo artigo indefinido *uma*, não contêm o traço [+específico], visto que não indicam algo particular, identificável pelos interlocutores do discurso.

- (7)
- a. Ainda não me convenci totalmente da ausência de um plástico de acabamento nisso; mexi hoje e **deu uma melhorada**.
 - b. Erick fala sobre trabalho de Carpegiani no Vitória: “**Deu uma arrumada** na nossa casa”.
 - c. Ontem eu **dei uma polida** na lente que eu vejo minha vida e percebi que estou exaurido...
 - d. Logo na tela de entrada do Windows (onde põe senha), a tela já **deu uma piscada**.
 - e. **Dei uma cochilada** aqui e sonhei que o Marinho tinha levado o anel da @Bridgestonebr. Até nos sonhos o @legadaomassa tá errado.

O elemento nominal, nas sentenças em (7), expressa leitura indefinida inespecífica, portanto, não se trata de um nome referencial. Além do mais, como se percebe, as construções indicam diferentes leituras de evento, tais como incompleto (cf. (7a)), descuidado (cf. (7b) e (7c)), breve ou, até mesmo, diminutivizado (cf. (7d) e (7e)). Esse resultado confirma aqueles verificados por Scher (2004, 2006), para sentenças com *dar* mais nominalizações em *-ada*.

Scher denomina evento diminutivizado todos aqueles expressos por construções com a combinação *dar + N -ada*. Aqui, no entanto, não emprego essa terminologia, porque essa é apenas uma das interpretações possíveis para construções com a referida combinação. Logo, estou preferindo nomear os eventos identificados nas CVLs com *dar + uma + N -ada* de *eventos indeterminados*, uma vez que são imprecisos, não estabelecidos ou fixados com clareza quanto à completude, ao cuidado, à duração ou à natureza.

O conteúdo de indeterminação caracteriza os artigos indefinidos, conforme argumenta Leonetti (1999, 2016); mais precisamente, é algo previsto pelas propriedades indefinidade e/ou inespecificidade dos nominais (LYONS, 1999; ABBOTT, 2004; CERQUEIRA, 2019 etc.). A relação do artigo indefinido *uma* com essa leitura de evento indeterminado, nas construções em (7), é tão nítida que, caso ocorresse a sua substituição pelo artigo definido *a*, como, por exemplo, *Dei a polida na lente que eu vejo a minha vida*, referente a (7c), tal interpretação não seria recuperada. Ou seja, a expectativa de ter atingido o todo, nessa construção com o artigo definido, é a mesma recuperada em construção com o verbo pleno correspondente *poliu*.

O evento indeterminado parece ser a leitura *default* das construções com *dar + uma + N -ada*, exceto nos casos em que a expressão nominal ocorre modificada por um elemento atribuidor de referencialidade, como a oração relativa, o adjetivo e o PP, como se viu em (5). Todavia, ela não se restringe às sentenças com essa combinação, podendo também ser verificada em construções com *dar* mais nominalizações em *-ção* e *-mento*, introduzidas por artigo indefinido, como se vê em (8).

- (8) a. Meu ateliê de laços, **dei uma arrumação** pra entrar um biombo só pra por arcos. Meu espaço é pequeno mas deu pra dar um jeitinho.
- b. Argila marrom: Se você quer **dar um rejuvenescimento** na sua pele, essa é a ideal, pois possui um poder anti-inflamatório potente, além de tonificar e ativar a circulação do sangue, o que vai deixar seu rosto com uma pele firme.

As expressões nominais, em (8), antecedidas pelo artigo indefinido *um/uma*, contêm o traço [-específico]; assim, diz-se que não se tratam de nomes referenciais. Essas construções em (8) indicam uma leitura de evento indeterminado, pois, em (8a), por exemplo, com o verbo *dar* mais a nominalização em *-ção*, não é possível afirmar que o espaço foi arrumado completamente; apenas que alguns ajustes foram realizados para que algo pudesse caber naquele local e, ainda assim, não se sabe dizer de que forma esses ajustes ocorreram. E em (8b), com o mesmo verbo mais nominalização em *-mento*, é impossível dizer que a pele será completamente rejuvenescida, antes indica que somente algumas mudanças, não se sabem quais, poderão ocorrer. Desse modo, são eventos indeterminados, imprecisos ou não fixados com clareza quanto à completude.

Esse fato está em consonância com o que argumentam Medeiros (2010), Alves (2016) e Alves e Figueiredo (2018): isto é, construções com *dar* mais nominalizações em *-ção* e *-mento*, analogamente às construções com *dar* mais nominalizações em *-ada*, também podem denotar leitura de um evento que foi realizado de forma incompleta, descuidada ou breve, se comparado ao evento descrito pela sentença com o verbo base da nominalização, que aponta a leitura de um evento realizado de forma completa, por exemplo. Assim, é possível compreender que a leitura de evento indeterminado, em grande medida, está relacionada à indefinidade e/ou à inespecificidade do elemento nominal e não (ou, pelo menos, não apenas) à presença do verbo *dar* associado à nominalizações em *-ada*, como sugere Scher (2004).

Vale ainda destacar que, nas construções do *corpus* em (7) e (8), o verbo *dar*, do mesmo modo que nas sentenças de (1) a (6), não contribui com informação semântica de transferência de posse, nem com qualquer outro conteúdo lexical/descritivo, e que as construções podem ser parafraseadas por um verbo pleno base derivante do nome.

Feitas essas considerações, tendo em conta que nas sentenças em (7) e (8) o verbo *dar* não carrega o significado de sua versão plena (transferência de posse) e que as construções podem ser parafraseadas por um verbo pleno base das nominalizações, estou sugerindo que sejam tratadas como CVLs. Contudo, considerando a verificação de que os elementos nominais não carregam marcas de referencialidade, de que o verbo é esvaziado semanticamente e de que os eventos podem ser interpretados como indeterminados, seriam CVLs do tipo CVLV, segundo modelo de Kearns (2002). Entretanto, contrariando Kearns mais uma vez, não seriam descritas como CVLVs somente; seriam um outro subtipo delas. Sugiro, então, tratá-las de *CVLVs-Indet*, em razão da indeterminação do evento e em oposição às *CVLVs-Det*, em que o evento expresso é determinado, como apontado anteriormente, em 4.1.

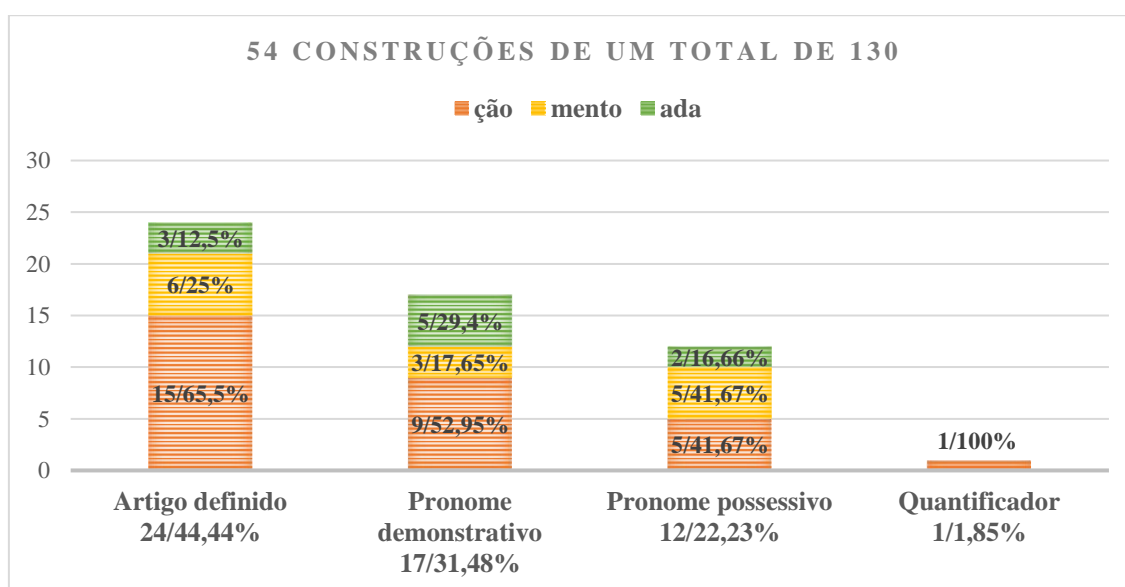
Sumarizando, as sentenças do *corpus* com *dar* sem a semântica de transferência de posse são consideradas CVLVs de dois tipos:

- i) *CVLV-Det*: quando o DP eventivo é caracterizado pelos traços [+definido] e/ou [+específico] e exprimem leitura de evento determinado;
- ii) *CVLV-Indet*: quando o DP eventivo é caracterizado pelos traços [-definido] e [-específico] e denotam leitura de evento indeterminado.

4.3 CONSTRUÇÕES COM FAZER MAIS NOME DEFINIDO E/OU REFERENCIAL

No *corpus*, também foram identificadas sentenças com o verbo *fazer* que, de modo geral, são apontadas pela literatura como CVLs com nominais expressando definitude e referencialidade. Do total de 130 construções com esse verbo, 54 são com nomes definidos e referenciais, visto que possuem os traços [+definido] e [+específico] (COWPER; HALL, 2002), e 46 são com nomes somente referenciais, dado que têm apenas o traço [+específico] (COWPER; HALL, 2002). Concernente aos primeiros traços, as nominalizações em *-ção*, *-mento* e *-ada* estão encabeçadas por artigo definido, por pronomes demonstrativos, por pronomes possessivos e pelo quantificador universal *cada*, como se nota pela distribuição no Gráfico 7.

Gráfico 7 – Nomes [+definido] e [+específico] nas construções com *fazer*



Fonte: Elaboração própria.

De (9) a (12), apresento alguns exemplos que ilustram os casos em que o verbo *fazer* está combinado com expressões nominais definidas e referenciais.

(9) **Nominal encabeçado por artigo definido**

- a. O engenheiro técnico sabe que só pode fazer a obra com os tapumes colocados. Havia pessoas lá. A responsabilidade legal é da empresa. Quer **fazer a demolição?** Então tire as pessoas antes.
- b. A partir de hoje (1/12), quem não **fez a declaração** anual de isento do Imposto de Renda vai precisar pagar uma multa.
- c. Meu veículo é GNV e já **fiz a inspeção** periódica do Inmetro.
- d. O primeiro grupo **fez o levantamento** fotográfico e de imagens dos prédios que ainda existem no centro da cidade e locais próximos.
- e. Agora, se você **fez o requerimento** de benefício previdenciário e foi negado, você pode entrar com um recurso administrativo.
- f. Faz 10 meses que **fiz a retirada** da vesícula por vídeo laparoscopia, porém, sinto dores do lado direito abaixo da costela, ao tocar este lado piora.
- g. A lindíssima Debutante Amanda **fez a Entrada** Triunfal pela Escada Principal da Mansão Tulipas!

Em (9), os artigos definidos *a* e *o* indicam que falante e ouvinte compartilham da consciência sobre o que é referido, uma vez que se trata de algo definido e particular/específico; logo familiar aos interlocutores. Mesmo que o ouvinte não saiba, de imediato, qual é o referente, ele tem condições de identificá-lo em razão da presença desses artigos combinados, em alguns casos, com elementos modificadores. Portanto, diz-se que se tem expressões nominais definidas e referenciais (LYONS, 1977; HEIM, 1982; LYONS, 1999; MOORE NEVES, 2019 etc.).

A sentença em (9a), a princípio, pode ser pensada como um caso em que não há um nome referencial, pois a expressão *fazer a demolição* está sob o escopo do verbo intencional *querer*, além de contar com um verbo no infinitivo (*fazer*) e de se tratar de uma sentença interrogativa, contextos considerados opacos/ambíguos para identificação da propriedade especificidade. Essa ideia de opacidade/ambiguidade, porém, deve ser abandonada a partir do momento em que se pode afirmar que, para a identificação do traço [+específico] do elemento nominal e, conseqüentemente, do seu valor referencial, o que importa, segundo Fodor e Sag (1982) e Prim (2015), não é a capacidade de o ouvinte identificar o referente, todavia a

intenção do falante em referir-se a uma determinada situação. Portanto, apoiada nesses autores, estou considerando que o DP *a demolição* denota especificidade, garantindo, assim, a sua referencialidade.

De modo semelhante, mesmo o nome em (9b) estando sob o escopo de uma negação, contexto também considerado opaco/ambíguo para verificar a especificidade, essa opacidade/ambiguidade é desfeita pela finitude e pela perfectividade do verbo, possibilitando que o caráter definido e referencial da expressão nominal seja identificado (LYONS, 1999; ALMEIDA-SILVA, 2019). Além do mais, a modificação do DP pelo adjetivo *anual*, reforça a sua referencialidade. Outros DPs também apresentam referencialidade reforçada pela presença de elementos modificadores, como se nota em (9c), (9d) e (9g), em que os DPs *a inspeção*, *o levantamento* e *a entrada* estão, respectivamente, modificados pelos adjetivos *periódica*, *fotográfico* e *triumfal*, os quais particularizam, ainda mais, os eventos.

Com relação ao aspecto investigado “contribuição semântica do elemento verbal”, verifica-se que, diferentemente do que se viu nas sentenças com *dar*, nas construções com *fazer* em (9), é nítida a noção de construção/realização/produção de algo, mesmo que seja um evento e não uma entidade. Além disso, percebe-se que essas construções com *fazer* não expressam leitura de evento indeterminado e que elas permitem ser parafraseadas por um verbo base derivante do nome.

(10) **Nominal encabeçado por pronome demonstrativo**

- a. A leitura era difícil, pulei um monte de pedaços, mas terminei e **fiz aquela avaliação** no final do livro.
- b. Pararíamos a produção por um dia, das 8h até as 18h, para o pessoal **fazer essa arrumação**.
- c. Ele fusionou o menino que **fez aquele juramento** impossível no quarto com o homem que se vestia de morcego.
- d. A revista americana Variety **fez esse levantamento** para acabar com a curiosidade do público que está acompanhando o reality.
- e. O texto bíblico não traz a essa narrativa uma perspectiva emocional, mas isso não significa que Abraão **fez aquela caminhada** sem profunda emoção.
- f. Depois que **faz essa retirada** da trompa, mexe com os hormônios? Engorda? Altera o ciclo menstrual depois?

Em (10), há expressões nominais definidas e referenciais, haja vista que os pronomes demonstrativos *aquela/aquela* e *esse/essa*, em razão dos seus comportamentos dêiticos, estão funcionando como uma espécie de apontamento para algo mencionado ou que ocorreu anteriormente, permitindo que o referente do nominal seja conhecido, por conseguinte, familiar e identificável pelos interlocutores (LYONS, 1999; PIRES DE OLIVEIRA, 2001; ALEXIADOU; HAEGEMAN; STAVROU, 2007; CERQUEIRA, 2019 etc.). Ademais, como verificado em exemplos anteriores, alguns DPs de (10) apresentam forte clareza de referencialidade, a julgar que ocorrem modificados por outro constituinte, como em (10a), em que *aquela avaliação* está modificada pelo advérbio locativo *no final do livro*; e, em (10c), em que *aquela juramento* está modificado pelo adjetivo pós-nominal *impossível*.

Nas sentenças em (10), observa-se também a ideia de que algo foi construído/realizado/produzido, bem como que as construções não exprimem leitura de evento realizado brevemente ou incompletamente. Além disso, as construções podem ser parafraseáveis por um verbo pleno correspondente, base da nominalização, por exemplo, *fiz aquela avaliação*, em (10a), é parafraseável por *avaliou daquela forma*, e *fazer essa arrumação*, em (10b), é parafraseável por *arrumar dessa forma*, as quais são produzidas quando falante e ouvinte estão ou já estiveram em contato visual com o referente em questão.

(11) **Nominal encabeçado por pronome possessivo**

- a. Você que é MEI já **fez sua declaração** anual?
- b. **Fiz minha reclamação** por telefone.
- c. Você já **fez seu planejamento** financeiro?
- d. Olá, boa tarde!! Eu **fiz meu tratamento** tem 15 dias e fiz o exame de VDRL sexta passada... Peguei ele essa semana mais ainda constou positivo e com as mesmas titulações 1/32.
- e. Robben **fez sua jogada** clássica, caiu pela lateral direita, dominou com o pé esquerdo e cortou o defensor brasileiro.
- f. Já **fiz minha caminhada**, coloquei as ideias em ordem nesse lindo visu. E vc?!
O que fez hoje...

Os elementos nominais, antecidos pelos pronomes possessivos *seu/sua* e *meu/minha*, em (11), também expressam valores definido e referencial. Primeiramente, a definitude está relacionada ao fato de que a posse não pode ou dificilmente será cedida, ou seja, está associada à leitura de posse inalienável, conforme aponta Lyons (1999). Logo, se a

posse está mais ligada ao possuidor, o ouvinte consegue identificar o referente, garantindo, desse modo, os aspectos familiar e identificável e, à vista disso, o carácter definido do nominal. Em segundo lugar, a definitude também está associada à ocorrência apenas do determinante possessivo em posição pré-nominal, abrigando, portanto, essa propriedade (LYONS, 1999; CASTRO, 2006). Por sua vez, a referencialidade se dá em virtude de o referente ser identificável, principalmente, pelo falante (LYONS, 1977; ENÇ, 1991; LYONS, 1999; PRIM, 2015; ALMEIDA-SILVA, 2019 etc.).

Além do mais, embora (11a) e (11c) possam parecer um contexto opaco/ambíguo para identificar a especificidade, já que se tratam de sentenças interrogativas, a opacidade/ambiguidade parece desfeita pela perfectividade e pela finitude do verbo, permitindo, dessa maneira, a leitura definida e referencial. Essa última leitura também é reforçada pela modificação pelos adjetivos *anual*, em (11a), e *financeiro*, em (11c). O DP *sua jogada*, em (11e), também apresenta forte clareza de referencialidade pela modificação com o adjetivo *clássica*.

Como nos exemplos em (9) e (10), em (11), nota-se a ideia de que algo foi criado/realizado/produzido, evidenciando a contribuição semântica de *fazer*. Também se verifica que as construções não licenciam a interpretação de um evento realizado rapidamente ou incompletamente e que podem ser parafraseadas pelos verbos plenos de que derivam as nominalizações.

(12) **Nominal encabeçado por quantificador universal**

É muito comum o uso de pastas de rede nas empresas. No entanto, as permissões são limitadas e de difícil controle, o que pode fazer com que as pessoas tenham acesso a mais conteúdo do que deveriam. Utilizando um software ecloud para guardar os documentos, por exemplo, é possível dar acessos mais restritos aos usuários e ver quem **fez cada alteração**.

Em (12), única sentença do *corpus* em que o verbo *fazer* está combinado com uma expressão nominal encabeçada pelo quantificador *cada*, também é possível afirmar que a nominalização contém os traços [+definido] e [+específico]. Em primeira análise, verifica-se que o item *cada* apresenta uma leitura distributiva, tendo em conta que percorre um conjunto de elemento por elemento (SÁNCHEZ LÓPEZ, 1999; LEGROSKI, 2015). A distributividade desse caso, de acordo com Legroski (2015), é identificada a partir do momento em que *fez* é distribuído para cada elemento do conjunto de *alteração*, particularizado pelo *cada*. Nota-se

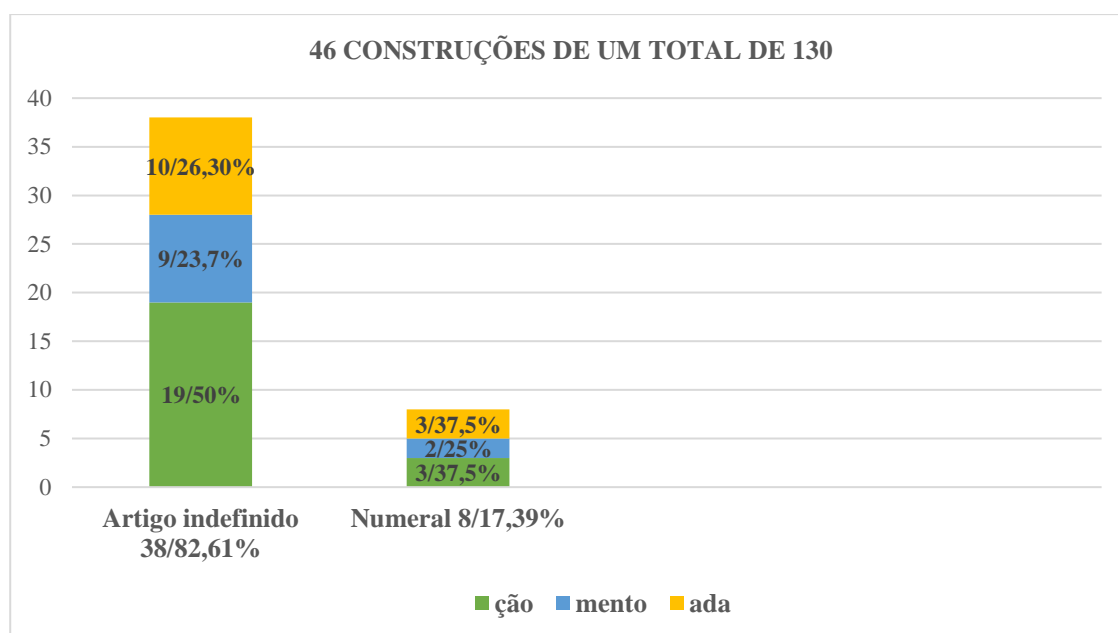
também que *cada+alteração* ocorre em posição de objeto direto, sem a necessidade de focalização do determinante, e a sentença é boa. Isso, segundo Quadros Gomes (2004), é possível, porque *cada* seleciona, para o material em seu escopo nuclear, um nome com pluralidade atômica, de cardinalidade definida. Ademais, a gramaticalidade de *cada+alteração*, em posição de objeto, sem focalização do *cada*, se deve ao fato de selecionar o verbo *fazer*, um predicado de evento singular, mas que tem início e término demarcados, divididos em etapas ou subeventos sucessivos, pois um dos seus traços é ser [-instantâneo], conforme discussão de Duarte et al (2010), apresentada na Seção 2.

Em segunda análise, a definitude do elemento nominal em (12) é notada pelo aspecto de *inclusividade* do nome encabeçado pelo *cada*, dado que denota a totalidade dos valores que o nominal quantificado apresenta (SÁNCHEZ LÓPEZ, 1999; LYONS, 1999; ALFREDO, 2015). Esse traço [+definido] pode ser confirmado, segundo Sánchez López (1999), pela impossibilidade de nominais, encabeçados por esse item, ocorrerem em contextos que exigem nomes indefinidos, como no contraste **Havia cada alteração no sistema de documentos*⁶⁵/*Havia uma alteração no sistema de documentos*. Por outro lado, a referencialidade decorre da possibilidade de o falante identificar quantos referentes se fala (SÁNCHEZ LÓPEZ, 1999).

Nas sentenças em (12), constata-se também: a) a contribuição semântica do verbo *fazer*, uma vez que há a nítida ideia de construção/realização/produção de algo; b) ausência de leitura de evento realizado de forma breve, incompleta ou descuidada; e c) a possibilidade de paráfrase por um verbo pleno de que deriva as nominalizações em *-ção*, *-mento* e *-ada*.

Posto isso, a partir de agora, trato das construções em que o verbo *fazer* aparece associado às nominalizações que denotam apenas o traço [+específico], ou seja, expressando apenas uma leitura referencial, visto que estão encabeçadas por artigo indefinido e numeral. Sentenças com nominais apresentando esse valor totalizam 47 ocorrências do *corpus*, como se verifica na distribuição do Gráfico 8.

⁶⁵ Em sentenças existenciais, o item *cada* tem valor focal/intensificador, como apontam Quadros Gomes (2004), Legroski (2015) e Alfredo (2015).

Gráfico 8 – Nomes [+específicos] nas construções com *fazer*

Fonte: Elaboração própria.

Apresento, a seguir, alguns casos em que a nominalização das sentenças com o verbo *fazer* denota referencialidade.

(13) **Nominal encabeçado por artigo indefinido**

- a. O Conselho Deliberativo do Vasco **fez uma convocação** extraordinária para uma votação.
- b. O administrador do Microsoft Exchange **fez uma alteração** que exige fechar e reiniciar o Outlook.
- c. Aprenda como **fazer um polimento** automotivo detalhado e de forma completa para remover riscos, manchas e dar brilho intenso na lataria.
- d. O computador da Ceagesp (Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo) **fez um arredondamento** para cima nos centavos.
- e. Esse cara **fez uma jogada** milagrosa no ping-pong.
- f. Susana Vieira **fez uma chegada** triunfal ao ensaio da Grande Rio.

Em (13), com os artigos indefinidos *um* e *uma*, as expressões nominais podem ser tomadas como referenciais, entretanto não como definidas, haja vista que o falante pode ter consciência do que é referido, mas o ouvinte, provavelmente, não (LYONS, 1999). Essa identificação por parte do falante é possibilitada pela presença do traço [+específico]

(LYONS, 1977; ENÇ, 1991; COWPER; HALL, 2002; ALMEIDA-SILVA, 2019 etc.), ativado por elementos modificadores. Esses elementos modificadores, atribuidores de referencialidade, são: a) adjetivos, em (13a), em que o DP *uma convocação* está modificado por *extraordinária*; em (13c), em que o DP *um polimento* está modificado por *automotivo*; em (13e), em que o DP *uma jogada* está modificado por *milagrosa*; e, em (13f), em que o DP *uma chegada* está modificado por *triumfal*; b) oração relativa, em (13b), em que o DP *uma alteração* está modificado por *que exige fechar e reiniciar o Outlook*; e c) PP, em (13d), em que o DP *um arredondamento* está modificado por *para cima*.

Semelhantemente ao que se viu de (9) a (12), nas sentenças em (13) depreende-se a ideia de que algo foi construído/realizado/produzido, comprovando a contribuição semântica de *fazer*. Ademais, percebe-se também que as construções podem ser parafraseáveis por um verbo pleno correspondente à nominalização, por exemplo, *fez uma convocação*, em (13a), é igual a *convocar*; e que a leitura de evento breve, descuidado ou incompleto não é licenciada, pois a realização dos eventos não implica que ocorreu em partes ou que se deu de forma rápida. Assim, *O administrador do Microsoft Exchange fez uma alteração que exige fechar e reiniciar o Outlook*, por exemplo, não é o mesmo que alterar de maneira descuidada ou que o evento não foi completo; essa é a forma de falar sobre um evento normal, já que dizer “alterar” parece pouco usual, pouco natural de se referir a essa ação.

(14) **Nominal encabeçado por numeral**

- a. O filme também **faz duas insinuações** metalinguísticas que o tornam um pouco mais aberto a interpretações não tão literais.
- b. Após um empate contra a Inglaterra, Feola **fez três modificações** que mudaram a seleção brasileira. Garrincha, Pelé - que era titular, mas estava machucado – e Zito ganharam uma vaga entre os titulares para o terceiro jogo.
- c. Criada em 2016, a gestora pode ser considerada uma novata no segmento de private equity no país, mas já **fez três investimentos**: na Beleaf, do setor de alimentação à base de plantas; na Alba Energia, que trabalha com energia solar; e na Okena, que atua na gestão de resíduos industriais.
- d. Uma instituição **fez dois levantamentos** amostrais em um município para avaliar o uso de cinto de segurança pelos condutores de veículos de passeio.
- e. Rogério Ceni **fez duas mexidas**: Bruno Henrique na vaga de Gabigol, e Ramon no lugar de Léo Pereira.

- f. Contra o FC Tokyo, pela Liga dos campeões da Ásia, Bui Tan Truong **fez duas jogadas** opostas no mesmo minuto!

Os elementos nominais de (14), encabeçados por numerais, apresentam valor referencial, porque permitem que o falante identifique o número de eventos referidos (SÁNCHEZ LÓPEZ, 1999). Além disso, segundo Chersterman (1991), a propriedade ser contável assegura a referencialidade dos nomes. A referencialidade das expressões nominais em (14) também é garantida pela presença de alguns constituintes modificadores, a saber: os adjetivos *metalinguísticas*, em (14a), *amostrais*, em (14d), e *opostas*, em (14f); a oração relativa *que mudaram a seleção brasileira*, em (14b); e os apostos *na Beleaf, do setor de alimentação à base de plantas; na Alba Energia, que trabalha com energia solar; e na Okena, que atua na gestão de resíduos industriais*, em (14c), e *Bruno Henrique na vaga de Gabigol, e Ramon no lugar de Léo Pereira*, em (14e).

Também em (14), identifica-se que *fazer* possui conteúdo lexical/descritivo, uma vez que se depreende a noção de construção/realização/produção de um evento; vê-se que há a possibilidade de paráfrase da construção por um verbo pleno base derivante do elemento nominal, e que as sentenças não expressam leitura de evento realizado rapidamente ou incompletamente.

Portanto, considerando os comportamentos apontados, isto é, as construções podem ser parafraçadas pelos verbos bases das nominalizações e *fazer* não envolve o significado de construção de uma entidade concreta, verificado em sua versão plena (BARROS, 2014; ALVES; FIGUEIREDO, 2018 etc.), estou entendendo que essas sentenças podem ser nomeadas como tradicionalmente veem sendo reconhecidas, ou seja, CVLs. Todavia, tendo em vista que, de (9) a (14), os elementos nominais denotam referencialidade e/ou definitude e que é possível recuperar a noção de construção/realização/produção de um evento, algo vago, como também não se captura a ideia de um evento indeterminado no que tange, por exemplo, à duração ou à completude com que foi realizado, sugiro, nos moldes de Kearns (2002), que essas sentenças sejam tratadas como um tipo de CVL, mais precisamente, construção com verbo de ação vaga (CVAV).

No entanto, cabe esclarecer que o que estou denominando evento indeterminado, em algumas CVLVs com *dar*, e o que estou chamando de CVAV, embora possam ser vistas como algo semelhante, se pensarmos que ambas expressam uma indeterminação, uma vagueza ou uma imprecisão, não é esse o caso. O termo evento indeterminado está sendo empregado do ponto de vista do evento expresso pela construção e o termo verbo de ação

vaga está sendo usado do ponto de vista do verbo, que denota a noção de realizar/construir/produzir uma ação/um evento, algo vago, e não uma entidade. Desse modo, meu posicionamento se difere um pouco do de Kearns (2002), pois a autora, quando faz a divisão, no inglês, em CVLV e CVAV leva em consideração, sobretudo, o valor do verbo, ou seja, ter conteúdo semântico e não ter conteúdo semântico, além de outros aspectos, como discutido na Seção 2. Eu estou dividindo as sentenças que, normalmente, são chamadas de CVLs no PB levando em conta também o evento ser determinado ou indeterminado, no sentido de que não expressa com clareza ou precisão a duração, a completude ou o cuidado.

Em resumo, vimos, então, que *dar*, nas sentenças de (1) a (8), e *fazer*, nas sentenças de (9) a (14), não são equivalentes nas propriedades de verbos leves, porque, embora os dois possam se associar a DPs eventivos definidos e referenciais, *dar* não contribui com informação semântica, já *fazer* carrega a ideia de construção/realização/produção, mesmo que de algo vago.

Assim, diante do que foi discutido em 4.1, 4.2 e 4.3, as sentenças incluídas na classe CVL no PB se dividem em dois tipos, a depender da (não)contribuição semântica do verbo: CVLV e CVAV. Porém, cabe, ainda, às CVLVs uma subdivisão relacionada aos valores do DP e da leitura de evento que desencadeiam. Portanto, as sentenças, habitualmente, assumidas como CVL no PB podem ser denominadas:

- 1) *CVLV-Det*, quando o elemento nominal for definido e/ou referencial; o verbo *dar* não contribuir com informação semântica e couber para a construção uma leitura de evento determinado;
- 2) *CVLV-Indet*, quando a expressão nominal não desencadear leitura referencial; o verbo *dar* não contribuir com nenhum conteúdo semântico e o evento puder ser interpretado como indeterminado;
- 3) *CVAV*, quando a expressão nominal for definida e/ou referencial; o verbo *fazer* permitir recuperar a noção de construir/realizar/produzir um evento e não for possível recuperar a leitura de evento indeterminado.

Como se vê, as CVLVs, ambas compostas pelo verbo *dar*, dividem o fato de esse verbo não carregar informação semântica, mas se distanciam no ponto em que somente as CVLV-Indet indicam leitura de evento indeterminado. Desse modo, podemos dizer que temos um ou dois verbos leves *dar* no PB? Ademais, como sentenças incluídas nesses grupos se apresentam estruturalmente? Na Seção 6, tentarei responder essas questões.

4.4 CONSIDERAÇÕES DA SEÇÃO

Nesta seção, apresentei o comportamento de parte das sentenças, geralmente, nomeadas CVLs no PB que constituem o *corpus* deste estudo, o qual parece ter confirmado a assunção de que essa classe pode ser dividida em dois grupos bastante distintos decorrentes, sobretudo, da presença/ausência de contribuição semântica do elemento verbal, da presença/ausência dos valores referencial e definido dos nominais e da presença/ausência de leitura de evento indeterminado. Assim, a divisão das sentenças do *corpus* resultou em: a) CVLV-Det, constituída pelo verbo *dar* mais nominais em *-ada*, *-ção* e *-mento*, introduzidos por determinantes definidos, portadores dos traços [+definido] e [+específico], ou indefinidos, portadores do traço [+específico]; b) CVLV-Indet, composta pelo verbo *dar* mais nominais em *-ada*, *-ção* e *-mento*, antecidos por artigo indefinido, com traços [-definido] e [-específico], expressando leitura de evento indeterminado; e c) CVAV, formada pelo verbo *fazer* mais nominais em *-ada*, *-ção* e *-mento*, encabeçados por determinantes definidos e indefinidos, portando os traços [+definido] e/ou [+específico].

Na próxima seção, descrevo o comportamento das sentenças do *corpus* que contêm nomes nus, a fim de verificar se esses casos se inserem ou não em um dos grupos apontados. Antes disso, apresento as características dos nominais nus no PB com o intuito de auxiliar nessa descrição.

5 OS NOMES NUS OBJETOS NAS CONSTRUÇÕES DO *CORPUS*

Esta seção trata dos nomes nus objetos nas construções do *corpus* desta tese. Começo apresentando uma breve discussão sobre as características e o comportamento sintático-semântico do nome nu no PB (cf. subseção 5.1), com o objetivo de identificar particularidades que possam auxiliar na descrição dos dados deste estudo (cf. subseção 5.2), comprovando ou refutando a hipótese de que as sentenças do *corpus* com nomes nus são construções com verbo leve verdadeiro com leitura de evento determinado (CVLV-Det) ou construções com verbo de ação vaga (CVAV), segundo proposta de Kearns (2002) relatada na Seção 2 e conforme minha argumentação desenvolvida na Seção 4, tendo em vista que teriam um nome específico/referencial e que não expressariam uma leitura de evento realizado de forma breve, incompleta ou descuidada.

5.1 OS NOMINAIS NUS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Conforme a literatura, nomes nus são aqueles que ocorrem sem um determinante aparente, foneticamente realizado. Todavia, há autores, como Longobardi (1994), que defendem a tese de que sempre há uma projeção de determinante, ou seja, que na Forma Lógica não há nenhuma nudez, pois, mesmo que não ouçamos, há um determinante encabeçando o DP.

Os estudos sobre os nomes nus nas línguas naturais acontecem desde Carlson (1977) sobre o plural nu no inglês, no qual o autor afirma que o plural nu é um nome próprio de espécie. Desde então, muitos pesquisadores se dedicaram ao assunto, e, quando se trata do fenômeno no PB, há uma vasta literatura (SARAIVA, 1992, 1996, 1997; SCHMITT; MUNN, 1999; MÜLLER, 2002a, 2002b, 2004; KABATEC, 2007; TAVEIRA DA CRUZ, 2008; FERREIRA, 2010; PIRES DE OLIVEIRA; SILVA; BRESSANE, 2010; LOPES, 2011; CYRINO; ESPINAL, 2011, 2015; RIBEIRO; CYRINO, 2011; PIRES DE OLIVEIRA; ROTHSTEIN, 2011; PIRES DE OLIVEIRA; MEZARI, 2012; PIRES DE OLIVEIRA, 2020; WALL, 2013; MARTINS; BORGES, 2015; MARIANO, 2018; MOORE NEVES, 2019 entre outros), porém com algumas discordâncias teóricas e empíricas, principalmente, no que diz respeito ao seu comportamento sintático-semântico. Alguns autores analisam o nome nu no PB como sendo do tipo semântico argumento <e>⁶⁶, assim consiste sintaticamente em um DP

⁶⁶ <e> = entidade.

(SCHMITT; MUNN, 1999; FERREIRA, 2010; PIRES DE OLIVEIRA; SILVA; BRESSANE, 2010; PIRES DE OLIVEIRA; ROTHSTEIN, 2011; RIBEIRO; CYRINO, 2011, LOPES, 2011 etc.); outros autores consideram que o nome nu no PB é do tipo semântico predicado $\langle e,t \rangle$ ⁶⁷, logo sintaticamente um NP⁶⁸ (MÜLLER, 2000, 2002a, 2002b, 2004; MARTINS; BORGES, 2015 etc.); e há autores que afirmam que os nomes nus são ambíguos, podendo ser um NP ou um DP a depender das diferentes estruturas de argumento dos verbos (CYRINO; ESPINAL, 2011, 2015).

Essa divergência reverbera questões que envolvem o Parâmetro do Mapeamento Nominal (doravante, PMN) de Chierchia (1998), que tentou parametrizar as línguas em relação à possibilidade ou não de ocorrência de nomes nus. O autor propôs que esses nomes denotam ou indivíduos/espécies ou propriedades, a partir dos traços semânticos $\pm\text{arg}$ (mais ou menos argumento) e $\pm\text{pred}$ (mais ou menos predicado). Considerando essa combinação de traços, Chierchia afirma que há três possibilidades de línguas, como ilustrado no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 - Distribuição das línguas e de suas propriedades segundo o PMN

TIPOS DE LÍNGUA		
[+arg, -pred] <i>chinês e japonês</i>	[-arg, +pred] <i>francês e demais línguas românicas</i>	[+arg, +pred] ⁶⁹ <i>inglês e a maioria das línguas germânicas</i>
Nomes nus ocorrem livremente	Nome nu não ocupa posição argumental	Nome de massa nu e plural nu ocupa posição argumental
Todos os nomes são massivos	Distinção massa/contável	Proibido singular nu contável
Sem morfologia de plural	Com morfologia de plural	Com morfologia de plural
Sistemas de classificação generalizados		

Fonte: Elaboração própria a partir da visão de Chierchia (1998).

Levando em conta o PMN de Chierchia (1998) e a suposição de que apenas DPs podem ser argumentos (LONGOBARDI, 1994), pode-se pensar que os autores que analisam os nomes nus no PB como DPs, estão assumindo que o PB é uma língua do tipo [+arg, -pred].

⁶⁷ $\langle e,t \rangle$ = propriedade.

⁶⁸ Do inglês, *Nominal Phrase* = Sintagma Nominal.

⁶⁹ O PMN não permite a combinação [-arg, -pred], já que isso iria impossibilitar os SNs de receberem qualquer interpretação.

Contudo, para Schmitt e Munn (1999), por exemplo, o PB não se enquadra em nenhum dos três tipos de língua que o parâmetro nominal adota como possíveis. Schmitt e Munn, e também Müller (2002b), buscando identificar em qual das configurações do PMN se enquadraria o PB, listam suas características, a saber:

- i) faz distinção singular/plural;
- ii) faz distinção nomes contáveis/nomes de massa;
- iii) nomes nus ocorrem aparentemente livres.

Desse modo, como o PB apresenta as distinções em (i) e (ii) acima, ele não pode ser uma língua [+arg, -pred] a exemplo do japonês e do chinês. De acordo com Schmitt e Munn, Chierchia afirma que línguas que fazem essas distinções admitem que apenas plurais e nomes de massa denotem tipo. Se a língua for [+arg, -pred], somente nomes de massa serão [+arg], o que não se verifica no PB, como veremos adiante. Para os autores, o PB também não pode ser do tipo [-arg, +pred], como a maioria das línguas românicas, pois línguas que apresentam distinção singular/plural, dentro do PMN, não admitem singulares nus como argumentos de verbos e o PB permite, como ilustro em 5.1.1. Schmitt e Munn, ainda, complementam que, se o PB se enquadrasse no tipo [+arg, +pred], como o inglês, só plurais nus e nomes de massa seriam admitidos na posição de argumento, o que também não se aplica ao PB. O PMN de Chierchia (1998) não admite que singulares nus denotem tipos, deixando, segundo Schmitt e Munn, o caso do PB sem explicação.

Müller (2002a, 2002b, 2004), por sua vez, assume que nomes nus são NPs e, por isso, poderíamos pensar que considera que o PB é uma língua do tipo [-arg, +pred], assim como a maioria das línguas românicas. No entanto, diante de algumas inadequações, ela também acaba questionando se o PB poderia, de fato, se enquadrar em algum dos três tipos de línguas previstos pelo PMN e sugere uma revisão da ontologia de Chierchia.

O PMN de Chierchia, em termos de PB, também é visto como um problema por Cyrino e Espinal (2011, 2015), isso porque, segundo elas, o PB permite nomes nus em posição de sujeito (*Criança lê revistinha*), de objeto (Eu vi *criança* na sala) e de predicado (João é *professor* nesta escola) e, sendo uma língua românica, que, pelo PMN, têm nomes [-arg, +pred], deveria admitir nomes nus apenas na posição de predicado. As autoras assumem que o PB, semelhantemente a outras línguas românicas, como o espanhol e o catalão, apresenta dois tipos de nomes nus: 1) nomes nus reais, ou seja, NPs desprovidos de uma camada D (logo, um predicado) que só ocorre como argumento sintático de uma classe

bastante restrita de predicados, por exemplo, o verbo *ter*. Nesses casos, os NPs, ao invés de saturar tais predicados, somente os modificam. Dessa forma, em uma sentença como *ter maçã*, conforme as autoras, o NP *maçã* é um predicado que modifica outro predicado, no caso o verbo *ter*; e 2) DPs nus que só são nus fonologicamente, visto que apresentam um determinante nulo morfossintaticamente específico para número. Em outros termos, um determinante que não é realizado fonologicamente, porém possui morfologia de número. Esses nomes nus, no entendimento das pesquisadoras, podem ser definidos, bem como ser retomados tanto por uma anáfora plural quanto por uma anáfora singular.

Tendo feito essas observações e considerando que uma discussão mais profunda, envolvendo o PMN de Chierchia (1998) e o PB, foge ao escopo desta tese, não me prolongarei neste assunto aqui, passando, a partir de agora, a apresentar os fatos que alguns autores consideram como evidências que sustentam a assunção de que nomes nus no PB são DPs. Isso, particularmente, interessa aos propósitos da presente seção, uma vez que a minha hipótese é que os nomes nus das construções do *corpus* são DPs.

5.1.1 Nomes nus no PB são DPs

Possivelmente, Schmitt e Munn (1999) foram os primeiros autores a considerar que nomes nus no PB são DPs. Vejamos, a seguir, alguns dos argumentos que eles utilizaram para chegar a tal conclusão.

Schmitt e Munn, assim como outros pesquisadores, a exemplo de Ferreira (2010), Cyrino e Espinal (2011), Lopes (2011), Ribeiro e Cyrino (2011) etc., argumentam que o PB admite nomes nus em posições argumentais, isto é, de sujeito e de objeto. Em posição de objeto, de acordo com os autores, quando leitura existencial, tanto os plurais nus quanto os singulares nus são aceitáveis, como vemos nos exemplos em (1), mas, na posição de sujeito, o singular nu é um pouco mais restrito: não é muito aceitável quando em sentenças fortemente episódicas, como em (2)⁷⁰, exceto quando há uma circunstância sendo descrita com uma série de situações diferentes fornecidas em uma lista, como em (3).

- (1) a. Ele comprou **computadores**.

⁷⁰ Para Müller (2002b, 2004), em (2), a agramaticalidade se dá porque o nome nu não está ocupando uma posição argumental de sujeito, mas uma posição não argumental de tópico. Assim, por serem tópicos, ocupam a restrição de uma estrutura quantificacional e têm sempre uma interpretação genérica, explicando, então, a ausência de uma interpretação existencial para nomes nus (aparentemente) sujeitos.

- b. Ele comprou **computador**.

(SCHMITT; MUNN, 1999, p. 343)

- (2) ***Cachorro** está latindo na frente da minha casa.

(FERREIRA, 2010, p. 4)

- (3) a. **Mulher** esteve discutindo política.

(Mulher discutia política, homem discutia futebol etc.)

- b. **Homem** chegou tarde.

(Homem chegou, mulher saiu ...)

(SCHMITT; MUNN, 1999, p. 346)

Por outro lado, quando leitura genérica, parece não haver diferença na distribuição sintática: na posição de sujeito e na posição de objeto, os dois tipos são totalmente aceitáveis, como se vê, respectivamente, nos exemplos em (4) e (5).

- (4) a. **Crianças** leem revistinhas.

- b. **Criança** lê revistinha.

- (5) a. Beija-flores são **aves**.

- b. Beija-flor é **ave**.

(SCHMITT; MUNN, 1999, p. 343)

Concernente às similaridades entre os nomes nus objetos no plural e no singular, Schmitt e Munn (1999) fazem algumas afirmações, uma delas envolve questões de opacidade e de escopo. Segundo os autores, com respeito à verbos intencionais (e.g., *querer*), por exemplo, tanto o plural nu quanto o singular nu podem receber o escopo estreito, ambos com leitura inespecífica⁷¹, como se vê em (6).

- (6) a. Pedro quer encontrar **policiais**.

- b. Pedro quer encontrar **policia**l.

(SCHMITT; MUNN, 1999, p. 344)

⁷¹ Assim como Schmitt e Munn (1999), Müller (2002b, 2004) também assume que nomes nus não denotam leitura específica, isto é, leitura referencial.

Dessa maneira, de acordo com a argumentação dos autores, os nomes nus, em (6), não recebem leitura específica devido ao fato de as sentenças não admitirem ser parafraseadas, respectivamente, por “Existem certos/determinados policiais que Pedro quer encontrar” e “Existe um certo/um determinado policial que Pedro quer encontrar”.

Schmitt e Munn, observando outras características similares entre singulares nus e plurais nus, questionam se, de fato, os singulares nus não seriam plurais nus sem marcação de plural. Os estudiosos, porém, acabam descartando essa ideia e afirmam que os singulares nus apresentam diferenças na distribuição quando comparados aos plurais nus. Uma diferença apontada pelos linguistas é com relação à anáfora. Segundo eles, Carlson (1977) mostrou que leituras genéricas de plurais nus podem anteceder pronomes com leitura existencial e vice-versa. E acrescentam que esses fatos também são verdadeiros para plurais nus e singulares nus no PB. Contudo, em contextos genéricos, um pronome singular não pode se referir a um singular nu. Em vez disso, o pronome no plural deve ser usado. Esse comportamento é exemplificado em (7).

- (7) a. Maria detesta coelho porque *Ø/***ele** roubou suas cenouras.
 b. Maria detesta coelho porque *Ø/**eles** roubaram suas cenouras. Agora ela detesta eles de coração.

(SCHMITT; MUNN, 1999, p. 347)

No entanto, essa restrição não ocorre em contextos existenciais, como se verifica em (8).

- (8) Eu vi criança na sala. E **ela** estava/**elas** estavam ouvindo.

(SCHMITT; MUNN, 1999, p. 348)

A partir desses comportamentos, Schmitt e Munn perceberam que plurais nus e singulares nus não são idênticos, e levantaram a hipótese de que singulares nus poderiam ser nomes de massa, todavia acabam concluindo que não (uma análise também defendida por Pires de Oliveira (2020)). Schmitt e Munn chegam a essa conclusão após fazerem combinações desse tipo de nominal com elementos individualizadores, como se vê em (9).

- (9) a. Criança pesa **20 quilos** nessa idade.
 b. Criança briga **uma com a outra**.

- c. Criança sabe **se lavar** sozinha.

(SCHMITT; MUNN, 1999, p. 348-349)

Os autores argumentam que, se os singulares nus do PB fossem nomes massivos, era de se esperar que o nome *criança*, em (9a), não se combinasse com predicados que requerem atomização, visto que o predicado *pesar 20 quilos* requer individualização. Essa restrição, entretanto, é observada na frase **Ouro pesa duas gramas*, em que há um nome de massa. Porém, para Pires de Oliveira e Rothstein (2011), se os nomes não forem massivos de substância, como *ouro*, mas massivos de objeto, como *mobília*, passam no teste de distributividade, como na sentença *Mobília nessa loja pesa 20 quilos*. Ainda de acordo com Schmitt e Munn, outra evidência para desconsiderar a hipótese de que nomes nus sejam nomes de massa está nos reflexivos (cf. (9b)) e nos recíprocos (cf. (9c)), que individualizam o singular nu.

Continuando com a análise, Schmitt e Munn também apontam diferenças entre singulares nus e singulares definidos, uma delas é que os primeiros não se restringem a tipos canônicos, isto é, “well-established kinds such as animal species or common artifacts”⁷² (SCHMITT; MUNN, 1999, p. 345), como se vê em (10).

- (10) No aeroporto em Londres, os policiais só revistaram naquele dia **mulher** com mochila velha.

(SCHMITT; MUNN, 1999, p. 346)

Schmitt e Munn concluem, então, que é melhor analisar os nomes singulares nus como DPs sem determinante, sem número. Para os pesquisadores, há algumas evidências que atestam essa proposta, uma delas está relacionada à anáfora⁷³ discutida em (7), em que um singular nu, em contexto genérico, não pode ser o antecedente de um pronome no singular;

⁷² “tipos bem estabelecidos, tais como espécies de animais e artefatos comuns” (Tradução minha).

⁷³ A possibilidade de um nome nu ser retomado por um pronome, segundo Cyrino e Espinal (2011, 2015), é uma evidência de que se trata de um DP e não de um NP. No entanto, tendo em vista que suspeito que as construções do *corpus* com nomes nus são CVLVs-Det ou CVAV, não usarei esse teste de retomada pronominal para verificar se os nomes nus dessas sentenças são ou não DPs por três motivos: a) primeiro, porque, como vimos na Seção 2, de acordo com Moura Neves (1996), a retomada do nome de uma CVL é mais restrita por um pronome pessoal e mais ampla por um determinante; b) segundo, porque esse teste não serve para identificar tipos de CVLVs no PB, como mostrei na Seção 2; c) terceiro, porque, segundo Taveira da Cruz (2008), não é totalmente consensual que esse teste serve para provar que nome nu seja DP, pois, em sentenças genéricas, permite que o pronome apareça na forma singular e, em sentenças episódicas, admite ambas as formas: singular e plural.

em vez disso, é necessário um plural. Essa evidência, na ótica dos autores, sugere falta de número.

Assim, para Schmitt e Munn, se singulares nus não são semanticamente nem plurais, nem singulares, nem nomes de massa é possível que sejam NPs e não DPs. Porém, eles acreditam que não seja esse o caso, pois, na suposição de que NPs denotam predicados, a conexão de dois predicados deveria resultar em outro predicado. Os linguistas explicam que esse é o caso quando se associam NPs sob um único determinante como em (11a). No PB, este exemplo, na interpretação dos pesquisadores, só pode significar “A pessoa que é ao mesmo tempo um amigo e um parente”. Essa leitura também é permitida em (11b), com plural nu. No entanto, em casos como em (11c), com singular nu, não há tal possibilidade de leitura, ou seja, não pode significar “conheceu pessoas que eram amigos e parentes”; em vez disso, significa “conheceu pessoas que eram amigos e pessoas que eram parentes”. Desse modo, se os singulares nus fossem NPs simples, então, combiná-los deveria permitir apenas a interpretação do predicado conjunto.

- (11) a. Ele encontrou **o amigo e parente** no aeroporto.
 b. Ele encontrou **amigos e parentes** no aeroporto.
 c. Ele encontrou **amigo e parente** no aeroporto.

(SCHMITT; MUNN, 1999, p. 352)

Portanto, a conclusão de Schmitt e Munn é de que o singular nu no PB é um DP com a posição de determinante vazia e sem projeção de número. A ideia de que nomes nus são DPs e não NPs também tem sido defendida, por exemplo, por Pires de Oliveira, Silva e Bressane (2010), Ferreira (2010), Lopes (2011), Pires de Oliveira e Rothstein (2011) e Pires de Oliveira (2020). Constatar que um grande número de autores assume essa hipótese, é particularmente relevante para o presente estudo, no sentido de que ratifica a assunção desta tese de que os nomes nus nas sentenças do *corpus* são DPs com determinante nulo. Embora haja muitas outras observações interessantes a respeito dos nomes nus, trato, agora, de algumas daquelas que se mostraram deveras agregadoras dentro da proposta da presente pesquisa, como as levantadas por Ribeiro e Cyrino (2011).

Ribeiro e Cyrino (2011), que, assim como Schmitt e Munn (1999), assumem que nomes nus são DPs, mas, diferentemente, apontam que nomes nus podem denotar leitura específica e inespecífica, apresentam alguns comportamentos dos dados de dois *corpora* de

brasileiros afro-descendentes que se revelam importantes parâmetros para a descrição dos dados do *corpus* desta tese, envolvendo nomes nus.

As autoras mencionam que nomes nus, incluindo singulares, plurais, massivos e contáveis, são DPs nus e, em sua estrutura, a projeção de número é opcional, estando ausente em genéricos e massivos.

Segundo Ribeiro e Cyrino, nos *corpora* analisados, foi verificado que o DP nu indefinido pode ser usado no lugar de *um*, seja com leitura específica, como em (12), seja com leitura inespecífica, como em (13).

- (12) a. um filho de **menina** que morreu um dia desse.
b. inda lá tem **mata** grande.

- (13) a. Inda mais você encontrá **vestido!**
b. bastava **lenço** nos peito.

(RIBEIRO; CYRINO, 2011, p. 172)

De acordo com as pesquisadoras, a variação entre presença e ausência do determinante foneticamente realizado está bem clara no exemplo em (14) a seguir, em que, na primeira menção, o determinante indefinido está foneticamente realizado; nas outras menções, ocorre um DP nu⁷⁴.

- (14) Lá vem Santa, marrá **um pano** na minha cabeça! Minha cabeça tá muito branca! (...) - Sim. Vô marrá pano, que cabeça tá muito branca! (...) T'ái tudo branca! Vô marrá **pano!** Gente vai caçuá da minha cabeça!

(RIBEIRO; CYRINO, 2011, p. 172-173)

Ribeiro e Cyrino argumentam, com relação aos DPs nus indefinidos, em favor da proposta de que o determinante nulo é resultante de um conjunto de traços-phi opcionalmente realizado no componente fonológico. Conforme as estudiosas, DPs nus indefinidos possuem a mesma estrutura dos DPs com o indefinido *um* realizado; a diferença se encontra na não realização fonológica dos traços dos núcleos funcionais, como ilustrado no exemplo (14) acima, repetido abaixo em (15).

⁷⁴ Essa possibilidade também foi constatada nos dados do *corpus* desta tese, como aponto em 5.2.1.

- (15) Lá vem Santa, ‘marrá **um pano na minha cabeça! Minha cabeça tá muito branca!**
 (...) - **Sim. Vô ‘marrá (um) pano**, que cabeça tá muito branca! (...) T’ái tudo branca!
 Vô marrá **(um) pano!** Gente vai caçuá da minha cabeça!

(RIBEIRO; CYRINO, 2011, p. 181)

As autoras assumem que DPs nus indefinidos têm a mesma interpretação que os DPs com o determinante foneticamente realizado; ocorrem em variação livre, desde que cubram o mesmo conjunto de sentidos. Se houver informações contextualmente dadas, como contexto imediato e discurso anterior, para cobrir a informação adequada, os determinantes podem ficar ausentes. Contudo, não há como afirmar categoricamente quando o determinante deve estar realizado ou não; mesmo nos casos de introdução de um referente novo, o determinante indefinido pode não estar realizado.

Ribeiro e Cyrino mencionam, ainda, que nomes nus, na posição de argumento, se submetem a duas condições. São elas: i) licenciamento da estrutura; e ii) identificação ou recuperação dos traços de seleção e interpretação, usualmente expressos pelos determinantes. Para essa identificação, tem-se as seguintes estratégias: a) *estratégia default* – interpretação arbitrária, impessoal; b) *estratégia contextual* – identificação pela morfologia verbal; e c) *estratégia extragramatical* (pragmática) – identificação sem morfologia verbal.

Dessa forma, para as linguistas, nos dialetos que compõem os *corpora* investigados, não há uma variação livre, antes, a estratégia extragramatical é operante, com os informantes recorrendo sempre a situações discursivas e/ou pragmáticas na identificação das categorias vazias D quer como sujeito, quer como constituinte do DP.

Ribeiro e Cyrino defendem também que DPs nus definidos, assim como os DPs nus indefinidos, podem ser alternados com DPs definidos que exibem os artigos *o/a* realizados com valores específicos ou inespecíficos. O caso de (16), a seguir, sinaliza que a presença/ausência do artigo depende das pistas necessárias ao ouvinte sobre os referentes adequados nas referências anafóricas específicas. No exemplo mencionado, a pista é a leitura de posse inalienável, porém não ocorre apenas só nessa interpretação.

- (16) (Falando sobre cobra) eu foi, botô **mão nas n'água, pocô o côdom**, eu: pacote, pacote, pacote, pacote, pacote, até [] **bicha** ficô desse tamain assim ININT botô **o cabeça** pra báxo ININT aí na roça! Ave Maria!⁷⁵

(RIBEIRO; CYRINO, 2011, p. 186)

Segundo as pesquisadoras, o comportamento variável do artigo definido parece estar relacionado com a acessibilidade do referente. Tendo em vista que há mais de um referente na situação discursiva, o reconhecimento do referente é marcado com o artigo definido quando o referente é *cobra* e com determinante nulo no que tange ao falante. *Bicha* é um nome anafórico que só pode retomar *cobra*, logo o determinante nulo não leva a qualquer interpretação inadequada.

Em síntese, estruturalmente, as autoras assumem que, tanto no caso de DP nu indefinido quanto de DP nu definido, a estrutura é a mesma e o determinante nulo resulta da não realização fonológica dos traços de D. Para elas, nos dois casos, a presença/ausência de determinante é resultado de uma regra geral de recuperação situacional/pragmática dos valores referenciais dos DPs.

A seguir, continuo discutindo a respeito de outras evidências que podem assegurar a possibilidade de os nomes nus no PB denotarem o traço [+específico], uma leitura referencial.

5.1.2 Nomes nus podem ser referenciais no PB

Conforme apontado pela literatura, é possível encontrar nomes nus com valor referencial no PB. Wall (2013), por exemplo, relata que essa possibilidade ocorre com frequência bastante considerável na posição de sujeito e raramente na posição de objeto.

Entretanto, Moore Neves (2019), em estudo sobre o Português Afro-Brasileiro de Helvécia, no interior da Bahia, a partir de um *corpus* com 18 entrevistas estratificadas em três faixas etárias para os gêneros masculino e feminino (*faixa 1* – falantes entre 20 e 40 anos; *faixa 2* – falantes entre 41 e 60 anos; e *faixa 3* – falantes \geq 65 anos), identificou um considerável número de ocorrências de nominais nus objetos denotando os traços [+específico] [+definido]. Através de uma quantificação de dados, a autora traçou o perfil da variação apresentada pelas três faixas etárias.

⁷⁵ Conforme as autoras, a interpretação das expressões nominais são: a) *botô mão* (mão da informante); b) *pocô o côdom* (quebrou o tronco da cobra); c) *até bicha ficou....* (anafórico de cobra); d) *botô o cabeça* (a cabeça da cobra).

Moore Neves menciona que, na análise realizada pelo programa Goldvarb-X, foram identificados como condicionantes do uso do determinante zero (doravante, Det Ø), além de outros aspectos, os fatores faixa etária e a presença de outro material que atribui referencialidade. Ela aponta que os resultados referentes à faixa etária revelaram um uso mais conservador pelos falantes idosos da faixa 3 (com preferência pelo Det Ø), um comportamento transitório pela faixa 2 (com preferência pelo pronome demonstrativo), e um uso mais próximo ao do PB geral entre os falantes da faixa 1 (com preferência pelo artigo definido). Esse perfil estaria apontando para uma mudança em curso no sistema de marcação de definitude do Português Afro-Brasileiro de Helvécia. Para a autora, as gerações mais antigas da comunidade teriam adquirido um sistema de marcação de definitude e de referencialidade diferente daquele do PB geral, devido à situação de contato linguístico prevalente na comunidade em meados do século XIX. Quanto à relevância do fator presença de outro material que atribui referencialidade, reflete o caráter multifuncional dos DPs no Português Afro-Brasileiro de Helvécia, apontando a importância da interface entre o nível gramatical e o extragramatical para derivar interpretações corretas, possibilitando, desse modo, a leitura específica e definida. Este fator foi incluído na análise, de acordo com Moore Neves, considerando a afirmação de Dante Lucchesi de que o crioulo cabo verdiano apresenta evidências de que o uso do artigo definido é inibido quando outros constituintes capazes de atribuir referência ao DP estão presentes, com destaque para os PPs. Logo, ela procurou averiguar se o mesmo acontecia no dialeto do interior da Bahia.

Moore Neves relata que, após as revisões dos dados, chegou a um total de 605 nominais objetos referenciais, distribuídos entre as três faixas etárias. O uso majoritário do *corpus* analisado é de artigos definidos (63% - 382 dados), seguido do demonstrativo (19% - 113 dados) e do Det Ø (18% - 110 dados). Em (17), estão ilustradas as possibilidades de uso do mais recorrente para o menos recorrente.

- (17) a. Ficava um mês, minhas féria, depois déxava **a velha** aqui...
- b. E ela só tem **esse filho**.
- c. Nun tá veno **marca** daqui on...?

(MOORE NEVES, 2019, p. 169)

Moore Neves explica que a análise mostrou que há um favorecimento moderado do Det Ø quando há outro elemento capaz de contribuir para a referencialidade do nome. Diferentemente, se não há nenhum outro constituinte atribuindo o valor referencial ao nome, o

Det Ø é ligeiramente desfavorecido. Assim, segundo ela, os resultados confirmam que o que acontece no crioulo cabo verdiano também se aplica ao Português Afro-Brasileiro de Helvécia, ou seja, a presença de outro elemento capaz de atribuir referencialidade ao nome inibe o uso de um determinante foneticamente realizado.

Conforme a pesquisadora, entre os elementos capazes de contribuir para a referencialidade no nome nu, estão: a) adjetivo – favorece fortemente o Det Ø⁷⁶; b) advérbio locativo – favorece moderadamente o Det Ø; c) PP – favorece levemente o Det Ø; e d) possessivo – favorece levemente o Det Ø. Esses casos estão exemplificados, respectivamente, em (18).

- (18) a. Anjo de Guarda dele é fóte, topô onça morto...
- b. fez operação lá no...no... **em Belo Horizonte**
- c. qu'eu tava sentino, assim, negoco **duma fraqueza**...
- d. eu peguei carta **dela**.

(MOORE NEVES, 2019, p. 164)

Por outro lado, ela aponta que a oração relativa e o aposto, fatores que também contribuem para a referencialidade do SN, ocorrem, no *corpus*, desfavorecendo o Det Ø. Moore Neves salienta que esse comportamento chama a atenção, uma vez que esses dois fatores seriam, em teoria, casos de forte atribuição de referencialidade.

Moore Neves conclui que, embora a presença de outro material que atribui referencialidade facilite o uso do Det Ø, é evidente que, no caso de Helvécia, os falantes estão adquirindo o determinante foneticamente realizado. Nesse contexto, oração relativa e aposto parecem constituir a porta de entrada desse comportamento, pois são favorecidos na presença de pronomes demonstrativos e artigos definidos⁷⁷. E conclui afirmando que, desse modo, parece que o determinante foneticamente realizado entra primeiro em contextos de forte clareza de referência como um marcador redundante.

Na literatura também se discute que nomes nus com leitura específica compõem, com muita frequência, títulos e *lides* de notícias, uma observação que se mostra relevante para este

⁷⁶ Esse forte favorecimento também é verificado nos casos de nomes nus nas sentenças que constituem o *corpus* desta tese, como apresento em 5.2.1.

⁷⁷ Como se viu nas subseções 4.1 e 4.3, o favorecimento da oração relativa diante de pronome demonstrativo e artigo definido também ocorre nas CVLVs-Det e nas CVAVs.

estudo, haja vista que os dados que constituem o *corpus* desta tese são, em sua maioria, títulos de notícias.

Para Possenti (2014 apud MARTINS; BORGES, 2015), embora títulos e *lides* de notícias não tragam determinantes explicitamente, a interpretação dos nomes aparentemente nus é sempre específica, dado que o referente que o leitor precisa alcançar já pode fazer parte do seu conhecimento através de outras notícias, a julgar que um jornalista não tem a segurança de que sua notícia é a primeira a qual o leitor teve acesso.

De acordo com Kabatec (2007) e Quadros Gomes e Sudré (2021), manchetes ou títulos de notícias, por especificidade do gênero, tendem a omitir os determinantes. Kabatec explica que, em estilo telegráfico, por questões de espaço, é eliminado tudo o que é considerado supérfluo e que, no Brasil, tanto nos títulos quanto dentro dos próprios artigos de jornais, a omissão do artigo é bastante comum, sendo praticada de maneira generalizada.

A seguir, discorro a respeito da questão de haver ou não nomes incorporados no PB. A discussão desse aspecto, a meu ver, é fundamental, visto que, nas línguas em que há o fenômeno da incorporação, ele acontece com nomes nus objetos (MITHUN, 1984, 1986; BAKER, 1988); por conseguinte, é esse o motivo que une as pesquisas sobre os nomes nus com os de incorporação nominal. Além disso, a apresentação dos aspectos que caracterizam os nomes incorporados, é essencial para esta tese, pois, na subseção 5.2.2, busco identificar se as construções com nomes nus do *corpus* são CVLVs-Det e CVAVs ou casos de incorporação.

5.1.3 Nomes nus são objetos incorporados no PB?

Na perspectiva de Saraiva (1992, 1996, 1997) e de Taveira da Cruz (2008), o PB admite construções de objeto incorporado. Entretanto, antes de apresentar a visão desses autores, trago a definição desse fenômeno e os aspectos que o caracteriza nas línguas naturais em que ocorre.

O fenômeno da incorporação nominal vem recebendo atenção considerável na literatura linguística (MITHUN, 1984, 1986; BAKER, 1988; SARAIVA, 1992, 1996, 1997; DAYAL, 2003, 2007, 2015; TAVEIRA DA CRUZ, 2008; ESPINAL; MCNALLY, 2011; BORIK; GEHRKE, 2015; SERDOBOLSKAYA, 2015 etc.). Ele tem sido definido como um processo em que um elemento nominal é incorporado em um elemento verbal, formando um predicado composto de significado unitário (MITHUN, 1984, 1986; DAYAL, 2003, 2007,

2015; BORIK; GEHRKE, 2015; SERDOBOLSKAYA, 2015 etc.). A incorporação nominal, geralmente, tem como alvo um dos argumentos de um verbo, mais tipicamente (embora não exclusivamente⁷⁸), um objeto direto.

A incorporação nominal, segundo Mithun (1984), é um processo lexical, não sintático, o qual acontece ao longo das mudanças da língua e não necessariamente em uma determinada língua. No que diz respeito às suas propriedades, estudos têm apontado que existem algumas restrições lexicais ao nome incorporado, mesmo nas línguas em que a construção é altamente produtiva. A natureza dessas restrições, para Borik e Gehrke (2015), parece ser conceitual e/ou pragmática, ao invés de estritamente semântica ou sintática. Em particular, para essas autoras, as construções com nomes incorporados, normalmente, se referem a atividades reconhecíveis, típicas ou “institucionalizadas”, em outros termos, atividades que são comuns e facilmente identificáveis. Assim, todo constituinte incorporado, frequentemente, denota uma afirmação genérica ou se refere a atividades habituais. Isso fica evidente no exemplo do Tupinambá⁷⁹, língua indígena do Brasil, em (19), que fala sobre lavar a face. Para Mithun e para Borik e Gehrke, esse é um tipo de atividade típica que os humanos realizam regularmente e que vem com seu próprio *script*.

- (19) *a-s-óbá-éy*
 I-him-face-wash
 ‘I face-washed him’.
 “?Eu lavei-face dele”.

(Adaptado de MITHUN, 1984, p. 857)

Borik e Gehrke (2015) relatam que existem restrições lexicais tanto relacionadas aos tipos de verbos quanto no que diz respeito aos tipos de nomes que têm maior probabilidade de participar da incorporação nominal. Com relação aos verbos, quanto mais “leve” for (e.g., *have* ‘ter’⁸⁰), mais, provavelmente, ele incorpora um nome, ao contrário dos verbos que nomeiam atividades e eventos muito mais específicos. Dado que o alvo típico para

⁷⁸ Taveira da Cruz (2008) e Borik e Gehrke (2015) mencionam que, em línguas como o turco e o húngaro, sujeitos nus também se incorporam ao verbo para os mesmos fins que o objeto direto.

⁷⁹ Ao leitor interessado, outros trabalhos discutem a incorporação em línguas indígenas do Brasil, como o de Ferreira-Silva (2011) sobre a língua Parkatêjê, falada por uma comunidade indígena, localizada no Sudeste do Estado do Pará.

⁸⁰ Espinal e McNally (2011, p. 11-12) explicam que, no catalão e no espanhol, apenas um conjunto muito restrito de verbos pode incorporar um objeto, por exemplo, os predicados-possuidores, que inclui os verbos *tener/tenir* “ter”, *poseer/posseir* “possuir”, mas também outros verbos que têm algum componente que pode ser expresso por meio de uma relação de ter, como *obtener/obtenir* “obter” e *recibir/rebre* “receber” etc.

incorporação é um objeto direto, aqueles verbos que afetam significativamente seus pacientes (e.g., *make* ‘fazer’, *eat* ‘comer’) são mais propensos a incorporar do que aqueles que têm menos efeito (e.g., *look at* ‘olhar para’, *hear* ‘ouvir’). No que tange aos nomes, quanto mais específico for o significado deles, menos provável ocorrerá a sua incorporação. Por exemplo, nomes animados e nomes próprios, de modo geral, não são incorporados, mas nomes que se referem de forma mais geral, são. Ademais, conforme as autoras, na maioria das línguas em que ocorre, a incorporação de nomes se refere a partes do corpo⁸¹ e atividades mentais.

A atividade institucionalizada é apontada por muitos autores (MITHUN, 1984, 1986; DAYAL, 2003, 2007; BORIK; GEHRKE, 2015 etc.) como uma das propriedades-chave do fenômeno da incorporação nominal. Além disso, os estudos têm sinalizado que outros aspectos podem caracterizar esse fenômeno. Dentre eles, são citados:

- a) ser um nome nu, sem marcas de caso, número e definitude;
- b) não ocorrer modificado;
- c) não denotar leitura específica.

O nome incorporado, portanto, é um núcleo nominal, um N⁰, e não uma frase nominal. Contudo, esse tipo de incorporação, considerado canônico, não é encontrado em línguas como o hindi (DAYAL, 2003, 2007, 2015), o espanhol e o catalão (ESPINAL; MCNALLY, 2011), o húngaro (BORIK; GEHRKE, 2015) e o mari (SERDOBOLSKAYA, 2015), pois algumas das características apontadas acima, podem ser vistas nessas línguas. No hindi e no húngaro, por exemplo, o nome nu incorporado pode apresentar marcação de número e de Caso acusativo. Essa possibilidade, na literatura, é apontada como características de um fenômeno denominado pseudo-incorporação, uma vez que o que se incorpora é um NP (ou, possivelmente, constituintes ainda maiores). Em (20), tem-se exemplos de casos de pseudo-incorporação no hindi, com marcação de plural (cf. (20a) e (20b)) e marcação de caso (cf. (20b)).

- (20) a. anu baccaa sambhaaltii hai
 ‘Anu child manages’
 ‘Anu looks after children’.
 ‘Anu cuida de crianças’.

⁸¹ Taveira da Cruz (2008) mostra que isso também é visto no PB, como *cortar unha* e *escovar dente*.

- b. anu bacce-ko sambhaaltii hai
 ‘Anu child-acc manages’
 ‘Anu looks after the child’.
 “Anu cuida da criança”.

(Adaptado de DAYAL, 2015, p. 49)

De acordo com Borik e Gehrke (2015), outro aspecto que não define a incorporação nominal, mas que pode ser visto nas línguas pseudo-incorporadas, é a modificação do nome nu, como em (21), um exemplo da língua hindi.

- (21) anu sirf puraanii kitaab becegii
 ‘Anu only old book sell-FUT’
 ‘Anu will only sell old books’.
 “Anu só vai vender livros antigos”.

(Adaptado de BORIK; GEHRKE, 2015, p. 20)

Todavia, Borik e Gehrke esclarecem que nem todo tipo de modificação é permitido, por exemplo, a modificação por oração relativa; já a modificação por adjetivo, sim, desde que preserve a relação de atividade prototípica entre o verbo e o nome. As autoras explicam, ainda, que a incorporação e a pseudo-incorporação⁸² nominal possuem algumas propriedades em comum: ausência de definitude; ausência de referencialidade; ausência de determinante e presença de leitura de atividade institucionalizada.

Em suma, para Borik e Gehrke, o que, de fato, une os dois fenômenos é a ideia de prototipicidade, isto é, a construção incorporada resultante indica um subtipo de um evento

⁸² O termo pseudo-incorporação, segundo Dayal (2015, p. 73), foi estendido por Carlson (2006) para cobrir a possibilidade de incorporar DPs introduzidos por um artigo definido, porém sem leitura de unicidade, no inglês, como *I'll read the newspaper when I get home* (Vou ler o jornal quando chegar em casa), o qual é visto como um caso de “definido fraco”. É nessa leitura que repousa a reivindicação de incorporação, que só ocorre em uma posição que pode ser plausivelmente argumentada como um alvo para incorporação, a posição de objeto. Dayal argumenta que um dos fatores que levam a tomar essa sentença como um caso de pseudo-incorporação nominal é o escopo estreito, visto que o nome se comporta como indefinido inespecífico. Já Borik e Gehrke (2015, p. 33), afirmam que uma condição, talvez, a mais importante delas para a caracterização de Carlson dos definidos fracos ingleses como casos de pseudo-incorporação, é a combinação V+N, encabeçado por artigo definido, nomear uma atividade institucionalizada, como em *Lola went to the store (to do shopping) vs. #Lola went to the store to pick up a friend* (Lola foi até a loja (fazer compras) vs. #Lola foi até a loja buscar um amigo). Nesse exemplo, *the store* ‘a loja’, sob uma leitura definida fraca, não é apenas qualquer loja que é movida por algum motivo aleatório, mas a loja para a qual se vai fazer compras, uma atividade institucionalizada. Essa, portanto, é a propriedade em comum entre a incorporação nominal, junção de V+N, e a pseudo-incorporação nominal, seja na junção de V+NP ou V+DP.

expresso pelo verbo. O nome não denota de forma independente, no entanto, junto com um verbo, nomeia uma ação unitária ou uma *atividade institucionalizada*, uma atividade que é reconhecível como bem estabelecida.

Essa restrição semântica de denotar uma atividade institucionalizada, reconhecida como específica pelos falantes de uma língua, é também apontada por Taveira da Cruz (2008) como peça fundamental para detectar a incorporação nominal no PB, conforme discuto em 5.1.3.2. Antes disso, apresento a visão de Saraiva (1992, 1996, 1997) sobre a incorporação nominal no PB.

5.1.3.1 Saraiva (1992, 1996, 1997) e a tese da incorporação nominal (quase obrigatória) no PB

O estudo de Saraiva (1992) foi um dos primeiros a afirmar explicitamente que o PB admite incorporação nominal. Ao fazer isso, a autora baseou-se em evidências morfossintáticas, como as que se verificam nos exemplos em (22).

- (22) a. Fui **buscar menino** no colégio.
 b. [...] mas aí (as doentes mentais) foram **pegar carona** e lá é BR, fica super escuro, agora é que eles estão colocando luzes lá.

(SARAIVA, 1992, p. 10-11)

Segundo Saraiva, os nomes objetos dos verbos negritados, em (22), apresentam-se em sua forma básica, ou seja, sem flexão de número, e não veem acompanhados de determinantes, adjetivos ou quaisquer outros elementos modificadores. Ademais, ela aponta que esses nomes são não referenciais, haja vista que não se referem a algo particular/específico do discurso, e argumenta que os elementos destacados constituem uma única ideia. Assim, para a linguista, a incorporação do nome objeto ao verbo “aproxima-se de outros fenômenos que resultam na supressão do “status do objeto direto” e, conseqüentemente, na redução da transitividade da oração como um todo” (SARAIVA, 1992, p. 14).

Buscando evidências que comprovassem que no PB acontece o fenômeno da incorporação nominal, Saraiva (1992) apresenta alguns casos que não admitem que os clíticos *o/a* ou os pronomes *ele/ela*, na função de objeto direto, façam referência a eles. Vejamos alguns desses exemplos em (23).

- (23) a. *“Fui buscar **menino** no colégio”, mas não **o** encontrei (não encontrei **ele**).
 b. *“[...] E nesse meio tempo, os irmãos dela revezariam, né?” [...] a fazer **companhia** pra mãe [...]”, pois não havia ninguém para fazê-la.

(SARAIVA, 1992, p. 20-21)

Essa questão envolvendo os clíticos, Saraiva (1996, 1997) relaciona à presença da projeção de NP *versus* DP na estrutura sintática. De acordo com a discussão da autora, a agramaticalidade das sentenças em (23) diz respeito ao fato de a estrutura conter um NP⁸³, não um DP. Para ela, com o DP, o clítico poderia ser licenciado e a sentença tornar-se-ia gramatical: *Ontem eu busquei este menino_i às cinco horas, mas hoje vou buscá-lo_i mais cedo* (SARAIVA, 1996, p. 183).

Em seu estudo de 1992, Saraiva busca mostrar que qualquer nome nu objeto singular é um nome incorporado no PB, independentemente do tipo de verbo e do tipo do nome, da circunstância semântica, pragmática, do tempo verbal, do contexto, se genérico ou episódico. Além disso, ela sugere que as construções incorporadas podem ser distribuídas em três grupos distintos. No primeiro grupo, estariam incluídas as construções que ela considera como mais ou menos consagradas, estereotipadas, muitas das quais devem ser interpretadas metaforicamente, melhor dizendo, aquelas que podem ser citadas como expressões de “xingamento”, como a que aparece em (24a). Também participariam desse grupo as estruturas que ela chama de cristalizadas, como em (24b), além de outras construções, como a exemplificada em (24c).

- (24) a. Vai **plantar batata**.
 b. Já que ele não me **dá bola**, vou partir para outra.
 c. O doente **deu entrada** no hospital ontem.

(SARAIVA, 1992, p. 35-36)

No segundo grupo, estariam as sentenças que ela denomina construções produtivas, isso porque o complemento é considerado menos previsível, menos estereotipado, como as que vemos em (25).

⁸³ Nesse sentido, a incorporação no PB seria uma pseudo-incorporação e não uma incorporação nominal canônica, como relata Dayal (2003, 2007, 2015).

- (25) a. Ela não demora. Foi só ali na farmácia **buscar remédio** para você.
 b. Essa água não é própria para **fazer comida**, só para lavar vasilha.

(SARAIVA, 1992, p. 36)

Finalmente, no terceiro grupo, estariam aquelas construções cujo conjunto verbo/objeto pode ser substituído por um verbo cognato do nome complemento. Muitas delas, conforme a autora, apresentam um PP – complemento do nome objeto – referido ao nome incorporado. Esses casos podem ser verificados em (26)⁸⁴.

- (26) a. Ele **fez uso** de drogas e bebidas durante muito tempo. (= usar)
 b. Lula vai **dar apoio** às greves. O país vai parar. (= apoiar)

(SARAIVA, 1992, p. 37-38)

Contudo, em sua tese de doutorado (SARAIVA, 1996), a pesquisadora faz uma distinção entre as construções que considera como fazendo parte do grupo um e as construções que assume como parte do grupo dois. Saraiva (1996) nomeia as primeiras de expressões lexicalizadas ou expressões idiomáticas, uma vez que apresentam um significado não composicional, e as segundas de construções produtivas ou de construções com nome incorporado propriamente ditas.

Passemos agora a falar sobre o posicionamento de Taveira da Cruz (2008) quanto ao PB ter nomes incorporados.

5.1.3.2 Taveira da Cruz (2008) e a tese da incorporação nominal opcional no PB

Taveira da Cruz (2008), com base em evidências morfossintáticas e, principalmente, semânticas, nos moldes de Mithun (1984), afirma que a incorporação de nome no objeto, no PB, só acontece em alguns casos: quando remete a uma *atividade institucionalizada*, que os falantes nativos sabem reconhecer, como a exemplificada em (27).

- (27) Pedro jogou bola.

(TAVEIRA DA CRUZ, 2008, p. 94)

⁸⁴ Diferentemente de Saraiva, essas construções são denominadas de CVLs por alguns autores (MOURA NEVES, 1996; DAVEL, 2009; CASTILHO, 2010; RESENDE, 2016; ALVES, 2016 etc.)

O linguista destaca que a bola é um objeto usado em vários esportes, porém, em (27), o único esporte possível é o futebol. Para o autor, essa é uma das propriedades caracterizadoras das construções incorporadas, isto é, o fato de o falante reconhecer como significando uma atividade institucionalizada. Segundo Taveira da Cruz, tal restrição semântica é tão forte que levou Dayal (2003) a tomar como parte do significado do verbo, funcionando como uma espécie de modal, restringindo-se a uma atividade específica. Portanto, ela pode ser um mecanismo que auxilia na separação de estruturas incorporadas das estruturas não incorporadas.

Taveira da Cruz pontua que nas construções incorporadas, como em (27), o nome objeto não pode ser topicalizado, nem ser retomado anaforicamente, pois não mantém a interpretação incorporada, como se observa em (28).

- (28) a. **#Bola**, Pedro jogou.
 b. Pedro jogou bola. **#Ela** estava murcha.

(TAVEIRA DA CRUZ, 2008, p. 95)

O pesquisador argumenta que, ao mover o nome *nu bola*, em (28a), para a periferia esquerda da sentença, a construção deixa de denotar que o falante está se referindo a atividade institucionalizada de jogar futebol, perdendo a leitura incorporada. Desse modo, passa a expressar somente a leitura composicional, de que há uma bola e que Pedro a jogou. Da mesma maneira, em (28b), ao ser retomado pelo pronome *Ela*, o nome *nu bola* não denota a leitura incorporada e recebe uma interpretação composicional⁸⁵.

Na tentativa de tornar essa discussão sobre clivagem e retomada anafórica ainda mais clara, Taveira da Cruz apresenta os exemplos em (29).

- (29) a. O João tomou café hoje às sete horas da manhã.
 b. Café, o João tomou. (não chá)
 c. O João tomou café. **#Ele** estava muito quente.

(TAVEIRA DA CRUZ, 2008, p. 95)

⁸⁵ Nesse ponto, percebe-se que as construções de incorporação nominal se distanciam das CVLs do PB e se aproximam das expressões idiomáticas, visto que as CVLs denotam leitura composicional e as expressões idiomáticas, não (SCHER, 2004).

No entendimento do linguista, em (29a), a construção é ambígua. Em primeiro lugar, isso ocorre porque é possível ter uma versão incorporada, haja vista que tomar-café remete a uma atividade que é de conhecimento dos falantes do PB. Neste caso, não está em foco o café em si, mas o evento de tomar-café, mais precisamente, o da manhã, isso tanto é verdade que, para (29a) ser aceita na interpretação incorporada, não é preciso, necessariamente, haver café; é possível que João tenha tomado chá com biscoitos nesse evento de tomar-café e, ainda assim, a sentença é verdadeira, visto que o que importa é o evento e não o café propriamente dito. Em segundo lugar, é possível ter a versão não incorporada, e, neste caso, o que está em foco é o próprio café, portanto essa interpretação não remete ao evento de tomar-café, porém ao evento de tomar, que é saturado pelo nome no objeto *café*. Para o autor, os exemplos em (29b) e (29c) só aceitam essa segunda leitura.

Dessa forma, Taveira da Cruz afirma que as sentenças em (27) e (29a) admitem a versão incorporada, que remete a uma atividade institucionalizada, não podendo o nome no objeto ser focalizado/topicalizado ou retomado anaforicamente, e, na versão não incorporada, o nome no objeto somente satura o verbo.

O estudioso mostra, ainda, que existem outras formas no PB que remetem a uma interpretação incorporada ou não incorporada, como se vê em (30).

- (30) a. Pedro jogou bola com João. (incorporação)
 b. Pedro jogou bola pro João. (não incorporação)

(TAVEIRA DA CRUZ, 2008, p. 96)

De acordo com o autor, é possível afirmar que (30a) apresenta uma interpretação incorporada, porque jogar-bola é uma atividade típica para os falantes do PB. Todavia, em (30b), o nome no objeto *bola* simplesmente satura o verbo, podendo, dessa maneira, ser analisado dentro de um quadro que considera que o objeto é do tipo semântico <e>, ou seja, uma entidade. Taveira da Cruz relata que é a partir de exemplos como (30a) que a hipótese de que o nome se incorpora ao verbo, restringindo a ação a uma atividade típica, é mais plausível. Para ele, tendo em vista que a incorporação envolve a posição de objeto, é mais um motivo para se acreditar que a incorporação seja uma opção no exemplo em (30a).

Taveira da Cruz continua sua análise pontuando, assim como fez Saraiva (1992, 1996), que, em construções incorporadas, determinantes não podem aparecer entre o verbo e o

nome, do contrário a leitura incorporada se desfaz⁸⁶; nem mesmo o plural nu deixa a sentença com o sentido de nome incorporado. Esses comportamentos são ilustrados, respectivamente, em (31).

- (31) a. Pedro jogou #a/uma/esta bola com João. (não incorporação)
 b. Pedro jogou #bolas com João. (não incorporação)

(TAVEIRA DA CRUZ, 2008, p. 96)

O linguista chama a atenção, ainda, para os casos de tomar café que apresentam ambiguidade, como em (32).

- (32) a. O João tomou café às cinco horas. (incorporação)
 b. O João tomou café quente. (não incorporação)

(TAVEIRA DA CRUZ, 2008, p. 97)

Para Taveira da Cruz, em (32a), tem-se a versão incorporada, já que o bloco V+N representa uma atividade reconhecida pelos falantes do PB: o evento de tomar-café. Por outro lado, em (32b), tem-se a versão não incorporada, em que o nome nu objeto apenas satura o verbo e o adjetivo é mais uma prova de que café parece funcionar como um argumento do verbo. Para tanto, o autor trabalha com a hipótese de que na versão não incorporada o nome nu na posição pós-verbal é, como defende Longobardi (1994), um DP com determinante nulo.

Essa ambiguidade, então, leva Taveira da Cruz a propor, assumindo Stvan (2007), para quem, no inglês, um nome singular nu ora é referencial, ora é incorporado, que a incorporação nominal é uma opção no PB. Assim, segundo ele, parece possível considerar que, no PB, o nome nu objeto: a) ora é um DP (do tipo <e>), quando é não incorporado; e b) ora é um NP (do tipo <e,t>), quando é incorporado, aproximando-se, com isso, da visão de Cyrino e Espinal (2011, 2015).

Por fim, Taveira da Cruz faz questão de enfatizar que o que está chamando de versão incorporada não é o mesmo que Saraiva (1992) denomina nome incorporado no PB, uma vez

⁸⁶ Ana Paula Scher (comunicação pessoal) me apontou que é possível ter a presença de determinantes entre o verbo e o nome e a leitura de atividade institucionalizada não parece ser desfeita, como em *João tomou o seu café às 5 da manhã*. Nesse caso, conforme sinalizou Scher, não significa necessariamente que João tenha tomado café; pode ter tomado suco, chá etc., mostrando que o que está em foco é a atividade e não o produto em si. Essa observação parece se aproximar de pseudo-incorporação envolvendo definidos fracos, conforme relatado na nota 82.

que, considerando que ela defende que todo nome nu objeto é incorporado, todos os nomes nus discutidos acima seriam incorporados, e isso não é o que ele assume.

5.2 CONSTRUÇÕES COM NOMES NUS OBJETOS NO *CORPUS*: CVLVs-DET E CVAVs OU CASOS DE INCORPORAÇÃO NOMINAL?

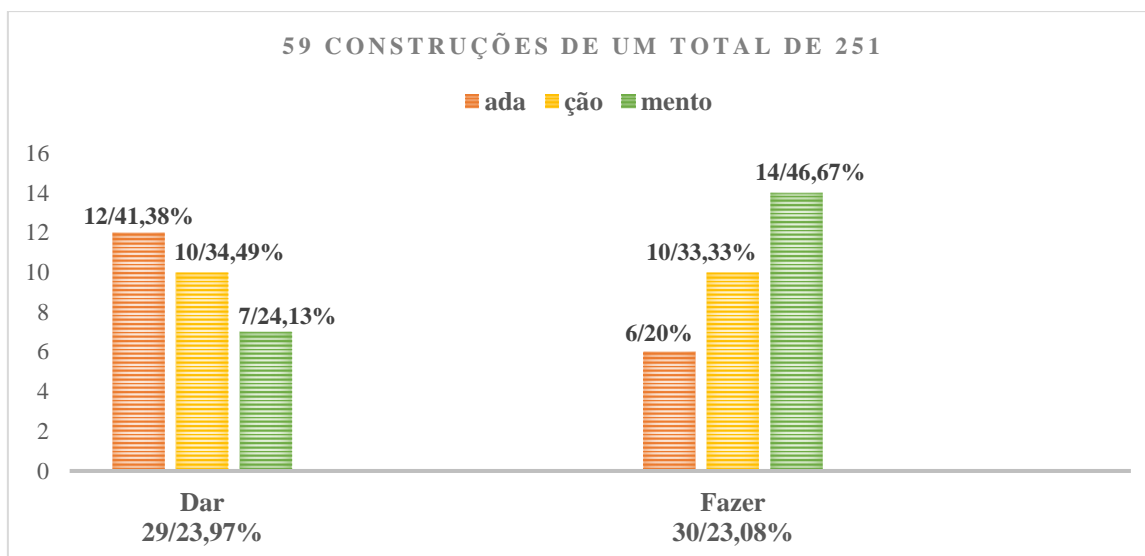
Nesta subseção, descrevo o comportamento das sentenças do *corpus* que contêm nomes nus na posição de objeto. Tendo em vista os aspectos discutidos ao longo da subseção anterior sobre referencialidade e o tipo de construção em que pode ocorrer nomes nus, assumo que:

- (i) nomes nus podem ser [+específicos], conforme Ribeiro e Cyrino (2011), Possenti (2014) e Moore Neves (2019);
- (ii) nomes nus podem integrar tanto construções de objeto incorporado, quando denota atividade institucionalizada, como *João joga bola = João joga futebol*, segundo Mithun (1984, 1986), Dayal (2003, 2007, 2015), Taveira da Cruz (2008), Borik e Gehrke (2015) etc., quanto integrar CVLVs-Det e CVAVs.

Desse modo, analiso as sentenças como *Maria deu gargalhada estrondosa* e *João fez corrida de recuperação* em termos de CVLV-Det e CVAV, respectivamente, considerando que há um nome, melhor dizendo, um DP nu específico/referencial, de acordo com o modelo de Kearns (2002) abordado na Seção 2 e com a discussão realizada na Seção 4.

5.2.1 As construções com os verbos *dar* e *fazer* mais nomes nus referenciais

As ocorrências do *corpus* com nomes nus objetos correspondem a 59 de um total de 251: são 29 com o verbo *dar* e 30 com o verbo *fazer*, como se verifica pela distribuição no Gráfico 9, a seguir.

Gráfico 9 – Sentenças do *corpus* com nomes nus

Fonte: Elaboração própria.

Como discutido em 5.1.1 e em 5.1.2, nomes nus podem ter o traço [+específico], isto é, indicar leitura referencial (RIBEIRO; CYRINO, 2011; POSSENTI, 2014; MOORE NEVES, 2019), e uma das evidências para isso é o fato de ocorrerem modificados por constituintes que particularizam o elemento nominal. No *corpus* contém dados que apresentam esse comportamento. Das 29 sentenças com o verbo *dar*, 22 aparecem com nomes nus modificados⁸⁷, sendo 19 por adjetivo e 3 por PP, como se verifica nos exemplos em (33), (34) e (35), em que esse verbo está associado aos nomes formados pelos sufixos *-ada*, *-ção* e *-mento*.

- (33) a. [...] ela mandou que eu a chamasse de rainha, rainha Maria Padilha dos infernos, pois em auto bom som mim disse: que era amante do sócio do inferno e **deu gargalhada estrondosa**.
- b. Avião **deu sacudida brutal**, diz sobrevivente em Madri.
- c. Quando vou **dar mordidas de amor** e meu neném briga comigo.
- (34) a. A exploração do carvão **deu sustentação econômica** à localidade durante muitos anos, atraindo muitas famílias a se instalarem aí.
- b. Com o sujeito soberano em ajuizar e produzir a arte, para a qual nenhuma instituição é capaz de **dar correção normativa** [...].

⁸⁷ Os demais nomes nus combinados ao verbo *dar*, embora não estejam modificados, estou os assumindo como referenciais com base em outros motivos que serão discutidos na sequência.

- c. Nesta campanha, ambos **deram demonstraco inequívoca** de sua grandiosidade política ao se unirem para fazer o Rio de Janeiro vitorioso.
- (35) a. Anderson Germany **deu acabamento fosco** ao carro e peças em carbono.
- b. Temos linhas de crédito já abertas com a Caixa Econômica Federal, que é um grande financiador dos municípios, e vamos ajudar as prefeituras a acessarem esses financiamentos, além de **dar apoioimento político**.
- c. A saia Palms virou vestido; O cropped Palms **deu acabamento de manga**.

Os nomes nus objetos dos exemplos de (33) a (35), em sua forma singular ou plural, têm leitura específica, pois os constituintes adjetivos e PPs estão atuando de modo a particularizar o evento expresso pelo nome. Assim, pode-se dizer que temos, nesses casos, nomes com valor referencial, em razão do fato de serem identificáveis, no mínimo, pelo falante.

Nas sentenças com o verbo *fazer*, os nomes nus também apresentam leitura específica. Do total de 30 ocorrências, 22 têm nomes nus modificados⁸⁸, sendo 18 por adjetivo, 3 por advérbio locativo e 1 por PP, como se vê em (36), com a nominalização em *-ção*, em (37), com a nominalização em *-mento*, e em (38), com a nominalização em *-ada*.

- (36) a. Cidades do interior de São Paulo terão que **fazer inspeção veicular ambiental**.
- b. No período, ela **fez modificações estruturais** como quebrar uma parede e parte do muro para ter acesso à casa vizinha, onde morava a sogra...
- c. Vigilância Sanitária **fez inspeção** em 168 estabelecimentos em Divinópolis e 14 foram multados.
- (37) a. Legal o discurso do Felipe Neto sobre respeito e reconhecer erros. Pena que comigo **fez linchamento virtual** e só parou quando publiquei um vídeo que ele gravou p/ mim me apoiando e mostrando a hipocrisia dele.
- b. A lixa elétrica para unha pode ser uma ferramenta muito útil para a manicure. Quem **faz alongamentos artificiais** precisa ter uma.
- c. Alice Portugal **fez pronunciamento na Câmara Federal** em apoio aos educadores municipais.

⁸⁸ Idem nota 87.

- (38) a. Reynaldo Gianecchini **faz caminhada** noturna em orla do Rio de Janeiro.
- b. Bruna Tomaselli **fez corrida** de recuperação e conquistou mais um pódio no Uruguai ... É o terceiro pódio da catarinense em três corridas.
- c. Neste primeiro de novembro, o candidato a vereador de BH, Lu Caetano, **fez caminhada** na Praça Santuário São Geraldo.

Nos exemplos de (36) a (38), os nomes nus, tanto no singular quanto no plural, contêm o traço [+específico], resultante, principalmente, da modificação por elementos atribuidores de referencialidade, tais como adjetivos, advérbios locativos e PP. Dos constituintes que podem contribuir para a leitura referencial do nome nu, o adjetivo é o que ocorre em maior número, seja nas construções com o verbo *dar*, seja nas construções com o verbo *fazer*: são 36 ao todo. Por outro lado, advérbio locativo e PP surgem em menor número; já oração relativa e aposto, não aparecem⁸⁹. Esse resultado vai ao encontro daquele identificado por Moore Neves (2019).

Trato, agora, dos outros aspectos que parecem contribuir para que os nomes nus do *corpus* tenham uma interpretação específica/referencial. Um deles é o fato de, mesmo não modificados por elementos atribuidores de referencialidade, serem títulos de notícias, como os que vemos em (39), com o verbo *dar*, que totalizam 4 ocorrências, e em (40), com o verbo *fazer*, que totalizam 7 ocorrências.

- (39) a. Bolsonaro **dá risada** ao falar sobre suposto aumento de suicídio na pandemia.
- b. Petista diz que **‘deu contribuição’** para agravamento da crise política.
- c. Secretaria de Infraestrutura e Serviços **deu prosseguimento** aos trabalhos nessa sexta-feira.
- (40) a. MEC **fez alteração** na seleção das vagas remanescentes do Prouni 2021.
- b. Secretaria Municipal de Saúde **faz detalhamento** da vacinação da COVID 19, no município.
- c. Polícia **faz caçada** a homem que matou 4, atirou em 3 e aterroriza DF e Goiás.

⁸⁹ O fato de os nomes nus do *corpus* não ocorrerem modificados por oração relativa, por exemplo, poderia ser visto como um indicador de que sejam nomes incorporados, uma vez que essa é uma das características de um nome incorporado, como relatado na subseção 5.1.3. Porém, não é esse o caso, visto que a modificação pelo adjetivo não está prototipizando uma atividade denotada por V+N, como discuto em 5.2.2.

Em (39) e (40), os nomes nus, dado o fato de comporem títulos de notícias, dispensam, por peculiaridade do gênero, a presença de um determinante (KABATEC, 2007; QUADROS GOMES; SUDRÉ, 2021), mas, ainda assim, o nome mantém o traço [+específico], já que o referente é identificável pelo falante, como também pode ser familiar ao ouvinte, visto que, como argumenta Possenti (2014), ele já pode conhecer seu referente de outras notícias. Logo, podemos dizer que, nessas sentenças, temos nomes com leitura referencial.

O traço [+específico] do nome nu também pode ser verificado naqueles casos em que se observa um comportamento variável de presença/ausência do determinante, como se nota em (41) e em (42)⁹⁰, únicos casos do *corpus* com os verbos *dar* e *fazer* com esse tipo de atuação.

(41) Sigo na linha da base, aqui você pode aplicar com os dedos e **dar o acabamento** com a esponjinha, ou aplicar com um Pincel Língua de Gato pequeno, porém será necessário utilizar ou a esponjinha para **dar acabamento** ou até mesmo um Pincel para Esfumar (sombra!! hahaha eu disse que eles eram versáteis! xD).

(42) Okpunto: É verdade que polimento num carro que acaba de sair da concessionária pode prejudicar a pintura? já que ele já vem polido... pq deixei pra lavar pela primeira vez e o cara deu polimento com pasta líquida sem eu ter pedido...

GiovaneO: Cara, é o seguinte: Ao **fazer polimento**, voce esta tirando uma camada bem fina, superficial do verniz da pintura.. Uma vez nao vai acabar com a pintura, mas se voce o fizer com frequencia, vai desgastar a pintura do seu carro novinho.. A minha dica é so **fazer o polimento** quando houver necessidade mesmo: pra tirar arranhoes superficiais, se houver diferenca no brilho das partes, etc..

Em (41), o nome *acabamento* que se associa ao verbo *dar*, na primeira menção, surge encabeçado por um determinante foneticamente realizado, o artigo definido *o*, e, na segunda menção, aparece nu, o que significa, segundo Ribeiro e Cyrino (2011), a manutenção da mesma interpretação. Já em (42), o nome *polimento*, combinado ao verbo *fazer*, na primeira menção, está nu e, na segunda menção, está encabeçado pelo artigo definido foneticamente

⁹⁰ Okpunto e GionaneO são como se identificam os participantes desse diálogo.

realizado. Essa variação presença/ausência (cf. (41)) e ausência/presença (cf. (42)) de determinante é possível, pois cobre o mesmo conjunto de sentido, como relataram Ribeiro e Cyrino. Ademais, esse comportamento variável acontece porque as informações, para cobrir a ideia adequada, são dadas pelo contexto, possibilitando que o determinante fique ausente. Em (42), por exemplo, o nome *polimento* aparece em dois momentos na fala do primeiro participante do discurso, *Okpunto*, permitindo que no primeiro momento da fala de *GiovaneO*, segundo participante do discurso, o nome surja nu. Os nomes nus, em (41) e (42), portanto, além de expressarem referencialidade, expressam definitude, uma vez que contêm os traços [+específico] e [+definido].

Dessa forma, por denotarem leitura específica e/ou definida, estou assumindo, em consonância com alguns autores, em especial, Ribeiro e Cyrino (2011), que os nomes nus dessas construções são DPs com determinantes nulos. Além disso, estou propondo que essas sentenças são CVLVs-Det, nos casos com *dar*, e CVAVs, nos casos com *fazer*, levando em conta que:

- i) as construções podem ser parafraseáveis pelos verbos bases derivantes das nominalizações;
- ii) o verbo *dar* não expressa transferência de posse, nem qualquer outro conteúdo semântico;
- iii) o verbo *fazer* exprime o significado de criação/realização/produção de um evento, uma ação vaga;
- iv) os nomes são referenciais;
- v) os eventos não denotam uma leitura de algo realizado de forma breve, incompleta, descuidada etc., seja nas sentenças com *dar*, seja nas sentenças com *fazer*.

Porém, para que essas afirmativas, de fato, se sustentem, faz-se necessário apresentar outras evidências. Isso é o que tentarei realizar em 5.2.2, onde também discuto duas ocorrências do *corpus* com o verbo *dar* em que o nome nu não conta com o traço [+específico]. Pelo contrário, as construções se parecem mais com casos de incorporação nominal, sobretudo, porque denotam atividade institucionalizada, uma propriedade que não define as construções que se incluem na grande classe CVL do PB, conforme abordagem da Seção 2.

5.2.2 As construções com nomes nus denotando atividade institucionalizada

Como se discutiu em 5.1.3, nem todo nome nu objeto pode ser analisado como incorporado ou pseudo-incorporado. Para verificação de tais fenômenos, é preciso levar em consideração uma série de propriedades, por exemplo, algumas dessas que estão listadas no Quadro 4, abaixo.

Quadro 4 – Características definidoras das construções com nomes nus

Propriedades do nome	Incorporação	Pseudo-incorporação	CVLV-Det e CVAV
Definitude	-	-	+
Marca de número	-	+	+
Modificação	-	+	+
Especificidade	-	-	+
Leitura	Atividade institucionalizada	Atividade institucionalizada	Composicional

Fonte: Elaboração própria.

Em vista dos aspectos apresentados no Quadro 4 e de alguns exemplos já discutidos anteriormente, entendo que os nomes nus das sentenças do *corpus* (exceto dois casos que tratarei mais à frente) não podem ser assumidos como (pseudo)incorporados, haja vista que, embora não estejam encabeçados por um determinante foneticamente realizado, podem expressar definitude (cf. (41) e (42)), bem como podem ocorrer na forma plural e serem modificados, como se viu de (33) a (38), e como se nota em (43) abaixo.

- (43) a. A Alegria **deu risadas** de alívio por ter se salvado rapidinho.
 b. Prefeitura de Barreiras **faz adequações** sanitárias no Centro de Abastecimento.

A partir dos exemplos em (43), percebe-se que outro aspecto retira dos nomes nus do *corpus* a possibilidade de serem analisados como (pseudo)incorporados: a leitura específica. Como se observa, o PP (cf. (43a)) e o adjetivo (cf. (43b)), que acompanham os nomes nus, atuam particularizando os eventos denotados pelos nomes. Assim, são DPs referenciais, outra

característica que impossibilita que esses nomes nus sejam vistos como incorporados ou pseudo-incorporados, os quais contam, respectivamente, com um N⁰ ou NP.

A leitura composicional é outro fator que pode ser tomado para julgar os nomes nus das construções do *corpus* como não (pseudo)incorporados. Vejamos os exemplos em (44), com o verbo *dar*, e em (45), com o verbo *fazer*.

- (44) a. Veja: argentino perde a linha e **dá pisada** violenta em Marinho, do Santos.
(= pisa)
- b. Nesta campanha, ambos **deram demonstração** inequívoca de sua grandiosidade política ao se unirem para fazer o Rio de Janeiro vitorioso.
(= demonstraram)
- c. Com Osmar Terra, Bolsonaro **deu depoimento** indireto à CPI, avalia Kennedy Alencar.
(= depôs)
- (45) a. Pare de falar que a sua empresa **fez transformação** digital se ela apenas se digitalizou.
(= se transformou)
- b. Empresa irá **fazer ajustamento** no salário dos seus trabalhadores.
(= ajustar)
- c. Virei alemão desde que a Alemanha **fez goleada** no Brasil.
(= goleou)

As sentenças em (44) e (45), conforme discussão realizada na Seção 2, podem ser parafraseadas pela forma verbal correspondente às nominalizações em *-ada*, *-ção* e *-mento*, associadas aos verbos *dar* e *fazer*, pois têm os significados dos verbos que estão entre os parênteses. As interpretações possíveis, portanto, derivam de um processo composicional, resultante de elementos que compõem a construção. Esse é um comportamento diferente daquele apontado por Taveira da Cruz (2008) para os exemplos que ele assume como casos de incorporação no PB, como *O João tomou café hoje às sete horas da manhã*, no qual se tem como foco o evento de realizar a primeira refeição do dia e não o ato de beber café necessariamente. Ademais, verifica-se que verbo mais nome, nesses exemplos, não exprimem uma atividade típica ou habitual, e a presença dos adjetivos *violenta*, em (44a), *inequívoca*,

em (44b), e *digital*, em (45a), que modificam os nomes, contribuindo para as suas leituras específicas/referenciais, reafirmam a ausência da leitura de atividade institucionalizada.

Todavia, duas sentenças com o verbo *dar* que apareceram durante as buscas pelos dados nos sítios digitais e que compõem o *corpus* parecem se aproximar dessa interpretação, como se vê em (46).

- (46) a. Todo motorista sabe que em dias de frio é mais difícil **dar partida** no carro.
 b. Já **dei entrada** no seguro-desemprego, quando receberei as parcelas?

As construções em (46), diferentemente das construções em (44) e (45), não apontam para uma leitura composicional. Nesses casos, os falantes nativos sabem reconhecer que (46a) não significa *partir*, porém ‘ligar o automóvel’ ou ‘colocar o automóvel para funcionar’, e que (46b) não significa *entrar*, mas ‘iniciar um processo formalmente’. Dessa maneira, o significado das sentenças não decorre dos elementos que as compõem. Logo, parecem se tratar de casos de incorporação nominal, a julgar pela leitura de atividade institucionalizada que expressam.

Assim, assumo que os nomes nus das duas construções do *corpus* em (46), por comporem sentenças que apresentam uma interpretação de atividade institucionalizada, não são DPs e se constituem casos de objeto incorporado, segundo argumentação de Taveira da Cruz (2008). Já as demais construções, de (33) a (45), tratam-se de casos de CVLV-Det e CVAV, levando em conta que, além de as sentenças não expressarem atividade institucionalizada, os nomes nus:

- a) ocorrem modificados por elementos atribuidores de referencialidade, assegurando uma leitura específica/referencial, como em (33), (34) e (35);
- b) têm marca de plural, como em (36a) e (43);
- c) compõem títulos de notícias, denotando especificidade, como em (39) e (40);
- d) expressam definitude, como em (41) e (42).

5.3 CONSIDERAÇÕES DA SEÇÃO

Nesta seção, apresentei as discussões que considero mais importantes para a compreensão dos nomes nus como DPs no PB, visto que, nesta tese, proponho que nomes nus

que compõem as sentenças do *corpus*, mais precisamente, as CVLVs-Det e as CVAVs, são DPs com determinante nulo.

Iniciei mostrando que Schmitt e Munn (1999) assumem que o PB não se enquadra no PMN de Chierchia (1998) a respeito das propriedades dos nomes nus nas línguas naturais e que Müller (2002b) e Cyrino e Espinal (2011, 2015) também compartilham da ideia de que o PMN não dá conta de explicar o caso do nome nu no PB. Além disso, destaquei que Schmitt e Munn argumentam que os nomes nus do PB podem ocorrer em posições argumentais de sujeito e de objeto e que singulares nus objetos são diferentes dos plurais nus, não podem ser confundidos com nomes de massa e se comportam diferentemente dos singulares definidos, sugerindo que sejam tratados como DPs com a posição de determinante vazia e sem projeção de número.

Ademais, tratei do fato de o PB admitir nomes nus referenciais. Apontei que Ribeiro e Cyrino (2011), Wall (2013) e Moore Neves (2019) defendem que, no PB, nomes nus podem expressar leitura específica e/ou definida. Na sequência, discorri sobre a questão de o nome nu objeto ser ou não incorporado no PB. Notei que há uma divergência de opinião quanto a essa possibilidade, pois, enquanto Saraiva (1992, 1996, 1997) assume que a incorporação é um processo produtivo e que, para Saraiva (1992), qualquer nome nu objeto pode ser analisado como incorporado, Taveira da Cruz (2008) advoga a favor da hipótese de que a incorporação é uma opção, ocorrendo apenas nos casos em que verbo mais nome denotam uma leitura não composicional de atividade institucionalizada, que o falante nativo é capaz de reconhecer. No entanto, ambos os autores concordam que a modificação, a marcação de plural e a leitura específica impossibilitam que o fenômeno da incorporação nominal aconteça.

Munida dessas informações, no segundo momento, descrevi o comportamento dos nomes nus do *corpus*, constatando, dentre outros aspectos, que os nomes nus estão, na maioria dos casos, modificados por elementos atribuidores de referencialidade, expressando leitura específica, estão na forma plural, e que as construções denotam leitura composicional e não de atividade institucionalizada. Assim, a partir desses resultados, percebi que os nomes nus, exceto em duas ocorrências, não são casos de nomes incorporados e sugeri que as construções sejam analisadas como CVLV-Det, quando com o verbo *dar*, ou CVAV, quando com o verbo *fazer*, uma vez que tem um DP com determinante nulo, apresentando especificidade.

Todavia, como esta pesquisa se enquadra numa perspectiva formal dos estudos da linguagem, não posso me limitar a descrever os dados, como fiz nesta seção e na Seção 4, devendo apresentar uma explicação para o fenômeno das sentenças incluídas na classe CVL do PB serem divididas em dois grupos: CVAV e CVLV, sendo, esta última, subdividida em

CVLV-Det e CVLV-Indet, de acordo com discussão na Seção 4. Mais precisamente, preciso verificar se as diferenças observadas nessas sentenças podem ser explicadas estruturalmente. Essa é uma das tarefas da próxima seção.

6 PROPOSTA SINTÁTICA DE ANÁLISE DOS TIPOS DE CVLs DO PB

Depois de discutir as propriedades das CVLs na Seção 2, de apresentar os aspectos que definem a referencialidade, a (in)definitude e a (in)especificidade na Seção 3, os quais serviram de base para descrever os dados do *corpus* com DPs com determinantes foneticamente realizados na Seção 4 e que também contribuíram para a descrição dos dados com DPs nus na Seção 5, de sugerir uma divisão das sentenças, geralmente, nomeadas CVLs no PB em construção com verbo de ação vaga (CVAV), com *fazer*, construção com verbo leve verdadeiro com leitura de evento determinado (CVLV-Det) e construção com verbo leve verdadeiro com leitura de evento indeterminado (CVLV-Indet), com *dar*, passo, agora, à minha proposta de análise para esses três tipos de construções, a qual se valerá, principalmente, dos pressupostos da subespecificação e da inserção tardia do modelo teórico da Morfologia Distribuída.

Vimos, na Seção 4, que na CVAV o verbo se combina com nome definido e/ou referencial e contribui com informação semântica; que na CVLV-Det o verbo se associa a nome definido e/ou referencial e não contribui com conteúdo semântico; e que na CVLV-Indet o verbo está associado a um nome indefinido e não referencial, é esvaziado de conteúdo semântico e a construção possibilita a identificação da leitura de evento indeterminado, no sentido de que não é claramente estabelecido, por exemplo, quanto à duração ou à completude. Logo, uma representação sintática apropriada para essas construções deverá explicitar essas características, além de traduzir outras propriedades mais gerais das sentenças das línguas naturais.

A organização desta seção é a seguinte: inicialmente, na subseção 6.1, apresento uma breve discussão sobre as diferenças entre verbos plenos, auxiliares e leves, visto que, embora essa discussão já tenha sido realizada na literatura, considero importante esclarecer que nas CVLVs, em que *dar* é semanticamente esvaziado e não pode atribuir papel temático, o verbo não se trata de um auxiliar, e nas CVAVs, em que *fazer* preserva a noção de construir/realizar/produzir e que, portanto, pode marcar tematicamente o nome em posição de objeto direto, o verbo não é pleno. Em seguida, na subseção 6.2, verifico duas propostas de existência de dois verbos leves *dar*, sinalizando que não as adotarei, pois, tomando a Morfologia Distribuída e o fato de que não há um verbo leve *dar* bitransitivo e outro transitivo, bem como não há um *dar* leve do tipo DO/CAUSE e outro do tipo BECOME/HAPPEN, uma vez que essas são propriedades da base do nome com que o verbo se combina e não, exatamente, do verbo leve, é possível afirmar que se trata de um único item

de vocabulário, que pode ocorrer em variados ambientes morfossintáticos. Na subseção 6.3, mais precisamente em 6.3.1, realizo a apresentação dos principais aspectos que caracterizam esse modelo teórico, justificando sua importância para a análise estrutural sugerida para o verbo leve verdadeiro *dar* (cf. 6.3.2) e para o verbo de ação vaga *fazer* (cf. 6.3.3). Por fim, em 6.4, faço as considerações desta seção.

6.1 DA QUESTÃO DE VERBOS PLENOS, AUXILIARES E LEVES

Os verbos plenos, segundo Duarte (2003), constituem o núcleo semântico de uma oração, caracterizados por determinadas propriedades de seleção semântica, como número de argumentos e seus respectivos papéis temáticos, e de seleção sintática, por exemplo, categoria de cada argumento e relação gramatical que assume na oração. Para a pesquisadora, de acordo com o número de argumentos que selecionam e da relação gramatical que tais argumentos desempenham na oração, é possível distinguir algumas subclasses de verbos plenos, como vemos nos exemplos em (1).

- (1)
- a. Gabriel **chegou**.
 - b. João **corre** todos os dias.
 - c. Pedro **fez** uma casa.
 - d. Maria **deu** um presente a João.

Em (1), as orações se estruturam em torno dos verbos *chegou*, *corre*, *fez* e *deu*. Esses verbos têm exigências de combinação com determinados constituintes para derivar uma oração bem formada no PB: *chegou* e *corre* exigem um participante e são verbos intransitivos do tipo inacusativo e inergativo, respectivamente; *fez* exige dois participantes, portanto, um verbo transitivo; e *dar* exige três participantes, logo, um verbo bitransitivo.

As palavras que descrevem as cenas e que selecionam participantes para comporem juntos uma sentença são denominadas predicados⁹¹, já os participantes implicados pelo significado dos predicados são nomeados argumentos (DUARTE; BRITO, 2003; SCHER, 2004; MIOTO; FIGUEIREDO-SILVA; LOPES, 2007; LUNGUINHO, 2011 etc.). Relacionando essas informações com os exemplos em (1), tem-se que, em (1a) e em (1b), *chegar* e *correr* são predicados que selecionam somente um argumento, o argumento interno

⁹¹ Termo usado no mesmo sentido descrito na nota 7.

e o argumento externo, respectivamente; em (1c), *fazer* é um predicado que seleciona dois argumentos, o argumento externo e o argumento interno; e, em (1d), *dar* é um predicado que seleciona três argumentos, o argumento externo e dois argumentos internos.

Os predicados podem atribuir Caso e também papéis semânticos/temáticos a seus argumentos, ou seja, papéis que vão desempenhar na cena descrita pelo predicado. Logo, em (1a), *chegar* atribui papel temático de tema a *Gabriel*. Em (1b), *correr* atribui papel temático de agente a *João*. Em (1c), *fazer* atribui papel temático de agente a *Pedro* e papel temático de tema a *uma casa*. E, no exemplo em (1d), *dar* atribui papel temático de agente a *Maria*, papel temático de tema a *um presente* e papel temático de alvo/meta ao argumento *João*. Essas informações podem ser resumidas do modo como estão em (2), uma representação lexical sugerida por vários pesquisadores, por exemplo, Haegeman (1994, p. 51-53).

- (2)
- a. chegar: (DP_{TEMA})
 - b. correr: (DP_{AGENTE})
 - c. fazer: (DP_{AGENTE}, DP_{TEMA})
 - d. dar: (DP_{AGENTE}, DP_{TEMA}, PP_{ALVO/META})

A teoria temática ou Teoria- θ é um dos módulos da Gramática que aborda a relação entre os predicados e seus argumentos (CHOMSKY, 1981). Essa teoria, conforme Lunguinho (2011), pode ser usada também para caracterizar os verbos auxiliares, a julgar que esses verbos não selecionam argumentos, nem atribuem papéis temáticos. Assim, conclui-se que, em uma sentença que tem verbo auxiliar, os argumentos que aparecem não são selecionados por esse verbo, porém pelo verbo principal, aquele que é auxiliado. Vejamos o exemplo em (3).

- (3) Maria **vai** dar um presente a João.

Como já mencionado anteriormente em (1d), os argumentos presentes na sentença em (3) são selecionados pelo predicado *dar* e recebem dele os seus papéis temáticos. O verbo auxiliar negrito não é responsável pela seleção argumental, nem pela atribuição temática da sentença.

Os verbos auxiliares, geralmente, são analisados como verbos que não contribuem com informação semântica para a sentença em que se encontram, e a sua função é ser suporte de categorias gramaticais como tempo, modo, número e pessoa. Essa ideia também é

encontrada em Chomsky (1995, p. 182), para quem os verbos auxiliares são verbos sem traços semânticos relevantes.

Segundo Lunguinho (2011), como os auxiliares não apresentam conteúdo lexical, eles não descrevem cenas e, portanto, não podem selecionar DPs como argumentos, nem atribuir papéis temáticos. Entretanto, o autor destaca que o fato de os auxiliares não serem lexicais não é o que determina a sua incapacidade de atribuir papéis temáticos, pois há verbos lexicais que não possuem tal função, a exemplo dos verbos meteorológicos, que não selecionam nenhum argumento.

Uma vez que há quem defenda que verbos leves são semanticamente ou tematicamente vazios, portadores de marcas de tempo, modo, número e pessoa (GRIMSHAW; MESTER, 1988; MOURA NEVES, 1996; ALBA-SALAS, 2002; DAVEL, 2009; ALVES, 2016; RESENDE, 2016 etc.), como abordado na Seção 2, é possível que sejam vistos como um verbo auxiliar. Contudo, uma evidência de que verbos leves não são verbos auxiliares é que, conforme Lunguinho (2011), verbos auxiliares selecionam como complemento um XP que tenha o traço [+verbal], e verbos leves do tipo leve verdadeiro (no caso, *dar*) e do tipo ação vaga (no caso, *fazer*), como já mostrado nas Seções 4 e 5, selecionam um nome deverbal, um DP eventivo, como nos exemplos em (4).

- (4) a. Maria **deu uma gargalhada** estrondosa durante a reunião de ontem.
 b. Os arquitetos **fizeram modificações** estruturais como quebrar a parede e parte do muro para ter acesso à rua principal.

Por outro lado, *dar* e *fazer*, em (4), também não são verbos plenos, porque, segundo discussão realizada na Seção 2, *dar* não expressa o significado lexical de transferência de posse observado em sua versão plena, nem qualquer outro conteúdo semântico, e *fazer*, mesmo denotando a noção de construir/realizar/produzir verificado em sua contraparte plena, o elemento construído/realizado/produzido é um evento, algo vago, e não uma entidade. Todavia, é afirmado, na literatura, que, como o verbo pleno, um verbo leve do tipo de ação vaga pode atribuir Caso acusativo (KEARNS, 2002).

Em resumo, *dar* leve verdadeiro e *fazer* de ação vaga não são nem verbo auxiliar, nem verbo pleno. *Dar* leve verdadeiro se distancia dos auxiliares por selecionar um DP eventivo e se afasta de verbos plenos por ser semanticamente esvaziado. Já *fazer* de ação vaga não se aproxima dos verbos auxiliares, pois carrega informação semântica, logo pode atribuir papel temático e Caso (KEARNS, 2002), e se distancia dos verbos plenos por denotar uma ação

vaga e selecionar um DP eventivo. Portanto, essas quatro tipologias de verbos podem ser definidas da forma como está no Quadro 5.

Quadro 5 – Características dos verbos pleno, auxiliar, leve verdadeiro e ação vaga

Tipologia de verbo	Complemento	Papel temático	Caso
Verbo pleno	Elemento [-verbal]: DP[+entidade], CP, TP	+	+
Verbo auxiliar	XP [+verbal]	-	-
Verbo leve verdadeiro	DP [+evento]	-	-
Verbo de ação vaga	DP [+evento]	+	+

Fonte: Elaboração própria.

Sobre a possibilidade de o verbo de ação vaga atribuir papel temático e Caso e o verbo leve verdadeiro não, estou assumindo, junto a Kearns (2002), que *fazer*, porém não *dar*, nas construções do *corpus* dispõe dessa capacidade. Como já mencionado na Seção 2, Kearns assume que, no inglês, nas CVLs que contêm um verbo chamado verbo de ação vaga e sua Estrutura Lexical Conceitual ativa, o verbo atribui Caso e papel temático, e nas CVLs que têm um verbo nomeado leve verdadeiro e sua Estrutura Lexical Conceitual inativada, o verbo não desempenha essas funções.

Na subseção seguinte, discuto a respeito da hipótese de haver dois verbos leves *dar*. Essa ideia, no entanto, não é adotada por este estudo.

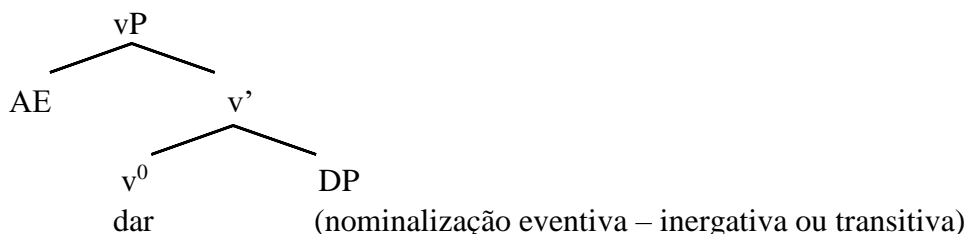
6.2 DOIS VERBOS LEVES *DAR*?

A ideia de que há dois verbos leves *dar* é defendida por Scher (2004) para o PB e por Choupina e Brito (2018) para o PE.

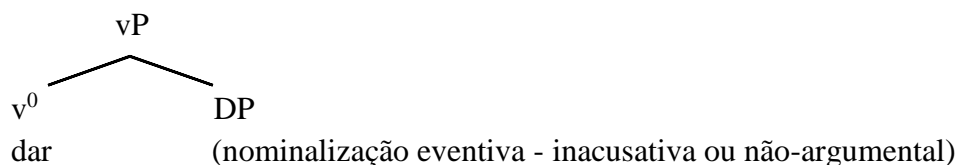
De acordo com Scher, no PB, dependendo do predicado que entra na derivação da sentença, um argumento externo, ou seja, um constituinte que caracterize semanticamente um iniciador, um causador ou um agente será selecionado e projetado pelo verbo leve *dar*. Nesse caso, terá entrado na derivação um *dar* leve do tipo DO/CAUSE, que projeta um Spec e também seleciona um DP eventivo, que pode ser inergativo ou transitivo. Todavia, se tiver entrado na derivação um predicado que não selecione um argumento externo, isto é, um predicado expresso por um verbo inacusativo ou por um verbo que não projeta argumento, um *dar* leve, do tipo BECOME/HAPPEN, que não projeta Spec e que seleciona apenas um DP

eventivo, também estará nessa derivação. As estruturas dessas sentenças, na ótica de Scher, são como as que seguem, respectivamente, representadas em (5) e (6).

(5) dar = DO/CAUSE



(6) dar = BECOME/HAPPEN



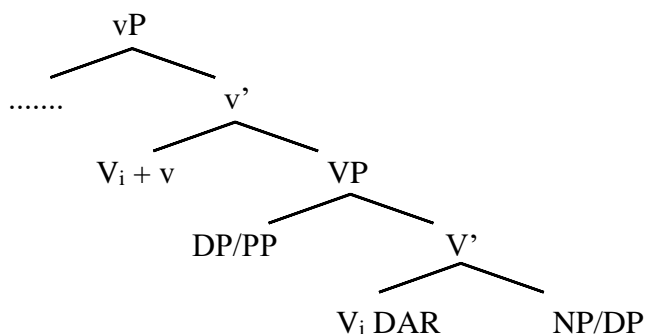
(SCHER, 2004, p. 208-209)

Por sua vez, Choupina e Brito (2018) argumentam que no PE, quando o verbo leve *dar* não se combina com nomes deverbiais de movimento (e.g., *dar uma caminhada*) e de atos/reações do corpo (e.g., *deu um gemido*), *dar* é um verbo bitransitivo, e a agentividade é o traço semântico associado ao argumento externo. Contudo, quando *dar* leve se combina com nomes deverbiais denotando movimento e atos/reações do corpo, não é a agentividade o traço semântico associado ao argumento externo; o argumento externo é um experienciador. Isso, no entendimento das autoras, permite concluir que, com esta classe de verbos, é claramente a raiz verbal do nome e não *dar* que é responsável pela interpretação do chamado argumento externo.

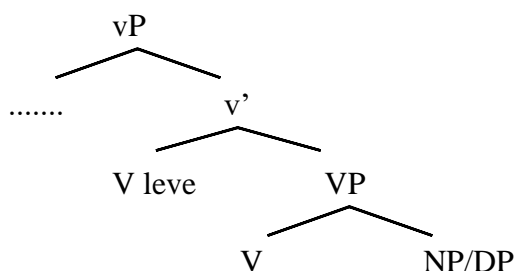
Assim, para Choupina e Brito, há pelo menos dois valores distintos para o verbo leve *dar* no PE: a) um em que *dar* leve tem três argumentos e, nesse sentido, aproxima-se de *dar* pleno; e b) outro em que *dar* é verdadeiramente leve e tem dois argumentos. Esse primeiro *dar*, chamado DAR 2, é gerado numa posição baixa na estrutura, V, idêntica à de *dar* pleno, nomeado DAR 1, diferenciando-se dele por formar um predicado complexo com o nome deverbal com o qual se combina, o que explica que o argumento externo seja marcado tematicamente pelo V e pelo nome deverbal. Por outro lado, o segundo verbo leve *dar*, denominado DAR 3, é gerado na posição de *v*. Em qualquer um dos casos, segundo as

autoras, o verbo leve seleciona um NP ou um DP indefinido ou quantificado. Essas possibilidades estruturais de *dar* leve estão representadas, respectivamente, em (7) e (8).

(7) DAR 2



(8) DAR 3



(CHOUPINA; BRITO, 2018, p. 172)

Entretanto, discordo de Choupina e Brito no que diz respeito ao argumento externo das CVLs *dar uma caminhada* e *dar um gemido* ser interpretado como experienciador, haja vista que, de acordo com Haegeman (1997, p. 49), experienciadores são entidades que experimentam algum estado psicológico expresso pelo predicado e, nesses casos, vê-se que os elementos a ocuparem o lugar de argumento externo são entidades agentivas, que iniciam a ação expressa pelo predicado. Também não concordo com a afirmação das autoras de que o verbo leve *dar* pode ser bitransitivo e, por conseguinte, selecionar três argumentos. A meu ver, o terceiro argumento que pode ocorrer numa CVL, aquele argumento mais interno, o PP, não é selecionado pelo verbo, mas pelo elemento nominal. Isso tanto é verdadeiro que na relação *Maria deu uma arrumação na casa* vs. *Maria arrumou a casa*, há a preservação dos mesmos elementos. Além disso, como mencionei na Seção 2, se a nominalização for derivada de uma base transitiva indireta, como em *João deu uma escapada de Salvador neste fim de semana por um bom motivo*, é preservada a mesma preposição *de* exigida pela base da nominalização, visto que “quem escapa, escapa *de* algum lugar ou *de* alguém”.

Choupina e Brito, em nota, também destacam que, embora tenha quem aproxime verbos leves de auxiliares, considerando que são esvaziados de sentido, mesmo portando valor aspectual ou de quantidade, se distanciam desta visão e defendem que *dar* leve no PE não é próximo dos auxiliares, propondo que, quando há um argumento externo com traços de agentividade, *dar* possui significado lexical, ainda que mais fraco do que o da sua versão plena. Nesse ponto, também verifico outro problema na análise das autoras, pois no exemplo que elas apresentam, *O João deu um empurrão ao amigo* (CHOUPINA; BRITO, 2018, p. 164), em que o argumento externo é agentivo, entendo que não é possível recuperar a noção de transferência de posse, nem qualquer outro conteúdo lexical/descritivo em *dar*. Dessa maneira, me distancio do posicionamento das pesquisadoras na medida em que considero que, no PB, nas CVLs com *dar*, seja do tipo CVLV-Det, seja do tipo CVLV-Indet, o elemento verbal não expressa nenhum conteúdo semântico.

Uma evidência de que *dar* é esvaziado semanticamente e que não interfere na seleção e interpretação do argumento externo, é que o papel temático desse elemento varia de acordo com a base da nominalização: a) *O blocoCAUSADOR deu uma empolgada na plateia* vs. *O blocoCAUSADOR empolgou a plateia*; b) *JoãoAGENTE deu uma remada no lago* vs. *JoãoAGENTE remou no lago*. Dessa forma, verifica-se que, se a base da nominalização for transitiva, que exige um argumento externo semanticamente caracterizado como agente ou causador, ou seja, uma base verbal do tipo DO ou CAUSE, respectivamente, o papel temático do argumento externo da CVL é o mesmo da construção com o verbo pleno correspondente, base derivante do nome. Contudo, nesses casos, *dar* leve abre/projeta a posição de argumento externo, uma vez que a nominalização não pode projetar esse elemento (ALEXIADOU, 2001). Essa capacidade de *dar* projetar o argumento externo da CVL (CVLV-Det ou CVLV-Indet) é adquirida, provavelmente, a partir da percolação⁹² (BRITO, 1988, 2001; RADFORD, 1997; COSTA, 1998; TEIXEIRA DE SOUSA, 2010 etc.) de alguns traços, como [+agente], [+causa] etc., da base da nominalização para o nó terminal onde *dar* leve será inserido, conforme discuto mais à frente em 6.3.2. Diferentemente, nas CVAVs (sentenças com *fazer*), em que é possível recuperar o conteúdo semântico de construir/realizar/produzir um evento, o verbo parece contribuir para a projeção e seleção do argumento externo, através da compatibilidade dos traços semânticos do verbo e do nome.

Portanto, considero que Choupina e Brito (2018) e Scher (2004) não foram muito felizes ao afirmarem que há dois verbos leves *dar*. Primeiramente, não há um *dar* leve que

⁹² Percolação, segundo Radford (1997, p. 268), é uma operação de atração pela qual um traço que está vinculado a uma categoria passa a ser vinculado a outra categoria superior na estrutura.

seleciona três argumentos e outro que seleciona dois argumentos. O verbo leve *dar* tem apenas a função de projetar a posição de um argumento, o externo, a depender da base da nominalização com a qual se combina, e, em todos os casos, esse argumento será interpretado segundo as propriedades da nominalização; além disso, *dar* leve também não tem nenhuma relação com a seleção e projeção do PP. Segundo, não é o verbo leve *dar* que pode ser do tipo DO/CAUSE ou BECOME/HAPPEN, mas são as bases da nominalização com que *dar* se combina que apresentam essas propriedades. *Dar* leve até pode, em alguns casos, refletir, após atrair traços da base do elemento nominal, propriedades da base nominal e projetar o argumento externo ou deixar de projetá-lo em outros casos.

Assim, compreendo que, embora as sentenças do *corpus* descritas na Seção 4 levem a entender que *dar* leve pode compor dois tipos de CVLVs (CVLV-Det e CVLV-Indet), não significa que se tratam de dois verbos leves *dar*, antes, seria apenas um *dar* leve ocorrendo em diferentes contextos sintáticos, conforme o modelo teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993, 1994; MARANTZ, 1997; HARLEY; NOYER, 2000; EMBICK; NOYER, 2007; SIDDIQI, 2009 etc.). Essa argumentação será desenvolvida em 6.3.2. Antes disso, apresento brevemente, em 6.3.1, os pressupostos dessa teoria.

6.3 A SINTAXE DA CVLV-DET, DA CVLV-INDET E DA CVAV SOB O MODELO DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

Adotar o quadro teórico da Morfologia Distribuída para explicar o comportamento de verbo leve não é algo novo. A literatura sobre o assunto já apresenta trabalhos nessa mesma linha, como o de Lage et al (2007) sobre o verbo leve *ter* e os de Scher (2004) e de Choupina e Brito (2018) sobre o verbo leve *dar*, cujas propostas de análise estrutural foram apresentadas de (5) a (8), em 6.2. Na esteira desses trabalhos, esta tese se debruça sobre as sentenças com os verbos *dar* e *fazer*, os quais estão sendo nomeados, respectivamente, verbo leve verdadeiro e verbo de ação vaga, combinados a nomes definido e/ou referencial. Também se debruça sobre sentenças com *dar* leve verdadeiro associado a um nome não referencial, porém denotando leitura de um evento realizado de forma indeterminada.

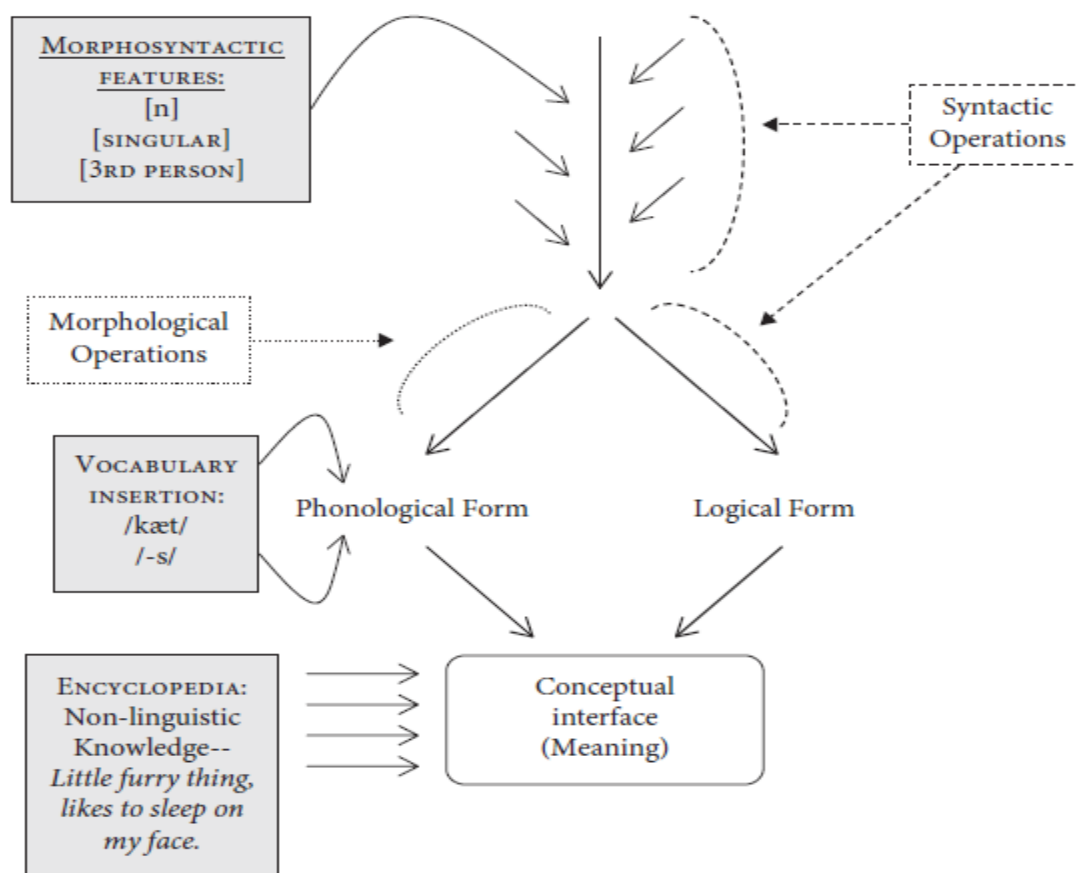
A Morfologia Distribuída, por assumir a possibilidade de subespecificação de formas morfofonológicas, desponta como o modelo mais adequado para a análise dos itens *dar* e *fazer*, uma vez que não será necessário postular várias entradas para um mesmo elemento, como sugerem propostas de natureza lexicalista e, até mesmo, propostas dentro do próprio modelo.

6.3.1 A Morfologia Distribuída

A Morfologia Distribuída (daqui para frente, MD), proposta em Halle e Marantz (1993, 1994) e Marantz (1997), se caracteriza como uma teoria sobre a arquitetura da faculdade da linguagem e é um dos desenvolvimentos da Teoria da Gramática Gerativa. No entanto, diferentemente do modelo gerativo chomskiano mais recente, o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1993, 1995, 2000, 2001 e trabalhos posteriores), ao qual é contemporâneo, a MD é não lexicalista, postulando a existência de um único componente gerativo, responsável pela formação de palavras e pela formação de sentenças, *a sintaxe*.

Desse modo, as informações antes contidas no léxico gerativo, nesse modelo, de acordo com Marantz (1997), Harley e Noyer (2000), Embick e Noyer (2007), Siddiqi (2009), Harley (2012, 2013, 2014), entre outros, são distribuídas em três listas, acessadas em pontos diferentes da derivação, conforme se vê na Figura 1, a seguir.

Figura 1 – Arquitetura da gramática na MD



Fonte: Siddiqi (2009, p. 14).

A *Lista 1*, representada pela caixa intitulada *Morphosyntactic Features*, armazena os primitivos com os quais a sintaxe opera para que palavras e constituintes maiores, como sintagmas e sentenças, sejam formados, que são as raízes acategoriais e o conjunto de traços abstratos de natureza gramatical e sintático-semântica. Ou seja, essa lista contém elementos como: $\sqrt{}$, [\pm plural], [\pm causa, \pm dinâmico], [\pm télico], [\pm instantâneo], [\pm durativo], [\pm mudança], [\pm tema], [\pm alvo], [\pm acusativo], [\pm dativo], [\pm definido], [\pm específico] etc., além dos traços categoriais *n* – nominalizador -, *v* – verbalizador -, *a* – adjetivador -.

A *Lista 2*, representada pela caixa nomeada *Vocabulary Insertion*, contém os itens de vocabulário (doravante, IVs), em outros termos, a expressão fonológica dos morfemas abstratos (que na MD são os nós terminais) e as regras necessárias para combinar o material fonológico aos contextos nos quais podem ocorrer. Para ilustrar um IV e seu contexto de inserção, consideremos a formação regular de plural do PB. A inserção vocabular fornece traço fonológico ao morfema abstrato [+plural], combinado com nomes na sintaxe. O expoente fonológico regular de plural no PB é /-s/. Quando esta regra é aplicada a [+plural], gera o efeito de adicionar /-s/ ao nó terminal. A representação formal desse IV e de seu contexto de inserção pode ser vista em (9).

(9)	<i>IV</i>	<i>Nó terminal</i>
	/-s/ \leftrightarrow [+plural]	DP _[+plural]

A *Lista 3*, representada pela caixa com o título *Encyclopedia*, armazena o conteúdo semântico não composicional, isto é, extralinguístico, bem como as instruções para a interpretação das estruturas geradas pela sintaxe, por exemplo, significados idiomáticos e interpretações particulares das raízes. No PB, sabemos que a sequência fonológica que realiza $\sqrt{\text{gat}}$ - pode denotar animal mamífero, felino, animal de quatro patas, animal domesticável, mas que também pode denotar um elogio (e.g., *O filho de Maria é um gato*) ou uma ligação clandestina (e.g., *A Coelba descobriu um gato de luz na casa de Francisco*): trata-se de nosso conhecimento de mundo. Ademais, esse conhecimento é idiossincrático, porque em outras línguas os primeiros significados estão associados a outras sequências fonológicas: *cat* (inglês), *chat* (francês), *katua* (basco) etc.

Três propriedades centrais, conforme Halle e Marantz (1994), distinguem a MD de outros modelos propostos pela Teoria Gerativa. São elas: a *inserção tardia*, a *subespecificação* e a *estrutura sintática ao longo de toda derivação*. A descrição dessas propriedades se faz necessária para o presente estudo sobre o verbo leve verdadeiro *dar* e o

verbo de ação vaga *fazer*, sobretudo, os princípios da subespecificação, pois, através deles, é permitido afirmar que uma mesma forma pode aparecer em diferentes ambientes morfossintáticos. Ou seja, levando em conta a subespecificação e, por conseguinte, o Princípio do Subconjunto, vou defender que o verbo pleno e o verbo leve verdadeiro *dar* são instâncias de um mesmo IV, assim como o verbo pleno e o verbo de ação vaga *fazer* também são instâncias de um mesmo IV, o que captura uma generalização importante que se perde se se diz que são simplesmente itens distintos. Passemos, então, a apresentação dessas propriedades.

1. *Inserção tardia*

Refere-se à hipótese de que raízes e morfemas abstratos não possuem conteúdo fonológico, passando a receber fonologia após o *Spell-out* sintático, depois que uma cópia da estrutura for enviada para Forma Fonológica (PF) e outra cópia for enviada para a Forma Lógica (LF). Essa fonologia é fornecida pela Lista 2, a qual, como já mencionado, é uma lista de itens cuja função na gramática é fornecer traços fonológicos para realizar os traços morfossintáticos contidos nos nós terminais de uma derivação para que essa derivação possa ser pronunciada.

2. *Subespecificação de IV*

Segundo essa propriedade, os IVs não precisam ser totalmente especificados para as posições sintáticas em que são inseridos. Somente os nós terminais são completamente especificados em relação ao seu conteúdo. O mapeamento entre os IVs e os nós terminais se dá por meio de uma competição, que é regida pelo Princípio do Subconjunto. Nas palavras de Halle (1997), esse princípio apresenta a seguinte formalização:

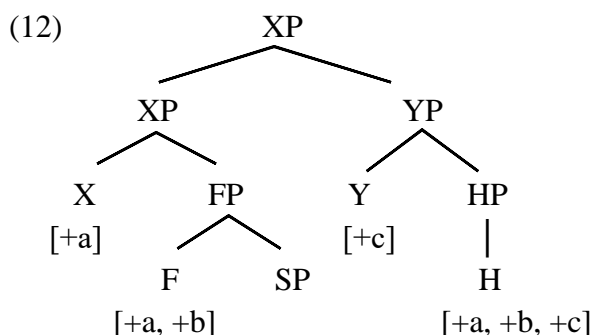
(10) *Princípio do Subconjunto*

The phonological exponent of a Vocabulary item is inserted into a morpheme in the terminal string if the item matches all or a subset of the grammatical features specified in the terminal morpheme. Insertion does not take place if the Vocabulary item contains features not present in the morpheme. Where several Vocabulary items meet the conditions for insertion, the item matching the greatest number of features specified in the terminal morpheme must be chosen (HALLE, 1997, p. 429).⁹³

⁹³ “O expoente fonológico de um item de Vocabulário é inserido em um morfema na sequência terminal se o item parear todos ou um subconjunto dos traços gramaticais especificados no morfema terminal. A inserção não

Para ilustrar a atuação desse princípio, tomemos os exemplos de IVs em (11) e uma estrutura sintática hipotética, em (12), gerada abstratamente durante a derivação, de uma língua fictícia, apresentado por Figueiredo e Minussi (2021).

- (11) *IVs*
- $/z/ \leftrightarrow [+a, +b, +c]$
 - $/zu/ \leftrightarrow [+a, +c]$
 - $/zi/ \leftrightarrow [+a]$
 - $/zai/ \leftrightarrow elsewhere$



(FIGUEIREDO; MINUSSI, 2021, p. 45)

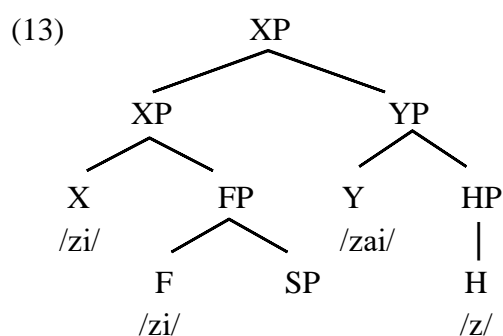
Conforme Figueiredo e Minussi, a estrutura em (12), antes de ser alimentada pela Lista 2, tem somente traços morfossintáticos abstratos sem informação fonológica, a qual será inserida por meio de regras, isto é, dos IVs, segundo o Princípio do Subconjunto.

Os autores, com base no que prediz esse princípio, argumentam que, na estrutura em (12), há um traço [+a] no nó terminal X que deve receber seu conteúdo fonológico. Os IVs, em (11), entrarão em competição para mapear uma fonologia para um nó terminal compatível. Assim, tendo em vista que os traços para os quais um IV é especificado devem compor um subconjunto dos traços do nó terminal e que esse IV não pode conter traços diferentes dos traços do nó terminal, será inserido no lugar de [+a] o IV /zi/ presente em (11c). Os IVs /z/ e /zu/, respectivamente, em (11a) e (11b), não podem ser inseridos, pois contêm traços que não estão no nó terminal X. Já o IV /zai/, em (11d), não pode ser inserido, visto que há outro IV mais especificado, o item em (11c). Se for levado em conta o nó F, que contém os traços [+a, +b], o IV a ser inserido também será /zi/ em (11c), porque o IV /z/, em (11a), apresenta o

acontece se o item de vocabulário contém traços que não estão presentes no morfema. Onde vários itens de Vocabulário encontram as condições para a inserção, o item que parear o maior número de traços especificados no morfema terminal deve ser escolhido”. (Tradução minha.)

traço [+c], o qual não está presente no nó terminal F. Algo semelhante ocorre com o IV /zu/, em (11b), que tem o traço [+c], e que também não está presente nesse nó terminal. Por outro lado, se for considerado o nó terminal Y, com o traço [+c], ver-se-á que os IVs /z/, /zu/ e /zi/, respectivamente, em (11a), (11b) e (11c), não poderão ser inseridos. Em casos assim, ocupará o nó o IV menos especificado; logo, /zai/, em (11d), um IV *elsewhere*, será o IV escolhido para ser inserido no nó Y. Por fim, o nó terminal H é totalmente especificado. Portanto, o IV a ocupar esse nó é /z/ em (11a), uma vez que é o mais especificado, com o mesmo conjunto de traços do nó terminal H.

Após todas as inserções desses IVs, a estrutura em (12) ficará como aparece em (13) e, na sequência, é enviada para a interface conceitual, conforme Figura 1.



(FIGUEIREDO; MINUSSI, 2021, p. 46)

Em resumo, de acordo com o que foi discutido, a sintaxe consegue gerar especificações que podem estar ausentes no IV e, mesmo assim, ele pode ser inserido. O que não é permitido acontecer é o IV ter traços conflitantes, em outras palavras, traços morfossintáticos-semânticos que não estão presentes na derivação gerada pela sintaxe.

3. Estrutura sintática ao longo de toda a derivação

Como ressaltado anteriormente, a sintaxe é o único componente gerativo no modelo da MD, logo é responsável por gerar palavras, sintagmas e sentenças. Destarte, essa propriedade acarreta que a formação de palavras e constituintes maiores é feita a partir de uma estrutura hierárquica gerada através de operações sintáticas, a saber: concatenar (*merge*) e mover (*move*).

A formação de palavras na MD ocorre através de raízes e de núcleos funcionais categorizadores. Dessa forma, segundo Marantz (1997), uma mesma raiz pode formar um

verbo, se for dominada por um nó categorizador v (vezinho), um nome, se for dominada por um nó categorizador n (enezinho), ou um adjetivo, se for dominada por um nó categorizador a (azinho).

Com relação à raiz e ao núcleo funcional v , no quadro da MD, há discussões que são divergentes, sobretudo, no que diz respeito ao v ser ou não introdutor de argumento externo e à raiz ser ou não desprovida de conteúdo semântico e fonológico na sintaxe. A seguir, discuto brevemente as visões de Marantz (1997) sobre o v e de Harley (2014) sobre as raízes, ambas relevantes para a análise sugerida na subseção 6.3.2. Marantz assume que v pode introduzir argumento externo e isso é importante para a análise que sugiro, porque julgo mais adequado à proposta, dado que considero desnecessário recomendar muitas categorias para a explicação do fenômeno das CVLVs e das CVAVs no PB. Já Harley defende que as raízes, na Lista 1, não têm fonologia, podendo ser notadas com um índice numérico. Essa afirmação também é importante para a minha proposta de análise, visto que assumo que *dar* e *fazer* são IVs caracterizados por um conjunto de traços, mas que, podendo ser um IV raiz notada por um índice numérico, evita que qualquer IV raiz, que pode ser definido por determinados traços, possa entrar em um certo nó terminal

6.3.1.1 O núcleo funcional v como introdutor de argumento externo: Marantz (1997)

Marantz, em seu estudo de 1997, assume que o v , além de categorizar uma raiz como verbo, pode desempenhar outras funções, como estabelecer um domínio de interpretação e introduzir argumento externo.

O autor defende a assunção de que há dois v : i) um, nomeado $v-1$, que pode projetar um argumento externo agente, e estaria presente na representação de uma sentença como *John destroyed the city* (João destruiu a cidade); e ii) outro, chamado $v-2$, que não projeta argumento externo⁹⁴, e estaria presente na representação de uma sentença com o verbo *grow* (crescer) em um contexto como *Tomatoes are growing* (tomates estão crescendo). Essa ideia de que v pode introduzir argumento externo agente, no entanto, é abandonada pelo autor em trabalhos posteriores, como Marantz (2013), no qual, seguindo uma proposta inicialmente apresentada por Kratzer (1996), já fala da existência de *Voice* como o introdutor de argumento externo.

⁹⁴ Scher (2004) toma como base essa argumentação de Marantz (1997) para propor que no PB há dois verbos leves *dar*.

A dissociação da projeção vP (categorizadora) e $VoiceP$ (introdutora de argumento externo) ganhou força a partir de Pylkkänen (2002), se evidenciando, por exemplo, em Cuervo (2003), Folli e Harley (2004) e Harley (2009, 2013), com uma discussão sobre os “sabores do verbo”. Cuervo trata do vDO , vGO e vBE , e Folli e Harley ampliam esses sabores para $vCAUSE$ e $vBECOME$, como apontei na nota 22 da Seção 2.

6.3.1.2 A individuação da raiz na sintaxe não é fonológica, nem semântica: Harley (2014)

Na literatura, vem sendo discutido que as raízes não carregam informação fonológica, nem semântica⁹⁵. Harley (2014), por exemplo, argumenta que, na sintaxe, faltam às raízes conteúdo semântico e traços fonológicos, adotando uma notação de índice, de acordo com a qual raízes são individualizadas na sintaxe por um endereço numérico. Para a autora, a ideia é que o endereço sirva de ligação entre um conjunto de instruções para realização fonológica e para realização semântica no contexto.

Conforme Harley, na visão original do modelo da MD, qualquer IV raiz da Lista 2, que era consistente com os traços de um determinado nó terminal raiz, poderia ser inserido nesse nó. Desse modo, as raízes \sqrt{dog} e \sqrt{cat} foram consideradas igualmente adequadas para inserção em qualquer nó terminal raiz [+contável]. Isso implicou que um nó terminal raiz percebido como *dog* (cachorro) e outro percebido como *cat* (gato) não eram distinguidos na sintaxe: um nó terminal abstrato da Lista 1 $\sqrt{[+contável]}$ poderia ser realizado das duas formas. Esse comportamento, por sua vez, resultava que a inserção da raiz era dominada pela escolha do falante, e não por competição. A ideia era que, se alguém desejasse comunicar o conteúdo de *The cat sat on the mat* (O gato sentou no tapete), escolhia /kæt/ e /mæt/ no *Spell-out* e os inseria nos nós terminais raiz relevantes. Por outro lado, se alguém desejasse comunicar *The dog sat on the log* (O cão sentou no tronco), escolhia /dag/ e /lag/ para inserção nos mesmos nós.

Para a autora, com base em Marantz (1997), essa visão de realização da raiz é insustentável se se assume supleção de raízes, pois, se uma raiz pode ter duas formas fonologicamente não relacionadas, como *go* (vai) e *went* (fui), uma bloqueando a inserção da outra em um dado contexto morfossintático, é uma evidência para a inserção de IVs raiz orientada pela competição, em vez de inserção de livre escolha.

⁹⁵ Para uma visão diferente sobre o PB, sugiro, ao leitor interessado no assunto, ver Minussi e Bassani (2017).

Tomando a ideia de supleção de raízes, a pesquisadora assume que os critérios de individuação para raízes na Lista 1 não podem ser de caráter fonológico, porque a existência de competição de raiz supletiva prova que os nós terminais de raiz estão sujeitos a inserção tardia, assim como todos os outros nós terminais. Logo, não pode ser o caso que elementos da Lista 1 sejam especificados para conteúdo fonológico. Ademais, essa individuação também não pode ser de caráter semântico, visto que, no inglês (e em muitas línguas naturais, como o PB), há uma classe bem conhecida de raízes que são inteiramente sem sentido fora de seu contexto morfossintático, por exemplo, *-ceive* em *deceive* (enganar), *receive* (receber), *conceive* (conceber), *perceive* (perceber). Dessa forma, Harley conclui que as raízes da Lista 1, que são manipuladas pela derivação sintática, devem ser identificadas usando uma notação de índice.

Harley argumenta que tanto a competição de IVs raiz pode ser definida com relação a esses índices quanto a interpretação semântica. A identificação da interpretação correta de uma determinada raiz no contexto funcionará como a identificação do IV correto para uma raiz no contexto. Assim, a proposta da autora é que os índices numéricos são responsáveis por estabelecer ligação entre um IV e uma raiz no momento de Inserção de Vocabulário, de forma semelhante à checagem de traços para morfemas funcionais. Portanto, o IV que tiver o índice numérico compatível com o de um determinado nó raiz será aquele a fornecer a expressão fonológica da raiz. Com respeito à supleção de raiz, o IV que for mais especificado com o conjunto de traços do domínio estrutural em que a raiz está contida realizará tal núcleo fonologicamente.

Em suma, o que a estudiosa defende é que os elementos do nó terminal raiz que ocorrem na Lista 1 podem ser notados como $\sqrt{279}$, $\sqrt{322}$, $\sqrt{2588}$, etc. Na Lista 2, há instruções para definir cada uma dessas raízes em um determinado contexto morfossintático e, na Lista 3, também há instruções para interpretar essas raízes em um dado contexto morfossintático. Em (14), estão ilustradas entradas da Lista 2 e da Lista 3 que podem ser acessadas em resposta a um determinado nó terminal raiz na saída de uma derivação sintática.

(14) *Instruções de interface para um nó raiz*

Instruções de PF (Lista 2)

$\sqrt{279} \leftrightarrow /tejp/$

Instruções de LF (Lista 3)

$\sqrt{279} \leftrightarrow \textit{tape}$ (fita)

(Adaptado de HARLEY, 2014, p. 243)

Dito isso, a seguir, partindo do exposto sobre a MD, em especial, a propriedade subespecificação de IVs, apresento minha proposta de análise para as construções com verbo leve verdadeiro (CVLVs) e para as construções com verbo de ação vaga (CVAVs).

6.3.2 As representações da CVLV-Det e da CVLV-Indet e um único verbo leve *dar*

Tomando a sentença em (15), em que se verifica um evento dinâmico, pontual, um ponto final determinado, bem como em que há um argumento externo agentivo e uma entidade a ser transferida para um receptor, entende-se que o verbo *dar* pode ser especificado com o conjunto de traços demonstrado em (16).

(15) Maria deu um carro ao filho.

(16) /dar/ ↔ [+dinâmico, -durativo, +télico, +agente, +acusativo, +tema, +dativo, +alvo]

Nas sentenças do *corpus* em (17), em que observa eventos dinâmicos, pontuais, pontos finais determinados, assim como, em alguns casos, a presença de um argumento externo agentivo ou causativo, o verbo *dar* pode ser especificado, respectivamente, com os conjuntos de traços em (18).

(17) a. **Dei uma mordida** em uma barra de cereal e esqueci que precisava ficar 12 horas de jejum.

b. Isis Valverde **deu uma emagrecida** e a silhueta mudou. A atriz afirmou que perdeu 6kg.

c. Essa vitória nos **deu a empolgação** que a gente precisava.

(18) a. /dar/ ↔ [+dinâmico, -durativo, +télico, +agente]

b. /dar/ ↔ [+dinâmico, -durativo, +télico]

c. /dar/ ↔ [+dinâmico, -durativo, +télico, +causa]

Por hipótese, teríamos, então, na estrutura sintática das sentenças em (15) e (17), um nó terminal correspondente à raiz do verbo *dar* que terá as propriedades descritas em (16) e (18), e, na Lista 2, conteria quatro IVs que mapeariam a fonologia /dar/ a esse nó. Contudo, a

segunda propriedade da MD que está relacionada à inserção tardia, discutida em 6.3.1, a *subespecificação*, pode simplificar essa descrição, permitindo assumir que *dar* é um IV subespecificado, de acordo com (19)⁹⁶, se contrastado com (16) e (18).

(19) /dar/ ↔ [+dinâmico]

Ou seja, na Lista 2, há apenas um IV *dar*, que ocorre inserido em todos os contextos previstos. Em outras palavras, proponho que esse IV é especificado apenas pelo traço [+dinâmico] e a estrutura sintática deve dar conta das possibilidades de interpretação em contextos de verbo pleno e de verbo leve. Dessa forma, *dar* entra no contexto de verbo pleno, que tem os traços [+dinâmico, -durativo, +télico, +agente, +acusativo, +dativo, +tema, +alvo], e, no contexto de verbo leve, que não tem os quatro últimos traços, mas pode ter o primeiro, ou ter novos traços, tais como [+agente] e [+causa] etc.

Entretanto, um problema ainda persiste, pois qualquer IV que possa ser realizado pelo traço em (19) pode entrar na derivação e, com isso, a inserção do IV será por escolha do falante e não por competição. Assim, assumindo Harley (2014), defendo que o IV *dar*, na Lista 1, é uma raiz sem fonologia notada por um índice numérico. Logo, sugiro, para esse IV raiz, um IV subespecificado, a representação formal em (20a), o qual pode ocorrer em contextos sintáticos em que se verificam os traços em (20b).

(20) a) IV raiz

/dar/ ↔ √₅₄₂

b) Contexto de inserção

[+dinâmico, -durativo, +télico, +agente, +tema,
+acusativo, +alvo, +dativo]

[+dinâmico, -durativo, +télico, +agente, +paciente]

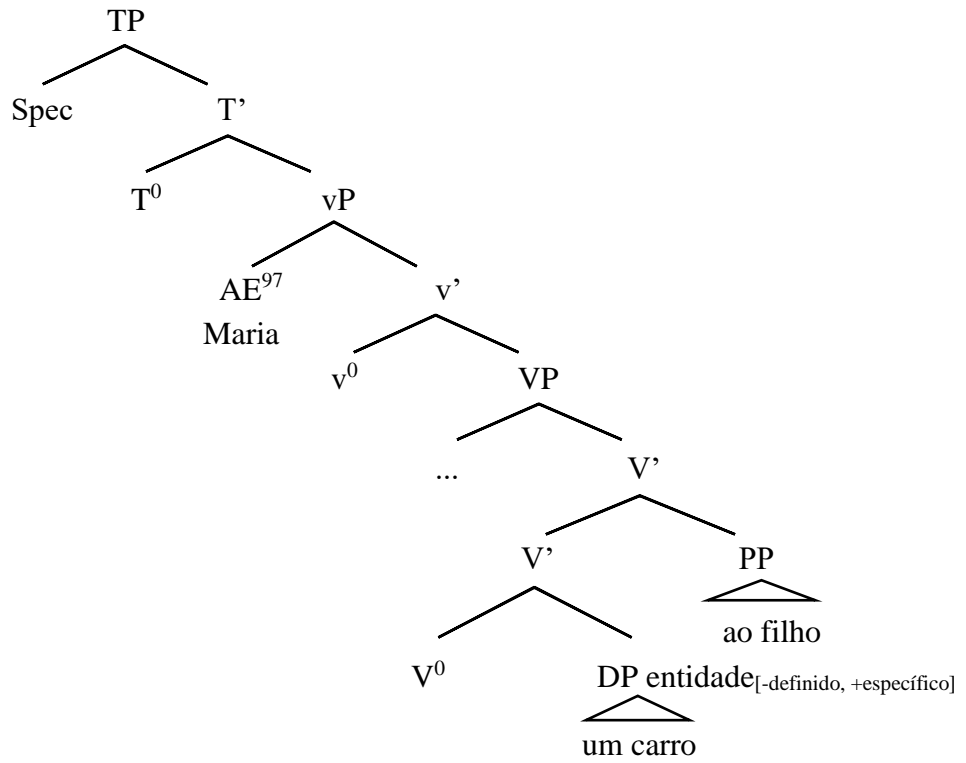
[+dinâmico, -durativo, +télico, +paciente]

[+dinâmico, -durativo, +télico, +causa, +paciente]

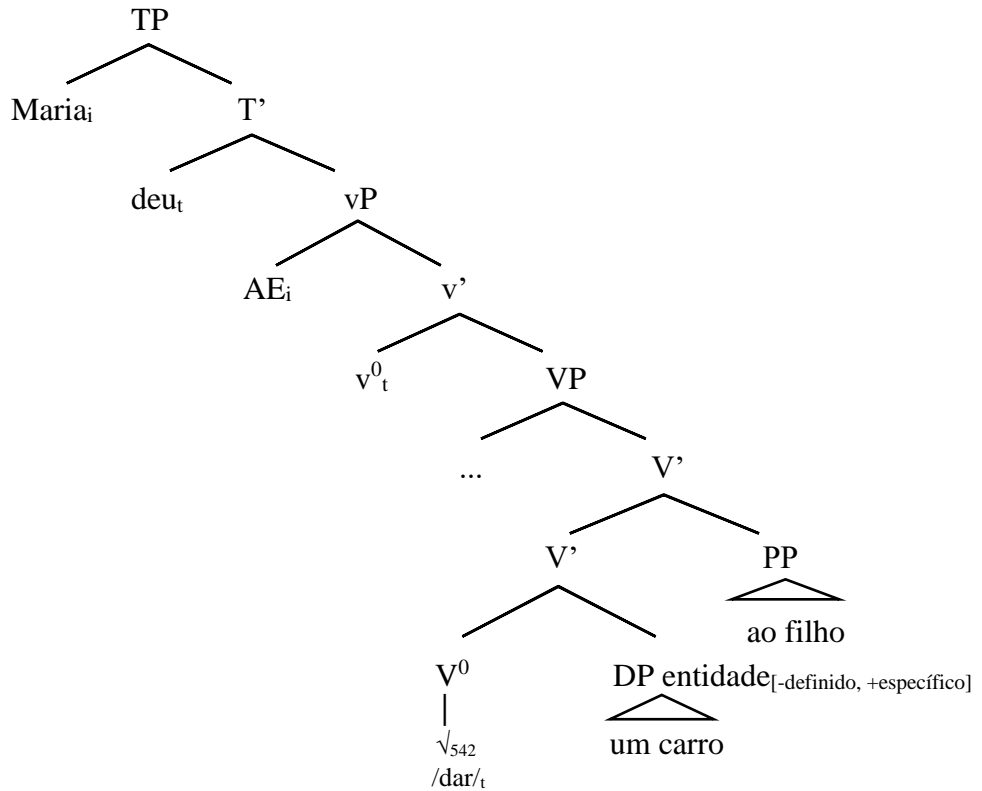
À vista dessa discussão, portanto, proponho que sentenças como em (15), em que *dar* está combinado com um DP referencial tema, *um carro*, em posição de objeto direto, com um argumento externo, sujeito agentivo *Maria*, e com um PP alvo/meta, *ao filho*, possuem as representações em (21).

⁹⁶ Em (19), não propus os traços [-durativo] e [+télico], considerando que *dar* pode se associar a nomes derivados de bases verbais [+durativa] e [-télica], como *caminhar* em *deu uma caminhada*. Nesse sentido, *dar* poderá ser visto como também correspondendo a traços diferentes quanto à duração e à telicidade.

(21) a. Estrutura sintática



b. Inserção do IV

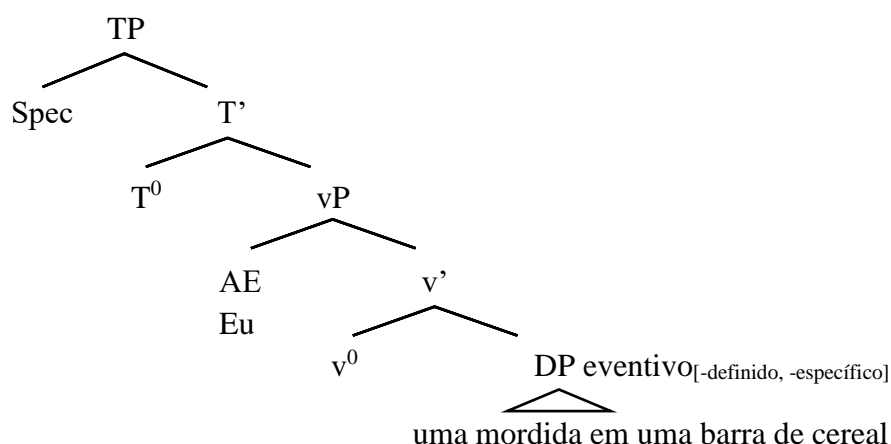


⁹⁷ Abreviação de Argumento Externo.

A derivação em (21a) exige, para ocupar o nó terminal V^0 , uma fonologia adequada e o IV em (20) pode mapear a fonologia relevante a esse nó terminal. O mapeamento da fonologia adequada se dá via Inserção de Vocabulário. Esse mecanismo de inserção sonda o domínio sintático em que a raiz está contida e insere o IV mais adequado ao nó terminal raiz a partir da associação do índice contido no nó raiz com as informações contidas no contexto sintático. Como nessa sentença há elementos que levam à interpretação de transferência de posse, por consequência, à projeção da categoria VP, *dar* será gerado em V^0 (cf. (21b)), visto que há relações temáticas, por exemplo, de tema e alvo/meta, a serem estabelecidas. Consequentemente, nesse contexto, o IV *dar* é um verbo pleno que denota transferência de posse. Da posição V^0 , *dar* se move, passando pelo núcleo de vP , v^0 , para o núcleo de TP, T^0 , a fim de checar traços gramaticais, como tempo e modo. Por sua vez, o argumento externo, gerado em Spec de vP , se move para Spec de TP para checar o Caso nominativo; o Caso acusativo do DP entidade é checado na projeção vP , após a ocorrência de alguns movimentos, envolvendo ele e o verbo⁹⁸ (CHOMSKY, 2001).

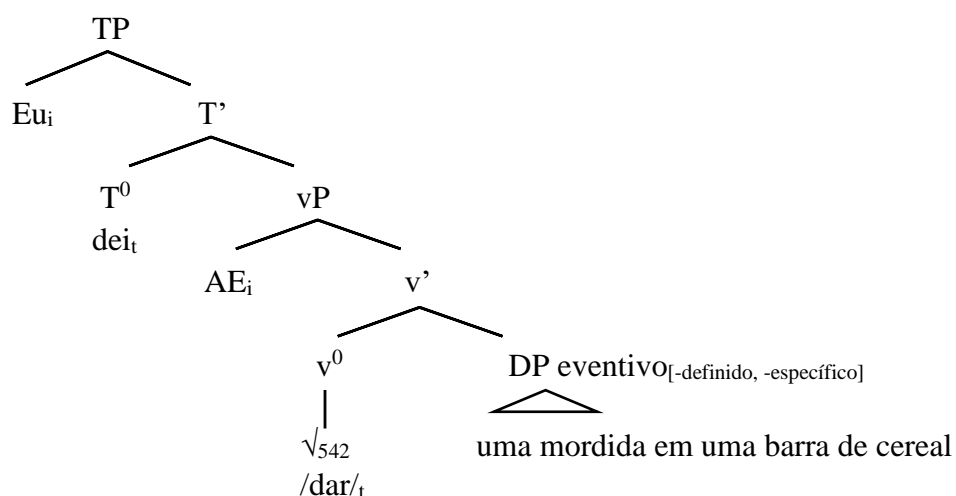
Para uma sentença como em (17a), nomeada CVLV-Indet na Seção 4, proponho as representações em (22). Nessa sentença, *dar* está combinado com um DP eventivo, em posição de objeto direto, não definido e não referencial, com um sujeito (*Eu*, identificado pela morfologia verbal) agentivo, com um PP paciente e não se recupera conteúdo semântico do elemento verbal, mas se identifica leitura de evento indeterminado.

(22) a. Estrutura sintática



⁹⁸ Maiores detalhes sobre esses movimentos para checagem de Caso acusativo não serão descritos aqui, pois fogem ao escopo deste estudo.

b. Inserção do IV



Na derivação em (22a), o nó terminal v^0 requer uma fonologia adequada e o IV em (20) pode mapear a fonologia relevante a esse nó terminal; portanto entra nessa derivação. Assim como ocorreu em (21), o mapeamento da fonologia adequada se dá via Inserção de Vocabulário, quando há a sondagem do domínio sintático em que a raiz está contida e a inserção do IV mais adequado ao nó terminal raiz a partir da associação do índice do nó raiz com as informações presentes no contexto sintático. Considerando que a sentença em questão não contém elementos que levam à interpretação de transferência de posse, *dar* será gerado diretamente em v^0 . Isso acontece porque não há a necessidade da projeção VP, já que não tem relações temáticas, por exemplo, de tema e alvo/meta, a serem estabelecidas. Por conseguinte, nesse contexto, o IV *dar* não denota transferência de posse, como também não se percebe qualquer outro conteúdo semântico. Logo, em casos assim, *dar* é um verbo leve verdadeiro.

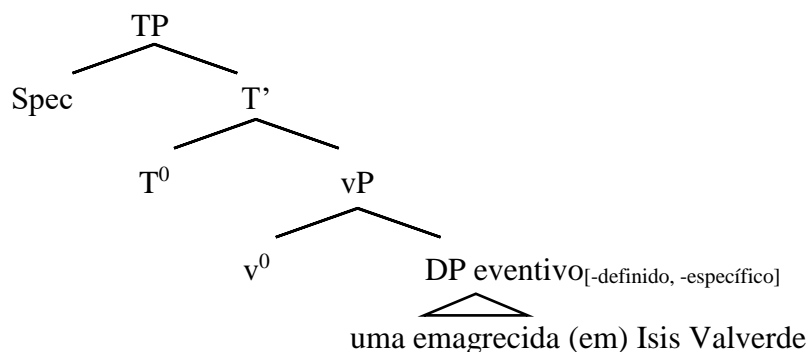
A geração de *dar* numa posição mais alta da estrutura, isto é, núcleo de vP , reverbera o princípio de economia da derivação (CHOMSKY, 1995), o qual prediz que as derivações devem seguir uma espécie de lei do mínimo esforço, evitando passos supérfluos. Assim, se não há relações temáticas a serem estabelecidas, é mais viável que *dar* seja gerado na posição v^0 . Todavia, dessa posição, *dar* se move para T^0 (cf. (22b)), da mesma forma que acontece em um contexto de verbo pleno (cf. (21b)), em que é gerado na posição mais baixa, V^0 , para satisfazer a checagem de tempo e modo. Semelhantemente, o argumento externo se move para a projeção TP (cf. (22b)) para checar o Caso nominativo.

Cumprir destacar, ainda, que a proposta de *dar* gerado direto em v^0 se aproxima de Viotti (1988), para quem o verbo leve *ter*, por ser esvaziado de seu conteúdo semântico e incapaz de estabelecer relações temáticas com seus argumentos, é diretamente gerado no

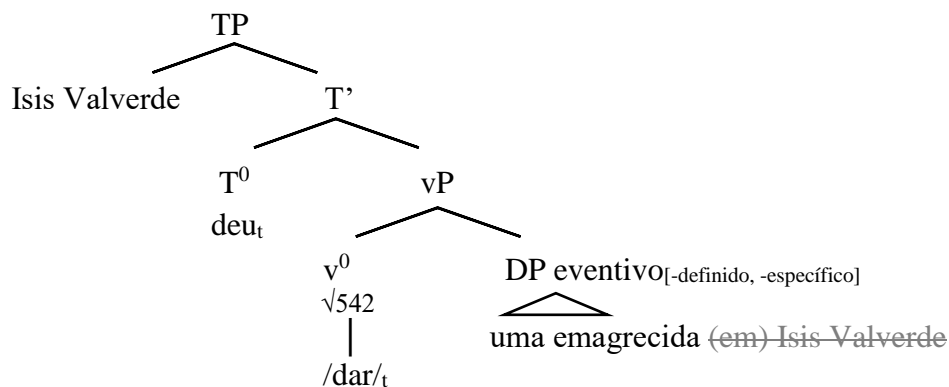
domínio de checagem de traços formais sob a projeção de uma categoria funcional, da qual ele é um mero suporte. Ademais, é compatível com o que defende Scher (2004), que também sugere que *dar* seja gerado em v^0 , como mostra a representação em (5), e com o que assumem Choupina e Brito (2018), como se nota na representação em (8). Entretanto, distancia-se dessas últimas autoras, pois eu acredito que se trate de apenas um IV *dar* ocorrendo em diferentes ambientes morfosintáticos, como já mencionei anteriormente.

Para uma sentença como em (17b), em que não se recupera a noção de transferência de posse, nem qualquer outro conteúdo semântico do elemento verbal, e observa-se uma leitura de evento indeterminado, proponho que *dar* também seja gerado diretamente em v^0 . Como se verifica em (23a), representação proposta para a referida sentença, a derivação conta com uma nominalização formada a partir de uma base verbal inacusativa, que não exige um argumento externo (MARANTZ, 1997). Por conta disso, na estrutura da sentença em (17b) não haverá a posição de argumento externo projetada (Spec de vP) e será do modo como está abaixo.

(23) a. Estrutura sintática



b. Inserção do IV



Mais uma vez, na derivação em (23a), o nó terminal v^0 exige uma fonologia compatível e o IV em (20) pode mapeá-la. O mapeamento da fonologia ocorre do mesmo modo como descrito anteriormente. Além do mais, dado que nessa derivação também não se nota elementos que permitem a recuperação da ideia de transferência de posse e, conseqüentemente, o estabelecimento de relações temáticas de tema e alvo/meta, a categoria VP não será projetada e *dar* é gerado direto em v^0 . Dessa posição, *dar* se move para T^0 (cf. (23b)) para checagem dos traços de tempo e modo. Desse maneira, a estrutura da construção será *deu uma emagrecida em Isis Valverde*.

A introdução da preposição nessa derivação e nas demais CVLVs e CVAVs do PB, como foi relatado por Scher (2004), ocorre por questões de marcação de Caso inerente (CHOMSKY, 1986), visto que um elemento nominal não tem a capacidade de marcar um argumento com Caso. Assim, esse procedimento de marcação de Caso, que Harley e Noyer (1997) denominaram *last-resort* (último recurso), será realizado pela preposição. Sobre o Caso inerente, Chomsky (1995) argumenta que ele não bloqueia o movimento A (movimento para uma posição argumental) de um DP marcado com caso. Já Nunes (2021) menciona que a atribuição de Caso inerente, geralmente, é opcional e que, por conta disso, pode acontecer de nem todas as instâncias potenciais de atribuição de Caso inerente serem, de fato, executadas. Para o autor, no PB, em construções de tópico-sujeito como *Quebrou o ponteiro dos relógios vs. Os relógios quebraram os ponteiros* (NUNES, 2021, p. 316), o nome não atribui Caso e o DP se move para a posição de sujeito, onde aciona concordância e é licenciado com Caso nominativo. À vista disso, entendo que na sentença em (17b), representada em (23), o argumento da nominalização *emagrecida*, *Isis Valverde*, embora tenha sido marcado com papel temático paciente, não foi marcado com Caso nessa posição mais baixa e se move para a posição de Spec de TP para checar o Caso nominativo (cf. (23b)) e a construção será *Isis Valverde deu uma emagrecida*. Todavia, *Isis Valverde* não deixa de ser o argumento interno da nominalização *emagrecida*.

Nominalizações não podem projetar argumento externo (ALEXIADOU, 2001) e, no caso de (17b), isso fica bem evidente. Dessa maneira, quando há um argumento externo na CVLV, ele será projetado pelo verbo leve verdadeiro *dar*, já que uma das suas funções, além de transportar informações gramaticais, tais como tempo e modo, é projetar a posição desse elemento (SAMEK-LODOVICI, 2003). Porém, o que explica *dar*, aparentemente, projetar

essa posição em (17a), mas em (17b), não? Esse fato parece ocorrer por percolação⁹⁹ de traços semânticos (BRITO, 1988, 2001; RADFORD, 1997; COSTA, 1998; TEIXEIRA DE SOUSA, 2010 etc.) da base da nominalização, para o nó em que *dar* será inserido, uma vez que a nominalização não pode desempenhar essa tarefa.

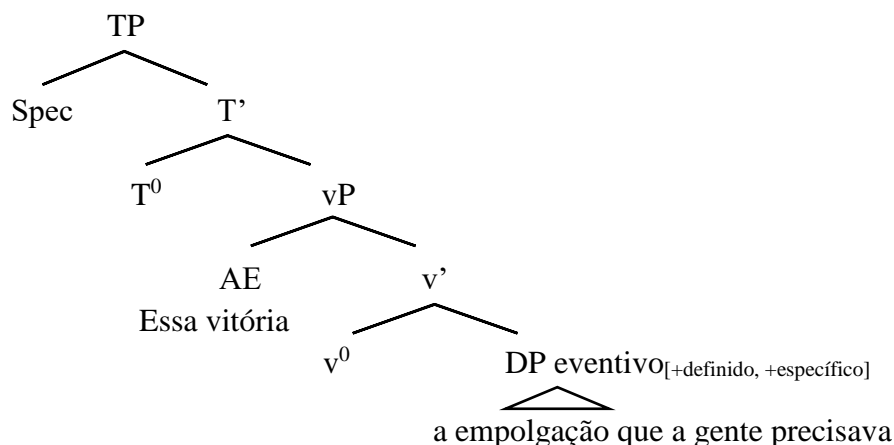
Destarte, caso essa hipótese esteja correta, se o IV *dar* entrar em um contexto sintático em que há uma nominalização que tem uma base com um traço [+agente], por exemplo, *mordida* em (17a), *dar* adquire essa capacidade de projetar a posição de argumento e o elemento que a ocupar terá o papel temático de agente. Por outro lado, se o IV *dar* entrar em um contexto em que há uma nominalização como *emagrecida* em (17b), em que sua base não tem esse traço [+agente], nem qualquer outro que possa definir um argumento externo, *dar* não projetará essa posição. Ademais, o elemento que ocupar a posição de Spec de TP, como em (23b), terá o papel temático de paciente, o mesmo papel que, geralmente, tem o argumento interno do verbo *emagrecer*.

Vale destacar que *emagrecer* pode ocorrer em um contexto sintático em que se comportará como transitivo e em outro em que se comportará como intransitivo (CHOMSKY, 1970; MARANTZ, 1997). Quando ocorre apresentando esse último comportamento, a estrutura da sentença que tem uma nominalização formada a partir dessa base não tem o argumento externo, conforme sentença em (17b) representada em (23). No entanto, quando ocorre apresentando o primeiro comportamento, a estrutura da sentença que tem uma nominalização derivada a partir dessa base terá um argumento externo, haja vista que precisará da causa externa; será, então, uma versão das construções causativas, como *O chá verde deu uma emagrecida em Isis Valverde*.

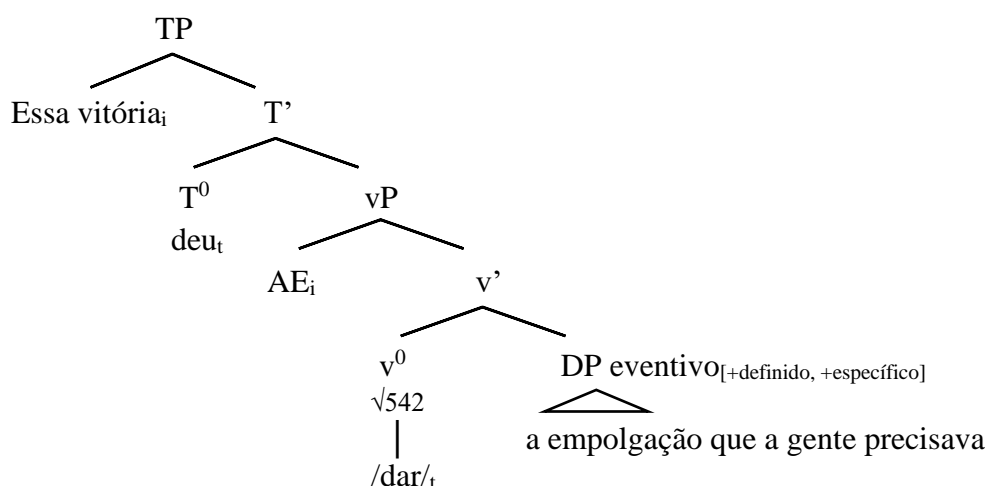
A propósito, a sentença em (17c) é uma construção causativa. Nessa sentença, *dar* está associado a um nome, em posição de objeto direto, definido e referencial, com um sujeito causativo e com um PP paciente; além disso, não se recupera leitura de evento indeterminado, por esse motivo, foi nomeada CVLV-Det, por mim na Seção 4. Para sentenças desse tipo, proponho que *dar* também seja gerado em v^0 , de acordo com as representações em (24).

⁹⁹ O processo de percolação é proposto para explicar variados fenômenos no português envolvendo, por exemplo, diferenças de traços semânticos de projeção funcional e lexical (COSTA, 1998), orações relativas (BRITO, 1988, 2001) e sujeito, tópico e concordância (TEIXEIRA DE SOUSA, 2010).

(24) a. Estrutura sintática



b. Inserção do IV



Em (24), o nó terminal v^0 exige uma fonologia compatível e o IV em (20) também pode mapeá-la, através do mesmo procedimento descrito para as estruturas em (21), (22) e (23). Aqui, assim como nas derivações em (22) e (23), como não há relações temáticas a serem estabelecidas, a categoria VP não será projetada e *dar* é gerado diretamente em v^0 . Depois *dar* se move para T^0 (cf. (24b)) para que seja realizada a checagem de tempo e modo, e o argumento externo se move para Spec de TP para checar o Caso nominativo.

Em conclusão, com base em Harley (2014), para quem a interpretação de uma formação é definida sempre estruturalmente, e os morfemas raiz recebem seu expoente fonológico (IV) a partir da associação de um índice numérico, responsável por individualizá-los, associado a um contexto sintático estruturalmente definido, estou assumindo que *dar* é um IV subspecificado que pode ocorrer em diferentes contextos sintáticos, isto é, de verbo

pleno (cf. sentença em (15) representada em (21)) e de verbo leve verdadeiro (cf. sentenças em (17) representadas de (22) a (24)). Em sentenças de verbo leve verdadeiro, *dar* é gerado em v^0 e não marca tematicamente o DP eventivo objeto direto. Ademais, estou argumentando que *dar*, em alguns casos, pode refletir traços semânticos da base da nominalização, a partir da percolação de traços da base verbal para o nó onde é inserido, passando a projetar argumento externo, o qual terá o mesmo papel temático que teria o argumento do verbo base derivante do nome. Por sua vez, o argumento mais interno da construção, o PP, é selecionado e projetado pela nominalização e terá sempre o papel semântico de objeto afetado/paciente. Esse compartilhamento de funções entre verbo e nome (projeção de argumento externo por *dar* e seleção e projeção do PP pelo nome) caracteriza o estatuto de predicado complexo das CVLVs do PB.

Como se observou, em sentenças bitransitivas, contexto de verbo pleno (cf. (15)), *dar* tem propriedades diferentes daquelas verificadas em contextos de verbo leve verdadeiro, pois somente naqueles exprime a noção de transferência de posse, dado que a estrutura sintática possibilita tal interpretação, certamente, em decorrência dos traços dos elementos presentes na derivação. Nas sentenças em (17), representadas de (22) a (24), porém, não se captura essa noção, nem qualquer outro conteúdo semântico. Isso acontece, porque, além de *dar* ser subespecificado para esses traços, a estrutura não conta com elementos que denotem traços como esses. Casos assim, venho denominando de CVLVs, as quais podem ser subdivididas em CVLV-Det e CVLV-Indet, em virtude do fato de, na primeira, *dar* ocorrer associado a um nome definido e referencial e de o evento poder ser interpretado como determinado quanto à duração, à completude etc., e de, na segunda, *dar* aparecer combinado a um nome indefinido e não referencial e, além disso, de a construção indicar leitura de evento indeterminado quanto à duração, à completude, ao cuidado etc., como nos exemplos em (17a) e (17b). Mas, o que estaria desencadeando essa leitura de evento indeterminado?

Uma resposta possível seria os traços do DP objeto direto, visto que a leitura de evento indeterminado, uma leitura *default* das construções com a combinação *dar + uma + N-ada*, podendo também ser verificada em sentenças com a combinação *dar + uma + N-ção/-mento*, segundo discussão realizada na subseção 4.2, só é identificada quando se tem um DP eventivo [-definido, -específico], como se viu nas representações em (22) e (23). Conforme relatei na Seção 4, há uma nítida relação entre a indefinidade e a inespecificidade com a indeterminação, acarretando leituras distintas. Por exemplo, uma construção como “Maria deu uma corrida na praia”, é interpretada como um evento rápido/breve; uma construção como “Joana deu uma ajeitada no cabelo”, é interpretada como um evento descuidado. Assim, esse comportamento

está ligado aos traços do DP eventivo e não (ou, pelo menos, não apenas) ao verbo *dar* ou ao sufixo nominalizador (SCHER, 2004). Isso tanto é verdadeiro que, quando temos uma construção com um DP com os traços [+definido, +específico], como em (17c) representada em (24), não há uma leitura de evento indeterminado; a interpretação é que o evento atingiu a mesma expectativa que o verbo pleno correspondente à nominalização atingiria, ou seja, empolgou por completo.

Como mencionei em 4.2, para que uma construção com *dar* mais um DP eventivo indefinido e inespecífico não expresse essa leitura de evento indeterminado, ele precisa contar com outros recursos que possa bloqueá-la, por exemplo, estar modificado por um elemento atribuidor de referencialidade, tais como oração relativa e PP (LYONS, 1977; MOORE NEVES, 2019 etc.), conforme se nota, respectivamente, nas construções do *corpus* em (25).

- (25) a. Caraiiiiio fi, vizinha **deu uns gemidos** que deu pra ouvir daqui de boa.
 b. A agnes **deu uma risada de bruxa**. ela já entregou que ela tá por trás de tudo.

Desse modo, a distinção das CVLs com *dar* entre CVLV-Det e CVLV-Indet, seguindo a arquitetura da MD, é definida na sintaxe, resultante dos traços semânticos dos elementos que compõem a derivação.

A seguir, apresento minha proposta de análise para as sentenças do *corpus* com *fazer*, as quais estão sendo denominadas CVAVs nesta tese.

6.3.3 A representação da CVAV: o verbo *fazer*

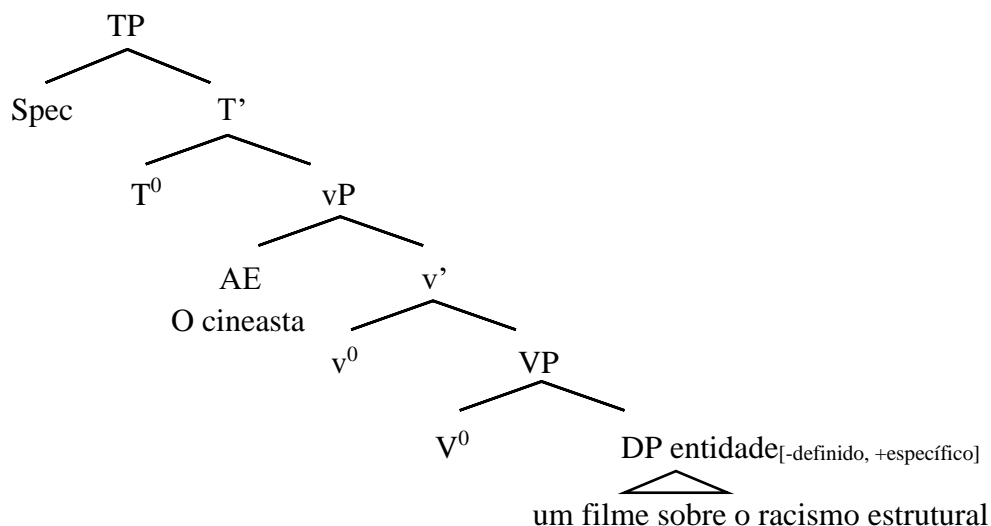
Levando em consideração as sentenças em (26), em que se verifica um evento dinâmico, durativo, um ponto final determinado, um argumento externo agentivo e uma entidade sendo criada/realizada/produzida, entende-se que o verbo *fazer* pleno pode ser especificado com o conjunto de traços demonstrado em (27).

- (26) a. O cineasta fez um filme sobre o racismo estrutural.
 b. O engenheiro fez a torre da igreja.

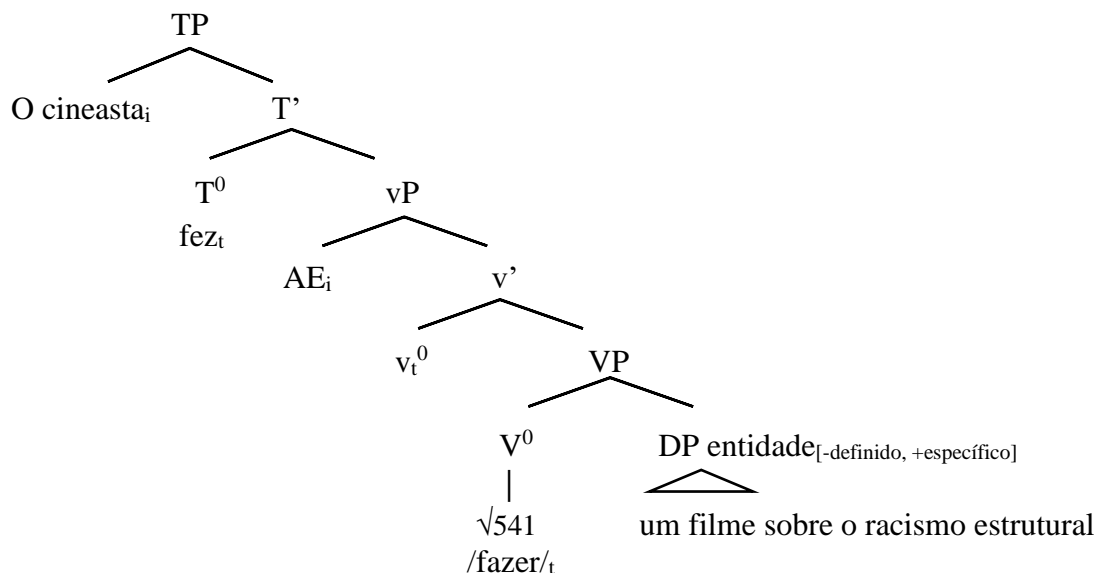
- (27) /fazer/ ↔ [+dinâmico, +durativo, +télico, +agente, +acusativo, +tema]

Logo, para sentenças como em (26), em que o verbo indica produção ou construção de algo concreto, em outras palavras, em que *fazer* é pleno, proponho as representações em (31).

(31) a. Estrutura sintática



b. Inserção do IV

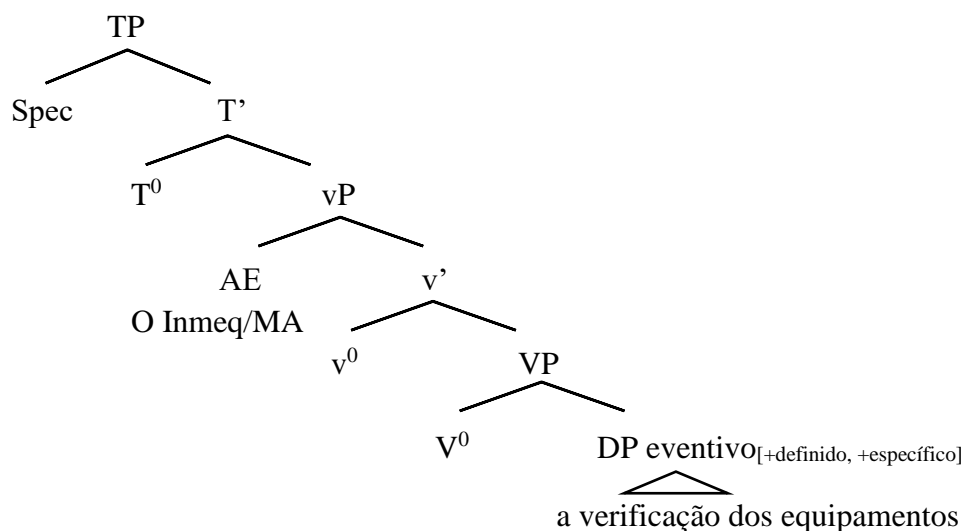


O nó terminal V^0 da derivação em (31a) exige uma fonologia adequada e o IV em (30) pode mapear a fonologia relevante a esse nó terminal. Aqui, assim como ocorreu nas sentenças com *dar*, o mapeamento também se dá via Inserção de Vocabulário, a partir da sondagem do domínio sintático em que a raiz está contida e da inserção do IV mais adequado ao nó terminal raiz através da associação do índice do nó raiz com as informações contidas no

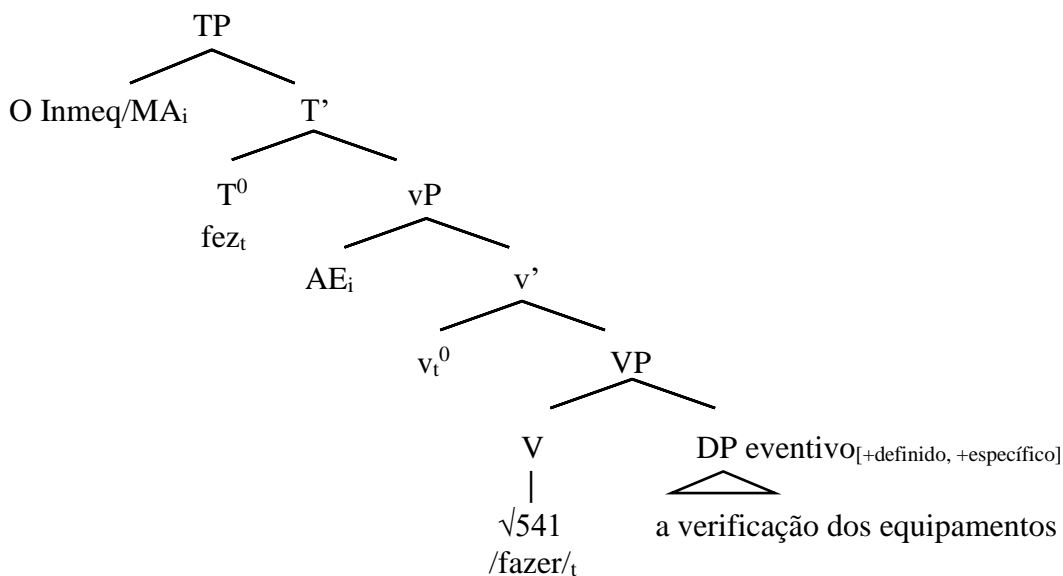
contexto sintático. Considerando que, na construção em (26a), se identifica a ideia de que uma entidade foi produzida, há relações temáticas a serem estabelecidas, por exemplo, de tema, conseqüentemente, a categoria VP é projetada e *fazer* é gerado em V^0 (cf. (31b)). Dessa posição, *fazer* se move, passando por v^0 , até T^0 para checagem de tempo e modo. Semelhantemente, o argumento externo (O cineasta), se move de Spec de vP até Spec de TP para a checagem do Caso nominativo. O Caso acusativo é checado em vP . Essa mesma estrutura em (31), também sugiro para a construção com *fazer* em (26b), diferenciando-se quanto ao DP entidade, pois, nessa, o DP *a torra da igreja* é caracterizado pelos traços [+definido, +específico].

O fato de nas sentenças em (28) *fazer* indicar a noção de construir/realizar/produzir, mostra que ele também atende a outras construções, por exemplo, CVAV. Por esse motivo, proponho a mesma representação em (31), entretanto, sintaticamente, haverá outras propriedades, tal como um DP eventivo, conforme se vê nas representações em (32).

(32) a. Estrutura sintática



b. Inserção do IV



Na derivação em (32a), o nó terminal V^0 também exige uma fonologia adequada e o IV em (30) pode mapeá-la, seguindo o mesmo procedimento descrito em (31). Se é na projeção VP que as relações temáticas são estabelecidas e o verbo *fazer*, enquanto um verbo de ação vaga, denota a ideia de construir/realizar/produzir (cf. (28a)), ele deve ser gerado em V^0 , marcando tematicamente o DP eventivo [+definido, +específico]. Da posição V^0 , *fazer* se move, passando por v^0 , até T^0 (cf. (32b)) para checagem de tempo e modo. O argumento externo (*O Inmeq/MA*) também se move para Spec de TP, a fim de checar o Caso nominativo e o Caso acusativo é checado em *vP*. Essa estrutura em (32) também sugiro para a CVAV com *fazer* em (28b), com a diferença que, nessa, o DP eventivo *um pronunciamento enigmático* é caracterizado pelos traços [-definido, +específico].

Em resumo, estou assumindo que, nas CVAVs como (27), *fazer* é gerado em V^0 , marca tematicamente o DP eventivo e lhe atribui Caso acusativo. Além disso, juntamente com esse DP, atribui papel temático ao argumento externo a partir da compatibilidade dos traços semânticos do verbo e do nome. Caso a sentença tenha um argumento mais interno, o PP paciente/objeto afetado, ele será selecionado pelo DP eventivo, caracterizando, assim, o estatuto de predicado complexo dessas sentenças no PB.

6.4 CONSIDERAÇÕES DA SEÇÃO

Nesta seção, apresentei uma proposta de representação sintática para as sentenças tradicionalmente reconhecidas como CVLs no PB. Considerando que essas sentenças compõem grupos distintos, propus, então, diferentes estruturas para explicá-las.

Com relação às CVLVs com *dar*, defendi, sob a perspectiva da MD, que *dar* é um único IV raiz subespecificado que pode ocorrer em contextos de verbo pleno e de verbo leve. Quando verbo leve, argumentei que ele, tanto em CVLV-Det quanto em CVLV-Indet, é gerado diretamente na posição v^0 , visto que não denota transferência de posse, nem apresenta qualquer outro conteúdo semântico, portanto não há relações temáticas a serem estabelecidas, o que torna desnecessária a projeção de VP. Ademais, assumi que a leitura de evento indeterminado, identificada nas CVLVs-Indet, é decorrente das propriedades indefinidade e inespecificidade do DP eventivo, pois essa leitura só é observada quando esse DP contém os traços [-definido, -específico] e que, portanto, as diferenças entre CVLV-Det e CVLV-Indet é recuperada na estrutura sintática, a partir dos traços semânticos do elemento nominal que as compõem.

Sobre as sentenças com *fazer*, também defendi que esse elemento se trata de um único IV raiz especificado que pode aparecer em contextos de verbo pleno e de verbo de ação vaga. Propus, como base no fato de que *fazer* possui conteúdo semântico em ambos os tipos de construções, que esse IV é gerado em V^0 , por causa desse motivo, pode estabelecer relações temáticas com o DP eventivo, marcando-o tematicamente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa para o desenvolvimento desta tese começou, exatamente, pela tentativa de mostrar que a formação das CVLs do PB ocorre com nomes encabeçados por determinantes indefinidos e definidos foneticamente realizados e com nomes nus, todos podendo ou não expressar referencialidade, todavia resultando no fato de que elas não integravam um único grupo.

Na *Seção 2*, revisei estudos sobre CVLs a fim de apresentar os pontos de dissonâncias e de convergências entre as análises sugeridas, de modo a motivar a necessidade de uma hipótese de divisão de CVLs no PB, como fez Kearns (2002) para o inglês. Um dos pontos discutidos de maior convergência foi com relação à possibilidade de paráfrase da CVL com um verbo pleno correspondente, visto que dá conta de um grande número de CVLs das línguas românicas (ALBA-SALAS, 2002; SCHER, 2004; DUARTE et al, 2009), por esse motivo, assumi que a paráfrase é uma propriedade que define as sentenças do PB que compõem o *corpus* deste estudo. Por outro lado, os pontos de maior divergência estavam relacionados à (in)capacidade: a) de o elemento nominal expressar referencialidade e definitude; b) de o elemento verbal selecionar seus argumentos, atribuir papel temático e contribuir com conteúdo semântico para a construção; e c) de a CVL expressar leitura de evento realizado de forma breve, descuidada, incompleta ou diminutivizada.

Sobre o ponto em (a), apoiada em Moura Neves (1996), Alves e Scher (2020) e Alves e Figueiredo (no prelo), reconheci que os nomes que se combinam com um verbo leve podem ser definidos e referenciais, indefinidos e referenciais ou indefinidos e não referenciais. Com respeito ao ponto em (b), argumentei, baseada em Samek-Lodovici (2003) e Scher (2004), que o verbo leve pode, em alguns casos, projetar/abrir a posição de argumento externo e que a nominalização seleciona o argumento mais interno da construção, o PP; e com base em Kearns (2002), que o verbo leve (não todos) pode atribuir papel temático. Com relação ao ponto em (c), entendi, junto a Kearns (op. cit.), que o verbo leve *dar* no PB é semanticamente esvaziado, porém *fazer*, não. Por fim, quanto ao ponto em (d), percebi que as CVLs do PB só exprimem a leitura de evento breve, sugerida por Kearns (op. cit.) para algumas construções do inglês com *give* (dar), ou diminutivizado, sugerida por Scher (op. cit.) para as CVLs do PB com *dar* mais nominalizações em *-ada*, quando há um nominal indefinido e não referencial. Desse modo, a hipótese de que no PB as sentenças que são incluídas na classe CVL não participam de um único grupo foi fortalecida.

Na *Seção 3*, procurando elementos que comprovassem ou refutassem essa hipótese e dado que a discussão de formação de CVLs no PB gira em torno dos valores indefinido e referencial do nome com que o verbo leve se combina (MOURA NEVES, 1996; SCHER, 2004; MEDEIROS, 2010; CASTILHO, 2010), apresentei aspectos considerados delimitadores dos conceitos de referencialidade, de definitude, de indefinitude e de especificidade, com o intuito de que pudessem auxiliar na descrição dos dados do *corpus* no que diz respeito ao elemento nominal. Levando em conta que esses conceitos, costumeiramente, estão relacionados à presença de determinantes, tratei do papel de alguns desses itens, como artigos definidos e indefinidos, pronomes demonstrativos e possessivos, numerais e o quantificador *cada*, pois são os que apareceram encabeçando os nomes das sentenças do *corpus*.

Na *Seção 4*, munida das informações obtidas com as discussões levantadas nas Seções 2 e 3, descrevi parte das sentenças do *corpus*, ou seja, apenas aquelas em que o nome tem um determinante foneticamente realizado. As descrições foram desenvolvidas com base em três aspectos investigados: 1) referencialidade e definitude do elemento nominal; 2) contribuição semântica do elemento verbal; e 3) leitura de evento indeterminado da construção. Os resultados revelaram que, nas sentenças com *dar*, o verbo não indica a noção de transferência de posse de sua versão plena, nem qualquer outro conteúdo lexical/descriptivo; e, nas sentenças com *fazer*, o verbo exprime a noção de construir/realizar/produzir de sua versão plena, diferenciando-se quanto ao elemento “construído”, que não se trata de uma entidade, mas de algo vago, uma ação/um evento. Portanto, verifiquei que *dar* e *fazer* não compartilham das mesmas propriedades de verbos leves. À vista disso, com base no modelo de Kearns (2002), nomeei as sentenças com *dar* de construção com verbo leve verdadeiro (CVLV) e as sentenças com *fazer* de construções com verbo de ação vaga (CVAV).

As descrições também possibilitaram identificar que, em algumas construções, *dar* se associa a um nome indefinido e não referencial e denota uma leitura de evento indeterminado, no sentido de que é impreciso ou não estabelecido com clareza com relação à duração, ao cuidado e à completude com que foi realizado, se comparado com o evento expresso pelo verbo pleno correspondente. Já em outras sentenças, *dar* se combina com um nome definido e/ou referencial e a leitura que se tem é de um evento determinado, uma vez que, no que tange à duração, à completude e ao cuidado, é atingido a mesma expectativa que ocorreria caso, na construção, tivesse um verbo pleno correspondente. Dessa forma, entendi que às CVLVs caberia uma subdivisão, a saber: i) construção com verbo leve verdadeiro com leitura de evento indeterminado (CVLV-Indet), quando o nome é indefinido e não referencial; ii)

construção com verbo leve verdadeiro com leitura de evento determinado (CVLV-Det), quando o nome é definido e/ou referencial. A leitura desses eventos tem forte relação com o tipo de determinante que encabeça o elemento nominal, haja vista que, por exemplo, o conteúdo de indeterminação já é previsto pelo artigo indefinido (LEONETTI, 1999) e pelas propriedades indefinitude e/ou inespecificidade (LYONS, 1999; ABBOTT, 2004; CERQUEIRA, 2019 etc.)

Argumentei, ainda, nessa seção, que as construções com *dar* mais nominalizações em *-ada*, não expressam apenas a leitura de evento diminutivizado como se tem assumido na literatura (SCHER, 2004; MEDEIROS, 2010), contudo podem indicar diferentes leituras, e a leitura diminutivizada é apenas uma delas. Essas possíveis leituras, isto é, breve, incompleta, descuidada, diminutivizada, foram observadas também nas construções com *dar* mais nominalizações em *-ção* e *-mento*. Assim, preferi nomear todos esses eventos identificados nas CVLVs com a combinação *dar + uma + N -ada/-ção/-mento de evento indeterminado* em detrimento de evento diminutivizado, porque o que se nota é uma indeterminação, uma vagueza, uma imprecisão, quanto ao conteúdo vinculado ao evento expreso.

Na *Seção 5*, descrevi as sentenças do *corpus* que têm um nome nu. Inicialmente, realizei uma breve discussão sobre o comportamento sintático-semântico do nome nu no PB, com o objetivo de identificar particularidades que servissem de parâmetros para a descrição das sentenças, a fim de confirmar ou não a assunção de que os nomes nus das construções do *corpus* eram DPs, bem como a ideia de que as sentenças com esses DPs nus eram CVLVs-Det ou CVAVs, e não construções de objeto incorporado. A partir da descrição, foi possível verificar que os nomes nus do *corpus* podem ocorrer modificados por elementos atribuidores de referencialidade, tais como adjetivo, PP e advérbio locativo, podem ser pluralizados e expressar especificidade e definitude. Tendo em vista esses comportamentos, assumi que as sentenças com *dar* mais nomes nus, derivados pelos sufixos *-ada*, *-ção* e *-mento*, são CVLVs-Det, a julgar que o nome é referencial, que o verbo é esvaziado de conteúdo semântico e que a construção não denota leitura de evento indeterminado; e as sentenças com *fazer* mais nomes nus derivados pelos mesmos sufixos são CVAVs, dado que o nome é referencial, o verbo expressa a noção de construir/realizar/produzir e não se tem a leitura de evento indeterminado. Entretanto, duas construções que compõem o *corpus* não são CVLVs-Det ou CVAVs, antes, são casos de incorporação. Nessas duas construções, “dar partida no carro” e “dei entrada no seguro desemprego”, não se recupera, respectivamente, a ideia de “partir” ou “entrar”, logo não exprimem leitura composicional, porém indicam uma atividade institucionalizada que os falantes nativos saber reconhecer, como “ligar ou colocar o carro

para funcionar” e “iniciar um processo formalmente”. Portanto, tratam-se de incorporação nominal (MITHUN, 1984; DAYAL, 2003, 2007; TAVEIRA DA CRUZ, 2008 etc.).

Na *Seção 6*, uma vez que a pesquisa desta tese se enquadra numa perspectiva formal dos estudos da linguagem e que, portanto, não poderia ser limitada à descrição dos dados, apresentei uma proposta sintática de análise para as CVLVs (com *dar*) e CVAVs (com *fazer*). Nessa proposta, expliquei, estruturalmente, as diferenças existentes entre esses dois tipos de construções e entre as CVLV-Det e CVLV-Indet, assim como traduzir outras propriedades mais gerais das sentenças das línguas naturais.

Argumentei, com base na propriedade subespecificação do modelo da Morfologia Distribuída, que *dar* é um item de vocabulário (IV) subespecificado e que *fazer* é um IV especificado, podendo, ambos os verbos, ocorrerem em contextos sintáticos diferentes e a estrutura da construção deve dar conta da interpretação, se verbo pleno, verbo leve verdadeiro ou verbo de ação vaga. Ademais, considerando que *dar* é esvaziado semanticamente e que *fazer*, não, propus que *dar* é gerado em v^0 e *fazer* é gerado em V^0 , haja vista que, pelo princípio de economia da derivação (CHOMSKY, 1995), o qual prediz que as derivações devem seguir uma espécie de lei do mínimo esforço, evitando passos supérfluos, nas sentenças com *dar* não há a projeção da categoria VP. Isso acontece porque esse verbo leve não tem relações temáticas para estabelecer, por exemplo, de tema e alvo/meta.

Outro ponto que defendi é que *dar*, em alguns casos, pode refletir traços semânticos da base da nominalização por um processo de percolação de traços. Desse modo, quando *dar* reflete traços da base do nome, projeta a posição de argumento externo, como nos casos em que a base da nominalização é transitiva, do tipo DO ou CAUSE que exigem esse elemento gerado em Spec de vP. Mas, se a base da nominalização for inacusativa do tipo BECOME, que só exige o argumento interno, *dar* não reflete traços da base do nome e não projeta a posição de Spec de vP, posição de argumento externo. No entanto, seguindo a análise de Nunes (2021) para construções de tópico sujeito, advoguei a favor de que o argumento interno da nominalização pode se mover para a posição de Spec de TP para checar o Caso nominativo. Por fim, assumi que as diferenças entre CVLV-Det e CVLV-Indet é recuperada na estrutura sintática, resultante dos traços dos DPs eventivos que as compõem: na primeira, o DP eventivo tem os traços [\pm definido] e [+específico] e, na segunda, o DP eventivo sempre tem os traços [-definido] e [-específico].

Destaco, contudo, que se faz necessário verificar se outras construções também denominadas CVLs no PB se incluem nesses dois grupos ou caracterizam outra(s) classe(s) na tipologia das CVLs.

REFERÊNCIAS

- ABBOTT, Barbara. Definiteness and indefiniteness. In: HORN, Laurence; WARD, Gregory. (Orgs.). **The handbook of pragmatics**. Oxford: Blackwell, 2004.
- ABBOTT, Barbara. **Reference**. New York: Oxford University Press, 2010.
- AGUILAR-GUEVARA, Ana. LE BRUYN, Bert; ZWARTS, Joost. **Weak Referentiality**. John Benjamins Publishing Company, 2014.
- ALBA-SALAS, Josep. **Light verb constructions in romance: a syntactic analysis**. 2002. Tese (Ph.D.) - Cornell University. Cornell University, 2002.
- ALEXIADOU, Artemis. **Functional Structure in Nominals: nominalization and ergativity**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- ALEXIADOU, Artemis; HAEGEMAN, Liliane; STAVROU, Melita. **Noun phrase in the generative perspective**. Berlin, 2007.
- ALFREDO, Rufino. **Sobre quantificadores universais no Português de Moçambique: uma proposta de análise comparativa com o Português Europeu**. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, 2015.
- ALMEIDA-SILVA, Anderson. **A (in)definitude no sintagma nominal em libras: uma investigação na interface sintaxe-semântica**. Tese de doutorado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2019.
- ALVES, Daniela Almeida. **Construções de verbo leve: o elemento nominal e a leitura final**. Dissertação de mestrado, Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016.
- ALVES, Daniela; FIGUEIREDO, Cristina. A formação do nominal nas construções com o verbo leve “fazer”, à luz da Morfologia Distribuída. **Tabuleiro de Letras**, Vol.: 12; nº. 01, p. 8-27, 2018.
- ALVES, Daniela; SCHER, Ana Paula. O papel dos determinantes nas construções de verbo leve. In: FIGUEIREDO, Cristina. et al. (orgs.) **Língua em movimento: História e funcionamento das línguas naturais**. Edufba, v. 1, p. 82-102, 2020.
- ALVES, Daniela; FIGUEIREDO, Cristina. Dar + N-ada e fazer + N-ção/N-mento/N-ada: construções com verbos leves? In: **História e Funcionamento das Línguas Naturais**. Formato E-Book. Edufba, no prelo.
- BAKER, Mark. **Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing**. University of Chicago Press: Chicago, 1988.
- BARROS, Cláudia Dias de. **Descrição e classificação de predicados nominais com o verbo-suporte fazer no Português do Brasil**. Tese de Doutorado, São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 2014.
- BARROS, Isis Juliana Figueiredo de. **As preposições introdutoras de dativo em verbos ditransitivos dinâmicos no português rural da Bahia: evidências do contato entre línguas**. Tese de doutorado, Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2018.
- BASÍLIO, Margarida. Formação e uso da nominalização deverbal sufixal no português falado. In: CASTILHO, Ataliba; BASÍLIO, Margarida (Org.). **Gramática do Português Falado**. Vol. IV: Estudos Descritivos. Campinas: Editora da Unicamp/São Paulo: FAPESP, p. 223-233, 1996.

- BASÍLIO, Margarida. Padrões de configuração estrutural de unidades lexicais. In: DUARTE, L.P. (Org). **Para sempre em mim: Homenagem à Professora Angela Vaz Leão**. Belo Horizonte: Editora PUC-MINAS, BH, Editora PUC MINAS, 1999.
- BASSO, Renato Miguel; ILARI, Rodolfo. Telicidade e Degree Achievements. Encontro Celsul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul, 6, 2004. Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- BIANCHI, Valentina. An empirical contribution to the study of idiomatic expressions. Ms., **Scuola Normale Superiore di Pisa**, Itália. 1993.
- BORIK, Olga; GEHRKE, Berit. An introduction to the syntax and semantics of pseudo-incorporation. In: BORIK, Olga; GEHRKE, Berit (Editores). **The syntax and semantics of pseudo-incorporation**, v. 40, p. 1-43, 2015.
- BOUVERET, Myriam. GIVE verb-object constructions in French: from Grammar to Idioms. In: BOUVERET, M; DOMINIQUE, L. (Org.). **Constructions in French**. John Benjamins Publishing Company, p. 99-127, 2012.
- BRITO, Ana Maria. **A sintaxe das orações relativas em português: Estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos**. Tese de Doutorado, Universidade do Porto-Porto, 1988.
- BRITO, Ana Maria. Relativas de genitivo no Português Europeu e no Português de Moçambique. **Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Lisboa, APL, p. 115-129, 2001.
- BUTT, Miriam. The light verb jungle. **Conferência. Harvard/Dudley**, 2003.
- CAMPBELL, Richard. **The Grammatical Structure of Verbal Predicates**. Tese de Doutorado. Los Angeles: UCLA, 1989.
- CARLSON, Greg. A unified analysis of the English bare plural. **Linguistics and Philosophy**, 1, p. 413-457, 1977.
- CARLSON, Greg. The Semantic Composition of English Generic Sentences. In: CHIERCHIA, G; PARTEE, B.; TURNER, R. (Orgs.) **Properties, Types and Meaning**, v. 2: Semantic Issues. Dordrecht: Kluwer, p. 167-.191, 1989.
- CARLSON, Greg. The meaningful bounds of incorporation. In: VOGELEER, Svetlana; TASMOWSKI, Liliane. **Non-definiteness and plurality**. John Benjamins Publishing Company, p. 35-50, 2006.
- CARVALHO, Dannel da Silva. O estatuto morfossintático de definitude. In: CARVALHO, Dannel. S.; TEIXEIRA DE SOUSA, Lílian. (Orgs.). **Gramática gerativa em perspectiva**, 1ª ed. São Paulo: Blucher, p. 25-46, 2018.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- CASTRO, Ana. Possessivos e artigo definido expletivo em PE e PB. **Revista Veredas Portugal**, n. 1 e 2, p. 01-18, 2006.
- CERQUEIRA, Fernanda Oliveira. **O pronome pleno de terceira pessoa: estrutura interna e relações referenciais**. Tese de doutorado, Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2019.
- CHESTERMAN, Andrew. **On definiteness: A study with special reference to English and Finnish**. Cambridge University Press, 1991.

- CHIERCHIA, Gennaro. Reference to kinds across languages. **Natural Language Semantics**, Dordrecht, v.6, n.4, p.339-405, 1998.
- CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. Tradução de Luiz Arthur Pagani, Lígia Negri, Rodolfo Ilari. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalization. In: R. Jacobs and P. Rosenbaum (eds.) **Readings in English Transformational Grammar**. The Hague: Mouton, p. 184-22, 1970.
- CHOMSKY, Noam. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht, The Netherlands: Foris, 1981.
- CHOMSKY, Noam. **Knowledge of Language**. New York: Praeger, 1986.
- CHOMSKY, Noam. A minimalist program for linguistic theory. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel J. (eds.) **The View from Building 20**. Cambridge, MA: MIT Press, p. 1-52, 1993.
- CHOMSKY, Noam. **The Minimalist Program**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, Noam. Minimalist inquiries: the framework. In: Martin, Roger; Michaels, David; Uriagereka, Juan (eds.) **Step by Step: Essays on Minimalist Syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, p. 89-155, 2000.
- CHOMSKY, Noam. Derivation by Phase. In: Kenstowicz, M. (ed.), Ken Hale: **A Life in Language**, Cambridge, MA: MIT Press, pp.1-52, 2001.
- CHOUPINA, Celda; BRITO, Ana Maria. Dar um beijo é a mesma coisa que dar um espirro? Para uma análise sintático-semântica de diferentes valores do verbo *dar* em português europeu. In: **A Linguística em Diálogo**. Volume Comemorativo dos 40 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto. Ed: Centro de Linguística da Universidade do Porto. VELOSO, João; SILVANO, Joana Guimarães, Purificação; SOUSA-SILVA, Rui (Editores), p. 153-176, 2018.
- CHRISTOPHERSEN, Paul. **The articles: a study of their theory and use in English**. Copenhagen: Einar Munksgaard, 1939.
- CORREIA, Clara Nunes. Determinação Nominal. In: **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**, Lisboa: Edições Colibri, n.13, p. 327-338, 2000.
- COSTA, João. Projeções Funcionais em Teoria da Optimalidade. **Actas do XIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**, A.P.L./Colibri, Aveiro, p. 382-396, 1998.
- CUERVO, María Cristina. **Datives at Large**. Tese de doutorado, MIT, 2003.
- COWPER, Elizabeth; HALL, Daniel Currie. The syntactic manifestation of nominal feature geometry. In: **Proceedings of the 2002 Annual Conference of the Canadian Linguistic Association**. Montréal: Cahiers Linguistiques de l'UQAM, p. 55-66, 2002.
- CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. **O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico**. Tese de doutorado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- CYRINO, Sonia; ESPINAL, Maria Teresa. Object BNs in Brazilian Portuguese. More on the NP/DP analysis. **Paper presented at CSSP 2011, Le neuvième Colloque de Syntaxe et Sémantique À Paris**. Paris: CNRS. Manuscrito não publicado, 2011.
- CYRINO, Sonia; ESPINAL, Maria Teresa; Bare nominals in Brazilian Portuguese: more on DP/NP analysis. **Natural Language & Linguistic Theory** 33. Netherlands: Springer, 2014 p. 471-521, 2015.

- DANON, Gabi. Syntactic definiteness in the grammar of Modern Hebrew. *Linguistics*, 39(6), p. 1071–1116, 2001.
- DAVEL, Alzira da Penha Costa. **Um estudo sobre o verbo-suporte na construção dar + SN**. Dissertação de Mestrado, Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2009.
- DAYAL, Veneeta. **A semantics for pseudo incorporation**. Rutgers University, 2003.
- DAYAL, Veneeta. **Hindi pseudo incorporation**. Rutgers University, 2007.
- DAYAL, Veneeta. Incorporation: Morpho-Syntactic vs. Semantic Considerations. In: BORIK, Olga; GEHRKE, Berit (Editores). **The syntax and semantics of pseudo-incorporation**, v. 40, p. 47-87, 2015.
- DAYAL, Veneeta. Determining (In)definiteness in the Absence of Articles. In: HOHAUS, V; ROTHE, W. (Orgs). **PROCEEDINGS OF TRIPLEA 3 FIELDWORK PERSPECTIVES ON THE SEMANTICS OF AFRICAN, ASIAN AND AUSTRONESIAN LANGUAGES**, 3, Tübingen. **Anais**. Tübingen: University of Tübingen, p. 85-99, 2017.
- DONELLAN, Keith. Reference and definite descriptions. **The philosophical review**, v. 75, n. 3, p. 281-304, 1966.
- DOWTY, David. **Word Meaning and Montague Grammar**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1979.
- DUARTE, Inês. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavra. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, p. 275-321, 2003.
- DUARTE, Inês; BRITO, Ana Maria. Predicação e classe de predicadores verbais. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, p. 179-203, 2003.
- DUARTE, Inês; OLIVEIRA, Fátima. Referência nominal. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, p. 211-243, 2003.
- DUARTE, Inês; GONÇALVES, Anabela; MIGUEL, Matilde. Verbos leves com nomes deverbais em português europeu. **XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística de Lisboa**, APL, p.315-328, 2006.
- DUARTE, Inês et al. Predicados complexos do tipo <verbo leve-nome derivado>: uma análise baseada em corpora. **Anais da ABRALIN**, 2009. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/In%C3%AAs%20Duarte.pdf>. Acesso em: 20/07/2021.
- DUARTE, Inês et al. Light verbs features in European Portuguese. **Proceedings of the 2nd Interdisciplinary Workshop on the Identification and representation of Verb Features and Verb Classes**, Pisa, Italy, 2010.
- EGEDI, Barbara. Grammatical encoding of referentiality in the history of Hungarian. In: RAMAT, Anna Giacalone; MAURI, Caterina; MOLINELLI, Piera (eds.): **Synchrony and Diachrony: a Dynamic Interface**. Studies in Language Companion. Amsterdam: John Benjamins, 2013.
- EMBICK, David; NOYER, Rolf. Distributed Morphology and the syntax-morphology interface. In: RAMCHAND, G.; REISS, C. (orgs.) **The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces**. Oxford, UK: Oxford University Press, p. 289–324, 2007.
- ENÇ, Mürvet. The semantics of specificity. **Linguistic Inquiry**, p. 1-25, 1991.

- ESPINAL, Maria Teresa; MCNALLY, Louise. Bare nominal and incorporating verbs in Catalan and Spanish. **Journal of Linguistics** 47, p. 87-128, 2011.
- FERREIRA, Marcelo Barra. The morpho-semantics of number in Brazilian Portuguese bare singulars. **Journal of Portuguese Linguistics** 9-1. p. 95-116, 2010.
- FERREIRA, Marcelo Barra. **Curso de semântica formal**. Berlin: Language Science Press, 2019.
- FERREIRA-SILVA, Marília de Nazare. Descrição da incorporação nominal em Parkatêjê. **Raído**, v. 5, n. 9, p. 81-90, 2011.
- FIGUEIREDO, Cristina. **O objeto nulo no português rural baiano: teoria temática e eclipse de DP**. Tese de doutorado, Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.
- FIGUEIREDO, Cristina et al. Sobre nominalizações em –mento e aspecto lexical. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 7, p. 47-67, 2013.
- FIGUEIREDO, Cristina; MINUSSI, Rafael Dias. Mudança linguística e seu tratamento pela Morfologia Distribuída. **A Cor das Letras**, v. 22, n. 1, p. 39-64, 2021.
- FIGUEIREDO-SILVA, Maria Cristina. Compostos e expressões idiomáticas no português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 261-277. 2ª parte, 2011.
- FLORUPI, Simone Azevedo. **Estudo da variação do determinante em sintagmas nominais possessivos na história do português**. Tese de Doutorado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.
- FODOR, Janet Dean. **The Linguistic Description of Opaque Contexts**. Ph.D. dissertation, MIT (Published by Garland Publishing, Inc., New York, 1979), 1970.
- FODOR, Janet Dean; SAG, Ivan. Referential and Quantificational Indefinites. **Linguistic and Philosophy**, p. 355-398, 1982.
- FOLLI, Raffaella; HARLEY, Heidi. Flavors of v: consuming results in Italian and English. In: SLABAKOVA, R. and KEMOCHINKY, P. (Eds.), **Aspectual Inquiries**,. Dordrecht: Kluwer, p. 95-120, 2004.
- FORTUNATO, Isabella Venceslau. Análise da estrutura argumental do verbo “chegar” em construções de verbo suporte. **Revista Domínios de Lingu@gem**, ano 3, nº 1, 2009.
- FREGE, Gottlob. Funktion und Begriff. English translation: POHLE, J. In.: GEACH, P.; BLACK, M. (Ed.). **Philosophical Writings of Gottlob Frege**. Oxford: Blackwell, 1892.
- GIOVANNETTI, Marcelo; BASSO, Renato Miguel. Demonstrativos, determinantes e definitude em Wapichana. **Revista Letras**, v. 96, p. 423-441, 2017.
- GIUSTI, Giuliana. The functional structure of noun phrases: A bare phrase structure approach. In: CINQUE, Guglielmo (ed.). **Functional structure in DP and IP: The cartography of syntactic structures**, vol. 1, 54–90. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- GONÇALVES, Anabela et al. **Propriedades predicativas dos verbos leves dar, ter e fazer: estrutura argumental e eventiva**. 2010. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/sectores/gramatica/publicacoes_preplexos/actas_sel.pdf>. Acesso em: 14/02/2015.
- GRIMSHAW, Jane; MESTER, Armin. Light verbs and θ -marking. **Linguistic Inquiry**, v. 19, p. 205-232, 1988.

- GUARDIANO, Cristina. The syntax of demonstratives: A parametric analysis. **Comunicação apresentada no 19th Colloquium on Generative Grammar**, Vitoria-Gasteiz, 2009.
- HAEGEMAN, Liliane. **Introduction to government and binding theory**. Blackwell: Oxford; 1994.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Org.). **The view from the Building 20: Essays in honor of Sylvain Bromberger**. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, p. 111-176, 1993.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. **Some key features of distributed morphology**. MITWPL – Papers on Phonology and Morphology, v. 21, p. 275-288, 1994.
- HALLE, Morris. Distributed Morphology: Impoverishment and Fission. **MIT Working Papers in Linguistics**, 30, p. 425-449, 1997.
- HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. Mixed nominalizations, short verb movement and object shift in English. In: TAMANJI, Pius N.; KUSUMOTO, Kiyomi (eds.). **Proceedings of NELS 28**, GLSA, University of Massachusetts, Amherst, 1997.
- HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. Formal versus Encyclopedic Properties of Vocabulary: Evidence from Nominalisations. In: PEETERS, Bert (org.). **The Lexicon-Encyclopedia Interface**, Amsterdam: Elsevier, p. 349-374, 2000.
- HARLEY, Heidi. The morphology of nominalizations and the syntax of vP. In: GIANNAKIDOU, A.; RATHERT, M. (eds). **Quantification, Definiteness, and Nominalization**. Oxford: Oxford University Press, p. 321-343, 2009.
- HARLEY, Heidi. Semantics in Distributed Morphology. In: MAIENBORN, C.; VON HEUSINGER, K.; PORTNER, P. (orgs.). **An International Handbook of Natural Language Meaning. Vol. 3**. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 2151-2171, 2012.
- HARLEY, Harley. External arguments and the Mirror Principle: On the independence of Voice and v. **Lingua**, v. 125, p. 34-57, 2013.
- HARLEY, Heidi. On the identity of roots. In: **Theoretical Linguistics**, vol. 40, De Gruyter Mouton, p. 225-276, 2014.
- HASPELMATH, Martin. **Indefinite pronouns**: Oxford: OUP Oxford, 1997.
- HEIM, Irene. **The Semantics of Definit and Indefinit Noun Phrases**. Ph. D. thesis, University of Massachusetts, 1982.
- HEIM, Irene. Artikel und Definitheit/Articles and Definiteness. In: von STECHOW, Armin; WUNDERLICH, Dieter. **Semantik/Semantics: Ein internationales Handbuch zeitgenössischer Forschung/An International Handbook of Contemporary Research**, p. 487-535, 2011.
- KABATEK, Johannes. Existe um ciclo de gramaticalização do artigo na românia?. In: Jânia Ramos; Mônica Alkmim. (Org.). **Para a história do português brasileiro: estudos sobre mudança lingüística e história social**. 1 ed. Belo Horizonte: Editora FALÉ/UFMG, p. 13-51, 2007.
- KARIMI-DOOSTAN, Gholamhossein. Light verbs and structural case. **Lingua**, v.1112, p.1-20, 2004.
- KEARNS, Kate. **Light verbs in English**. Manuscrito, Cambridge, MA: MIT, 2002.

- KRATZER, Angelika. Severing the External Argument from its Verb. In J. Rooryck and L. Zaring eds., **Phrase Structure and the Lexicon**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, p. 109-137, 1996.
- LACA, Brenda. Presencia y ausencia de determinante. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (orgs.). **Gramática descriptiva de la lengua española**, v. 1, Sintaxis básica de las clases de palabras. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 1999.
- LAGE, Aleria Cavalcante et al. Diferenças eletrocorticais na computação de verbos leves e pesados. **Linguística**, v. 3, n. 2, p. 279-294, 2007.
- LE BRUYN, Bert simonne walter. **Indefinite articles and beyond**. Tese de Doutorado, Utrecht: Universiteit Utrecht, 2010.
- LEGROSKI, Marina Chiara. **Todo, qualquer, cada**: uma proposta de análise semântica. Tese de doutorado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2015.
- LEISS, Elisabeth. Covert patterns of definiteness/indefiniteness and aspectuality in Old Icelandic, Gothic, and Old High German. In: STARK, Elisabeth; LEISS, Elisabeth; ABRAHAM, Werner. **Nominal Determination**: typology, context constraints, and historical emergence. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, v. 89, p. 73-102, 2007.
- LEISS, Elisabeth. **Artigo e Aspecto**: Moldes gramaticais de definitude. Tradução de Ina Emmel. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.
- LEONETTI, Manuel. El artículo. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**: Sintaxis básica de las clases de palabras. V. 1, p. 787-890, 1999.
- LEONETTI, Manuel. Determinantes y artículos. In: GUTIÉRREZ-REXACH, Javier. **Enciclopedia Lingüística Hispánica**, vol. I, Routledge, p.532-543, 2016.
- LIN, Jimmy. Are Degree Achievements Really Achievements? **Proceedings of the 9th International Symposium on Chinese Languages and Linguistics (IsCLL-9)**, 2004. Disponível em: <https://cs.uwaterloo.ca/~jimmylin/.../Lin_IsCLL9.pdf>. Acesso em: 16/03/2015.
- LISBOA DE LIZ, Lucilene. **Dar uma x-(a)da**: um trabalho de interfaces. Dissertação de Mestrado, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.
- LONGOBARDI, Giuseppe. Reference and Proper Names: A Theory of N-Movement in Syntax and Logical Form, **Linguistic Inquiry** 25, p. 609–665, 1994.
- LOPES, Ruth E. Vasconcellos. Nem só crioulo, nem só português brasileiro, mas também. **Revista Letras**, nº 84, p. 197-212, 2011.
- LUNGUINHO, Marcos Vinicius da Silva. **Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não-finitos**. Tese de doutorado, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.
- LYONS, John. **Semântica**. Trad. Wanda Ramos. Lisboa: Martins Fontes, 1977.
- LYONS, Christopher. **Definiteness**. Cambridge: University Press, 1999.
- MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. A polifuncionalidade do verbo *fazer*. **Anais do 5º Encontro do Celsul**, Curitiba-PR, p. 895-904, 2003.
- MARANTZ, Alec. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. **Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium**, v. 4.2, p. 201-225, 1997.

- MARANTZ, Alec. Locality domains for contextual allomorphy across the interfaces. In: MATUSHANSKY, Ora; MARANTZ, Alec (eds.) **Distributed Morphology Today**. Cambridge, MA: MIT Press, p. 95-115, 2013.
- MARIANO, Victor Cavalcante. **DPs nus na posição de sujeito no português afro-brasileiro**. Dissertação de Mestrado, Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2018.
- MARTINS, Nize da Rocha Santos Paraguassu; BORGES, Rivanildo da Silva. A semântica dos nomes nus no português brasileiro falado em Teresina-PI. **Letrônica**, v. 8, n. 2, p. 454-466, 2015.
- MEDEIROS, Alessandro Boechat de. Aspecto e estrutura de evento nas nominalizações do Português do Brasil: revendo o caso das nominalizações em –ada. **Revista Letras**, n. 81, p. 99-122, 2010.
- MEIRA, Vivian. A obviação em complementação sentencial no português brasileiro e sua relação com predicados não epistêmicos. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 2, p. 843-877, 2018.
- MINUSSI, Rafael Dias; BASSANI, Indaiá de Santana. Em favor do conteúdo semântico das raízes. **Letras**, n. 96, p. 152-173, 2017.
- MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO-SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. **Novo manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular 3ª ed., 2007.
- MITHUN, Marianne. The evolution of noun incorporation. **Language**, v. 60, nº. 4, p. 847-894, 1984.
- MITHUN, Marianne. On the nature of noun incorporation. **Language**, v. 62, nº 1, p. 32-37, 1986.
- MORETTI, Fabiana Cristina Baldim Lopes. Os verbos bitransitivos do Português brasileiro e a assimetria sintático-semântica entre o objeto direto e o objeto indireto. **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**, 39 (1), p. 370-380, 2010.
- MOORE NEVES, Paloma. **Os sintagmas determinantes nus objetos [+específicos] [+definidos] no português afro-brasileiro de Helvécia**. Tese de doutorado, Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2019.
- MOURA NEVES, Maria Helena de. Palavras fóricas: alguns pronomes e os artigos definidos. **Alfa**, São Paulo, 34, p. 85-100, 1990.
- MOURA NEVES, Maria Helena de. Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: KOCH, Ingedore Villaça (Org.). **Gramática do português falado**. Vol VI: desenvolvimentos. Campinas: Unicamp, 1996.
- MOURA NEVES, Maria Helena de. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.
- MULLER, Ana. Sentenças genericamente quantificadas e expressões de referencia a espécies no português do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 39, p. 141-158, 2000.
- MULLER, Ana. The semantics of generic quantification in Brazilian Portuguese. **Probus** 14, p. 279-298, 2002a.
- MULLER, Ana. Nomes Nus e o Parâmetro Nominal no Português Brasileiro. **Revista Letras**, v. 58, p. 331-344, 2002b.
- MULLER, Ana. Tópico, Foco e nominais nus no Português brasileiro. In: **Sentido e Significação**, São Paulo: Contexto, 2004.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. **O português brasileiro: uma língua voltada para o discurso.** Tese de Livre Docência, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

NUNES, Jairo. Entonação silabada e Spell-Out múltiplo. **Manuscrito de palestra apresentada em Seminários em Teoria Gramatical**, na USP, 2001.

NUNES, Jairo. “Topic-subject” constructions in Brazilian Portuguese and minimality within the Agree model. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 72, p. 299-324, 2021.

OLIVEIRA, Déborah Christina de Mendonça. **Nominalizações no português brasileiro: estrutura argumental, formação e morfossintaxe.** Tese de doutorado, Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

OYHARÇABAL, Bernard. Basque light verb constructions. **ASJU**, XL, p. 787-806, 2006.

PANTE, Maria Regina. O verbo tomar como verbo-suporte no português arcaico. **Línguas e Letras**, v. 13, p. 161-175, 2012.

PARTEE, Barbara Hall. Opacity, coreference, and pronouns. **Synthese**, v. 21, n. 3-4, p. 359-385, 1970.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. **Semântica Formal: uma breve introdução.** Campinas: Mercado das Letras, 2001.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; SILVA, Josa Coelho da; BRESSANE, Mariana Rublescki Silveira. O singular nu denota espécie: uma investigação empírica. **DELTA**, v. 26, p. 115-140, 2010.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; ROTHSTEIN, Susan. Bare Singular noun phrases are mass in Brazilian Portuguese, **Lingua**, nº 121, p. 2153-2175, 2011.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; MEZARI, Meiry Peruchi. Os vários modos de ser nu: uma introdução. In: **Nomes nus: um olhar através das línguas.** PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; MEZARI, Meiry Peruchi (Org.), Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 7-26, 2012.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Apresentação à edição brasileira de Artigo e Aspecto: moldes gramaticais de definitude de Elisabeth Leiss. Definitude, artigo e aspecto: uma hipótese universal para a história do Alemão. In: LEISS, Elisabeth. **Artigo e Aspecto: Moldes gramaticais de definitude.** Tradução de Ina Emmel. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, p. 1-15, 2016.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Variação semântica: o português brasileiro e o inglês. **CUADERNOS DE LA ALFAL**, nº 12 (2), p. 612-631, 2020.

POSSENTI, Sírio. Anáfora e metáfora: entre memória e cognição. **Apresentação oral no 62º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL)**, Campinas, SP, Brasil, na Mesa-redonda: Palavras e coisas: efeitos de referência, designação, referenciação, 2014.

PRIM, Cristina de Souza. **A sintaxe dos adjetivos em português brasileiro.** Tese de Doutorado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2015.

PYLKKÄNEN, Liina. **Introducing Arguments.** Tese de doutorado, MIT, 2002.

QUADROS GOMES, Ana Paula. “**Todo**”, “**cada**” e “**qualquer**”: exigências sobre a denotação nominal e a verbal. Dissertação de Mestrado, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

QUADROS GOMES, Ana Paula; SUDRÉ, Tatiane Gonçalves. Entre a modificação e a quantificação: adjetivos como determinantes plurais em português brasileiro (PB). **Domínios de Lingu@gem**, vol. 15, n. 1, 2021.

RADFORD, Andrew. **Syntax: a minimalist introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva et al. **Gramática do Português**. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

REIS, Raisa. **Os traços de aspecto lexical e as nominalizações em –ção e –mento**. Dissertação de Mestrado, Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016.

REIS, Raisa; FIGUEIREDO, Cristina. Os traços de aspecto lexical e as nominalizações em –ção no português brasileiro. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 45, p. 13-23, 2018.

RESENDE, Maurício. **Derivação regressiva e construções com verbos leves: um estudo sobre aspecto lexical**. Dissertação de Mestrado, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2016.

RIBEIRO, Ilza; CYRINO, Sonia. A estrutura do DP no crioulo de Cabo Verde e no PB de afro-descendentes. **Revista Letras**, nº. 84, p. 169-195, 2011.

ROCHA, Luiz Carlos. As nominalizações no português do Brasil. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 8, n. 1, p. 5-51, 1999.

RODRIGUES, Alexandra Soares. Semantic affix rivalry: the case of Portuguese nominalisers. **Biblioteca Digital do Instituto Politécnico de Bragança**, Bragança, 2013.

ROMERO-MÉNDEZ, Rodrigo. **Spanish Light Verb Constructions: co-predication with syntactically formed complex predicates**. 2005. Disponível em: <<http://linguistics.bufflo.edu/people/faculty/vanvalin/rrg/Romero-%20Light%20Verbs.pdf>>. Acesso em: 15/09/2015.

RUSSELL, Bertrand. On denoting. **Mind**, v. 14, n. 56, p. 479-493, 1905.

SAMEK-LODOVICI, Vieri. The internal structure of arguments and its role in complex predicate formation. **Natural Language and Linguistic Theory**, p.835-881, 2003.

SÁNCHEZ LÓPEZ, Cristina. Los cuantificadores: clases de cuantificadores y estructuras cuantificativas. In: In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. **Gramática Descriptiva de la Lengua Española: Sintaxis básica de las clases de palabras**. p. 1025-1127, 1999.

SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca. O objeto incorporado em português. **Cadernos de Pesquisa**, V. 2, 1992.

SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca. **O SN Nu objeto em português: um caso de incorporação semântica e sintática**. Tese de doutorado, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.

SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca. **Buscar menino no colégio**. Campinas, SP: Pontes, 1997.

SCHER, Ana Paula. **As construções com o verbo leve “dar” e as nominalizações em -ada no português do Brasil**. Tese de doutorado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.

SCHER, Ana Paula. Nominalizações em –ada em construções com o verbo leve dar em português brasileiro. **Revista Letras de Hoje**, v. 41, n. 1, 2006.

- SCHMITT, Cristina; MUNN, Alan. Against the Nominal Mapping Parameter: Bare nouns in Brazilian Portuguese. **Proceedings of NELS 29**, p. 339-353, 1999.
- SERDOBOLSKAYA, Natalia. Pseudoincorporation Analysis of Unmarked Direct Objects in Mari. In: BORIK, Olga; GEHRKE, Berit (Editores). **The syntax and semantics of pseudo-incorporation**, p. 296-328, 2015.
- SMITH, Carlota. **The Parameter of Aspect**. 2. ed. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997.
- SIDDIQI, Daniel. **Syntax within the Word: economy, allomorphy, and the argument selection in Distributed Morphology**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.
- SOARES, Eduardo; MENUZZI, Sergio. Restrições semânticas da dativização em português e em inglês. **Manuscrito apresentado no Encontro do GT de Teoria da Gramática da ANPOLL**, na UnB, Brasília, 2009.
- STRAWSON, Peter F. On referring. **Mind**, v. 59, n. 235, p. 320-344, 1950.
- STVAN, Laurel Smith. Semantic incorporation as an account for some bare singular count noun uses in English. **Lingua**. 2007.
- TAVEIRA DA CRUZ, Ronald. **O singular nu e a (pseudo) incorporação no PB**. Tese de doutorado, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- TEIXEIRA DE SOUSA, Lílian. Sujeito, tópico e concordância no português brasileiro. In: MARÇALO, M^a João et al (Eds.). **Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**, p. 53-73, 2010.
- VENDLER, Zeno. **Linguistics and Philosophy**. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1967.
- VIOTTI, Evani. Uma história sobre “ter” e “haver”. **Caderno de Estudos Linguísticos**, n. 34, p. 41-50, 1998.
- VON HEUSINGER, Klaus. Definiteness. **Oxford Bibliographies**, p. 1-21, 2014.
- WALL, Albert. The distribution of specific and definite bare nominals in Brazilian Portuguese. In: Kabatek, Johannes; Wall, Albert (orgs.). **Bare Noun Phrases in Romance: theory and (empirical) data**. Amsterdam: John Benjamins, 2013.
- YEGHIAZARYAN, Lusine. 2010. **Caso, definitude e os sintagmas nominais em armênio**. Tese de Doutorado, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

ANEXO

CORPUS DA TESE – Construções com os verbos *dar* e *fazer* coletadas em sítios digitais do português brasileiro, com seus respectivos endereços eletrônicos.

CONSTRUÇÕES COM *DAR*Artigo indefinido**-ada**

1. Pô, o cara tem que trabalhar. Que é que tem tomar um remedinho para aguentar mais tempo acordado? É verdade que às vezes um caminhoneiro **dá uma desmaiada** no volante e mata um monte de gente. Mas é a vida... (Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/2019/06/e-muito-mimimi-diario-quem-e-que-nao-atropela-alguem-quando-ta-atrasado/>>. Acesso em: 08/08/2019)
2. Isis Valverde **deu uma emagrecida** e a silhueta mudou. A atriz afirmou que perdeu 6kg. (Disponível em <https://www.purepeople.com.br/noticia/retrospectiva-2013-confira-a-mudanca-na-silhueta-dos-famosos-neste-ano_a13975/1>. Acesso em: 16/06/2020)
3. Hoje **dei uma caminhada** ao redor da minha casa/loja e pude entrar na nossa linda Catedral Basílica Menor de Curitiba. (Disponível em: <<https://www.facebook.com/wawamoveisretro/videos/404822530474614/>>. Acesso em: 20/10/2020)
4. Logo na tela de entrada do Windows (onde põe senha), a tela já **deu uma piscada**. (Disponível em: <<https://forum.adrenaline.com.br/threads/rx570-4gb-dando-tela-verde-e-led-piscando.649791/>>. Acesso em: 20/06/2020)
5. Erick fala sobre trabalho de Carpegiani no Vitória: “**Deu uma arrumada** na nossa casa”. (Disponível em: <<https://www.vavel.com/br/futebol/2018/09/12/vitoria/942648-erick-fala-sobre-trabalho-de-carpegiani-no-vitoria-deu-uma-arrumada-na-nossa-casa.html>>. Acesso em: 02/02/2020)
6. Ontem eu **dei uma polida** na lente que eu vejo minha vida e percebi que estou exaurido... (Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CByDCib10I/>>. Acesso em: 02/10/2020)
7. Mas o Liam Hemsworth também **dá umas olhadas** apaixonadas para a Miley Cyrus (Disponível em: <<https://www.purebreak.com.br/midia/mas-o-liam-hemsworth-tambem-da-umas-olha-321625.html>>. Acesso em: 20/10/2019)
8. Caraiiiiio fi, vizinha **deu uns gemidos** que deu pra ouvir daqui de boa. (Disponível em: <<https://twitter.com/caracolraivoso/status/725906212370309120>>. Acesso em: 02/02/2020)
9. Quando a porta da sala se fecha, Cinthia vira a câmera para si, e **dá uma risada** de comemoração. (Disponível em <<http://atarde.uol.com.br/noticias/imprimir/1603961>>. Acesso em: 12/03/2015)
10. [...] Foi perguntado se o depoente desconfiou de alguma coisa quando negou de fazer a corrida, ele referiu que não, mas que Gilmar **deu duas olhadas** sérias para o depoente e para o Rodrigo [...]. (Disponível em: <

- rs.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/644845470/apelacao-civel-ac-70078737566-rs/inteiro-teor-644845507>. Acesso em: 16/11/2021)
11. Ainda não me convenci totalmente da ausência de um plástico de acabamento nisso; mexi hoje e **deu uma melhorada**. (Disponível em: <<https://www.nissanclub.net.br/t697-acabamento-plastico-do-banco>>. Acesso em: 17/03/2021)
 12. **Dei uma cochilada** aqui e sonhei que o Marinho tinha levado o anel da @Bridgestonebr. Até nos sonhos o @legadaodamassa tá errado. (Disponível em: <<https://twitter.com/Oledobrasil/status/1355591667731095555>>. Acesso em: 20/11/2021)
 13. Eu **dei uma aumentada** no clock da GPU do meu notebook. (Disponível em <<http://www.hardware.com.br/>>. Acesso em: 08/06/2015)
 14. **Dei uma mordida** em uma barra de cereal e esqueci que precisava ficar 12 horas de jejum. (Disponível em <https://twitter.com/isaa_01/status/600138152733454336>. Acesso em: 16/06/2015)
 15. A agnes **deu uma risada** de bruxa. ela já entregou que ela tá por trás de tudo. (Disponível em: <<https://twitter.com/softspugh/status/1360391920812490754>>. Acesso em: 15/06/2021)
 16. Alex observou Hope, que **deu um gemido** quando levantou a cabeça. (Disponível em <<https://books.google.com.br/books?id=cq>>. Acesso em: 18/07/2015)
 17. Bora **dar uma regulada** nesse ar condicionado? Toda vez que vou nesse shopping passo friu. (Disponível em <<https://www.facebook.com/gabrielli.guenka/activity/753879471296574>>. Acesso em: 15/03/2015)
 18. Mi, corri na sua frente e fui **dar uma consultada** no site da Colorama. (Disponível em <<http://www.blogdami.com.br/>>. Acesso em: 13/06/2015)
 19. Roberta Miranda segurava o bichinho no colo até que, sem resistir ao seu charme, o animal **deu uma lambida** na cantora. (Disponível em <<http://ego.globo.com/famosos/noticia>>. Acesso em: 16/06/2015)
 20. Dei uma ajustada na minha moto essa semana seguindo essa dica. (Disponível em <<https://www.facebook.com/AliceSalazarOficial/posts/460394494023985>>. Acesso em: 08/08/2015)
 21. Para a novela - Dez mandamentos, a atriz **deu uma raspada** também no cabelo! (Disponível em <http://www.purepeople.com.br/noticia/vera-zimmermann-fica-careca-para-os-dez-mandamentos-confira-fotos_a46387/1>. Acesso em: 16/05/2015.)
 22. O zagueiro **deu uma escorregada**, e o atacante fez o gol. (Disponível em: <<https://daniellixavierfreitas.jusbrasil.com.br/noticias/225623298/dar-uma-fugida-e-correto>>. Acesso em: 20/11/2021)
 23. Alô Alô Bahia **deu uma escapada** de Salvador neste fim de semana por um bom motivo: prestigiar o aniversário de dois anos de Xandinho. (Disponível em: <<https://aloalobahia.com/notas/alo-alo-bahia-deu-uma-escapada-de-salvador-e-circulou-por-petrolina>>. Acesso em: 22/08/2019)
 24. Não belisca mais! Embora ninguém confesse abertamente, que atire a primeira pedra quem nunca **deu uma beliscada**. (Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/quem-beliscou-beliscou-quem-nao-beliscou-672652.html>>. Acesso em: 11/08/2019)
 25. **Deu uma refrescada?**”, pergunta Marcos no vídeo, acrescentando em seguida: “Então hoje dá para puxar um lençol para dormir”. (Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2020/08/video-de-gaucha-de>>

- bermuda-regata-e-chinelos-na-rua-enquanto-neva-em-gramado-viraliza-nas-redes-sociais-cke4ohkpw00300147b58yen4x.html>. Acesso em: 20/11/2020)
26. Oi bom dia, depois que tive bebê a pele **deu um escurecida**, começou a aparece melasma.,vi alguns relato que o ácido tranesamico seria bom para clarear o melasma,e verdade que clareia a pele? (Disponível em: <<https://www.doctoralia.com.br/perguntas-respostas/oi-bom-dia-depois-que-tive-bebe-a-pele-deu-um-escurecida-comecou-a-aparece-melasma-vi-alguns-relat>>. Acesso em: 22/11/2020)
27. Passou confiança, **deu uma tranquilizada** na gente, e isso é ótimo: passar confiança num momento desse em que estamos nervosos”. (Disponível em: <<https://portal.ifro.edu.br/jaru/noticias/3965-ministrado-aulao-para-alunos-da-escola-estadual-raimundo-cantanhede-de-jaru>>. Acesso em: 10/08/2019)
28. A relação com o DEM **deu uma estremeçada** depois da última entrevista do presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ). (Disponível em:<<https://blogs.correiobraziliense.com.br/denise/haja-remedio-para-dormir/>>. Acesso em: 20/11/2020)
29. Aí de repente ele me **deu uma olhada** de cima a baixo, que, por algum motivo, me fez tremer. (Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ayqsDwAAQBAJ&pg=PT146&lpg=PT146&dq=ele+me+deu+uma+olhada+de+cima+a+baixo,+que,+por+algum+motivo,+me+fez+tremer&source=bl&ots=VV_ju6n1JS&sig=ACfU3U19PG119pQS88Vwo-hMVtbnxznVCg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiuzdva8rnvAhWjHrkGHUcHCIUQ6AEwAXoECAYQAw#v=onepage&q=ele%20me%20deu%20uma%20olhada%20de%20cima%20a%20baixo%2C%20que%2C%20por%20algum%20motivo%2C%20me%20fez%20tremer&f=false>. Acesso em: 17/03/2021)
30. Gustavo Silva (3ºe) é tão lindo, **dei umas encaradas** hoje rs 22 horas atrás. (Disponível em: <https://www.facebook.com/permalink.php?id=252697892219417&story_fbid=309698753185997>. Acesso em: 20/10/2019)

-ção

31. Meu ateliê de laços, **dei uma arrumação** pra entrar um biombo só pra por arcos. Meu espaço é pequeno mas deu pra dar um jeitinho (Disponível em <https://www.facebook.com/mocabulitakids/posts/2315765492022913?comment_id=2315769478689181&comment_tracking=%7B%22tn%22%3A%22R%22%7D>. Acesso em: 20/07/2020)
32. Recentemente, **deu-se uma demonstração** inequívoca dessa preocupação em realizar o melhor trabalho possível em defesa dos interesses dos cidadãos (Disponível em <<https://politicalivre.com.br/2022/08/tce-ba-completa-107-anos-de-fundacao-no-proximo-domingo/#gsc.tab=0>>. Acesso em: 20/08/2022)
33. Depois do encontro, Levy confirmou que o governo estuda a proposta do Congresso de **dar uma correção** na tabela para as faixas menores de renda. (Disponível em <<http://oglobo.globo.com/brasil/>>. Acesso em: 21/05/2015)
34. Quando o tempo está bem frio e, principalmente, quando abastecido com etanol é normal **dar uma oscilação** da marcha lenta até o carro esquentar. O meu já até "morreu" em certos casos, na subida da garagem. O que se pode fazer para melhor um pouco, caso aconteça em situações normais de clima é fazer uma limpeza do corpo de

borboleta. (Disponível em: < <https://www.nissanclub.net.br/t1153-oscilacao-da-marcha-lenta-ao-ligar-o-carro-pela-manha-motor-frio>>. Acesso em: 06/12/2021)

35. Direção do Grêmio **deu uma explicação** sobre a ausência da entrada de instrumentos no jogo desta noite, algo criticado pela Geral. (Disponível em: <<https://www.torcedores.com/noticias/2021/12/esperanca-renovada-gavioes-da-fiel-nao-joga-e-mais-veja-as-noticias-do-gremio-de-hoje-2>>. Acesso em: 06/12/2021)

-mento

36. O puxador comprido na cor preta **deu um acabamento** elegante aos móveis da cozinha (Disponível em <<https://www.decorfacil.com/cozinha-cinza/>>. Acesso em: 28/04/2021)
37. Empresa concessionária que efetuou a substituição do capô, **deu um polimento** especializado no teto. (Disponível em <<http://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/busca?q=Polimento+de+pe%C3%A7as>>. Acesso em: 12/07/2015)
38. Argila marrom: Se você quer **dar um rejuvenescimento** na sua pele, essa é a ideal, pois possui um poder anti-inflamatório potente, além de tonificar e ativar a circulação do sangue, o que vai deixar seu rosto com uma pele firme. (Disponível em: <<https://tecnonoticias.com.br/truques-caseiros/minhapele/sabonete-de-argila-saiba-como-fazer-o-seu-e-quais-os-beneficios-para-a-pele/2365/>>. Acesso em: 08/12/2021)
39. Na opinião de Rayssa Arruda, a entrada dos Correios vai **dar um revigoreamento** à campanha e, certamente, vai estimular muitas doações. (Disponível em: <<https://agorarn.com.br/geral/parceria-entre-sesap-e-correios-arrecada-frascos-para-armazenar-leite-materno/>>. Acesso em: 10/09/2015)
40. A Deso tem obrigação de **dar um abatimento** nas contas das pessoas. (Disponível em <<http://clicksergipe.com.br/politica/4/3477/>>. Acesso em: 20/11/2015)

Artigo definido

-ada

41. Um bebê com seis meses de vida foi mordido mais de dez vezes seguidas por um coleguinha da creche onde estuda. [...] Segundo a direção da creche onde estudam as crianças, o bebê estava dormindo na hora em que o colega **deu as mordidas**. (Disponível em: <<https://www.1news.com.br/noticia/545384/noticias/bebe-de-seis-meses-leva-varias-mordidas-em-creche-e-caso-vai-parar-na-policia-22032019>>. Acesso em: 03/06/2020)
42. Participante deixa cicatriz de mordida em marido e Christina não se aguenta: “tatuagem”? Tatiane afirma que **deu a mordida** para se defender do marido. (Disponível em: <<https://www.sbt.com.br/auditorio/casos-de-familia/fiquepordentro/135612-participante-deixa-cicatriz-de-mordida-em-marido-e-christina-nao-se-aguenta-tatuagem>>. Acesso em: 02/02/2020)
43. E quando Jimin **deu a encarada** dele que deixou a câmera nervosa ... poxa Jimin, colabora! (Disponível em: <<https://www.facebook.com/AscensaoBTS/videos/2673677565984421/>>. Acesso em: 20/02/2020)
44. Eu não quis beijar ninguém, ele deu uma encarada, eu **dei a encarada**, e aí encostou. Acabou rolando. (Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/boxe/ultimas-noticias/2013/07/13/lutadora-repete-anderson-silva-e-perde-cinturao-apos-beijo-em-rival-na-pesagem.htm>>. Acesso em: 10/05/2020)

-ção

45. A atividade garimpeira não deixa ninguém para trás, ela busca até morto. Não é [o translado] coisa ruim o que eles fizeram, Pelo contrário, **deram a demonstração** que sempre existiu na classe garimpeira: os companheiros a gente busca, os bandidos e ladrões é que não conseguem sobreviver. (Disponível em: <<https://amazoniareal.com.br/corpos-de-mortos-na-venezuela-sao-resgatados-por-garimpeiros/>>. Acesso em: 19/08/2022)
46. Essa vitória nos **deu a empolgação** que a gente precisava. (Disponível em: <<https://www.fluminense.com.br/noticia/ame-o-rio-25-anos-de-iconica-marca-na-camisa-tricolor>>. Acesso em: 03/06/2020)
47. Para isso, emprega os mais diversos elementos visuais e técnicas particulares para **dar a movimentação** desejada às peças. (Disponível em: <<https://brainly.com.br/tarefa/35907264> >. Acesso em: 19/08/2022)

-mento

48. A crise chegou para todo mundo. A primeira orientação é buscar um desconto, dentro dos limites possíveis. Escolas em regime integral, por exemplo, devem **dar o abatimento** da alimentação, uma vez que ela não será oferecida. O Procon concentra os pedidos neste momento para uma conciliação. (Disponível em: <<https://www.metro1.com.br/noticias/bahia/90707,coronavirus-procon-ba-orienta-que-escolas-realizem-abatimento-em-mensalidades>>. Acesso em: 03/06/2020)
49. Na Presidência do Conselho, iremos certamente **dar o encaminhamento** necessário aos desejos manifestados pelos Estados-Membros, aludindo a tudo, incluindo a declaração mencionada já diversas vezes aqui. (Disponível em: <<https://www.linguee.com.br/portugues-ingles/traducao/dar+o+encaminhamento.html> >. Acesso em: 06/08/2021).
50. A cristaleira **deu o acabamento** desejado à cozinha. (Disponível em: <<https://www.facebook.com/pelissonlatorracaarquitectura/posts/2426066814132379/>>. Acesso em: 06/10/2020)

Pronome demonstrativo**-ada**

51. Sim, a pessoa que me **deu essa mordida**. Diz o destruidor mostrando a mordida abaixando a gola alta da blusa. (Disponível em: <<https://fanfics.com.br/capitulo-fanfic/15579/6/night-loved-onde-tudo-realmente-comeca>>. Acesso em: 20/10/2019)
52. Marque seu amigo que já **deu essas SUSPIRADA** no final. (Disponível em: <<https://www.facebook.com/d2mcanal/posts/2216506231740390/>>. Acesso em: 16/03/2021)
53. Como era muito brincalhona, ela **deu essa risada** forte e se escondeu”. (Disponível em: <<https://leiamaisba.com.br/2021/01/24/as-3-risadas-muito-escandalosas-de-agostinha-o-que-aconteceu-ela>>. Acesso em: 30/03/2021)
54. Vocês estão ouvindo isso? Eles estão sofrendo também. E isso é por causa do que EU estou fazendo com ELES - e aí a mamãe **deu aquela risada** de bruxa de novo, e a voz dela também não parecia a mesma. (Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=TKeWDwAAQBAJ&pg=>>. Acesso em: 02/02/2020)

55. “Sextou bbs, dia de **dá aquela melhorada** no visual e ficar mais gatinha ainda . . . ” (Disponível em: <https://z-p42.www.instagram.com/p/CC_05_iFvg7/c/17873967103790352/?hl=el>. Acesso em: 17/03/2021)
56. Make natural mas que **deu aquela realçada** na beleza da @carlamartinsbeauty adorei! (Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CGPpnLvAmAt/>>. Acesso em: 06/01/2021)
57. É uma tiara de laço devorê, que **deu aquela complementada** no look e a modelo ficou mais linda é claro. (Disponível em <https://issuu.com/tudoup/docs/up_magazine_noivas_16>. Acesso em: 20/07/2015)
58. O colete de franjas **dá aquela complementada** no look e fica lindo para curtir as noites de inverno! (Disponível em: <https://www.facebook.com/shoppingvautier/photos/a.228893523867288/1276129952476968/?type=3&comment_tracking=%7B%22tn%22%3A%22O%22%7D>. Acesso em: 02/02/2020)
59. Sabe como **dar aquela valorizada** nos pontos fortes da decor e ainda criar um clima especial no cafofo? (Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/391320655107204693/?autologin=true>>. Acesso em: 02/02/2020)
60. A cantora usou o Instagram para divulgar uma foto dos bastidores de Alto Astral e **deu aquela escorregada** na língua portuguesa. (Disponível em: <<http://www.coisademulher.info/2015/04/ludmilla-escorrega-na-lingua-portuguesa-e-e-corrigida-por-fas/>>. Acesso em: 02/02/2020)
61. Em sua conta, o gêmeo Sprouse também **deu aquela zoada**. “SEM PRECEDENTES”: Cole Sprouse e Lili Reinhart consomem a carne de “fontes confiáveis” para abastecer seu culto sexual bacanal”, brincou. (Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CKJ3XetMZv_/?utm_source=ig_embed&utm_campaign=loading](https://hugogloss.uol.com.br/famosos/cole-sprouse-fala-pela-primeira-vez-sobre-os-rumores-de-termino-com-lili-reinhart-e-brinca-incrivelmente-irritado/#:~:text=Em%20sua%20conta%2C%20o%20g%C3%A4meo,culto%20sexual%20bacanal%E2%80%9D%2C%20brincou.&text=Cole%20comemorou%20seu%20anivers%C3%A1rio%20de,parab%C3%A9ns%20todo%20fofo%20da%20namorada.>. Acesso em: 03/10/2020)</p>
<p>62. Ver meu irmão @leo_vinicius_casar com @biancat2301, celebrando o amor, deu aquela renovada na esperança de dias melhores. (Disponível em: <. Acesso em: 19/01/2021)
63. Fui dar um carinho e ela me **deu aquela olhada**, diz torcedor que “levou fora” em jogo. (Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/noticia/2016/04/fui-dar-um-carinho-e-ela-me-deu-aquela-olhada-diz-torcedor-que-levou-fora-em-jogo-cj5wacz0x1ih5xbj08jwdq8ln.html>>. Acesso em: 02/02/2020)

-ção

64. Eu acho que ele **deu essa descrição** para nos despistar. (Disponível em: <[https://www.facebook.com/watch/?v=730591797322266](https://books.google.com.br/books?id=t_P9DAAAQBAJ&pg=>. Acesso em: 02/06/2020)</p>
<p>65. Exemplo de desprendimento, essa menininha é irmã de um aluno de nossa Escola e ao saber da campanha deu essa demonstração de Solidariedade. (Disponível em: <. Acesso em: 02/06/2020)

66. **Deu aquela correção** na pintura do seu carro ou acabou de tirar da concessionária?. (Disponível em: <<https://www.instagram.com/tradicaotintas/>>. Acesso em: 20/10/2020)
67. O desfile da grife Filhas de Gaia me **deu aquela empolgação** (porque ontem estava bem fraquinho). (Disponível em: <<https://www.wefashiontrends.com/moda/desfiles-de-moda/page/4/>>. Acesso em: 23/05/2020)

-mento

68. hoje nós da Gráfica Seixas resolvemos listar os recursos mais utilizados para **dar esse enobrecimento** aos nossos materiais impressos e ajudar clientes a entenderem um pouco mais desse universo de papelaria. (Disponível em: <<https://www.graficaseixasrp.com.br/blog/2017/03/29/acabamentos-graficos-impresao/>>. Acesso em: 21/06/2019)
69. Foi, mas **deu aquele arrependimento** instantâneo. (Disponível em: <https://twitter.com/_netoow_/status/1462583502399021061>. Acesso em: 18/06/2020)
70. A única coisa que lembro do Programa da Xuxa, foi quando a NAVE em que ela descia pegou fogo e **deu aquele apavoramento** em todo mundo. (Disponível em: <<http://loucasaventurasdevinivargas.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 21/06/2015)
71. Você pode aplicar o produto com as próprias mãos!! Maaaas, para **dar AQUELE acabamento** vai ser super importante você ter uma esponjinha de maquiagem para te ajudar a “assentar” o produto e garantir que a pele não fique marcada! (Disponível em: <<https://www.bnyou.art/blog/8-pinceis-coringa-para-sua-automake/>>. Acesso em: 17/03/2021)
72. Alguns gráfico para **dar aquele acabamento** especial nos seus trabalhos. (Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/17732992265997913/>>. Acesso em: 06/10/2020)
73. [...] Simbora aprender como **dar esse acabamento** lisinho na lateral do seu Naked de Bolo de Rolo !?!?!?. (Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CSNKNXTjOfc/>>. Acesso em: 06/01/2022)

Pronome possessivo

-ada

74. Mas antes de ser retirado do card, Jacaré pesou e **deu sua encarada** normalmente. (Disponível em: <<https://m.futebolinterior.com.br/noticias/ufc-249-jacare-testa-positivo-e-fica-fora-de-luta-na-florida>>. Acesso em: 03/10/2020)
75. O líder na pontuação Max Nagl também **deu suas entortadas**. (Disponível em: <<https://www.motox.com.br/publix/9085/especial-scrub-festival-at-talavera-especial-fotografico>>. Acesso em: 20/10/2019)
76. Apesar da certeza de que também **dei minhas risadas** nessa época. (Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=aENnDwAAQBAJ&pg=>>>. Acesso em: 02/02/2020)

-ção

77. Trump se recusou a comentar se o príncipe herdeiro Mohammed bin Salman foi cúmplice do assassinato, mas talvez **deu sua demonstração** mais explícita de apoio ao príncipe desde a morte de Khashoggi, quase dois meses atrás. (Disponível em:

- <<https://noticias.r7.com/internacional/trump-apoia-principe-herdeiro-saudita-apesar-de-apelos-do-senado-29062022>>. Acesso em: 17/03/2019)
78. Quando ele expressou seu desejo por você e me **deu sua descrição** de nossa relação anterior, eu disse algumas coisas deselegantes para desencorajá-lo de sua perseguição. (Disponível em: <<http://www.stalker-literaria.com/2018/01/serie-night-huntress-jeaniene-frost.html>>. Acesso em: 02/06/2020)
79. “O comércio já **deu sua contribuição** duas semanas fechado”. (Disponível em: <<https://grupoahora.net.br/conteudos/2021/03/12/o-comercio-ja-deu-sua-contribuicao-duas-semanas-fechado/>>. Acesso em: 17/03/2021)
80. **Dei minha demonstração** do que o amor é capaz, sendo firme e verdadeiro. (Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/cordel/4309669>>. Acesso em: 02/06/2020)

-mento

81. Em entrevista, cabo **deu seu depoimento** e contou nunca ter passado por nada parecido. (Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/pm-humilhado-em-alphaville-afirma-nao-agiria-diferente-na-periferia-02062020>>. Acesso em: 02/06/2020.)
82. E você me pergunta, curiosa, a razão pela qual não **dei meu depoimento** no maravilhoso documentário de Nara. (Disponível em: <<https://lulacerda.ig.com.br/qual-a-razao-da-ausencia-de-danuz-leao-no-documentario-sobre-sua-irma-nara-ela-responde/>>. Acesso em: 21/02/2022)

Quantificador *cada*

-ada

83. Gizelly **deu cada olhada**, mas ela sabe “disfarçar” melhor que a Rafa. (Disponível em: <<https://twitter.com/louisemoon97/status/1263211865649360903>>. Acesso em: 02/04/2020)
84. Ontem na festa não peguei ninguém, mas **dei cada olhada!** (Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/614952524105034439/>>. Acesso em: 31/05/2021)
85. P realmente **deu cada encarada** kkjkkk. (Disponível em: <<https://twitter.com/faats89/status/1148328876420096001>>. Acesso em: 10/10/2020)
86. No role de ontem nao peguei ninguem mas nois **deu cada encarada** (Disponível em: <<https://me.me/i/no-role-de-ontem-nao-peguei-ninguem-mas-nois-deu-12176692>>. Acesso em: 31/05/2021)

Numeral

-ada

87. O velho aproximou-se do tronco e **deu três pancadas**, que ressoaram como se fossem uma lâmina de bronze. (Disponível em: <http://www.academiacearensedeletras.org.br/revista/Colecao_Dolor_Barreira/Luizinha/ACL_Luizinha_08_Luizinha_part02.pdf>. Acesso em: 16/03/2021)
88. Em um vídeo difundido nos canais de notícias nota-se o esforço da rainha em cortar o bolo com a espada, apesar das advertências, e Camilla **deu duas cutucadas** discretas em Middleton, que imediatamente se afastou, também de forma discreta, para que

Bowles não continuasse cutucando-a. (Disponível em: <<https://www.ofuxico.com.br/noticias/camilla-parker-bowle>>. Acesso em: 20/06/2021)

89. – o que está acontecendo? – Camila aceitou a ajuda de Javali para levantar. **Deu duas piscadas** confusas. (Disponível em: <<https://www.wattpad.com/794229240-rise-six>>. Acesso em: 02/10/2020)

-ção

90. O Congresso **deu duas demonstrações** importantes contra o autoritarismo: na Câmara, foi rejeitada a PEC do voto impresso, retrocesso que só favorece as fraudes; no Senado, revogamos uma herança da ditadura: a Lei de Segurança Nacional. (Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/08/11/com-derrota-do-voto-impresso-congresso-volta-foco-para-problemas-reais-apontam-senadores>>. Acesso em: 11/09/2021)

-mento

91. Neste período frio um comerciante **deu dois abatimentos** sucessivos, o primeiro de 10% e, uma semana depois, outro de 15% no preço de ventiladores da sua loja. (Disponível em: <<https://brainly.com.br/tafe/30929582>>. Acesso em: 11/10/2020)

DP nu

-ada

92. [...] ela mandou que eu a chamasse de rainha, rainha Maria Padilha dos infernos pois em auto bom som mim disse: que era amante do sócio do inferno e **deu gargalhada estrondosa** (Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=uK7tDwAAQBAJ&pg=PT26&lpg=PT26&dq=deu+gargalhada+estrondosa&source=bl&ots=Kk0UtYWNkm&sig=ACfU3U0a5-5NLJzSlcxXic5pe6GW00ANQ&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjmi8TF-avyAhWar5UCHXRrCC04RhDoAXoECCQQA#v=onepage&q=deu%20gargalhada%20estrondosa&f=false>>. Acesso em: 12/08/2021)
93. Avião **deu ‘sacudida** brutal’, diz sobrevivente em Madri. (Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/europa,aviao-deu-sacudida-brutal-diz-sobrevivente-em-madri,228155>>. Acesso em: 14/08/2021)
94. Quando vou **dar mordidas** de amor e meu neném briga comigo. (Disponível em: <<https://www.facebook.com/Citacoesof/posts/2554714588192472/>>. Acesso em: 12/08/2021)
95. Bolsonaro **dá risada** ao falar sobre suposto aumento de suicídio na pandemia. (Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2021/03/bolsonaro-risada-suicidio-pandemia.html>>. Acesso em: 14/08/2021)
96. A Alegria **deu risadas** de alívio por ter se salvado rapidinho. (Disponível em: <<http://www.inf.ufsc.br/~j.barreto/Amor.htm>>. Acesso em: 30/03/2021)
97. Veja: argentino perde a linha e **dá pisada** violenta em Marinho, do Santos. (Disponível em: <<https://www.brasiliensefc.com.br/2021/01/veja-argentino-perde-a-linha-e-da-pisada-violenta-em-marinho-do-santos/>>. Acesso em: 14/08/2021)
98. Todo motorista sabe que em dias de frio é mais difícil **dar partida** no carro. (Disponível em: <<https://rmservicosautomotivos.com.br/dica/cuidados-ao-dar-a-partida-em-seu-carro-nos-dias-frios>>. Acesso em: 14/08/2021)

99. Já **dei entrada** no seguro-desemprego, quando receberei as parcelas? (Disponível em: <<https://www.justica.pr.gov.br/Pagina/Informacoes-sobre-o-Seguro-Desemprego>>. Acesso em: 27/04/2021)
100. Pato (ou marreco) **dá risada** maligna para o Halloween. (Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fgkWWIP7Obg>>. Acesso em 11/04/2021)
101. Oliver Stone não resistiu ao decote de Salma Hayek e **deu olhada** indiscreta na noite dessa quarta-feira (19). (Disponível em: <<https://gente.ig.com.br/2012-09-20/cineasta-da-olhada-indiscreta-em-decote-de-salma-hayek.html>>. Acesso em: 30/03/2021)
102. evitar dormir uma hora além do seu horário normal, não **dar cochiladas** sobretudo prolongadas, evitar tomar café ou chá à noite (Disponível em: <http://labs.icb.ufmg.br/lpf/revista/revista3/sono/cap3_2.htm>. Acesso em: 20/10/2019)
103. Os adultos também fazem isso ao **dar mordidas** carinhosas nas crianças. (Disponível em: <<https://www.colmagno.com.br/babyoz/informativo/mordida.htm>>. Acesso em: 12/08/2021)

-ção

104. Mas ter reconhecimento de uma associação internacional me **dá uma empolgação** extra. (Disponível em: <<https://context.reverso.net/traducao/ingles-portugues/gives+me>>. Acesso em: 11/04/2021)
105. A exploração do carvão **deu sustentação** econômica à localidade durante muitos anos, atraindo muitas famílias a se instalarem aí. (Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/butia/historico>>. Acesso em: 30/03/2021)
106. Com o sujeito soberano em ajuizar e produzir a arte, para a qual nenhuma instituição é capaz de **dar correção** normativa [...]. (Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=urSnCwAAQBAJ&pg=PT46&lpg=PT46&dq=dar+uma+corre%C3%A7%C3%A3o&source=bl&ots=cqIfRMsQW6&sig=ACFu3U2Vd1llGVUAIQOsGDxfKgk2UOPqVA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKewiyhp-k98_0AhXkDrkGHAT9Ais4tAEQ6AF6BAgaEAM#v=onepage&q=dar%20uma%20corre%C3%A7%C3%A3o&f=false>. Acesso em: 06/12/2021)
107. Entre os apoiadores de Lula, que já **deu indicações** favoráveis à legalização, só 23,4% acredita que a mulher deve ter direito ao procedimento em qualquer caso. (Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/politica/maioria-dos-eleitores-mineiros-defende-lei-atual-para-o-aborto-1.2708422>>. Acesso em: 12/08/2022)
108. Petista diz que **deu contribuição** para agravamento da crise política. (Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/petista-diz-que-deu-contribuicao-para-agravamento-da-crise-politica-18239504>>. Acesso em: 14/08/2021)
109. Nesta campanha, ambos **deram demonstração** inequívoca de sua grandiosidade política ao se unirem para fazer o Rio de Janeiro vitorioso. (Disponível em: <https://www.camara.leg.br/prop_mostrarintegra>. Acesso em: 12/08/2021)
110. O Presente **deu continuação** a outro filme que também se tornou uma continuação do importante trabalho social. (Disponível em: <<https://rachacuca.com.br/quiz/32072/o-presente-i/>>. Acesso em: 03/06/2020)
111. Sou doador de sangue a mais de 20 anos, nunca tive problema em alteração na sorologia, mês de junho doei sangue e depois de 10 dias me ligaram falando que **deu alteração** no sangue e foi doença de Chagas reagente, SERÁ QUE devido às 2 DOSES DA vacina ASTRAZENICA contra o covid 19 pode ter alterações no

- resultado? (Disponível em: <<https://www.hermespardini.com.br/blog/?p=435>>. Acesso em 06/12/2021)
112. Caso Joice Hasselmann: Polícia Civil busca **dar movimentação** final em inquérito. (Disponível em: <<https://www.giromarilia.com.br/noticia/giro-cidades/caso-joyce-hasselmann-policia-civil-possui-tendencia-na-definicao-do-inquerito/69213>>. Acesso em: 14/08/2021)
113. Presidente **deu declaração** ao conceder entrevista no Palácio da Alvorada. (Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/03/livros-didaticos-atuais-sao-lixo-e-governo-vai-suavizar-linguagem-a-partir-de-2021-diz-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em: 06/12/2021)

-mento

114. Anderson Germany **deu acabamento** fosco ao carro e peças em carbono. (Disponível em <<http://g1.globo.com/carros/noticia/2011/08/empresa-alema-de-tuning-apresenta-o-maserati-granturismo-superior-black.html>>/. Acesso em: 12/07/2020)
115. Temos linhas de crédito já abertas com a Caixa Econômica Federal, que é um grande financiador dos municípios, e vamos ajudar as prefeituras a acessarem esses financiamentos, além de **dar apoio** político. (Disponível em: <<https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/politica/waldez-goes-lanca-secretaria-para-cuidar-das-cidades-do-amapa/>>. Acesso em: 08/12/2021)
116. A saia Palms virou vestido; O cropped Palms **deu acabamento** de manga; (Disponível em: <<https://www.gapaz.com.br/es/instagram/380/1508888175>>. Acesso em: 11/04/2021)
117. Secretaria de Infraestrutura e Serviços **deu prosseguimento** aos trabalhos nessa sexta-feira. (Disponível em: <<https://www.itaara.rs.gov.br/a-cidade/noticias/453-secretaria-de-infraestrutura-e-servicos-deu-prosseguimento-aos-trabalhos-nessa-sexta-feira>>. Acesso em: 14/08/2021)
118. Sigo na linha da base, aqui você pode aplicar com os dedos e dar o acabamento com a esponjinha, ou aplicar com um Pincel Língua de Gato pequeno, porém será necessário utilizar ou a esponjinha para **dar acabamento** ou até mesmo um Pincel para Esfumar (sombra!! hahaha eu disse que eles eram versáteis! xD). (Disponível em: <<https://www.bnyou.art/blog/8-pinceis-coringa-para-sua-automake/>>. Acesso em: 17/03/2021)
119. Com Osmar Terra, Bolsonaro **deu depoimento** indireto à CPI", avalia Kennedy Alencar. (Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=335202277984503>>. Acesso em: 12/08/2021)
120. Se você precisar de ajuda para elaborar um planejamento estratégico para **dar Direcionamento** Estratégico à sua organização, chame a Juntos Negócios, nós vamos te ajudar! (Disponível em: <<https://juntosnegocios.com.br/direcionamento-estrategico-na-iso-9001/>>. Acesso em: 11/04/2021)
121. Dossiê é lançado para **dar embasamento** científico à disputa política sobre agrotóxicos na arena legislativa. (Disponível em: <<https://blogdopedlowski.com/2021/07/06/dossie-e-lancado-para-dar-embasamento-cientifico-a-disputa-politica-sobre-agrotoxicos-na-arena-legislativa/>>. Acesso em: 08/12/2021)

CONSTRUÇÕES COM FAZER

Artigo indefinido

-ada

122. Esse cara **fez uma jogada** milagrosa no ping-pong. (Disponível em <<http://www.elhombre.com.br/tag/tenis-de-mesa/>>. Acesso em: 10/06/2015)
123. Susana Vieira **fez uma chegada** triunfal ao ensaio da Grande Rio. (Disponível em <<http://diversao.terra.com.br/carnaval/rio-de-janeiro/celebridades>>. Acesso em: 20/07/2015)
124. Doherty **fez uma saída** precipitada da bem-sucedida Charmed. (Disponível em <<http://tudosobrecharmed.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 03/03/2015)
125. Esse é mais um artista que **faz uma barulhada** danada no funk do Brasil. (Disponível em <<https://www.facebook.com/peixinhorodadefunk/posts/451862161582361>>. Acesso em: 04/04/2015)
126. Hoje pela manhã **fiz uma caminhada** em Vilar dos Teles e no calçadão de Nova Iguaçu na companhia da prefeita e governadora Rosinha Garotinho. (Disponível em <<http://albertomarques.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20/07/2015)
127. O Paraná Clube **fez uma mexida** radical no comando técnico. (Disponível em <https://metropolitanonline.com.br/site/index.php?route=journal2/blog&journal_blog_tag=o%20Paran%C3%A1%20Clube%20fez%20uma%20mexida%20radical%20no%20comando%20t%C3%A9cnico>. Acesso em: 20/07/2021)
128. Quase um ano depois, neste domingo (10), o finlandês deu a volta por cima em Istambul e, com chuva e tudo, **fez uma corrida** irrepreensível e conquistou sua primeira vitória na temporada 2021 da Fórmula 1. (Disponível em <<https://www.grandepremio.com.br/f1/noticias/valteri-bottas-vence-molhado-gp-da-turquia-max-verstappen-segundo-lewis-hamilton-quinto/>>. Acesso em: 06/11/2021)
129. Claudia Leite **fez uma entrada** triunfal no #BlocoBlowOut. (Disponível em <<https://twitter.com/mundoleitte/status/1230966825388773376>>. Acesso em: 03/04/2020)
130. Se o seu motorista **fez uma parada** que aumentou o valor ou tempo da viagem, informe abaixo para verificarmos. (Disponível em <<http://www.windowsteam.com.br/subway-surfers>>. Acesso em: 20/03/2021)
131. Arquivos secretos da Aeronáutica revelam que o governo brasileiro **fez uma caçada** silenciosa por todo o território nacional, de 1966 a 1967, para achar Ernesto Che Guevara, um dos principais líderes da revolução cubana. (Disponível em <<http://informacaopublica.org.br/?p=1132>>. Acesso em: 08/05/2019)

-ção

132. Minha tia **fez uma arrumação** horrível no meu quarto. (Disponível em <<https://twitter.com/robertaesp0sito/status/579404285533921280>>. Acesso em: 10/06/2015)
133. Nesta quarta-feira (28), o Conselho Federal de Psicologia (CFP) **fez uma inspeção** surpresa em 69 instituições de internação de usuários de drogas em quase todo o país.. (Disponível em <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2011/10/inspexo.pdf>>. Acesso em: 12/07/2015)

134. O Conselho Deliberativo do Vasco **fez uma convocação** extraordinária para uma votação. (Disponível em <<http://www.netvasco.com.br/n/162648/>>. Acesso em: 06/06/2015)
135. O administrador do Microsoft Exchange **fez uma alteração** que exige fechar e reiniciar o Outlook. (Disponível em <<https://br.atsit.in/archives/104185>>. Acesso em: 08/11/2021)
136. Direto da sede da Polícia de Detroit, Clara Murphy **fez uma declaração** chocante. (Disponível em: <<https://context.reverso.net/traducao/portugues-turco/fez+uma+declara%C3%A7ao>>. Acesso em: 10/10/2020)
137. Além de uma esfoliação física, que remove as células mortas da superfície da pele, ele ainda **faz uma esfoliação** química, que penetra nos poros e estimula a atividade celular. (Disponível em <<https://blog.dedcosmeticosonline.com.br/dica-de-amiga-de-esfoliantes-corporais-um-ritual-de-beleza-dos-antigos-egipcios/>>. Acesso em: 08/12/2020)
138. Bolsonaro não dá entrevistas desde que **fez uma insinuação** sexual contra a jornalista Patrícia Campos Mello, da Folha de S. Paulo. (Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/02/20/interna_politica,1123332/todo-jornalista-deveria-ter-joao-8-32-carimbado-na-testa-afirma-bol.shtml>. Acesso em: 28/05/2020.)
139. O líder do PMDB no Senado, Eunício Oliveira (CE), afirmou nesta quarta-feira, 23, que a presidente Dilma Rousseff **fez uma avaliação** “positiva” da sessão do Congresso que virou a madrugada de hoje na qual foram mantidos 26 dos 32 vetos presidenciais. (Disponível em: <<https://exame.com/brasil/dilma-fez-avaliacao-positiva-da-sessao-que-manteve-26-vetos/>>. Acesso em: 28/05/2020)
140. A vereadora Luísa Strottmann (PRB) **fez uma reivindicação** verbal ao Poder Executivo, na sessão de ontem à noite, para que as ruas da Vila Aparecida sejam capinadas. (Disponível em <<https://www.camaraportao.rs.gov.br/imprensa/noticias/0/181/0/588>>. Acesso em: 20/05/2015)
141. Quando apresentou o seu princípio, Pascal **fez uma demonstração** dramática. (Disponível em <<https://www.respondeai.com.br/conteudo/pressao-hidrostatica/exercicios/apresentou-principio-pascal-fez-demonstracao-dramatica-inseriu-tubo-fino-diametro-8740>>. Acesso em: 06/05/2021)
142. Whatsapp **fez uma atualização** que você talvez goste, confira aqui essa nova novidade. (Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=IbwAldsxSr0>>. Acesso em: 29/03/2022)
143. O ex-head coach do Miami Dolphins, em fevereiro de 2022, **fez uma acusação** gravíssima. (Disponível em <<https://www.torcedores.com/noticias/2022/05/brian-flores-ganha-apoio-em-processo-contr-a-nfl>>. Acesso em: 05/05/2022)
144. Este trabalho irá **fazer uma compatibilização** técnica dos projetos arquitetônicos. (Disponível em <<http://docplayer.com.br/1564029>>. Acesso em: 20/07/2015)
145. Nós queremos **fazer uma integração** de infraestrutura de telecomunicações na região. (Disponível em <<http://g1.globo.com/economia/noticia/>>. Acesso em: 12/03/2015)
146. Secretário da Fazenda **fez uma explicação** ampla do balanço da situação financeira do Estado no último quadrimestre. (Disponível em <<http://www.agencia.se.gov.br/noticias/governo/>>. Acesso em: 11/05/2015)
147. Os trabalhadores de aplicativos de entrega e de transporte **fizeram uma paralisação** nacional contra o aumento dos combustíveis. (Disponível em <

- <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/economia/2022/04/ifood-informa-que-greve-nao-interferiu-na-operacao-da-empresa.html>>. Acesso em: 05/05/2022)
148. Se o usuário ainda não **fez uma sincronização** automática no iTunes desde quando perdeu as informações, os dados poderão ser recuperados via restauração. (Disponível em <<http://macworldbrasil.com.br/dicas/>>. Acesso em: 10/03/2015)
149. Você também pode optar por baixar o arquivo ISO, formatar o HD e **fazer uma instalação** limpa no PC. (Disponível em <<http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/>>. Acesso em: 08/08/2015)
150. Lula **fez uma doação** simbólica para a Campanha Nacional de Arrecadação da sigla. (Disponível em <<http://www.jb.com.br/pais/noticias/>>. Acesso em: 16/06/2015)

-mento

151. Você já **fez um planejamento** eficaz para 2021? (Disponível em <<https://digital.agrishow.com.br/colunistas/voc-j-fez-um-planejamento-eficaz-para-2021>>. Acesso em: 04/11/2020)
152. O computador da Ceagesp (Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo) **fez um arredondamento** para cima nos centavos. (Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/7/03/caderno_especial/68.html>. Acesso em: 28/05/2020)
153. A Lionsgate, produtora de filmes como a franquia blockbuster Jogos Vorazes, **fez um investimento** pesado na Telltale Games. (Disponível em <<http://www.onigirihardcore.com.br/>>. Acesso em: 12/05/2015.)
154. “O presidente do TC não **fez um esclarecimento** cabal e não pediu desculpa”. (Disponível em <<https://www.noticiasaoiminuto.com/pais/1696422/o-presidente-do-tc-nao-fez-um-esclarecimento-cabal-e-nao-pediu-desculpa>>. Acesso em: 12/05/2021)
155. Hoje, dia 21 de outubro, Bolsonaro **fez um pronunciamento** enigmático, dizendo que está passando pela pior fase de seu governo e que dias difíceis estão por vir. (Disponível em: <<https://www.boatos.org/politica/bolsonaro-fez-pronunciamento-enigmatico-sobre-dias-dificeis-hoje.html>>. Acesso em: 28/10/2021)
156. Para **fazer um acabamento** impecável sem maiores complicações você precisa seguir os próximos 7. (Disponível em <<https://blog.maximustecidos.com.br/7-dicas-simples-que-podem-mudar-sua-visao-sobre-os-acabamentos-de-costura/>>. Acesso em: 08/08/2018)
157. Aprenda como **fazer um polimento** automotivo detalhado e de forma completa para remover riscos, manchas e dar brilho intenso na lataria. (Disponível em <<https://blog.lojadoprofissional.com.br/polimento-automotivo/>>. Acesso em: 21/05/2020)
158. Príncipe Harry **faz um alongamento** sério nos glúteos enquanto joga polo com o amigo de longa data Nacho Figueras. (Disponível em <<https://fofoqueando.com/principe-harry-faz-um-alongamento-serio-nos-gluteos-enquanto-joga-polo-com-o-amigo-de-longa-data-nacho-figueras/>>. Acesso em: 03/05/2022)
159. O gestor de saúde de Alagoas **fez um chamamento** especial à classe médica para o aumento no quadro de profissionais nas unidades hospitalares da rede pública. (Disponível em <<http://agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/33154-sesau-lanca-chamamento-publico-para-contratacao-de-300-profissionais-de-saude>>. Acesso em: 08/08/2020)

-ada

160. A lindíssima Debutante Amanda **fez a Entrada** Triunfal pela Escada Principal da Mansão Tulipas! (Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/347058715039970793/>>. Acesso em: 06/01/2021)
161. Faz 10 meses que **fiz a retirada** da vesícula por vídeo laparoscopia, porem, sinto dores do lado direito abaixo da costela, ao tocar este lado piora. (Disponível em: <<https://www.doctoralia.com.br/perguntas-respostas/faz-10-meses-que-fiz-a-retirada-da-vesicula-por-videolaparoscopia-porem-sinto-dores-do-lado-direito>>. Acesso em: 18/03/2021)
162. Na abertura do evento, a Diretora do Centro de Estudos Marialva de Sena Santos **fez a acolhida** dos sete novos defensores públicos. (Disponível em <<http://dp-pa.jusbrasil.com.br/noticias/2172518/>>. Acesso em: 06/06/2015)

-ção

163. O estudante **fez a solicitação** no portal, mas não concluiu o processo. (Disponível em <<http://www.ufrgs.br/prae/dssae/f.a.c.-perguntas-frequentes>>. Acesso em: 11/05/2015)
164. O engenheiro técnico sabe que só pode fazer a obra com os tapumes colocados. Havia pessoas lá. A responsabilidade legal é da empresa. Quer **fazer a demolição**? Então tire as pessoas antes. (Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/sexta-feira-29-o-muro-tremeu/>>. Acesso em: 02/02/2020)
165. A partir de hoje (1/12), quem não **fez a declaração** anual de isento do Imposto de Renda vai precisar pagar uma multa. (Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ce/sebraeaz/declaracao-anual-do-microempreendedor-individual,bd00a6881114c510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 01/06/2020)
166. Meu veículo é GNV e já **fiz a inspeção** periódica do Inmetro. (Disponível em <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/inspecao>>. Acesso em: 10/05/2015)
167. É aí que muita gente acaba fazendo confusão se deve ou não **fazer a declaração**. (Disponível em: <<https://www.serasa.com.br/ensina/dicas/isento-declaracao-imposto-de-renda/>>. Acesso em: 20/04/2020)
168. Emilio **fez a avaliação** do Ford kA FreeStyle, a versão aventureira do compacto da Ford. (Disponível em: <<https://www.facebook.com/carroscomcamanzi/posts/1685633624877179/>>. Acesso em: 28/05/2020)
169. A Prefeitura de Andradas **fez a demolição** de uma casa na vila Santa Rita. (Disponível em <<http://www.tvandradas.com.br/noticia.php?idnoticia=212>>. Acesso em: 10/04/2015)
170. Participante de reality show é exonerada do TRE, e juiz que **fez a nomeação** dela pede afastamento. (Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/>>. Acesso em: 08/05/2015)
171. Delegacia da Receita Federal do Brasil de Lages **fez a destruição** de mercadorias apreendidas. (Disponível em <<http://saojoaquimonline.net/>>. Acesso em: 10/05/2015)
172. A companhia alegou que somente o Submarino pode **fazer a correção** do nome. (Disponível em <<http://www.reclameaqui.com.br/12342237/>>. Acesso em: 20/05/2015)

173. Emerson Melo, do Instituto Federal de Santa Catarina [IFSC], aclarou que a equipe responsável pelo projeto **fez a modificação** do programa. (Disponível em <<https://forum.rnp.br/noticias/>>. Acesso em: 08/08/2015)
174. Olá. Hoje pela manhã **fiz a regularização** do meu CPF mas estou com duvidas em relação a ele. (Disponível em <<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20150422132723AAD2O8g>>. Acesso em: 14/05/2015)
175. O exemplo usado foi de Viçosa, na Zona da Mata, que **fez a esterilização** dos animais que também invadiram o município. (Disponível em <<http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/>>. Acesso em: 20/03/2015)
176. Jamile **fez a iluminação** da Cia de Dança do Palácio das Artes – MG. (Disponível em <<https://www.linkedin.com/in/jamileormann>>. Acesso em: 17/07/2015)
177. O Inmeq/MA **fez a verificação** dos equipamentos utilizados nos táxis de São Luís. (Disponível em <<http://www.ma.gov.br/>>. Acesso em: 20/05/2015)

-mento

178. Cliente **fez o acabamento** e nós personalizamos. (Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/516647388487970495/>>. Acesso em: 20/06/2020)
179. O primeiro grupo **fez o levantamento** fotográfico e de imagens dos prédios que ainda existem no centro da cidade e locais próximos. (Disponível em: <<https://www.fimca.com.br/academicos-de-turismo-ambiental-da-fimca-realizaram-levantamento-historico-de-predios-da-capital/>>. Acesso em: 12/10/2020)
180. Agora, se você **fez o requerimento** de benefício previdenciário e foi negado, você pode entrar com um recurso administrativo. (Disponível em: <<https://www.jornalcontabil.com.br/coronavirus-e-auxilio-doenca-como-solicitar-ao-inss/>>. Acesso em: 01/06/2020)
181. No dia 1º de abril, Rafael **fez o lançamento** de seu mais novo álbum que, em pouco tempo, já alcançou ótimos números. (Disponível em: <https://exame.com/negocios/jp_old/apos-o-sucesso-de-seu-novo-ep-rafael-allmark-projeta-mais-4-novos-lancamentos/>. Acesso em: 28/05/2020)
182. Geralmente, o profissional que **fez o levantamento** acompanha a construção. (Disponível em: <<https://www.cemara.com.br/blog/index.php/levantamento-topografico/>>. Acesso em: 12/10/2020)
183. Cientista católico que **fez o mapeamento** do DNA humano fala de sua fé em Deus. (Disponível em <<http://www.comunidadesiao.com.br/>>. Acesso em: 06/06/2015)
184. O MP fundamenta que a Prefeitura de Parisi **fez o fracionamento** ilegal de licitações. (Disponível em <<http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/noticias/>>. Acesso em: 10/04/2015)

Pronome demonstrativo

-ada

185. Depois que **faz essa retirada** da trompa, mexe com os hormônios?? engorda? altera o ciclo menstrual depois? (Disponível em: <<https://www.doctoralia.com.br/perguntasrespostas/depois-que-faz-essa-retirada-da-trompa-mexe-com-os-hormonios-engorda-altera-o-ciclo-menstrual-depois>>. Acesso em: 18/03/2021)

186. Jogando pelo Atlético-MG, atacante hoje no Everton **fez essa jogada** linda para o gol de Jô. (Disponível em: <https://www.espn.com.br/video/clipe/_/id/8341990>. Acesso em: 18/03/2021)
187. O texto bíblico não traz a essa narrativa uma perspectiva emocional, mas isso não significa que Abraão **fez aquela caminhada** sem profunda emoção. (Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=b0NxCAAQBAJ&pg=PA7&lpg=PA7&dq=>>. Acesso em: 19/05/2020)
188. (O governo) Também **fez aquela mexida** esperta na comissão de ética dos agentes públicos. (Disponível em: <<https://twitter.com/msoares/status/1341429437087232000>>. Acesso em: 18/03/2021)
189. “Então ele **faz aquela jogada** incrível e ficamos ‘WooooooW Broxah está smurfando’”, comenta Bwipo sobre jogada de Broxah League of Legends. (Disponível em: <<https://maisesports.com.br/entrevista-bwipo-jogada-broxah-mundial-2018/>>. Acesso em: 18/03/2021)

-ção

190. Pararíamos a produção por um dia, das 8h até as 18h, para o pessoal **fazer essa arrumação**. (Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=JAIHDQAAQBAJ&pg=false>>. Acesso em: 20/10/2019)
191. Se você não **fez essa declaração**, no entanto, é preciso regularizar a situação — o contribuinte tem até 5 anos para isso. (Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/colunas/Financas-de-Bolso/noticia/2020/02/imposto-de-renda-2020-como-declarar-pensao-alimenticia.html>>. Acesso em: 12/10/2020)
192. **Fiz essa comparação** demonstrando que acredito que seja um projeto pessoal da própria candidata e o nosso é um projeto de cidade porque nós acreditamos em um projeto de participação real da sociedade. (Disponível em: <<https://twitter.com/joaoderly/status/1321157156167704577>>. Acesso em: 06/01/2021)
193. A leitura era difícil, pulei um monte de pedaços, mas terminei e **fiz aquela avaliação** no final do livro. (Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=4dz3DwAAQBAJ&pg=PA60&lpg=PA60&dq=fiz+aquela+avalia%C3%A7%C3%A3o&source=bl&ots=9nu48huJs8&sig=ACfU3U15yUe41i8sAI4nADLffXEWzg0bIw&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwirvfHi97fvAhUXILkGHabdDM04HhDoATAHegQICRAD#v=onepage&q=fiz%20aquela%20avalia%C3%A7%C3%A3o&f=false>>. Acesso em: 06/01/2021)
194. Você nos entregou de bandeja quando **fez aquela ligação** para o seu superior. (Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=_5CnDwAAQBAJ&pg=>. Acesso em: 28/05/2020)
195. Você não precisa usar de todas as roupas, da arrumação, daquilo tudo, não é? Quer dizer, eu não me importo, se você não se importar. E se você precisar **fazer aquela arrumação**, eu poderia esperar. Eu poderia... (Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=3wWrAAQBAJ&pg=>>. Acesso em: 19/05/2020)
196. Um sorriso muda tudo! Você já **fez aquela avaliação** semestral? A saúde começa pela boca! (Disponível em:

<<https://m.facebook.com/TSOodonto/posts/2461178560837886>>. Acesso em: 28/05/2020)

197. Quando eu **fiz aquela comparação** [no Instagram], disseram que quando passasse de 200 mortes em Minas Gerais, eu ficaria com vergonha da minha fala. (Disponível em: <<https://www.anapolis360graus.com.br/post/2019/02/03/a-embriaguez-ao-volante-hoje-%C3%A9-socialmente-aceita-alerta-delegado-manoel-vanderic>>. Acesso em: 06/01/2021)
198. A pessoa que **fez essa maravilhosa arrumação** de prateleira sem nenhum defeito. (Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/843862048927565684/>>. Acesso em: 12/10/2020)

-mento

199. A revista americana Variety **fez esse levantamento** para acabar com a curiosidade do público que está acompanhando o reality. (Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/cinema-e-series/2020/05/descubra-por-onde-andam-os-participantes-de-brincando-com-fogo-da-netflix.shtml>>. Acesso em: 28/05/2020)
200. Ele fusionou o menino que **fez aquele juramento** impossível no quarto com o homem que se vestia de morcego. (Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=JrhmDwAAQBAJ&pg=>>. Acesso em: 02/06/2020)
201. Observe-se a casa de dois pavimentos e volumetria diferenciada; nos foi informado pela moradora que o proprietário **fez aquele investimento** apostando na rápida transformação da área. (Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=DtFFOJk2AnwC&pg=PA165&lpg=PA165>>. Acesso em: 19/05/2020)

Pronome Possessivo

-ada

202. Robben **fez sua jogada** clássica, caiu pela lateral direita, dominou com o pé esquerdo e cortou o defensor brasileiro. (Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/12/deportes/1405193594_811109.html>. Acesso em: 18/03/2021)
203. **Já fiz minha caminhada**, coloquei as ideias em ordem nesse lindo visu. E vc?! O que fez hoje ... (Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=3195734223845458>>. Acesso em: 18/03/2021)

-ção

204. Você que é MEI já **fez sua declaração** anual? (Disponível em: <<https://it-it.facebook.com/JaimedoBlog/posts/1740271332687898/>>. Acesso em: 28/05/2020)
205. Voce **fez sua avaliação** no hotel errado. Este fica em Ponta Negra. (Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/FAQ_Answers-g303216-d2139294-t1752752-Voce_fez_sua_avaliacao_no_hotel_errado_Este_fica.html>. Acesso em: 12/10/2020)
206. **Fiz minha reclamação** por telefone. (Disponível em: <<https://portal.varzeapaulista.sp.gov.br/2019/02/19/ouvidoria-municipal-e-o-caminho-oficial-de-sua-reclamacao/>>. Acesso em: 21/06/2020)

207. **Fiz minha solicitação** no auxílio emergencial no dia 07 de abril. (Disponível em: <<https://portalcorreio.com.br/receita-problema-CPF-auxilio-emergencial/>>. Acesso em: 12/10/2020)
208. **Fiz minha declaração** antes do adiamento do prazo de entrega para 30/06. (Disponível em: <<https://blog.egestor.com.br/imposto-de-renda-de-pessoa-fisica/>>. Acesso em: 15/03/2021)

-mento

209. Você já **fez seu planejamento** financeiro? (Disponível em: <<https://revistaampla.com.br/planejamento-financeiro-voce-ja-fez-o-seu/>>. Acesso em: 19/04/2021)
210. E ai meninas? Já **fez seu agendamento**? Vai ficar fora dessa super promoção? (Disponível em: <<https://www.facebook.com/1510919389200925/posts/2365839473708908/>>. Acesso em: 12/10/2020)
211. Você já **fez seu cadastramento** biométrico? (Disponível em: <<https://www.orsola.com.br/blog/voce-ja-fez-seu-cadastramento-biometrico>>. Acesso em: 06/01/2021)
212. Olá , boa tarde !! Eu **fiz meu tratamento** tem 15 dias e fiz o exame de VDRL sexta passada ... Peguei ele essa semana mais ainda constou positivo e com as mesmas titulações 1/32. (Disponível em: <<https://www.drakeillafreitas.com.br/significado-de-sifilis-positivo-pos-tratamento/>>. Acesso em: 25/08/2021)
213. Porque quando eu **fiz meu agendamento** pelo site da polícia civil, não aparece o nome REDENÇÃO, e sim o nome município de Belém? (Disponível em: <<https://osulmatogrossense.com.br/cotidiano/emissao-da-carteira-de-identidade-pela-internet-volta-mas-com-agendamento-limitado/>>. Acesso em: 06/01/2021)

Quantificador *cada*

-ção

214. É muito comum o uso de pastas de rede nas empresas. No entanto, as permissões são limitadas e de difícil controle, o que pode fazer com que as pessoas tenham acesso a mais conteúdo do que deveriam. Utilizando um software ecloud para guardar os documentos, por exemplo, é possível dar acessos mais restritos aos usuários e ver quem **fez cada alteração**. (Disponível em: <<https://www.buildings.com.br/public/assets/img/buildings/revista/ed-41/pdf/files/assets/basic-html/page30.html>>. Acesso em: 12/10/2020)

Numeral

-ada

215. Rogério Ceni **fez duas mexidas**: Bruno Henrique na vaga de Gabigol, e Ramon no lugar de Léo Pereira; (Disponível em: <<https://mobile.twitter.com/geglobo/status/1395183812347322368?lang=da>>. Acesso em: 18/03/2021)
216. Contra o FC Tokyo, pela Liga dos campeões da Ásia, Bui Tan Truong **fez duas jogadas** opostas no mesmo minuto! (Disponível em:

<https://www.gentside.com.br/incrivel/goleiro-faz-duas-jogadas-completamente-opostas-no-mesmo-minuto_art349.html>. Acesso em: 18/03/2021)

-ção

217. O filme também **faz duas insinuações** metalinguísticas que o tornam um pouco mais aberto a interpretações não tão literais. (Disponível em: <<https://www.planoaberto.com.br/a-esposa/>>. Acesso em: 15/03/2021)
218. Após um empate contra a Inglaterra, Feola **fez três modificações** que mudaram a seleção brasileira. Garrincha, Pelé - que era titular, mas estava machucado - e Zito ganharam uma vaga entre os titulares para o terceiro jogo. (Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/06/tite-testa-time-sem-quarteto-e-troca-gabriel-jesus-por-fernandinho.shtml>>. Acesso em: 08/11/2020)
219. Nas redes sociais, Leniel Borel **fez duas publicações** emocionantes sobre o período. (Disponível em: <https://www.purepeople.com.br/noticia/caso-henry-justica-nega-habeas-corpus-a-jairinho-e-pai-do-menino-faz-homenagem-emocionante_a330837/1>. Acesso em: 15/11/2021)

-mento

220. O HONDA **fez dois lançamentos** primorosos e o gol do jogo até aqui pois vamos fazer mais. (Disponível em: <<https://www.facebook.com/Botafogo/photos/gooooooooooooooooooooool-do-fog%C3%A3o%C3%A9-dele-honda-abre-o-placar-botafogo-1-x-0-bangu-v/2857996290947277/>>. Acesso em: 12/10/2020)
221. Criada em 2016, a gestora pode ser considerada uma novata no segmento de private equity no país, mas já **fez três investimentos**: na Beleaf, do setor de alimentação à base de plantas; na Alba Energia, que trabalha com energia solar; e na Okena, que atua na gestão de resíduos industriais. (Disponível em: <<https://valorinveste.globo.com/produtos/fundos/noticia/2021/02/10/cresce-lista-de-gestoras-que-adota-sustentabilidade-e-impacto-para-decidir-investimentos.ghtml>>. Acesso em: 18/03/2021)
222. Uma instituição **fez dois levantamentos** amostrais em um município para avaliar o uso de cinto de segurança pelos condutores de veículos de passeio. (Disponível em: <<https://questionsof.com/?questao=uma-instituicao-fez-dois-levantamentos-amostrais-em-um-munic-867448>>. Acesso em: 12/10/2020)

DP nu

-ada

223. Reynaldo Gianecchini **faz caminhada** noturna em orla do Rio de Janeiro. (Disponível em: <<https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2021/03/reynaldo-gianecchini-faz-caminhada-noturna-em-orla-do-rio-de-janeiro.html>>. Acesso em: 19/04/2021)
224. Bruna Tomaselli **fez corrida** de recuperação e conquistou mais um pódio no Uruguai ... É o terceiro pódio da catarinense em três corridas. (Disponível em: <<http://www.kartmotor.com.br/noticias/bruna-tomaselli-fez-corrida-de-recuperacao-e-conquistou-mais-um-podio-no-uruguai-27597>>. Acesso em: 19/04/2021)
225. Neste primeiro de novembro, o candidato a vereador de BH, Lu Caetano, **fez caminhada** na Praça Santuário São Geraldo. (Disponível em:

- <<https://jornalsaogeraldo.com.br/lu-caetano-faz-caminhada-no-sao-geraldo/>>. Acesso em: 19/04/2021)
226. Polícia **faz caçada** a homem que matou 4, atirou em 3 e aterroriza DF e Goiás. (Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/brasil/policia-faz-cacada-a-homem-que-matou-4-atirou-em-3-e-ateroriza-df-e-goias-1.2498662>>. Acesso em: 12/08/2021)
227. Virei alemão desde que a Alemanha **fez goleada** no Brasil. (Disponível em <<https://www.facebook.com/Virei-alem%C3%A3o-desde-que-a-Alemanha-fez-goleada-no-Brasil-611334402319365/>>. Acesso em: 02/02/2015)
228. Alan Mineiro **fez jogada** individual, bateu para o gol e Clériston novamente fez grande defesa, aos 40. (Disponível em: <<https://sagresonline.com.br/vila-nova-empata-sem-gols-com-o-ipora-e-encaminha-classificacao-no-goiano/>>. Acesso em: 19/04/2021)

-ção

229. No período, ela **fez modificações** estruturais como quebrar uma parede e parte do muro para ter acesso à casa vizinha, onde morava a sogra.. (Disponível em <<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/imoveis/2016/02/13/notimoveis,3574039/tip-os-de-reforma.shtml>>. Acesso em: 14/05/2020)
230. Cidades do interior de São Paulo terão que **fazer inspeção** veicular ambiental. (Disponível em: <<https://www.consultaauto.com.br/blog/noticias/automotivo/cidades-do-interior-de-sao-paulo-terao-que-fazer-inspecao-veicular-ambiental>>. Acesso em: 12/08/2021)
231. No período, ela **fez modificações** estruturais como quebrar uma parede e parte do muro para ter acesso à casa vizinha, onde morava a sogra. (Disponível em: <https://www.homify.com.br/livros_de_ideias/4190807/como-determinar-se-uma-parede-e-estrutural>. Acesso em: 20/06/2020)
232. Vigilância Sanitária **fez inspeção** em 168 estabelecimentos em Divinópolis e 14 foram multados. (Disponível em: <<https://www.sistemampa.com.br/noticias/policial/vigilancia-sanitaria-fez-inspecao-em-168-estabelecimentos-em-divinopolis-e-14-foram-multados/>>. Acesso em: 19/04/2021)
233. MEC **fez alteração** na seleção das vagas remanescentes do Prouni 2021. (Disponível em: <<https://www.prouni.pro.br/prouni/mec-vagas-remanescentes-prouni-2021.html>>. Acesso em: 14/08/2021)
234. Prefeitura de Barreiras **faz adequações** sanitárias no Centro de Abastecimento. (Disponível em <<https://barreiras.ba.gov.br/covid-19-prefeitura-de-barreiras-faz-adequacoes-sanitarias-no-centro-de-abastecimento/>>. Acesso em: 19/04/2021)
235. Pare de falar que a sua empresa **fez transformação** digital se ela apenas se digitalizou. (Disponível em <<https://portal.comunique-se.com.br/transformacao-digital-digitalizacao-digitizacao/>>. Acesso em: 18/10/2020)
236. P&G **fez inovação** reversa no Brasil com a fralda Pampers. (Disponível em <<http://www.valor.com.br/empresas/1089254/pg>>. Acesso em: 14/05/2015)
237. [...] ele **fez avaliação** biomecânica (inclui teste de postura e pisada). (Disponível em: <<https://www.lance.com.br/palmeiras/faz-trabalho-minucioso-antilesao-mas-inicia-2016-sofrendo.html>>. Acesso em: 28/05/2020)
238. Personal **faz transformação** fake ao vivo e ganha corpo escultural em segundos. (Disponível em: <<https://ndmais.com.br/saude/video-personal-faz>>

transformacao-fake-ao-vivo-e-ganha-corpo-escultural-em-segundos/>. Acesso em: 19/04/2021)

239. Ellen Pompeo **faz revelação** e esnoba colegas de Grey's Anatomy. (Disponível em: <<https://observatoriodocinema.uol.com.br/famosos/2021/08/ellen-pompeo-faz-revelacao-e-esnoba-colegas-de-greys-anatomy>>. Acesso em: 14/08/2021)

-mento

240. Legal o discurso do Felipe Neto sobre respeito e reconhecer erros. Pena que comigo **fez linchamento** virtual e só parou quando publiquei um vídeo que ele gravou p/ mim me apoiando e mostrando a hipocrisia dele. (Disponível em: <<https://twitter.com/leticiaarsenio/status/1262611532942360577>>. Acesso em: 19/04/2021)
241. A lixa elétrica para unha pode ser uma ferramenta muito útil para a manicure. Quem **faz alongamentos** artificiais precisa ter uma. (Disponível em: <<https://nati.com.br/blog/lixa-eletrica-para-unhas/>>. Acesso em: 12/08/2021)
242. Alice Portugal **fez pronunciamento** na Câmara Federal em apoio aos educadores municipais. (Disponível em <<http://www.aplbmunicipal.org.br/>>. Acesso em: 12/07/2015)
243. Secretaria Municipal de Saúde **faz detalhamento** da vacinação da COVID 19, no município. (Disponível em <http://www.perdizes.mg.gov.br/view_noticias.php?id_noticias=348>. Acesso em: 09/07/2021)
244. Okpunto: É verdade que polimento num carro que acaba de sair da concessionária pode prejudicar a pintura? já que ele já vem polido... pq deixei pra lavar pela primeira vez e o cara deu polimento com pasta líquida sem eu ter pedido...
GiovaneO: Cara, é o seguinte: Ao **fazer polimento**, voce esta tirando uma camada bem fina, superficial do verniz da pintura.. Uma vez nao vai acabar com a pintura, mas se voce o fizer com frequencia, vai desgastar a pintura do seu carro novinho.. A minha dica é so fazer o polimento quando houver necessidade mesmo: pra tirar arranhoes superficiais, se houver diferenca no brilho das partes, etc.. (Disponível em: <<https://puntoclub.com/forum/viewtopic.php?t=2299>>. Acesso em: 14/08/2021)
245. Empresa irá **fazer ajustamento** no salário dos seus trabalhadores. (Disponível em <<http://oglobo.globo.com/economia/>>. Acesso em: 21/07/2015)
246. Expedição **faz levantamento** inédito do Parque da Serra do Pardo, no Pará. (Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornaldaglobo/0,,MUL901334-16021,00-BOATO+DESASTROSO.html>>. Acesso em: 19/04/2021)
247. O governo do Estado **fez incremento** real de despesas com material de consumo. (Disponível em <<http://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/>>. Acesso em: 06/06/2015)
248. O prefeito eleito Mauro Mendes **fez enfrentamento** intenso ao governo durante a campanha. (Disponível em <<http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/secao>>. Acesso em: 09/05/2015)
249. Carla Diaz **faz questionamento** inusitado sobre Sarah e Arthur. (Disponível em: <<https://rd1.com.br/bbb-2021-carla-diaz-faz-questionamento-inusitado-sobre-sarah-e-arthur/>>. Acesso em: 19/04/2021)
250. Amazonas **fez investimento** histórico em saúde em 2020, diz secretário Marcellus Campêlo, em audiência pública na Aleam (Disponível em <<http://www.amazonas.am.gov.br/2021/03/amazonas-fez-investimento-historico-em>

saude-em-2020-diz-secretario-marcellus-campelo-em-audiencia-publica-na-aleam/>. Acesso em: 02/08/2021)

251. Quem nunca **fez pagamento** no INSS pode ter direito a aposentadoria de um salário mínimo. (Disponível em <<https://www.mixvale.com.br/2021/08/13/quem-nunca-fez-pagamento-no-inss-pode-ter-direito-a-aposentadoria-de-um-salario-minimo/>>. Acesso em: 14/08/2021)